



CONTOS 7 FANTASTICOS

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



CONTOS 7 FANTASTICOS

CONTOS FANTÁSTICOS 07

O DIA DE UM JORNALISTA AMERICANO EM 2889 – Jules Verne



Os homens deste século XXIX vivem em meio a um espetáculo de magia contínua, sem que percebam isso. Cansados dessas maravilhas, permanecem indiferentes diante do progresso de cada dia. Para ser sincero, apreciam como se deve os refinamentos dessa civilização. Se comparassem-na ao passado, perceberiam o avanço. Quanto mais admiráveis lhes pareceriam as modernas cidades, com ruas de cem metros de largura, com casas de trezentos metros de altura, uma temperatura sempre igual, o céu sulcado por milhares de aerocarros e aero-ônibus. Ao lado dessas cidades, cuja população alcança às vezes dez milhões de habitantes, o que eram aqueles povos, aquelas aldeias de mil anos atrás, Paris, Londres, Berlim, Nova Iorque, vilas mal ventiladas e lamacentas, onde circulavam caixas balançantes, puxadas por cavalos. Sim, cavalos! É incrível! Se lembrassem o funcionamento defeituoso dos navios e das ferrovias, sua lentidão e suas frequentes colisões, que valor lhes atribuiriam os viajantes dos aerotrens e sobretudo dos tubos pneumáticos, estendidos através dos oceanos e por meio dos quais se viaja a uma velocidade de 1.500 quilômetros por hora? Finalmente, não desfrutariam mais do telefone e da telefoto, lembrando os antigos aparelhos de Morse e Hughes, tão pouco eficazes para a rápida transmissão de mensagens?

Que estranho! Estas surpreendentes transformações se fundamentam em princípios perfeitamente conhecidos que nossos antepassados talvez houvessem negligenciado. Em efeito, o calor, o vapor, a eletricidade, são tão antigos quanto o homem. No final do século XIX, os cientistas já não afirmavam que a única diferença entre as forças físicas e químicas está em um modo de vibração, próprio de cada uma delas, das partículas etéreas?

Posto que se havia dado esse enorme passo de reconhecer a semelhança de todas as forças, é realmente inconcebível que fosse necessário tanto tempo para chegar a determinar cada modo de vibração que as diferenciam. É extraordinário, sobretudo, que o método para convertê-las diretamente de uma a outra tenha sido descoberto há muito pouco tempo.

No entanto, assim sucederam-se as coisas e foi apenas em 2790, há quase cem anos, que o célebre Oswald Nyer atingiu o objetivo.

Este grande homem foi um verdadeiro benfeitor da humanidade! Sua genial invenção foi a mãe de todas as outras! Assim surgiu um ilustre grupo de inventores que levou a nosso extraordinário James Jackson. É a este último que devemos os novos acumuladores que condensam, uns a força contida nos raios solares, outros a eletricidade armazenada no seio do nosso globo, aqueles, finalmente, a energia que provém de uma fonte qualquer: ventos, cascatas, rios, arroios, *etc.* Também é dele o transformador que, extraindo a energia dos acumuladores sob forma de calor, de luz, de eletricidade, de potência mecânica, devolve-a ao espaço, depois de haver obtido o trabalho desejado.

Sim! No dia em que esses instrumentos foram idealizados começou o verdadeiro progresso. Suas aplicações são incalculáveis. Ao atenuar os rigores do inverno pela restituição das sobras do calor de verão, têm ajudado eficazmente na agricultura. Ao fornecer a força motriz dos aparelhos de navegação aérea, têm permitido que o comércio desenvolva-se magnificamente. A eles se deve a incessante produção de eletricidade sem pilhas nem dínamos, de luz sem combustível nem incandescência e, por último, de uma inesgotável fonte de energia, que centuplicou a produção industrial.

Pois bem! Podemos encontrar o conjunto dessas maravilhas em uma mansão incomparável, a mansão de Earth Herald, recentemente inaugurada na avenida 16823 da Universal City, atual capital dos Estados Unidos das duas Américas.

Se o fundador do New York Herald, Gordon Benett, voltasse a vida hoje, o que diria ao ver esse palácio de ouro e mármore, que pertence a seu ilustre neto, Francis Benett? Vinte e cinco gerações se sucederam e o New York Herald se manteve na distinta família dos Benett. Há duzentos anos, quando o governo da União se transferiu de Washington a Universal City, o periódico o seguiu — ou o governo seguiu o periódico — e alterou seu nome para Heart Herald.

Que não se pense que tenha declinado com a administração de Francis Benett. Não! Seu novo diretor, ao contrário, difundiu uma energia e uma vitalidade sem paralelos ao inaugurar o jornalismo telefônico. Conhecemos esse sistema, que se tornou prático com a difusão do telefone. Todas as manhãs, ao invés de ser impresso, com nos antigos tempos, o Earth Herald é recitado: em uma rápida conversa com um repórter, um político ou um cientista, os assinantes se põem ao corrente do que lhes pode interessar. Quanto aos compradores dos números avulsos, sabe-se que por poucos centavos informam-se do exemplar do dia nas inúmeras cabines fonográficas.

Esta inovação de Francis Benett revitalizou o antigo jornal. Em alguns meses sua clientela chegou a oitenta e cinco milhões de assinantes e a

fortuna do diretor aumentou gradualmente até os trinta milhões, valor facilmente superado atualmente. Graças a essa fortuna, Francis Benett pôde edificar sua nova mansão, colossal construção de quatro fachadas, cada uma das quais medindo três quilômetros, e cujo teto sustenta o glorioso pavilhão de setenta e cinco estrelas da Confederação.

Francis Benett, rei dos jornalistas, seria hoje o rei das Américas se os americanos pudessem alguma vez aceitar a figura de um soberano. Duvidam? Os detentores do poder de todas as nações e mesmo os nossos ministros estão aglomerados na sua porta, pedindo conselhos, buscando a sua aprovação, implorando o apoio de seu jornal todopoderoso. Calculem a quantidade de sábios que incentiva, de artistas que mantém, de inventores que apoia. Que realeza cansativa; trabalha sem descanso e, certamente, um homem de outro tempo não poderia resistir a tal trabalho diário. Felizmente, os homens de hoje são de constituição mais robusta, graças ao progresso da higiene e da ginástica, que elevou a expectativa de vida de trinta e sete a cinquenta e oito anos, e graças também à aparição dos alimentos científicos, ainda que esperemos o futuro descobrimento do ar nutritivo, que permitirá nutrirmo-nos simplesmente... respirando.

E agora, se lhes interessa conhecer tudo o que constitui o dia de um diretor de Earth Herald, façam o favor de segui-lo em suas múltiplas ocupações, hoje mesmo, neste 25 de julho do presente ano de 2889.

Francis Benett despertou naquela manhã de muito mau humor. Fazia oito dias que sua esposa estava na França. Encontrava-se, pois, um pouco solitário. Dá para acreditar? Estavam casados há dez anos e era a primeira vez que a senhora Edith Benett, uma modelo profissional, ausentava-se tanto tempo. Normalmente, dois ou três dias bastavam para suas frequentes viagens à Europa, mais precisamente para Paris, onde ia comprar chapéus.

A primeira preocupação de Francis Benett foi, pois, por em funcionamento seu fonotelefoto, cujos cabos davam na mansão que possuía nos Campos Elíseos.

O telefone era complementado pelo telefoto, mais uma conquista de nossa época. Se há tantos anos a palavra é transmitida por correntes elétricas, só muito recentemente pode-se transmitir também a imagem. Valiosa descoberta, a cujo inventor Francis Benett não foi o último a agradecer naquela manhã, quando viu sua mulher, reproduzida no vidro telefótico, apesar da grande distância que os separava.

Que linda visão! Um pouco cansada devido ao baile ou ao teatro da véspera, a Sra. Benett permanece ainda deitada na cama. Ainda que lá

seja quase meio-dia, ainda dorme, sua cabeça sedutora oculta embaixo dos travesseiros.

De repente se mexe, seus lábios tremulam... por acaso está sonhando? Sim, sonha! Um nome escapa de sua boca: “Francis..., querido Francis...!”

Seu nome, pronunciado com essa voz doce, dá ao humor de Francis Benett um aspecto mais alegre e, não querendo despertar a bela adormecida, levanta rapidamente de seu leito e penetra em seu vestidor mecânico.

Dois minutos depois, sem que houvesse recorrido a ajuda de nenhum empregado, a máquina o deixava, lavado, penteado, calçado, vestido e abotoado de cima a baixo, na porta de suas oficinas. A ronda cotidiana iria começar. Foi na sala de jornalistas que Francis Benett entrou primeiro.

Ampla, esta sala era coroada por uma grande cúpula translúcida. Em um canto, diversos aparelhos telefônicos pelos quais os cem literatos do Earth Herald narram cem capítulos de cem novelas a um público enraivecido.

Enxergando um de seus folhetinistas que descansava por cinco minutos, Francis Benett disse:

— Muito bem, meu caro amigo, muito bem, seu último capítulo. A cena em que a jovem camponesa aborda com seu namorado uns problemas de filosofia transcendente é produto de um agudo poder de observação. Jamais foram melhor descritos os costumes campestres. Continue assim, meu caro Archibald! Ânimo! Dez mil novos assinantes, desde ontem, graças a você!

— Senhor John Last — prosseguiu virando-se para outro de seus colaboradores —, estou menos satisfeito com você. Sua novela não parece verdadeira! Você vai muito rápido ao objetivo! Mas bem, e os métodos documentais? É necessário dissecar! Não é com uma pena que se escreve em nossa época, é com um bisturi. Cada ação da vida real é o resultado dos pensamentos fugidios e sucessivos, que devem ser organizados com esmero para criar um ser vivo. E o que é mais fácil do que utilizar-se do hipnotismo elétrico, que divide o homem e libera sua personalidade. Observe como você vive, meu caro John Last! Faça como seu companheiro a quem parabeneizei agora há pouco. Deixe-se hipnotizar... Como? Você já faz isso, foi o que me disse? Não é suficiente, então, não é o suficiente!

Tendo dado essa breve lição, Francis Benett continua a inspeção e entra na sala de reportagens. Seus mil e quinhentos repórteres, então sentados em frente de vários telefones, comunicavam aos assinantes as

notícias do mundo inteiro recebidas durante a noite. A organização deste incomparável serviço é frequentemente descrita. Além de seu telefone, cada repórter tem diante de si uma série de comutadores que permitem estabelecer a comunicação com um telefoto particular. Assim os assinantes não só recebem a narração, mas também as imagens dos acontecimentos, obtidas através da fotografia intensiva.

Francis Benett chama um de seus dez repórteres astronômicos, destinados a este serviço, número que aumentará com os novos descobrimentos ocorridos no mundo estelar.

— E então, Cash, o que recebeu?

— Fototelegramas de Mercúrio, de Vênus e de Marte, senhor.

— É interessante esse último?

— Sim! Uma revolução no Império Central, em favor dos democratas liberais contra os republicanos conservadores.

— Como aqui, então. E de Júpiter?

— Ainda nada! Não conseguimos entender os sinais dos jupiterianos. Talvez os nossos não cheguem lá.

— Isto é responsabilidade sua, senhor Cash! — respondeu Francis Benett, que, aborrecido, dirigiu-se à sala de redação científica.

Debruçados sobre suas calculadoras, trinta sábios se absorviam em equações de nonagésimo quinto grau. Alguns trabalhavam inclusive com fórmulas do infinito algébrico e do espaço de vinte e quatro dimensões como um escolar brinca com as quatro regras da aritmética.

Francis Benett caiu entre eles como uma bomba.

— E então, senhores, o que me dizem? Ainda nenhuma resposta de Júpiter? Será sempre o mesmo! Vamos, Corley, há vinte anos que você estuda esse planeta, me parece...

— O que você quer, senhor? — respondeu o sábio interpelado. — Nossa ótica ainda deixa muito a desejar, inclusive com nossos telescópios de três quilômetros...

— Ouviu isso, Peer? — interrompeu Francis Benett, dirigindo-se ao colega de Corley. — A ótica deixa muito a desejar...! É sua especialidade, meu caro amigo! Ponha mais lentes, diabos! Ponha mais lentes!

Logo voltou a Corley:

— Mas, na falta de Júpiter, pelo menos temos resultados com a Lua?

— Tampouco, senhor Benett!

— Ah! Desta vez não vai culpar a ótica. A Lua está seiscentas vezes mais perto que Marte, com o qual, no entanto, nosso serviço de correspondência está estabelecido com regularidade. Não são os telescópios que faltam...

— Não, o que faltam são habitantes — respondeu Corley com um sábio sorriso enigmático.

— Atreve-se a afirmar que a Lua está desabitada?

— Pelo menos, senhor Benett, na face que nos mostra. Quem sabe se do outro lado...?

— Bem, Corley, há um meio muito simples de descobrir isso...

— E qual é?

— Vire a Lua!

Naquele mesmo dia os sábios da fábrica de Benett começaram a projetar os meios mecânicos que deviam levar à inversão do nosso satélite.

Francis Benett tinha motivos para estar satisfeito. Um dos astrônomos do Earth Herald acabava de determinar os movimentos do novo planeta Gandini. É a um bilhão, seiscentos milhões, trezentos e quarenta e oito mil, duzentos e oitenta e quatro quilômetros e meio que esse planeta descreve sua órbita ao redor do Sol e para realizá-la necessita duzentos e setenta e dois anos, cento e noventa e quatro dias, doze horas, quarenta e três minutos, nove segundos e oito décimos.

Francis Benett estava encantado com semelhante precisão.

— Bem! — exclamou —, apresse-se em informar ao serviço de reportagens. Você sabe com que paixão o público acompanha estas questões astronômicas. Quero que a notícia apareça na edição de hoje.

Antes de abandonar a sala de repórteres, Francis Benett aproximou-se do grupo especial de entrevistadores e, dirigindo-se ao que estava encarregado das personalidades famosas, perguntou:

— Já entrevistou o presidente Wilcox?

— Sim, senhor Benett, e publiquei na coluna de informações que sem dúvida alguma sofre de uma dilatação do estômago e que deve submeter-se conscientemente a uma lavagem tubular.

— Perfeito. E esse assunto do assassino Chapmann? Entrevistou os jurados que devem presidir a audiência?

— Sim, e estão todos de acordo que é culpado, de modo que o caso nem sequer será visto por eles. O acusado será executado antes de ser

condenado...

— Executado... eletricamente?

— Eletricamente, senhor Benett, e sem dor... é o que se espera, pois esse detalhe ainda não foi esclarecido.

A sala ao lado, vasta galeria de meio quilômetro de comprimento, estava designada à publicidade e facilmente se imagina o que deve ser a publicidade de um jornal como o Earth Herald. Produz, em média, três milhões de dólares por dia. Graças ao engenhoso sistema, uma parte desta publicidade é difundida de forma totalmente inédita, devido a uma patente comprada pelo preço de três dólares a um pobre diabo que acabou morto de fome. Consiste em imensos cartazes, refletidos nas nuvens, e cuja dimensão é tal que podem ser vistos em toda a região.

Nessa galeria, mil projetores estão constantemente ocupados em enviar anúncios incomensuráveis às nuvens, que os reproduziam em cores.

Mas, naquele dia, quando Francis Benett entrou na sala de publicidade, viu que os dois mecânicos estavam de braços cruzados junto aos projetores inativos. Questiona-os... como resposta, apontam-lhe o céu de um azul puro.

— Sim, bom tempo — murmura — e a publicidade aérea não é possível! O que fazer? Se fosse apenas chuva poderíamos produzi-la! Mas não precisamos de chuva e sim de nuvens!

— Sim... belas nuvens brancas — respondeu o mecânico chefe.

— Bem, senhor Samuel Mark, você irá à redação científica, serviço meteorológico. Dirá a eles, de minha parte, que trabalhem no assunto das nuvens artificiais. Realmente não podemos continuar assim, à mercê do tempo.

Após haver acabado a inspeção das diversas divisões do jornal, Francis Benett passou à sala de recepção, onde o esperavam embaixadores e ministros plenipotenciários. Estes cavalheiros vinham buscar conselhos do todo-poderoso diretor. No momento em que Francis Benett entrava na sala estavam discutindo com certa animação.

— Que Vossa Excelência me perdoe — dizia o embaixador da França ao embaixador da Rússia —, mas para mim não há nada a alterar no mapa da Europa. O Norte para os eslavos, seja! Mas o Sul para os latinos! Nossa fronteira comum do Reno parece-me excelente. Além disso, veja bem, meu governo resistirá a qualquer manobra contra nossas prefeituras de Roma, Madrid e Viena.

— Bem dito — exclamou Francis Benett, interferindo no debate. — Por acaso, senhor embaixador da Rússia, não está satisfeito com seu vasto império, que se estende desde as margens do Reno até as fronteiras da China, um império cujo imenso litoral é banhado pelos oceanos Glacial, Atlântico, o Mar Negro, o Bósforo e o oceano Índico. Além disso, por que as ameaças? A guerra é possível com as invenções modernas, essas conchas asfixiantes enviadas a centenas de quilômetros, essas centelhas elétricas, de vinte léguas de comprimento, que podem destruir com um só golpe um exército inteiro, esses projéteis carregados com micróbios da peste, da cólera, da febre amarela e que destruiriam toda uma nação em poucas horas?

— Sabemos disso, senhor Benett — respondeu o embaixador russo. — Mas podemos fazer o que queremos? Impulsionados pelos chineses na nossa fronteira oriental, devemos tentar, a qualquer custo, alguma ação em relação ao Ocidente...

— Isso é tudo, senhor? — disse Francis Benett em tom paternal. — Bem, já que o avanço chinês é um perigo para o mundo, pressionaremos o Filho do Céu. Ele terá que impor a seus súditos um limite de natalidade que não poderá ser ultrapassado, sob pena de morte. Um filho a mais? Um pai a menos! Isto compensará as coisas.

— Senhor cônsul — disse o diretor do Earth Herald, dirigindo-se ao representante inglês —, o que posso fazer pelo senhor?

— Muito, senhor Benett — respondeu este personagem, curvando-se com humildade. — Basta que seu jornal aceite iniciar uma campanha a nosso favor...

— Com que finalidade?

— Simplesmente para protestar contra a anexação da Grã-Bretanha aos Estados Unidos.

— Simplesmente?! — exclamou Francis Benett encolhendo os ombros. — Uma anexação de cento e cinquenta anos! Mas os senhores ingleses não se resignarão jamais a, por uma justa reviravolta no destino, tornar-se colônia americana? É loucura. Como é possível que seu governo acredite que eu iniciaria essa campanha antipatriótica?

— Senhor Benett, a doutrina de Monroe é toda a América para os americanos, você sabe, mas nada mais que a América, e não...

— Mas a Inglaterra é apenas uma das nossas colônias, senhor, uma das melhores, concordo, e não pense que vamos devolvê-la.

— Você se recusa?

— Recuso-me, e se insistir, provocaremos um casus belli apenas com a entrevista de um de nossos repórteres.

— Então é o fim! — murmurou abatido o cônsul. — O Reino Unido, Canadá e Nova Bretanha são dos americanos, as Índias dos russos, Austrália e Nova Zelândia delas mesmas! De tudo o que uma vez já foi da Inglaterra, o que nos resta? Nada!

— Nada não, senhor! — respondeu Francis Benett. — Resta-lhes Gibraltar!

Deram as doze horas nesse momento. O diretor do Earth Herald terminou a audiência com um gesto, abandonou a sala, sentou-se em uma cadeira de rodas e chegou em poucos minutos à sala de jantar, localizada a um quilômetro de distância, na extremidade da sua mansão.

A mesa está servida. Francis Benett ocupa seu lugar. Ao alcance de sua mão está disposta uma série de torneiras e, diante de si, o vidro de um fonotelefoto, no qual aparece a sala de jantar de sua mansão em Paris. Apesar da diferença horária, o Sr. e a Sra. Benett combinam de fazer suas refeições ao mesmo tempo. Nada mais encantador que almoçar assim, frente a frente, a seis milhões de quilômetros de distância, vendo-se e conversando por meio de aparelhos fonotelefônicos.

Mas nesse momento a sala em Paris está vazia.

— Edith está atrasada — disse para si mesmo Francis Benett. — Ah, a pontualidade das mulheres! Tudo melhora, menos isso...

E fazendo essa justíssima reflexão, abre uma das torneiras.

Como todas as pessoas abastadas da nossa época, Francis Benett, renunciando à cozinha doméstica, é um dos assinantes da grande Sociedade de Alimentação a Domicílio. Esta sociedade distribui, através de tubos, delícias de todos os tipos. Esse sistema é caro, sem dúvida, mas a comida é muito boa e tem a vantagem de eliminar a enlouquecedora raça de cozinheiros de ambos os sexos.

Assim, Francis Benett almoçou sozinho, não sem lamentar, e estava terminando seu café quando a Sra. Benett, que voltava a sua residência, apareceu no vidro do telefoto.

— E de onde vem, minha querida Edith? — perguntou Francis Benett..

— Oh! — respondeu a Sra. Benett. — Já terminou? Cheguei tarde...? Como assim de onde venho...? Do meu chapeleiro! Este ano ele há uns chapéus fascinantes! E mais, já não são chapéus quaisquer... são domos, são cúpulas! Estou um pouco atrasada...

— Um pouco, querida; pode ver que já terminei meu almoço...

— Bem, vá, meu querido, vá ao seu trabalho — respondeu a Sra. Benett. — Ainda tenho que fazer uma visita a meu modista-modelador.

Esse modista era nada menos que o célebre Wormspire, aquele que corretamente declarou que “a mulher é uma questão de formas”.

Francis Benett beijou a bochecha da Sra. Benett no vidro do fonotelefoto e dirigiu-se à janela, onde o esperava o seu aerocarro.

— Aonde vai, senhor? — perguntou o piloto.

— Vejamos; tenho tempo. — respondeu Francis Benett. — Leve-me às minhas fábricas de acumuladores do Niágara.

O aerocarro, máquina admirável, baseada no princípio do mais pesado que o ar, lançou-se através do espaço com uma velocidade de seiscentos quilômetros por hora. Embaixo dele, desfilavam as cidades e calçadas móveis que transportavam os pedestres pelas ruas, os campos cobertos pela enorme rede de fios elétricos.

Em meia hora, Francis Benett havia chegado a sua fábrica do Niágara, na qual, depois de haver utilizado a força das cataratas para produzir energia, vende-a ou aluga-a aos seus consumidores. Logo, finalizada sua visita, voltou por Filadélfia, Boston e Nova Iorque até Universal City, onde seu aerocarro deixou-o às cinco da tarde.

Havia uma multidão na sala de espera do Earth Herald. Aguardavam o regresso de Francis Benett para a audiência diária que concedia aos solicitantes. Eram inventores que mendigavam fundos, empresários que propunham negócios, todos excelentes quando ouvidos com atenção. Entre as diferentes propostas, devia fazer uma seleção, recusando as más, examinando as duvidosas e aceitando as boas.

Francis Benett despachou rapidamente os que não traziam mais que ideias inúteis ou impraticáveis. Um deles não queria reviver a pintura, uma arte tão fora de moda que um Angelus de Millet acabava de ser vendido por quinze francos, devido ao progresso da fotografia colorida, inventada no final do século XIX pelo japonês Aruziswa-Riochi-Nichome-Sanjukamboz-Kio-Baski-Kû, nome que se tornou popular com tanta facilidade? Não havia outro encontrado o importante bacilo, que devia tornar o homem imortal sob a forma de um caldo de bactérias? Não acabava este, um químico prático, de descobrir um novo corpo simples, o nihilho, cujo quilograma custava três milhões de dólares? Não afirmava aquele, um médico corajoso, que se as pessoas ainda morrem, ao menos morrem curadas? E este outro, ainda mais ousado, não pretendia possuir um remédio específico contra o resfriado?

Todos esses sonhadores foram despedidos imediatamente.

Alguns outros foram melhor recebidos; em primeiro lugar um jovem, cuja ampla testa anunciava uma profunda inteligência.

— Senhor — disse —, se antigamente calculava-se em setenta e cinco

os corpos simples, este número foi reduzido atualmente a três, como o senhor sabe.

— Perfeitamente — respondeu Francis Benett.

— Pois bem, senhor, estou a ponto de reduzir estes três a apenas um. Se não me faltar dinheiro, em algumas semanas terei conseguido.

— E então?

— Então, senhor, certamente terei determinado o absoluto.

— E a consequência desta descoberta?

— Será simples a criação de qualquer material: pedra, madeira, metal, fibra...

— Então você poderia fabricar uma criatura humana...?

— Totalmente... só faltaria a alma...

— Só! — respondeu ironicamente Francis Benett, que, no entanto, incorporou o jovem químico à redação científica do jornal...

Um segundo inventor, baseando-se em velhas experiências datadas do século XIX e desde então repetidas muitas vezes, tinha a ideia de deslocar toda uma cidade em bloco. Tratava-se especificamente da cidade de Staaf, localizada a quinze milhas do mar, que seria transformada em estação balneária, após ser levada sobre trilhos até o litoral. Isso resultaria em enormes benefícios para os terrenos edificadas e por edificar.

Francis Benett, seduzido por este projeto, consistiu em financiar metade do negócio.

— Sabe, senhor — disse-lhe um terceiro candidato —, que, graças aos nossos acumuladores e transformadores solares e terrestres, pudemos uniformizar as estações. Proponho fazer algo melhor ainda. Transformemos em calor uma parte da energia de que dispomos e enviemos esse calor aos polos para fundir os gelos...

— Deixe-me seus planos — respondeu Francis Benett — e retorne em uma semana.

Por último, um quarto sábio levava a notícia de que uma das questões que apaixonavam ao mundo inteiro seria resolvida nessa mesma noite.

Sabe-se que, um século atrás, uma temerária experiência havia atraído a atenção pública sobre o doutor Nathaniel Faithburn. Defensor da hibernação humana, isso é, da possibilidade de suspender as funções vitais e posteriormente fazê-las renascer após certo tempo, havia se decidido a experimentar em si mesmo esse método. Depois de haver indicado em um testamento holográfico as operações adequadas para trazê-lo de volta a vida no mesmo dia após cem anos, foi submetido a

uma temperatura de 172 graus negativos; reduzido então ao estado de múmia, o doutor Faithburn foi encerrado em uma cripta pelo tempo estabelecido.

Bem, era precisamente nesse dia, 25 de julho de 2889, que o prazo expirava. Vieram propor a Francis Benett que a ressurreição esperada com tanta impaciência fosse celebrada em uma das salas do Earth Herald. Desse modo o público poderia estar ciente da situação a cada segundo.

A proposta foi aceita e, como a operação não deveria ser realizada antes das nove da noite, Francis Benett se estendeu em um divã da sala de audição. Logo, girando um botão, pôs-se em comunicação com o Concerto Central.

Depois de uma jornada tão ocupada, que delícia encontrou nas obras dos melhores músicos da época, baseadas em uma série de sábias fórmulas harmônico-algéblicas!

A obscuridade envolvia a sala mas Francis Benett, entregue a um sonho semi-extático, nem sequer percebia. Mas, repentinamente, uma porta se abriu.

— Quem é? — disse, girando um comutador.

Imediatamente, por uma corrente elétrica produzida no éter, o ar se iluminou novamente.

— Ah! É você, doutor? — disse Francis Benett.

— Sou eu — respondeu o doutor Sam, que vinha fazer sua visita diária... da plano anual. — Como está?

— Bem.

— Tanto melhor... vejamos sua língua.

E observou-a com o microscópio.

— Bem... e seu pulso?

Mediu com um sismógrafo, muito parecido com os que registram as vibrações do solo.

— Excelente! E o apetite?

— Ah! O estômago...

— É, o estômago! Não anda muito bem! Envelheceu! Mas a cirurgia progrediu muito! Será necessário implantar-lhe um novo! Você sabe, temos estômagos de reserva, com garantia de dois anos...

— Veremos — respondeu Francis Benett. — Enquanto esperamos, doutor, acompanhe-me a jantar.

Durante o jantar, a comunicação fonotelefônica foi estabelecida com

Paris. Desta vez, Edith Benett estava sentada à mesa e o jantar, intercalado com os gracejos do doutor Sam, foi fascinante. Logo assim que terminaram:

— Quando pensa em voltar a Universal City, minha querida Edith? — perguntou Francis Benett.

— Vou partir neste instante.

— Pelo tubo ou pelo aerotrem?

— Pelo tubo.

— Então estará aqui...?

— Às onze e cinquenta e nove da noite.

— Hora de Paris?

— Não, não! Hora de Universal City.

— Até logo, então, e, sobretudo, não perca o tubo.

Estes tubos submarinos, pelos quais se vinha da Europa em 295 minutos, eram preferíveis aos aerotrens, que só atingiam 1000 quilômetros por hora.

O doutor se retirou, depois de haver prometido regressar para assistir à ressurreição de seu colega Nathaniel Faithburn, e Francis Benett, querendo fechar as contas do dia, entrou em seu escritório. Era uma enorme operação, quando se trata de uma empresa cujos gastos diários alcançam os 800 mil dólares. Felizmente, os progressos da mecânica moderna facilitam perceptivelmente esse tipo de trabalho. Com ajuda do teclado-calculador elétrico, Francis Benett acabou sua tarefa em vinte e cinco minutos.

Já era hora. Apenas havia apertado a última tecla no aparelho totalizador, sua presença foi requisitada na sala de experimentos. Imediatamente dirigiu-se a ela e foi recebido por um numeroso cortejo de sábios, aos quais havia se unido o doutor Sam.

Ali está o corpo de Nathaniel Faithburn, em seu caixão, colocado sobre cavaletes no meio da sala.

Ativa-se o telefoto e o mundo inteiro pode ver as diversas fases da operação.

Abre-se o féretro... Todos olham para Nathaniel Faithburn. Parece uma múmia, amarelo, rígido, seco. Parece-se com a madeira. Submetem-no ao calor... À eletricidade... Nenhum resultado... Hipnotizam-no... Chamam-no... Nada pode vencer esse estado ultracataléptico.

— E então, doutor Sam? — pergunta Francis Benett.

O doutor Sam se inclina sobre o corpo, examina-o com a maior atenção... Introduz-lhe através de uma injeção hipodérmica algumas gotas do famoso elixir Brown-Séquard, que ainda está na moda... A múmia está mais mumificada do que nunca.

— Bem — responde o doutor Sam —, creio que a hibernação foi prolongada demais...

— E então?

— Então, Nathaniel Faithburn está morto.

— Morto?

— Tão morto quanto se pode estar!

— Pode dizer desde quando?

— “Desde quando”? — respondeu o doutor Sam. — Desde o momento em que teve a nefasta ideia de ser congelado por amor à ciência....

— Convenhamos — exclamou Francis Benett —, eis aqui um método que necessita ser aperfeiçoado!

— Aperfeiçoado é a palavra — respondeu o doutor Sam, enquanto a comissão científica de hibernação levava o seu cortejo fúnebre.

Francis Benett, seguido pelo doutor Sam, retornou a sua casa e, como parecia muito cansado depois de um dia tão atarefado, o médico aconselhou-lhe tomar um banho antes de se deitar.

— Tem razão, doutor... Assim me restabelecerei...

— Completamente, senhor Benett, e se deseja, vou pedir ao sair...

— Não é necessário, doutor. Há sempre um banho preparado na mansão e nem sequer tenho que preocupar-me em ir tomá-lo fora de casa. Veja, com apenas esse botão, a banheira por-se-á em movimento e você a verá apresentar-se com a água à temperatura de trinta e sete graus.

Francis Benett acabava de pressionar o botão. Um ruído surdo nasceu, inchou e cresceu... Logo, abriu-se uma das portas e a banheira apareceu, deslizando eletricamente sobre seus trilhos.

— Céus!

Enquanto o doutor Sam cobria o rosto, gritinhos de medo e espanto escapam da banheira...

Havendo chegado meia hora antes à mansão pelo tubo transoceânico, a Sra. Benett estava dentro...

No dia seguinte, 26 de julho de 2889, o diretor do Earth Herald começava sua ronda de vinte quilômetros através de suas oficinas e,

à noite, quando operou seu totalizador, estimou os lucros daquele dia em duzentos e cinquenta mil dólares: cinquenta mil a mais do que na véspera.

Que boa ocupação a de jornalista no fim do século vinte e nove!

AVENTURA INCOMPREENSÍVEL

ATESTADA POR TODA UMA

PROVÍNCIA – Marques de Sade



Não faz cem anos e ainda perdurava, em vários lugares da França, a absurda crença de que, entregando a alma ao diabo, com certas cerimônias tão cruéis quanto fantásticas, conseguia-se dessa entidade infernal tudo o quanto se desejasse; e um século não é transcorrido da aventura, pertinente ao tema, que contaremos, ocorrida em uma de nossas províncias meridionais, ainda hoje atestada pelos registros de duas cidades, e respaldada por mui fidedignos testemunhos, aptos a convencer os incrédulos. O leitor pode ou não acreditar, pois falamos somente depois de bem verificadas as provas. Naturalmente, não garantimos a veracidade dos fatos, mas certificamos que mais de cem mil almas acreditam neles, e que mais de cinquenta mil podem corroborar nos nossos dias a autenticidade com que estão consignados nos registros seguros. Pedimos vênia para disfarçar a província e os nomes das pessoas.

Desde a mais tenra juventude, o Barão de Voujour conjugava a mais desenfreada libertinagem ao cultivo de todas as ciências, e mui especialmente aquelas que induzem o homem ao erro e o fazem perder um precioso tempo que poderia empregar em algo infinitamente melhor. Era alquimista, astrólogo, bruxo, necromante, astrônomo notável e físico medíocre. Aos vinte e cinco anos, o Barão, senhor de seu patrimônio e dos próprios atos, descobriu, segundo afirmava, em seus livros, que, em se imolando um menino em homenagem ao diabo, empregando determinadas palavras e contorções durante uma execrável cerimônia, invocava-se a presença do demônio, obtendo-se dele tudo o que se desejasse, desde que se lhe promettesse a alma. Então, tomou a resolução de perpetrar tal monstruosidade com o único propósito de viver em felicidade plena até o décimo segundo lustro, porquanto jamais lhe faltaria dinheiro, e, ademais, até tal idade, e apesar dela, conservaria o Barão, no mais alto grau das forças, suas prolíficas faculdades.

Cometida tal infâmia e firmado o pacto, ocorreu o seguinte: até a idade de sessenta anos, o Barão, que dispunha apenas de quinze mil libras de renda, havia gastado, regularmente, duzentas mil e jamais

deveu um centavo a ninguém. No que respeita às suas proezas amorosas, foi capaz, até a esta idade mesma, de desfrutar duma mulher quinze ou vinte vezes em uma mesma noite, e, aos quarenta e cinco, ganhou cem luíses em uma aposta com amigos. Estes duvidaram que o Barão não conseguiria satisfazer vinte e cinco mulheres, uma após outra; ele as satisfaz e a elas entregou os cem luíses. Depois de um outro jantar, tendo-se iniciado um jogo de azar, o Barão advertiu, ao entrar, que não dispunha de um centavo sequer, razão por que declinou de participar da rodada; ofereceram-lhe dinheiro, mas ele recusou. Enquanto jogavam, deu duas ou três voltas na sala. Voltou e, tomando lugar à mesa, apostou em uma carta dez mil luíses, que foi tirando em dez ou doze maços de seu bolso; a aposta não foi aceita e o Barão perguntou por quê. Um de seus amigos respondeu, brincando, que a carta não estava generosamente fornida e o Barão acrescentou a ela mais dez mil luíses. Todas estas coisas estão registradas em assentamentos de duas respeitáveis prefeituras, e nós as lemos.

Quando completou cinquenta anos, o Barão decidiu casar-se. Fê-lo, então, com uma encantadora jovem de sua província, com a qual sempre viveu muito bem, sem que as infidelidades, tão próprias a seu temperamento, jamais provocassem o menor atrito. Teve ele sete filhos com esta mulher e já há algum tempo os encantos da consorte fizeram-no mais presente em casa. Habitualmente, vivia com sua família no mesmo castelo em que, na sua juventude, havia feito o antedito horrendo pacto, lá recebendo homens letrados, dos quais apreciava a companhia e cultivava a amizade. Todavia, à medida que se aproximava o prazo de sessenta anos, recordava-se de seu infeliz contrato e, como não sabia se o diabo se contentaria em arrebatá-lo os dons ou em tirar-lhe a vida, seu humor mudou por completo, pondo-se assim triste e meditabundo, e, por isso, quase não mais saía de casa.

No dia preestabelecido e na hora exata em que o Barão completava seus sessenta anos, um criado lhe anuncia um desconhecido que, tendo ouvido falar de seus dons, lhe solicita uma entrevista. O Barão, que neste momento não pensava naquilo que o vinha preocupando há vários anos, responde que o faça chegar ao seu escritório. Sobe ao recinto e encontra um forasteiro que, por seu sotaque, parece ser de Paris. Encontra um homem bem vestido, dotado de bela aparência, com quem, em seguida, se põe a conversar sobre as ciências mais elevadas. O Barão a tudo responde e a entrevista se anima. O senhor de Vaujour propõe à visita um pequeno passeio e, tendo este aceito o convite, nossos dois filósofos saem do castelo. Era época de

trabalhos agrícolas e todos os lavradores estavam no campo. Alguns, ao ver o senhor Vaujour gesticular, enfaticamente, sozinho, julgam que o Barão perdera o juízo e, então, correm para avisar à esposa, mas ninguém, no castelo, responde. Aquela boa gente retorna ao campo e segue observando o seu senhor. Este, crendo estar a confabular animadamente com alguém, agita as mãos, como é comum em tais conversas. Por fim, nossos dois sábios chegam a uma espécie de passeio fechado na extremidade, e do qual não se podia sair senão retonando pelo mesmo caminho. Trinta camponeses puderam vê-lo, trinta foram interrogados e trinta responderam que o senhor de Vaujour havia penetrado sozinho, sem deixar de gesticular, naquela espécie de alameda coberta.

Ao fim de uma hora, disse-lhe a pessoa com quem o Barão imaginava estar:

– Bem, Barão, então o senhor não me reconhece? Esqueceu-se, por acaso, do desejo de sua juventude? Esqueceu-se de que eu o realizei?

O Barão estremeceu.

– Não tema – disse-lhe o espírito com quem conversava. – Não sou dono de sua vida, mas posso retirar-lhe todos os dons e arrebatar-lhe tudo o quanto lhe é querido. Retorne à sua casa e você verá em que estado irá encontrá-la. Reconhecerá o justo castigo de sua imprudência e de seus crimes... Adoro os crimes, Barão, até os desejos, mas o meu destino me compele a puni-los. Volte para casa, repito, e converta-se. Ainda lhe resta um lustro de vida. O senhor morrerá daqui a cinco anos, mas sem que lhe seja negada a esperança de estar um dia com Deus, caso mude de conduta... Adeus.

E o Barão, encontrando-se sozinho, sem ter visto ninguém a retirar-se de sua presença, retorna depressa por onde viera, perguntando aos camponeses, que encontra no caminho, se o teriam visto ingressar na alameda em companhia de um homem com tais e quais características. Todos respondem que ele havia entrado sozinho e que, assustados ao vê-lo gesticular sozinho com aquela veemência, correram a avisar à senhora, mas não havia ninguém no castelo.

– Como não há ninguém? - exclamou o Barão, transtornado. – Pois lá deixei seis criados, sete crianças e minha mulher.

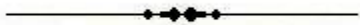
– Não há ninguém, Senhor – disseram-lhe.

Cada vez mais assustado, corre para casa. Bate, mas ninguém responde. Força a porta e entra. O sangue que inunda os degraus já lhe anuncia a catástrofe que irá destruí-lo. Abre uma grande sala e depara-se com sua mulher, seus sete filhos e seus seis criados, todos

eles decapitados, espelhados pelo chão, em diferentes posições, e em meio a ondas de sangue. Desmaia. Vários camponeses, cujos depoimentos foram tomados, entram e contemplam o mesmo espetáculo. Acodem o amo, que paulatinamente volta a si e roga-lhes que prestem à infeliz família as últimas homenagens, e, sem perda de tempo, rumo ao Mosteiro da Grande Chartreuse, onde, ao término de cinco anos, faleceu no exercício da mais elevada piedade.

Nós nos abtemos de toda reflexão sobre este incompreensível acontecimento. Existiu, não podemos negar, mas é inexplicável. Deve-se ser cauteloso e não acreditar em quimeras. Mas, quando algo é universalmente testemunhado e é dotado de tais singularidades, deve-se baixar a cabeça, fechar os olhos e dizer: “como não entendo como os mundos flutuam no espaço, pode haver sobre a terra coisas que me fogem ao entendimento”.

A ALUCINAÇÃO DE STALEY FLEMING – Ambrose Bierce



Dos dois homens que conversavam, um era médico.

– Eu lhe pedi que viesse, doutor – disse o outro –, embora não creia que o senhor possa me ajudar. Talvez possa recomendar-me um psiquiatra. Imagino que esteja um tanto maluco.

– Mas você me parece muito bem - respondeu o médico.

– Julgue por si próprio: tenho alucinações. Todas as noites acordo e vejo, no quarto, olhando-me fixamente, um enorme cão terra-nova com uma parta dianteira branca.

– Você diz que acorda. Contudo, tem certeza disso? Às vezes, as alucinações residem apenas nos sonhos.

– Eu fico bem acordado. Às vezes, fico parado por muito tempo, contemplando o cão, e ele a mim, fixamente... Sempre deixo a luz acesa. Quando não o suporto mais, sento-me na cama... E não há nada no quarto!

– Hum... Qual a expressão do animal?

– Ela me parece bem sinistra. Sei, evidentemente que, salvo na arte, o rosto de um animal em repouso tem sempre a mesma expressão. Mas este não é um animal real. Como o senhor sabe, os cães terra-nova têm sempre um olhar muito doce. Qual o problema deste?

– Realmente, meu diagnóstico não teria valor algum: não vou tratar do cão.

O médico riu de sua própria brincadeira, mas não deixou de observar o paciente pelo canto do olho. Então disse:

– Fleming, a descrição que você deu ao animal corresponde ao cão do falecido Atwell Barton.

Fleming quase se ergueu da cadeira, mas voltou a sentar-se, esforçando-se por mostrar-se indiferente.

– Lembro-me de Barton – disse. – Acredito que era... Disseram que... Não houve algo de suspeito em sua morte?

Olhando agora diretamente nos olhos de seu paciente, o médico respondeu:

– Há três anos, o corpo de Atwel Barton, seu velho inimigo, foi encontrado num bosque, próximo de onde ele morava, e, também, de sua casa. Foi esfaqueado até a morte. Não houve prisões, já que nenhuma pista foi encontrada. Alguns tinham as suas “teorias”. Eu tenho a minha. E você?

– Eu? Pela sua bendita alma, o que eu poderia saber a respeito!? Você deve se lembrar que viajei à Europa quase que imediatamente após o incidente, retornando depois de um tempo considerável. Não é crível que, nas escassas semanas que decorreram desde o meu regresso, eu tenha elaborado alguma “teoria”. Na verdade, eu sequer havia pensado no assunto. Mas, e quanto ao cão?

– Foi quem encontrou o corpo. Morreu de fome sobre o túmulo do dono.

Desconhecemos a inexorável lei subjacente às coincidências. Se Stanley Flaming a conhecesse, não teria, num salto, se erguido, quando o vento noturno propagou, a partir das janelas abertas, o longo e lastimoso uivo de um cão distante. Várias vezes Fleming atravessou a sala, sob o fixo olhar do médico, até que, detendo-se abruptamente, quase lhe gritou:

– O que isto tem a ver com o meu problema, doutor Halderman? O senhor está esquecendo o motivo pelo qual eu o chamei.

O médico se levantou, pôs a mão sobre o braço do paciente e lhe disse, com amabilidade:

– Perdoe-me. Assim, de improviso, não posso diagnosticar o seu transtorno. Talvez amanhã. Faça-me o favor de deitar-se, deixando a porta aberta. Passarei a noite aqui, com os seus livros. Poderá me chamar sem precisar levantar-se da cama?

– Sim, tenho uma campanha elétrica.

– Certo. Se algo incomodá-lo, pressione o botão, mas sem se levantar. Boa noite.

Confortavelmente sentado numa poltrona, o médico olhava os carvões incandescentes da lareira, meditando longa e profundamente. Mas o fazia, ao menos na aparência, sem algum propósito, porquanto, com frequência, erguia-se para abrir a porta que dava para a escada. Ali, escutava atentamente. Depois, voltava a sentar-se. Terminou por adormecer e, ao acordar, já passava da meia-noite. Atiçou o fogo, pegou um livro da mesa ao seu lado e leu o título. Eram as “Meditações de Denneker”. Abriu o livro ao acaso e começou a ler:

“Assim como foi ordenado por Deus que toda carne tenha espírito

e adote, portanto, as faculdades espirituais, também o espírito conserva os poderes da carne, ainda que abandone o corpo e viva como algo independente: isto é confirmado por vários casos de violências perpetradas por fantasmas e espíritos dos mortos. Há quem diga esta propriedade não é exclusiva do ser humano, porque também os animais têm a mesma indução maligna, e ...”

A leitura foi interrompida por uma perturbação na casa, como se um objeto pesado houvesse tombado. O leitor deixou cair o livro e saiu correndo pela sala. Subiu celeremente as escadas que levavam ao quarto de Fleming. Tentou abrir a porta, mas esta, em contrariedade às suas instruções, estava fechada. Empurrou com o ombro, imprimindo uma força tal que a porta cedeu. No chão, junto à cama desarrumada, vestido com seu pijama, jazia Fleming, agonizante.

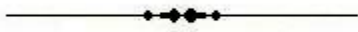
O médico ergueu do chão a cabeça do moribundo e observou-lhe um ferimento na garganta.

– Eu devia ter pensado nisso – disse ele, acreditando que Fleming intentara o suicídio.

Quando o homem morreu, um exame revelou uma inconfundível marca de dentes de animal, profundamente mergulhada na veia jugular.

Mas nenhum animal havia ali.

O DEFUNTO – Eça de Queirós



I

No ano de 1474, que foi por toda a Cristandade tão abundante em mercês divinas, reinando em Castela el-rei Henrique IV, veio habitar na cidade de Segóvia, onde herdara moradias e uma horta, um cavaleiro moço, de muito limpa linhagem e gentil parecer, que se chamava D. Rui de Cardenas.

Essa casa, que lhe legara seu tio, arcediago e mestre em cânones, ficava ao lado e na sombra silenciosa da igreja de Nossa Senhora do Pilar; e, em frente, para além do adro, onde cantavam as três bicas de um chafariz antigo, era o escuro e gradeado palácio de D. Alonso de Lara, fidalgo de grande riqueza e maneiras sombrias, que já na madureza da sua idade, todo grisalho, desposara uma menina falada em Castela pela sua alvura, cabelos cor de sol-claro e colo de garça real. D. Rui tivera justamente por madrinha, ao nascer, Nossa Senhora do Pilar, de quem sempre se conservou devoto e fiel servidor; ainda que, sendo de sangue bravo e alegre, amava as armas, a caça, os saraus bem galanteados, e mesmo por vezes uma noite ruidosa de taverna com dados e pichéis de vinho. Por amor, e pelas facilidades desta santa vizinhança, tomara ele o piedoso costume, desde a sua chegada a Segóvia, de visitar todas as manhãs, à hora de Prima, a sua divina madrinha e de lhe pedir, em três Ave-Marias, a bênção e a graça.

Ao escurecer, mesmo depois de alguma rija correria por campo e monte com lebréus ou falcão, ainda voltava para, à saudação de Vésperas, murmurar docemente uma Salve-Rainha.

E todos os domingos comprava no adro, a uma ramalheteira mourisca, algum ramo de junquilhos, ou cravos, ou rosas singelas, que espalhava, com ternura e cuidado galante, em frente ao altar da Senhora.

A esta venerada igreja do Pilar vinha também cada domingo D. Leonor, a tão falada e formosa mulher do senhor de Lara, acompanhada por uma aia carrancuda, de olhos mais abertos e duros que os de uma coruja, e por dois possantes lacaios que a ladeavam e guardavam como torres. Tão ciumento era o senhor D. Alonso que, só

por lhe haver severamente ordenado o seu confessor, e com medo de ofender a Senhora, sua vizinha, permitia esta visita fugitiva, a que ele ficava espreitando sofregamente, de entre as reixas de uma gelosia, os passos e a demora. Todos os lentos dias da lenta semana os passava a senhora D. Leonor no encerro do gradeado solar de granito negro, não tendo para se recrear e respirar, mesmo nas calmas do Estio, mais que um fundo de jardim verde-negro, cercado de tão altos muros, que apenas se avistava, emergindo deles, aqui, além, alguma ponta de triste cipreste. Mas essa curta visita a Nossa Senhora do Pilar bastou para que D. Rui se enamorasse dela tresloucadamente, na manhã de Maio em que a viu de joelhos ante o altar, numa réstia de sol, aureolada pelos seus cabelos de ouro, com as compridas pestanas pendidas sobre o livro de Horas, o rosário caindo de entre os dedos finos, fina toda ela e macia, e branca, de uma brancura de lírio aberto na sombra, mais branca entre as rendas negras e os negros cetins que à volta do seu corpo cheio de graça se quebravam, em pregas duras, sobre as lajes da capela, velhas lajes de sepulturas. Quando depois dum momento de enleio e de delicioso pasmo se ajoelhou, foi menos para a Virgem do Pilar, sua divina Madrinha, do que para aquela aparição mortal, de quem não sabia o nome nem a vida, e só que por ela daria vida e nome, se ela se rendesse por tão incerto preço. Balbuciando, com uma prece ingrata, as três Ave-Marias com que cada manhã saudava Maria, apanhou o seu sombreiro, desceu levemente a nave sonora e no portal se quedou, esperando por ela entre os mendigos lazarentos que se catavam ao sol. Mas, quando ao cabo de um tempo, em que D. Rui sentiu no coração um desusado bater de ansiedade e medo, a senhora D. Leonor passou e se deteve, molhando os dedos na pia de mármore de água benta, os seus olhos, sob o véu descido, não se ergueram para ele, ou tímidos ou desatentos. Com a aia de olhos muito abertos colada aos vestidos, entre os dois lacaios, como entre duas torres, atravessou vagarosamente o adro, pedra por pedra, gozando decerto, como encarcerada, o desafogado ar e o livre sol que o inundavam. E foi um espanto para D. Rui quando ela penetrou na sombria arcada, de grossos pilares, sobre que assentava o palácio, e desapareceu por uma esguia porta recoberta de ferragens. Era, pois, essa a tão falada D. Leonor, a linda e nobre senhora de Lara...

Então começaram sete arrastados dias, que ele gastou sentado a um poial da sua janela, considerando aquela negra porta recoberta de ferragens como se fosse a do Paraíso, e por ela devesse sair um anjo para lhe anunciar a Bem-Aventura. Até que chegou o vagaroso domingo: e passando ele no adro, à hora de Prima, ao repicar dos

sinos, com um molho de cravos amarelos para a sua divina Madrinha, cruzou D. Leonor, que saía de entre os pilares da escura arcada, branca, doce e pensativa, como uma lua de entre as nuvens. Os cravos quase lhe caíram naquele gostoso alvoroço em que o peito lhe arfou mais que um mar, e a alma toda lhe fugiu em tumulto através do olhar com que a devorava. E ela ergueu também os olhos para D. Rui, mas uns olhos repousados, uns olhos serenos, em que não luzia curiosidade, nem mesmo consciência de se estarem trocando com outros, tão acesos e enegrecidos pelo desejo. O moço cavaleiro não entrou na igreja, com piedoso receio de não prestar à sua Madrinha divina a atenção, que decerto lhe roubaria toda aquela que era só humana, mas dona já do seu coração, e nele divinizada.

Esperou sofregamente à porta, entre os mendigos, secando os cravos com o ardor das mãos trémulas, pensando quanto era demorado o rosário que ela rezava. Ainda D. Leonor descia a nave, já ele sentia dentro de alma o doce rugir das sedas fortes que ela arrastava nas lajes. A branca senhora passou - e o mesmo distraído olhar, desatento e calmo, que espalhou pelos mendigos e pelo adro, o deixou escorregar sobre ele, ou porque não compreendesse aquele moço que de repente se tornara tão pálido, ou porque não o diferenciava ainda das coisas e das formas indiferentes.

D. Rui abalou, com um fundo suspiro; e, no seu quarto, pôs devotamente ante a imagem da Virgem as flores que não oferecera, na igreja, ao seu altar. Toda a sua vida se tornou então um longo queixume por sentir tão fria e desumana aquela mulher, única entre as mulheres, que prendera e tornara sério o seu coração ligeiro e errante. Numa esperança, a que antevia bem o desengano, começou a rondar os muros altos do jardim - ou embuçado numa capa, com o ombro contra uma esquina, lentas horas se quedava contemplando as grades das gelosias, negras e grossas como as dum cárcere. Os muros não se fendiam, das grades não saía sequer um rasto de luz prometedora. Todo o solar era como um jazigo onde jazia uma insensível, e por trás das frias pedras havia ainda um frio peito. Para se desafogar compôs, com piedoso cuidado, em noites veladas sobre o pergaminho, trovas gementes que o não desafogavam. Diante do altar da Senhora do Pilar, sobre as mesmas lajes onde a vira ajoelhada, pousava ele os joelhos, e ficava, sem palavras de oração, num cismar amargo e doce, esperando que o seu coração serenasse e se consolasse, sob a influência d'Aquela que tudo consola e serena. Mas sempre se erguia mais desditoso e tendo apenas a sensação de quanto eram frias e rígidas as pedras sobre que ajoelhara. O mundo todo só lhe parecia conter rigidez e frieza.

Outras claras manhãs de domingo encontrou D. Leonor: e sempre os

olhos dela permaneciam descuidados e como esquecidos, ou quando se cruzavam com os seus era tão singelamente, tão limpos de toda a emoção, que D. Rui os preferiria ofendidos e faiscando de ira, ou soberbamente desviados com soberbo desdém. Decerto D. Leonor já o conhecia: - mas, assim, conhecia também a ramalheteira mourisca agachada diante do seu cesto à beira da fonte; ou os pobres que se catavam ao sol diante do portal da Senhora. Nem D. Rui já podia pensar que ela fosse desumana e fria. Era apenas soberanamente remota, como uma estrela que nas alturas gira e refulge, sem saber que, em baixo, num mundo que ela não distingue, olhos que ela não suspeita a contemplam, a adoram e lhe entregam o governo da sua ventura e sorte.

Então D. Rui pensou:

- Ela não quer, eu não posso: foi um sonho que findou, e Nossa Senhora a ambos nos tenha na sua graça!

E como era cavaleiro muito discreto, desde que a reconheceu assim inabalável na sua indiferença, não a procurou, nem sequer ergueu mais os olhos para as grades das suas janelas, e até nem penetrava na igreja de Nossa Senhora quando casualmente, do portal, a avistava ajoelhada, com a sua cabeça tão cheia de graça e de ouro, pendida sobre o Livro das Horas.

II

A velha aia, de olhos mais abertos e duros que os de uma coruja, não tardara em contar ao senhor de Lara que um moço audaz, de gentil parecer, novo morador nas velhas casas do arcediago, constantemente se atravessava no adro, se postava diante da igreja para atirar o coração pelos olhos à senhora D. Leonor. Bem amargamente o sabia já o ciumento fidalgo, porque quando da sua janela espreitava, como um falcão, a airosa senhora a caminho da igreja, observara os giros, as esperas, os olhares dardejados daquele moço galante - e puxara as barbas de furor. Desde então, na verdade, a sua mais intensa ocupação era odiar D. Rui, o impudente sobrinho do cônego, que ousava erguer o seu baixo desejo até à alta senhora de Lara. Constantemente agora o trazia vigiado por um serviçal - e conhecia todos os seus passos e pousos, e os amigos com quem caçava ou folgava, e até quem lhe talhava os gibões, e até quem lhe polia a espada, e cada hora do seu viver. E mais ansiosamente ainda vigiava D. Leonor - cada um dos seus movimentos, os mais fugitivos modos, os silêncios e o conversar com as aias, as distrações sobre o bordado, o jeito de cismar sob as

árvores do jardim, e o ar e a cor com que recolhia da igreja... Mas tão inalteradamente serena, no seu sossego de coração, se mostrava a senhora D. Leonor, que nem o ciúme mais imaginador de culpas poderia achar manchas naquela pura neve. Redobradamente áspero então se voltava o rancor de D. Alonso contra o sobrinho do cônego, por ter apetecido aquela pureza, e aqueles cabelos cor de sol-claro, e aquele colo de garça real, que eram só seus, para esplêndido gosto da sua vida. E quando passeava na sombria galeria do solar, sonora e toda de abóbada, embrulhado na sua samarra orlada de peles, com o bico da barba grisalha espetado para diante, a grenha crespa eriçada para trás e os punhos cerrados, era sempre remoendo o mesmo fel:

- Tentou contra a virtude dela, tentou contra a minha honra... É culpado por duas culpas e merece duas mortes!

Mas ao seu furor quase se misturou um terror, quando soube que D. Rui já não esperava no adro a senhora D. Leonor, nem rondava amorosamente os muros do palacete, nem penetrava na igreja quando ela lá rezava, aos domingos; e que tão inteiramente se alheava dela que uma manhã, estando rente da arcada, e sentindo bem ranger e abrir a porta por onde a senhora ia aparecer, permanecera de costas voltadas, sem se mover, rindo com um cavaleiro gordo que lhe lia um pergaminho. Tão bem afectada indiferença só servia decerto (pensou D. Alonso) a esconder alguma bem danada tenção! Que tramava ele, o destro enganador? Tudo no desabrido fidalgo se exacerbou - ciúme, rancor, vigilância, pesar da sua idade grisalha e feia. No sossego de D. Leonor suspeitou manha e fingimento; - e imediatamente lhe vedou as visitas à Senhora do Pilar.

Nas manhãs costumadas corria ele à igreja para rezar o rosário, a levar as desculpas de D. Leonor - “que no puede venir (murmurava curvado diante do altar) por lo que sabeis, virgem puríssima! ” Cuidadosamente visitou e reforçou todos os negros ferrolhos das portas do seu solar.

De noite soltava dois mastins nas sombras do jardim murado.

À cabeceira do vasto leito, junto da mesa onde ficava a lâmpada, um relicário e o copo de vinho quente com canela e cravo para lhe retemperar as forças - luzia sempre uma grande espada numa. Mas, com tantas seguranças, mal dormia - e a cada instante se solejava em sobressalto de entre as fundas almofadas, agarrando a senhora D. Leonor com mão bruta e sôfrega, que lhe pisava o colo, para rugir muito baixo, numa ânsia: “Diz que me queres só a mim! ... ” Depois, com a alvorada, lá se empoleirava, a espreitar, como um falcão, as janelas de D. Rui. Nunca o avistava, agora, nem à porta da igreja às

horas de missa, nem recolhendo do campo, a cavalo, ao toque de Ave-Marias.

E por o sentir assim sumido dos sítios e giros costumados - é que mais o suspeitava dentro do coração de D. Leonor.

Enfim, uma noite, depois de muito trilhar o lajedo da galeria, remoendo surdamente desconanças e ódios, gritou pelo intendente e ordenou que se preparassem trouxas e cavalgaduras. Cedo, de madrugada, partiria, com a senhora D. Leonor, para a sua herdade de Cabril, a duas léguas de Segóvia! A partida não foi de madrugada, como uma fuga de avarento que vai esconder longe o seu tesouro: - mas realizada com aparato e demora, ficando a liteira diante da arcada, a esperar longas horas, de cortinas abertas, enquanto um cavaleiro passeava pelo adro a mula branca do fidalgo, enxairelada à mourisca, e do lado do jardim a récula de machos, carregados de baús, presos às argolas, sob o sol e a mosca, aturdiavam a viela com o tilintar dos guizos. Assim D. Rui soube a jornada do senhor de Lara: - e assim a soube toda a cidade.

Fora um grande contentamento para D. Leonor, que gostava de Cabril, dos seus viçosos pomares, dos jardins, para onde abriam, rasgadamente e sem grades, as janelas dos seus aposentos claros: aí ao menos tinha largo ar, pleno sol, e alegretes a regar, um viveiro de pássaros, e tão compridas ruas de loureiro e teixo, que eram quase a liberdade. E depois esperava que no campo se aligeirassem aqueles cuidados que traziam, nos derradeiros tempos, tão enrugado e taciturno seu marido e senhor. Não logrou esta esperança, porque ao cabo de uma semana ainda se não desanuviara a face de D. Alonso - nem decerto havia frescura de arvoredos, sussurros de águas correntes, ou aromas esparsos nos rosais em flor, que calmassem agitação tão amarga e funda. Como em Segóvia, na galeria sonora de grande abóbada, sem descanso passeava, enterrado na sua samarra, com o bico da barba espetado para diante, a grenha basta eriçada para trás, e um jeito de arreganhar silenciosamente o beijo, como se meditasse maldades a que gozava de antemão o sabor acre. E todo o interesse da sua vida se concentrara num serviçal, que constantemente galopava entre Segóvia e Cabril, e que ele por vezes esperava no começo da aldeia, junto ao Cruzeiro, ficando a escutar o homem que desmontava, ofegante, e logo lhe dava novas apressadas.

Uma noite em que D. Leonor, no seu quarto, rezava o terço com as aias, à luz duma tocha de cera, o senhor de Laras entrou muito vagarosamente, trazendo na mão uma folha de pergaminho e uma

pena mergulhada no seu tinteiro de osso. Com um rude aceno despediu as aias, que o temiam como a um lobo. E, empurrando um escabelo para junto da mesa, volvendo para D. Leonor a face a que impusera tranquilidade e agrado, como se apenas viesse por coisas naturais e fáceis:

- Senhora - disse - quero que me escrevais aqui uma carta que muito convém escrever...

Tão costumada era nela a submissão, que, sem outro reparo ou curiosidade, indo apenas pendurar na barra do leito o rosário em que rezara, se acomodou sobre o escabelo, e os seus dedos finos, com muita aplicação, para que a letra fosse esmerada e clara, traçaram a primeira linha curta que o Senhor de Lara ditara e era: “Meu cavaleiro...” Mas quando ele ditou a outra, mais longa, e dum modo amargo, D. Leonor arrojou a pena, como se a pena escaldasse, e, recuando da mesa, gritou, numa aflição:

- Senhor, para que convém que eu escreva tais coisas e tão falsas? ...

Num brusco furor, o senhor de Lara arrancou do cinto um punhal, que lhe agitou junto à face, rugindo surdamente:

- Ou escreveis o que vos mando e que a mim me convém, ou, por Deus, que vos varo o coração!

Mais branca que a cera da tocha que os alumiaava, com a carne arrepiada ante aquele ferro que luzia, num tremor supremo e que tudo aceitava, D. Leonor murmurou:

- Pela Virgem Maria, não me façais mal! ... Nem vos agasteis, senhor, que eu vivo para vos obedecer e servir... Agora, mandai, que eu escreverei.

Então, com os punhos cerrados nas bordas da mesa, onde pousara o punhal, esmagando a frágil e desditosa mulher sob o olhar duro que fuzilava, o senhor de Lara ditou, atirou roucamente, aos pedaços, aos repelões, uma carta que dizia, quando finda e traçada em letra bem incerta e trémula: - “Meu cavaleiro: Muito mal haveis compreendido, ou muito mal pagais o amor que vos tenho, e que não vos pude nunca, em Segóvia, mostrar claramente... Agora aqui estou em Cabril, ardendo por vos ver; e se o vosso desejo corresponde ao meu, bem facilmente o podeis realizar, pois que meu marido se acha ausente noutra herdade, e esta de Cabril é toda fácil e aberta. Vinde esta noite, entrai pela porta do jardim, do lado da azinhaga, passando o tanque, até ao terraço. Aí avistareis uma escada encostada a uma janela da casa, que é a janela do meu quarto, onde sereis bem docemente agasalhado por quem ansiosamente vos espera...”

- Agora, senhora, assinaí por baixo o vosso nome, que isso sobretudo

convém!

D. Leonor traçou vagarosamente o seu nome, tão vermelha como se a despissem diante de uma multidão.

- E agora - ordenou o marido mais surdamente, através dos dentes cerrados - endereçai a D. Rui de Cardenas!

Ela ousou erguer os olhos, na surpresa daquele nome desconhecido.

- Andai! ... A D. Rui de Cardenas! - gritou o homem sombrio.

E ela endereçou a sua desonesta carta a D. Rui de Cardenas.

D. Alonso meteu o pergaminho no cinto, junto ao punhal que embainhara, e saiu em silêncio com a barba espetada, abafando o rumor dos passos nas lajes do corredor.

Ela ficara sobre o escabelo, as mãos cansadas e caídas no regaço, num infinito espanto, o olhar perdido na escuridão da noite silente. Menos escura lhe parecia a morte que essa escura aventura em que se sentia envolvida e levada! Quem era esse D. Rui de Cardenas, de quem nunca ouvira falar, que nunca atravessara a sua vida, tão quieta, tão pouco povoada de memórias e de homens? E ele decerto a conhecia, a encontrara, a seguira, ao menos com os olhos, pois que era coisa natural e bem ligada receber dela carta de tanta paixão e promessa...

Assim, um homem, e moço decerto bem nascido, talvez gentil, penetrava no seu destino bruscamente, trazido pela mão de seu marido? Tão intimamente mesmo se entranhara esse homem na sua vida, sem que ela se apercebesse, que já para ele se abria de noite a porta do seu jardim, e contra a sua janela, para ele subir, se arrumava de noite uma escada! ... E era seu marido que muito secretamente escancarava a porta, e muito secretamente levantava a escada... Para quê? ...

Então, num relance, D. Leonor compreendeu a verdade, a vergonhosa verdade, que lhe arrancou um grito ansiado e mal sufocado. Era uma cilada! O senhor de Lara atraía a Cabril esse D. Rui com uma promessa magnífica, para dele se apoderar, e decerto o matar, indefeso e solitário! E ela, o seu amor, o seu corpo, eram as promessas que se faziam rebrilhar ante os olhos seduzidos do moço desventuroso. Assim seu marido usava a sua beleza, o seu leito, como a rede de ouro em que devia cair aquela presa estouvada! Onde haveria maior ofensa? E também quanta imprudência! Bem poderia esse D. Rui de Cardenas desconfiar, não aceder ao convite tão abertamente amoroso, e depois mostrar por toda a Segóvia, rindo e triunfando, aquela carta em que lhe fazia oferta do seu leito e do seu corpo a mulher de Alonso de Lara! Mas não! o desventurado correria a Cabril - e para morrer, miseravelmente morrer no negro silêncio da noite, sem padre, nem

sacramentos, com a alma encharcada em pecado de amor! Para morrer, decerto - porque nunca o senhor de Lara permitiria que vivesse o homem que recebera tal carta. Assim, aquele moço morria por amor dela, e por um amor que, sem lhe saber nunca um gosto, lhe valia logo a morte! Decerto por amor dela - pois que tal ódio do senhor de Lara, ódio que, com tanta deslealdade e vilania, se cevava, só podia nascer de ciúmes, que lhe escureciam todo o dever de cavaleiro e de cristão. Sem dúvida ele surpreendera olhares, passos, tenções deste senhor D. Rui, mal acautelado por bem namorado.

Mas como? Quando? Confusamente se lembrava ela de um moço que um domingo a cruzara no adro, a esperara ao portal da igreja, com um molho de cravos na mão... Seria esse? Era de nobre parecer, muito pálido, com grandes olhos negros e quentes. Ela passara - indiferente... Os cravos que segurava na mão eram vermelhos e amarelos... A quem os levava? ... Ah! Se o pudesse avisar, bem cedo, de madrugada!

Como, se não havia em Cabril serviçal ou aia de quem se fiasse? Mas deixar que uma bruta espada varasse traiçoeiramente aquele coração, que vinha cheio dela, palpitando por ela, todo na esperança dela!

Oh! A desabrida e ardente correria de D. Rui, desde Segóvia a Cabril, com a promessa do encantador jardim aberto, da escada posta contra a janela, sob a mudez e proteção da noite! Mandaria realmente o senhor de Lara encostar uma escada à janela? Decerto, para com mais facilidade o poderem matar, ao pobre, e doce, e inocente moço, quando ele subisse, mal seguro sobre um frágil degrau, as mãos embaraçadas, a espada a dormir na bacia... E assim, na outra noite, em face ao seu leito, a sua janela estaria aberta, e uma escada estaria erguida contra a sua janela à espera de um homem! Emboscado na sombra do quarto, seu marido seguramente mataria esse homem...

Mas se o senhor de Lara esperasse fora dos muros da quinta, assaltasse brutalmente, nalguma azinhaga, aquele D. Rui de Cardenas, e, ou por menos destro, ou por menos forte, num terçar de armas, caísse ele traspassado, sem que o outro conhecesse a quem matara? E ela, ali, no seu quarto, sem saber, e todas as portas abertas, e a escada erguida, e aquele homem assomando à janela na sombra macia da noite tépida, e o marido que a devia defender morto no fundo duma azinhaga... Que faria ela, Virgem Mãe? Oh! decerto repeliria, soberbamente, o moço temerário. Mas o espanto dele e a cólera do seu desejo enganado! "Por Vós é que eu vim chamado, senhora!" E ali trazia, sobre o coração, a carta dela, com seu nome, que a sua mão traçara. Como lhe poderia contar a emboscada e o dolo? Era tão longo de contar, naquele silêncio e solidão da noite, enquanto os olhos dele, húmidos e negros, a estivessem suplicando e traspassando... Desgraçada dela se o senhor de Lara morresse, a deixasse solitária, sem defesa, naquela vasta casa

aberta! Mas quanto desgraçada também se aquele moço, chamado por ela, e que a amava, e que por esse amor vinha correndo deslumbrante, encontrasse a morte no sítio da sua esperança, que era o sítio do seu pecado, e, morto em pleno pecado, rolasse para a eterna desesperança... Vinte e cinco anos, ele - se era o mesmo de quem se lembrava, pálido, e tão airoso, com um gibão de veludo roxo e um ramo de cravos na mão, à porta da igreja, em Segóvia...

Duas lágrimas saltaram dos cansados olhos de D. Leonor. E dobrando os joelhos, levantando a alma toda para o céu, onde a Lua se começava a levantar, murmurou, numa infinita magoa e fé:

- Oh! Santa Virgem do Pilar, Senhora minha, vela por nós ambos, vela por todos nós! ...

III

D. Rui entrava, pela hora da calma, no fresco pátio da sua casa, quando de um banco de pedra, na sombra, se ergueu um moço de campo, que tirou de dentro do surrão uma carta, lha entregou, murmurando:

- Senhor, dai-vos pressa em ler, que tenho de voltar a Cabril, a quem me mandou...

D. Rui abriu o pergaminho; e, no deslumbramento que o tomou, bateu com ele contra o peito, como para o enterrar no coração...

O moço do campo insistia, inquieto:

- Aviai, senhor, aviai! Nem precisais responder. Basta que me deis um sinal de vos ter vindo o recado...

Muito pálido, D. Rui arrancou uma das luvas bordadas a retrós, que o moço enrolou e sumiu no surrão. E já abalava na ponta das alpercatas leves, quando, com um aceno, D. Rui o deteve:

- Escuta. Que caminho tomas tu para Cabril?

- O mais curto e sozinho para gente afoita, que é pelo Cerro dos Enforcados.

- Bem.

D. Rui galgou as escadas de pedra, e no seu aposento, sem mesmo tirar o sombreiro, de novo leu junto da gelosia aquele pergaminho divino, em que D. Leonor o chamava de noite ao seu quarto, à posse inteira do seu ser. E não o maravilhava esta oferta - depois de uma tão

constante, imperturbada indiferença. Antes nela logo percebeu um amor muito astuto, por ser muito forte, que, com grande paciência, se esconde ante os estorvos e os perigos, e mudamente prepara a sua hora de contentamento, melhor e mais deliciosa por tão preparada. Sempre ela o amara, pois, desde a manhã bendita em que os seus olhos se tinham cruzado no portal de Nossa Senhora. E enquanto ele rondava aqueles muros do jardim, maldizendo uma frieza que lhe parecia mais fria que a dos frios muros, já ela lhe dera a sua alma, e cheia de constância, com amorosa sagacidade, recalcando o menor suspiro, adormecendo desconfianças, preparava a noite radiante em que lhe daria também o seu corpo.

Tanta firmeza, tão fino engenho nas coisas do amor, ainda lha tornavam mais bela e mais apetecida!

Com que impaciência olhava então o Sol, tão desapressado nessa tarde em descer para os montes! Sem repouso, no seu quarto, com as gelosias cerradas para melhor concentrar a sua felicidade, tudo aprontava amorosamente para a triunfal jornada: as finas roupas, as finas rendas, um gibão de veludo negro e as essências perfumadas. Duas vezes desceu à cavaleriça a verificar se o seu cavalo estava bem ferrado e bem pensado. Sobre o soalho, vergou e revergou, para a experimentar, a folha da espada que levaria à cinta... Mas o seu maior cuidado era o caminho para Cabril, apesar de bem o conhecer, e a aldeia apinhada em torno ao mosteiro franciscano, e a velha ponte romana com o seu Calvário, e a azinhaga funda que levava à herdade do senhor de Lara. Ainda nessa Inverno por lá passara, indo montear com dois amigos de Astorga, e avistara a torre dos de Lara, e pensara: - “Eis a torre da minha ingrata! ” Como se enganava! As noites agora eram de Lua, e ele saíria de Segóvia caladamente, pela porta de S. Mauros. Um galope curto o punha no Cerro dos Enforcados... Bem o conhecia também, esse sítio de tristeza e pavor, com os seus quatro pilares de pedra, onde se enforcavam os criminosos, e onde os seus corpos ficavam, baloiçados da ventania, ressequidos do sol, até que as cordas apodrecessem e as ossadas caíssem, brancas e limpas da carne pelo bico dos corvos. Por trás do cerro era a lagoa das Donas. A derradeira vez que por lá andara, fora em dia do apóstolo S. Matias, quando o corregedor e as confrarias de caridade e paz, em procissão, iam dar sepultura sagrada às ossadas caídas no chão negro, esburgadas pelas aves. Daí o caminho, depois, corria liso e direito a Cabril.

Assim D. Rui meditava a sua jornada venturosa, enquanto a tarde ia caindo. Mas, quando escureceu, e em torno às torres da igreja começaram a girar os morcegos, e nas esquinas do adro se acenderam

os nichos das Almas, o valente moço sentiu um medo estranho, o medo daquela felicidade que se acercava e que lhe parecia sobrenatural. Era, pois, certo que essa mulher de divina formosura, famosa em Castela, e mais inacessível que um astro, seria sua, toda sua, no silêncio e segurança duma alcova, dentro em breves instantes, quando ainda se não tivessem apagado diante dos retábulos das Almas aqueles lumes devotos? E o que fizera ele para lograr tão grande bem? Pisara as lajes de um adro, esperara no portal de uma igreja, procurando com os olhos outros dois olhos, que não se erguiam, indiferentes ou desatentos. Então, sem dor, abandonara a sua esperança... E eis que de repente aqueles olhos distraídos o procuram, e aqueles braços fechados se lhe abrem, largos e nus, e com o corpo e com a alma aquela mulher lhe grita: - “Oh! mal-avisado, que não me entendeste! Vem! Quem te desanimou já te pertence! ” Houvera jamais igual ventura? Tão alta, tão rara era, que decerto atrás dela, se não erra a lei humana, já devia caminhar a desventura! Já na verdade caminhava; - pois quanta desventura em saber que depois de tal ventura, quando de madrugada, saindo dos divinos braços, ele recolhesse a Segóvia, a sua Leonor, o bem sublime da sua vida, tão inesperadamente adquirido por um instante, recairia logo sob o poder de outro amo!

Que importava! Viessem depois dores e zelos! Aquela noite era esplendidamente sua, o mundo todo uma aparência vã e a única realidade esse quarto de Cabril, mal alumiado, onde ela o esperaria, com os cabelos soltos! Foi com sofreguidão que desceu a escada, se arremessou sobre o seu cavalo. Depois, por prudência, atravessou o adro muito lentamente, com o sombreiro bem levantado da face, como num passeio natural, a procurar fora dos muros a frescura da noite. Nenhum encontro o inquietou até à porta de S. Mauros. Aí, um mendigo, agachado na escuridão dum arco, e que tocava monotonamente a sua sanfona, pediu, em lamúria, à Virgem e a todos os santos que levassem aquele gentil cavaleiro na sua doce e santa guarda. D. Rui parara para lhe atirar uma esmola, quando se lembrou que nessa tarde não fora à igreja, à hora de vésperas, rezar e pedir a bênção à sua divina madrinha. Com um salto, desceu logo do cavalo, porque, justamente, rente ao velho arco, tremeluzia uma lâmpada alumando um retábulo. Era uma imagem da Virgem com um peito traspasado por sete espadas. D. Rui ajoelhou, pousou o sombreiro nas lajes com as mãos erguidas, muito zelosamente, rezou uma Salve-Rainha. O clarão amarelo da Luz envolvia o rosto da Senhora, que, sem sentir as dores dos sete ferros, ou como se eles só dessem inefáveis gozos, sorria com os lábios muito vermelhos. Enquanto rezava, no convento de São Domingos, ao lado, a sineta começou a tocar a agonia. De entre a sombra negra do arco, cessando a sanfona,

o mendigo murmurou: “Lá está um frade a morrer! ” D. Rui disse uma Ave-Maria pelo frade que morria. A Virgem das sete espadas sorria docemente - o toque de agonia não era, pois, de mau presságio! D. Rui cavalgou alegremente e partiu.

Para além da porta de S. Mauros, depois de alguns casebres de oleiros, o caminho seguia, esguio e negro, entre altas piteiras. Por trás das colinas, ao fundo da planície escura, subia o primeiro clarão, amarelo e lânguido, da Lua-cheia, ainda escondida. E D. Rui marchava a passo, receando chegar a Cabril muito cedo, antes que as aias e os moços findassem o serão e o rosário. Por que não lhe marcara D. Leonor a hora, naquela carta tão clara e tão pensada? ... Então a sua imaginação corria adiante, rompia pelo jardim de Cabril, galgava aladamente a escada prometida - e ele largava também atrás, numa carreira sôfrega, que arrancava as pedras do caminho mal junto. Depois sofreaka o cavalo ofegante. Era cedo, era cedo! E retomava o passo penoso, sentindo o coração contra o peito, como ave presa que bate às grades.

Assim chegou ao Cruzeiro, onde a estrada se fendia em duas, mais juntas que as pontas de uma forquilha, ambas cortando através de pinheiral. Descoberto diante da imagem crucificada, D. Rui teve um instante de angústia, pois não se recordava qual delas levava ao Cerro dos Enforcados. Já se embrenhara na mais cerrada, quando, de entre os pinheiros calados, uma luz surgiu, dançando no escuro. Era uma velha em farrapos, com as longas melenas soltas, vergada sobre um bordão e levando uma candeia.

- Para onde vai este caminho? - gritou Rui.

A velha balançou mais ao alto a candeia, para mirar o cavaleiro.

- Para Xarama.

E luz e velha imediatamente se sumiram, fundidas na sombra, como se ali tivessem surgido somente para avisar o cavaleiro do seu caminho errado... Já ele virara arrebatadamente; e, rodeando o Calvário, galopou pela outra estrada mais larga, até avistar, sobre a claridade do céu, os pilares negros, os madeiros negros do Cerro dos Enforcados. Então estacou, direito nos estribos. Num cômore alto, seco, sem erva ou urze, ligados por um muro baixo, todo esbrechado, lá se erguiam, negros, enormes, sobre a amarelidão do luar, os quatro pilares de granito semelhantes aos quatro cunhais duma casa desfeita. Sobre os pilares pousavam quatro grossas traves. Das traves pendiam quatro enforcados negros e rígidos, no ar parado e mudo. Tudo em torno parecia morto como eles.

Gordas aves de rapina dormiam empoleiradas sobre os madeiros. Para além, rebrilhava lividamente a água morta da lagoa das Donas. E, no céu, a Lua ia grande e cheia.

D. Rui murmurou o Padre-Nosso devido por todo o cristão àquelas almas culpadas. Depois impeliu o cavalo, e passava - quando, no imenso silêncio e na imensa solidão, se ergueu, ressoou uma voz, uma voz que o chamava, suplicante e lenta:

- Cavaleiro, detende-vos, vinde cá! ...

D. Rui colheu bruscamente as rédeas e, erguido sobre os estribos, atirou os olhos espantados por todo o sinistro ermo. Só avistou o cerro áspero, a água rebrilhante e muda, os madeiros, os mortos. Pensou que fora ilusão da noite ou ousadia de algum demónio errante. E, serenamente, picou o cavalo, sem sobressalto ou pressa, como numa rua de Segóvia. Mas, por trás, a voz tornou, mais urgentemente o chamou, ansiosa, quase aflita:

- Cavaleiro, esperai, não vos vades, voltaí, chegai aqui! ...

De novo D. Rui estacou e, virado sobre a sela, encarou afoitamente os quatro corpos pendurados das traves. Do lado deles soava a voz, que, sendo humana, só podia sair de forma humana! Um desses enforcados, pois, o chamara, com tanta pressa e ânsia.

Restaria nalguns, por maravilhosa mercê de Deus, alento e vida? Ou seria que, por maior maravilha, uma dessas carcaças meio apodrecidas o detinha para lhe transmitir avisos de Além-da-Campa? ... Mas que a voz rompesse dum peito vivo ou dum peito morto, grande covardia era abalar, espavoridamente, sem a atender e a ouvir.

Atirou logo para dentro do cerro o cavalo, que tremia; e, parando, direito e calmo, com a mão na ilharga, depois de fitar, um por um, os quatro corpos suspensos, gritou:

- Qual de vós, homens enforcados, ousou chamar por D. Rui de Cardenas?

Então aquele que voltava as costas à Lua-cheia respondeu, do alto da corda, muito quieta e naturalmente, como um homem que conversa da sua janela para a rua:

- Senhor, fui eu.

D. Rui fez avançar para diante dele o cavalo. Não lhe distinguia a face, enterrada no peito, escondida pelas longas e negras melenas pendentes. Só percebeu que tinha as mãos soltas e desamarradas, e também soltos os pés nus, já ressequidos e da cor do betume.

- Que me queres?

O enforcado, suspirando, murmurou:

- Senhor, fazei-me a grande mercê de me cortar esta corda em que estou pendurado.

D. Rui arrancou a espada, e de um golpe certo cortou a corda meio apodrecida. Com um sinistro som de ossos entrechocados o corpo caiu no chão, onde jazeu um momento, estirado. Mas, imediatamente, se endireitou sobre os pés mal seguros e ainda dormentes - e ergueu para D. Rui uma face morta, que era uma caveira com a pele muito colada, e mais amarela que a Lua que nela batia. Os olhos não tinham movimento nem brilho. Ambos os beijos se lhe arreganhavam num sorriso empedernido. De entre os dentes, muito brancos, surdia uma ponta de língua muito negra.

D. Rui não mostrou terror, nem asco. E embainhando serenamente a espada:

- Tu estás morto ou vivo? - perguntou.

O homem encolheu os ombros com lentidão:

- Senhor, não sei... Quem sabe o que é a vida? Quem sabe o que é a morte?

- Mas que queres de mim?

O enforcado, com os longos dedos descarnados, alargou o nó da corda que ainda lhe laçava o pescoço e declarou muito serena e firmemente:

- Senhor, eu tenho de ir convosco a Cabril, onde vós ides.

O cavaleiro estremeceu num tão forte assombro, repuxando as rédeas, que o seu bom cavalo se empinou como assombrado também.

- Comigo a Cabril?!...

O homem curvou o espinhaço, a que se viam os ossos todos, mais agudos que os dentes de uma serra, através de um longo rasgão da camisa de estamemha:

- Senhor - suplicou - não mo negueis. Que eu tenho a receber grande salário se vos fizer grande serviço!

Então D. Rui pensou de repente que bem podia ser aquela uma traça formidável do Demônio. E, cravando os olhos muito brilhantes na face morta que para ele se erguia, ansiosa, à espera do seu consentimento - fez um lento e largo Sinal-da-Cruz.

O enforcado vergou os joelhos com assustada reverência:

- Senhor, para que me experimentais com esse sinal? Só por ele alcançamos remissão, e eu só dele espero misericórdia.

Então D. Rui pensou que, se esse homem não era mandado pelo Demônio, bem podia ser mandado por Deus! E logo devotamente, com um gesto submisso em que tudo entregava ao Céu, consentiu, aceitou

o pavoroso companheiro:

- Vem comigo, pois, a Cabril, se Deus te manda! Mas eu nada te pergunto e tu nada me perguntas.

Desceu logo o cavalo à estrada, toda alumiada da Lua. O enforcado seguia ao seu lado, com passos tão ligeiros, que mesmo quando D. Rui galopava ele se conservava rente ao estribo, como levado por um vento mudo. Por vezes, para respirar mais livremente, repuxava o nó da corda que lhe enroscava o pescoço. E, quando passavam entre sebes onde errasse o aroma de flores silvestres, o homem murmurava com infinito alívio e delícia:

- Como é bom correr!

D. Rui ia num assombro, num tormentoso cuidado. Bem compreendia agora que era aquele um cadáver reanimado por Deus, para um estranho e encoberto serviço. Mas para que lhe dava Deus tão medonho companheiro? Para o proteger? Para impedir que D. Leonor, amada do Céu pela sua piedade, caísse em culpa mortal? E, para tão divina incumbência de tão alta mercê, já não tinha o Senhor anjos do Céu, que necessitasse empregar um supliciado? ... Ah! como ele voltaria alegremente a rédea para Segóvia, se não fora a galante lealdade de cavaleiro, o orgulho de nunca recuar e a submissão às ordens de Deus, que sentia sobre si pesarem...

Dum alto da estrada, de repente, avistaram Cabril, as torres do convento franciscano alvejando ao luar, os casais adormecidos entre as hortas. Muito silenciosamente, sem que um cão ladrasse detrás das cancelas ou de cima dos muros, desceram a velha ponte romana. Diante do Calvário, o enforcado caiu de joelhos nas lajes, ergueu os lívidos ossos das mãos, ficou longamente rezando, entre longos suspiros. Depois ao entrar na azinhaga, bebeu muito tempo, e consoladamente, de uma fonte que corria e cantava sob as frondes de um salgueiro. Como a azinhaga era muito estreita, ele caminhava adiante do cavaleiro, todo curvado, os braços cruzados fortemente sobre o peito, sem um rumor.

A Lua ia alta no céu. D. Rui considerava com amargura aquele disco, cheio e lustroso, que espargia tanta claridade, e tão indiscreta, sobre o seu segredo. Ah! Como se estragava a noite que devia ser divina! Uma enorme Lua surdia de entre os montes para tudo alumiar. Um enforcado descia da força para o seguir e tudo saber. Deus assim o ordenara. Mas que tristeza chegar à doce porta, docemente prometida, com tal intruso ao seu lado, sob aquele céu todo claro!

Bruscamente, o enforcado estacou, erguendo o braço, de onde a manga pendia em farrapos. Era o fim da azinhaga que desembocava em caminho mais largo e mais batido: - e diante deles alvejava o comprido muro da quinta do senhor de Lara, tendo aí um mirante, com varandins de pedra e todo revestido de hera.

- Senhor - murmurou o enforcado, segurando com respeito o estribo de D. Rui - logo a poucos passos deste mirante é a porta por onde deveis penetrar no jardim. Convém que aqui deixeis o cavalo, amarrado a uma árvore, se o tendes por seguro e fiel. Que na empresa em que vamos, já é de mais o rumor dos nossos pés! ...

Silenciosamente D. Rui apeou, prendeu o cavalo, que sabia fiel e seguro, ao tronco dum álamo seco.

E tão submisso se tornara àquele companheiro imposto por Deus, que sem outro reparo o foi seguindo rente do muro que o luar batia.

Com vagarosa cautela, e na ponta dos pés nus, avançava agora o enforcado, vigiando do alto do muro, sondando a negrura da sebe, parando a escutar rumores que só para ele eram percebíveis - porque nunca D. Rui conhecera noite mais fundamentalmente adormecida e muda.

E tal susto, em quem devia ser indiferente a perigos humanos, foi lentamente enchendo também o valoroso cavaleiro de tão viva desconfiância, que tirava o punhal da bainha, enroscava a capa no braço e marchava em defesa, com o olhar faiscando, como num caminho de emboscada e briga. Assim chegaram a uma porta baixa, que o enforcado empurrou, e que se abriu sem gemer nos gonzos. Penetraram numa rua ladeada de espessos teixos até a um tanque cheio de água, onde boiavam folhas de nenúfares, e que toscos bancos de pedra circundavam, cobertos pela rama de arbustos em flor.

- Por ali! - murmurou o enforcado, estendendo o braço mirrado.

Era, além do tanque, uma avenida que densas e velhas árvores abobadavam e escureciam. Por ela se meteram, como sombras na sombra, o enforcado adiante, D. Rui seguindo muito subtilmente, sem roçar um ramo, mal pisando a areia. Um leve fio de água sussurrava entre relvas. Pelos troncos subiam rosas trepadeiras, que cheiravam docemente. O coração de D. Rui recomeçou a bater numa esperança de amor.

- Chuta! - fez o enforcado.

E D. Rui quase tropeçou no sinistro homem que estacava, com os braços abertos como as traves de uma cancela. Diante deles quatro degraus de pedra subiam a um terraço, onde a claridade era larga e livre. Agachados, treparam os degraus - e ao fundo dum jardim sem árvores, todo em canteiros de flores bem recortados, orlados de buxo

curto, avistaram um lado da casa batido pela Lua-cheia. Ao meio, entre as janelas de peitoril fechadas, um balcão de pedra, com manjeriões aos cantos, conservava as vidraças abertas, largamente. O quarto, dentro, apagado, era como um buraco de treva na claridade da fachada que o luar banhava. E, arrimada contra o balcão, estava uma escada com degraus de corda.

Então o enforcado empurrou D. Rui vivamente dos degraus para a escuridão da avenida. E aí, com um modo urgente, dominando o cavaleiro, exclamou:

- Senhor! Convém agora que me deis o vosso sombreiro e a capa! Vós quedais aqui na escuridão destas árvores. Eu vou trepar àquela escada e espreitar para aquele quarto... E se for como desejais, aqui voltarei, e com Deus sede feliz...

D. Rui recuou no horror de que tal criatura subisse a tal janela!

E bateu o pé, gritou surdamente:

- Não, por deus!

Mas a mão do enforcado, lívida na escuridão, bruscamente lhe arrancou o sombreiro da cabeça, lhe puxou a capa do braço. E já se cobria, já se embuçava, murmurando agora, numa súplica ansiosa:

- Não mo negueis, senhor, que se vos fizer grande serviço, ganharei grande mercê!

E galgou os degraus! - estava no alumiado e largo terraço.

D. Rui subiu, atontado, e espreitou. E - oh maravilha! - era ele, D. Rui, todo ele, na figura e no modo, aquele homem que, por entre os canteiros e o buxo curto, avançava, airoso e leve, com a mão na cintura, a face erguida risonhamente para a janela, a longa pluma escarlate do chapéu balançando em triunfo. O homem avançava no luar esplêndido. O quarto amoroso lá estava esperando, aberto e negro. E D. Rui olhava, com olhos que faiscavam, tremendo de pasmo e cólera. O homem chegara à escada: destraçou a capa, assentou o pé no degrau de corda! - "Oh! Lá sobe, o maldito! " - rugiu D. Rui. O enforcado subia. Já a alta figura, que era dele, D. Rui, estava a meio da escada, toda negra contra a parede branca. Parou! ... Não! Não parara: subia, chegava, - já sobre o rebordo da varanda pousara o joelho cauteloso. D. Rui olhava, desesperadamente, com os olhos, com a alma, com todo o seu ser ... E eis que, de repente, do quarto negro surge um negro vulto, uma furiosa voz brada: - "vilão, vilão! " - e uma lâmina de adaga faísca, e cai, e outra vez se ergue, e rebrilha, e se abate, e ainda refulge, e ainda se embebe! ... Como um fardo, do alto da escada, pesadamente, o enforcado cai sobre a terra mole. Vidraças, portadas do balcão logo se fecham com fragor. E não houve mais

senão o silêncio, a serenidade macia, a Lua muito alta e redonda no céu de Verão.

Num relance D. Rui compreendera a traição, arrancara a espada, recuando para a escuridão da avenida - quando, oh milagre! Correndo através do terraço, aparece o enforcado, que lhe agarra a manga e grita:

- A cavalo, senhor, e abalar, que o encontro não era de amor, mas de morte! ...

Ambos descem arrebatadamente a avenida, costeiam o tanque sob o refúgio dos arbustos em flor, metem pela rua estreita orlada de teixos, varam a porta - e um momento param, ofegantes, na estrada, onde a Lua, mais refulgente, mais cheia, fazia como um puro dia.

E então, só então, D. Rui descobriu que o enforcado conservava cravada no peito, até aos copos, a adaga, cuja ponta lhe saía pelas costas, luzidia e limpa!... Mas já o pavoroso homem o empurrava, o apressava:

- A cavalo, senhor, e abalar, que ainda está sobre nós a traição!

Arrepiado, numa ânsia de findar aventura tão cheia de milagre e de horror, D. Rui colheu as rédeas, cavalgou sofregamente. E logo, em grande pressa, o enforcado saltou também para a garupa do cavalo fiel. Todo se arrepiou o bom cavaleiro, ao sentir nas suas costas o roçar daquele corpo morto, dependurado de uma forca, atravessado por uma adaga. Com que desespero galopou então pela estrada infundável! Em carreira tão violenta o enforcado nem oscilava, rígido sobre a garupa, como um bronze num pedestal. E D. Rui a cada momento sentia um frio mais regelado que lhe regelava os ombros, como se levasse sobre eles um saco cheio de gelo. Ao passar no cruzeiro murmurou: - “Senhor, valei-me! ” - Para além do cruzeiro, de repente, estremeceu com o quimérico medo de que tão fúnebre companheiro, para sempre, o ficasse acompanhando, e se tornasse seu destino galopar através do mundo, numa noite eterna, levando um morto à garupa... E não se conteve, gritou para trás, no vento da carreira que os vergastava:

- Para onde quereis que vos leve?

O enforcado, encostando tanto o corpo a D. Rui que o magoou com os copos da adaga, segredou:

- Senhor, convém que me deixeis no Cerro!

Doce e infinito alívio para o bom cavaleiro - pois o Cerro estava perto, e já lhe avistava, na claridade desmaiada, os pilares e as traves

negras... Em breve estacou o cavalo, que tremia, branqueado de espuma.

Logo o enforcado, sem rumor, escorregou da garupa, segurou, como bom serviçal, o estribo de D. Rui. E com a caveira erguida, a língua negra mais saída de entre os dentes brancos, murmurou em respeitosa súplica:

- Senhor, fazei-me agora a grande mercê de me pendurar outra vez da minha trave.

D. Rui estremeceu de horror:

- Por Deus! Que vos enforque, eu? ...

O homem suspirou, abrindo os braços compridos:

- Senhor, por vontade de Deus é, e por vontade d'Aquela que é mais cara a Deus!

Então, resignado, submisso aos mandados do Alto, D. Rui apeou - e começou a seguir o homem, que subia para o Cerro pensativamente, vergando o dorso, de onde saía, espetada e luzidia, a ponta da adaga. Pararam ambos sob a trave vazia. Em torno das outras traves pendiam as outras carcaças. O silêncio era mais triste e fundo que os outros silêncios da terra. A água da lagoa enegrecera. A Lua descia e desfalecia.

D. Rui considerou a trave onde restava, curto no ar, o pedaço de corda que ele cortara com a espada.

- Como quereis que vos pendure? - exclamou. - Àquele pedaço de corda não posso chegar com a mão: nem eu só basto para lá vos içar.

- Senhor - respondeu o homem - aí a um canto deve haver um longo rolo de corda. Uma ponta dela ma atareis a este nó que trago no pescoço a outra ponta a arremessareis por cima da trave, e puxando depois, forte como sois, bem me podereis reenforçar.

Ambos curvados, com passos lentos, procuraram o rolo de corda. E foi o enforcado que o encontrou, o desenrolou... Então D. Rui descalçou as luvas. E ensinado por ele (que tão bem o aprendera do carrasco) atou uma ponta da corda ao laço que o homem conservava no pescoço, e arremessou fortemente a outra ponta, que ondeou no ar, passou sobre a trave, ficou pendurada rente ao chão. E o rijo cavaleiro, fincando os pés, retesando os braços, puxou, içou o homem, até ele se quedar, suspenso, negro no ar, como um enforcado natural entre os outros enforcados.

- Estais bem assim?

Lenta e sumida, veio a voz do morto:

- Senhor, estou como devo.

Então D. Rui, para o fixar, enrolou a corda em voltas grossas ao pilar de pedra. E tirando o sombreiro, limpando com as costas da mão o suor que o alagava, contemplou o seu sinistro e miraculoso companheiro. Estava já rígido como antes, com a face pendida sob as melenas caídas, os pés inteiriçados, todo puído e carcomido como uma velha carcaça. No peito conservava a adaga cravada. Por cima, dois corvos dormiam quietos.

- E agora que mais quereis? - perguntou D. Rui, começando a calçar as luvas.

Sumidamente, do alto, o enforcado murmurou:

- Senhor, muito vos rogo agora que, ao chegar a Segóvia, tudo conteis fielmente a Nossa Senhora do Pilar, vossa madrinha, que dela espero grande mercê para a minha alma, por este serviço que, a seu mandado, vos fez o meu corpo!

Então, D. Rui de Cardenas tudo compreendeu - e, ajoelhando devotamente sobre o chão de dor e morte, rezou uma longa oração por aquele bom enforcado.

Depois galopou para Segóvia. A manhã clareava, quando ele transpôs a porta de S. Mauros. No ar fino os sinos claros tocavam a matinas. E entrando na igreja de Nossa Senhora do Pilar, ainda no desalinho da sua terrível jornada, D. Rui, de rojo ante o altar, narrou à sua Divina Madrinha a ruim tenção que o levava a Cabril, o socorro que do Céu recebera, e, com quentes lagrimas de arrependimento e gratidão, lhe jurou que nunca mais poria desejo onde houvesse pecado, nem no seu coração daria entrada a pensamento que viesse do Mundo e do Mal.

IV

A essa hora, em Cabril, D. Alonso de Lara, com olhos esbugalhados de pasmo e terror, esquadrihava todas as ruas e recantos e sombras do seu jardim.

Quando ao alvorecer, depois de escutar à porta da câmara onde nessa noite encerrara D. Leonor, ele descera subtilmente ao jardim e não encontrara, debaixo do balcão, rente à escada, como deliciosamente esperava, o corpo de D. Rui de Cardenas, teve por certo que o homem odioso, ao tombar, ainda com um resto débil de vida, se arrastara

sangrando e arquejando, na tentativa de alcançar o cavalo e abalar de Cabril... Mas, com aquela rija adaga que ele três vezes lhe enterrara no peito, e que no peito lhe deixara, não se arrastaria o vilão por muitas jardas, e nalgum canto devia fazer frio e inteiriçado. Rebuscou então cada rua, cada sombra, cada maciço de arbustos. E - maravilhoso caso! - não descobria o corpo, nem pegadas, nem terra que houvesse sido remexida, nem sequer rasto de sangue sobre a terra! E todavia, com mão certa e faminta de vingança, três vezes ele lhe embebera a adaga no peito, e no peito lhe deixara!

E era Rui de Cardenas o homem que ele matara - que muito bem o conhecera logo, do fundo apagado do quarto de onde espreitava, quando ele, à claridade da Lua, veio através do terraço, confiado, ligeiro, com a mão na cintura, a face risonhamente erguida e a pluma do sombreiro meneando em triunfo! Como podia ser coisa tão rara - um corpo mortal sobrevivendo a um ferro, que três vezes lhe vara o coração e no coração lhe fica cravado? E a maior raridade era que nem no chão, debaixo da varanda, onde corria ao longo do muro uma tira de goivos e cecéns, deixar um vestígio daquele corpo forte, caindo de tão alto pesadamente, inertemente, como um fardo! Nem uma flor machucada - todas direitas, viçosas, como novas, com gotas leves de orvalho! Imóvel de espanto, quase de terror, D. Alonso de Lara ali parava, considerando o balcão, medindo a altura da escada, olhando esgazeadamente os goivos direitos, frescos, sem uma haste ou folha vergada. Depois recomeçava a correr loucamente o terraço, a avenida, a rua de teixos, na esperança ainda duma pegada, dum galho partido, de uma nódoa de sangue na areia fina.

Nada! Todo o jardim oferecia um desusado arranjo e limpeza nova, como se sobre ele nunca houvesse passado nem o vento que desfolha, nem o sol que murcha.

Então, ao entardecer, devorado pela incerteza e mistério, tomou um cavalo, e sem escudeiro ou cavaliço, partiu para Segóvia. Curvado e escondidamente, como um foragido, penetrou no seu palácio pela porta do pomar: e o seu primeiro cuidado foi correr à galeria de abóbada, destrancar as portadas da janela e espreitar avidamente a casa de D. Rui de Cardenas. Todas as gelosias da valha morada do arcediago estavam escuras, abertas, respirando a fresquidão da noite: - e à porta, sentado num banco de pedra, um moço de cavaliço afinava preguiçosamente a bandurra.

D. Alonso de Lara desceu à sua câmara, lívido, pensando que não houvera certamente desgraça em casa onde todas as janelas se abrem para refrescar, e no portão da rua os moços folgavam. Então bateu as

palmas, pediu furiosamente a ceia. E, apenas sentado, ao topo da mesa, na sua alta sede de couro lavrado, mandou chamar o intendente, a quem ofereceu logo, com estranha familiaridade, um copo de vinho velho. Enquanto o homem, de pé, bebia respeitosamente, D. Alonso, metendo os dedos pelas barbas e forçando a sua sombria face a sorrir, perguntava pelas novas e rumores de Segóvia. Nesses dias da sua estada em Cabril, nenhum caso criara pela cidade espanto e murmuração? ... O intendente limpou os beiços, para afirmar que nada ocorrera em Segóvia de que andasse murmuração, a não ser que a filha do senhor D. Gutierrez, tão moça e tão rica herdeira, tomara o véu do convento das Carmelitas Descalças. D. Alonso insistia, fitando vorazmente o intendente. E não se travara uma grande briga? ... não se encontrara ferido, na estrada de Cabril, um cavaleiro moço, muito falado?... O intendente encolhia os ombros: nada ouvira, pela cidade, de brigas ou de cavaleiros feridos. Com um aceno desabrido D. Alonso despediu o intendente.

Apenas ceara, parcamente, logo voltou à galeria a espreitar as janelas de D. Rui. Estavam agora cerradas; na última, da esquina, tremeluzia uma claridade. Toda a noite D. Alonso velou, remoendo incansavelmente o mesmo espanto. Como pudera escapar aquele homem, com uma adaga atravessada no coração? Como pudera? ... Ao luzir da manhã, tomou uma capa, um largo sombreiro, desceu ao adro, todo embuçado e encoberto, e ficou rondando por diante da casa de D. Rui. Os sinos tocaram a matinas. Os mercadores, com os gibões mal abotoados, saíam a erguer as portadas das lojas, a pendurar as tabuletas. Já os hortelões, picando os burros carregados de seiras, atiravam os pregões da hortalica fresca, e frades descalços, com o alforge aos ombros, pediam esmola, benziavam as moças.

Beatas embiocadas, com grossos rosários negros, enfiavam gulosamente para a igreja. Depois o pregoeiro da cidade, parando a um canto do adro, tocou uma buzina, e numa voz tremenda começou a ler um edital.

O senhor de Lara parara junto do chafariz, pasmado, como embebido no cantar das três bicas de água. De repente pensou que aquele edital, lido pelo pregoeiro da cidade, se referia talvez a D. Rui, ao seu desaparecimento... Correu à esquina do adro - mas já o homem enrolara o papel, se afastava majestosamente, batendo nas lajes com a sua vara branca. E, quando se voltava para espiar de novo a casa, eis que os seus olhos atônitos encontram D. Rui, D. Rui que ele matara - e que vinha caminhando para a igreja de Nossa Senhora, ligeiro, airoso, a face risonha e erguida no fresco ar da manhã, de gibão claro, de plumas claras, com uma das mãos pousando na cinta, a outra meneando distraidamente um bastão com borlas de torçal de ouro!

D. Alonso recolheu então a casa com passos arrastados e envelhecidos. No alto da escadaria de pedra, achou o seu velho capelão, que o viera saudar, e que, penetrando com ele na antecâmara, depois de pedir, com reverência, novas da senhora D. Leonor, lhe contou logo dum prodigioso caso, que causava pela cidade grave murmuração e espanto. Na véspera, de tarde, indo o corregedor visitar o cerro das forças, pois se acercava a festa dos Santos Apóstolos, descobrira, com muito pasmo e muito escândalo, que um dos enforcados tinha uma adaga cravada no peito! Fora gracejo de um pícaro sinistro? Vingança que nem a morte saciara? ... E para maior prodígio ainda, o corpo fora pendurado da forca, arrastado em horta ou jardim (pois que presas aos velhos farrapos se encontraram folhas tenras) e depois novamente enforcado e com corda nova! ... E assim ia a turbulência dos tempos, que nem os mortos se furtavam a ultrajes!

D. Alonso escutava com as mãos a tremer, os pelos arrepiados. E imediatamente, numa ansiosa agitação, bradando, tropeçando contra as portas, quis partir, e por seus olhos verificar a fúnebre profanação. Em duas mulas ajaezadas à pressa, ambos abalaram para o Cerro dos Enforcados, ele e o capelão arrastado e aturdido. Numeroso povo de Segóvia se juntara já no Cerro, pasmando para o maravilhoso horror - o morto que fora morto! ... Todos se arredaram ante o nobre senhor de Lara, que arremessando-se pelo cabeça acima, estacara a olhar, esgazeado e lívido, para o enforcado e para a adaga que lhe varava o peito. Era a sua adaga: - fora ele que matara o morto!

Galopou espavoridamente para Cabril. E aí se encerrou com o seu segredo, começando logo a amarelecer, a definhar, sempre arredado da senhora D. Leonor, escondido pelas ruas sombrias do jardim, murmurando palavras ao vento, até que na madrugada de S. João uma serva, que voltava da fonte com a sua bilha, o encontrou morto, por baixo do balcão de pedra, todo estirado no chão, com os dedos encravados no canteiro de goivos, onde parecia ter longamente esgaravatado a terra, a procurar...

V

Para fugir a tão lamentáveis memórias, a senhora D. Leonor, herdeira de todos os bens da casa de Lara, recolheu ao seu palácio de Segóvia. Mas como agora sabia que o senhor D. Rui de Cardenas escapara miraculosamente à emboscada de Cabril, e como cada manhã, espreitando de entre as gelosias, meio cerradas, o seguia, com olhos que se não fartavam e se humedeciam, quando ele cruzava o adro para entrar na igreja, não quis ela, com receio das pressas e impaciências

do seu coração, visitar a Senhora do Pilar enquanto durasse o seu luto. Depois, uma manhã de domingo, quando, em vez de crepes negros, se pôde cobrir de sedas roxas, desceu a escadaria do seu palácio, pálida de uma emoção nova e divina, pisou as lajes do adro, transpôs as portas da igreja. D. Rui de Cardenas estava ajoelhado diante do altar, onde depusera o seu ramo votivo de cravos amarelos e brancos. Ao rumor das sedas finas, ergueu os olhos com uma esperança muito pura e toda feita de graça celeste, como se um anjo o chamasse. D. Leonor ajoelhou, com o peito a arfar, tão pálida e tão feliz que a cera das tochas não era mais pálida, nem mais felizes as andorinhas que batiam as asas livres pelas ogivas da velha igreja.

Ante esse altar, e de joelhos nessas lajes, foram eles casados pelo bispo de Segóvia, D. Martinho, no Outono do ano da Graça de 1475, sendo já reis de Castela Isabel e Fernando, muito fortes e muito católicos, por quem Deus operou grandes feitos sobre a terra e sobre o mar.

CHAPÉU DO ESPECIALISTA – Kelly Lynch

Quando estás Morta – disse Samantha, – não é preciso lavar os dentes...

– Quando estás Morta – disse Claire, – vives numa caixa, está sempre escuro, mas nunca tens medo.

Claire e Samantha eram gémeas idênticas. As suas idades combinadas somavam vinte anos, quatro meses e seis dias. Claire era melhor a fazer de Morta que Samantha.

A babá bocejou, cobrindo a mão com uma longa mão branca.

– Eu disse que estava na hora de lavar os dentes e ir para a cama – respondeu.

Estava sentada de pernas cruzadas sobre a coberta florida da cama no meio das duas meninas. Tinha estado a ensinar-lhes um jogo de cartas chamado Pounce, que envolvia três baralhos de cartas, um para cada jogadora. O baralho de Samantha não tinha o Valete de Espadas nem o Duque de Copas e Claire continuava a fazer batota. Mesmo assim, a baby-sitter ganhava todos os jogos. Ainda tinha salpicos de creme de barbear seco e papel higiénico nos braços.

Assim de repente, era difícil dizer que idade tinha – primeiro pensaram que ela já devia ser crescida, mas agora parecia ser pouco mais velha que elas. Samantha já se tinha esquecido do nome da babá.

O rosto de Claire tinha uma expressão obstinada.

– Quando estás Morta – disse – podes ficar acordada a noite toda.

– Quando estás Morta – ripostou a babá com rispidez – tudo é muito frio e úmido e tens de estar muito, mas mesmo muito, quieta senão o Especialista vem buscar-te.

– Esta casa está assombrada – disse Claire.

– Eu sei que está – respondeu a babá. – Eu costumava viver aqui.

*Alguma coisa está a subir as escadas,
Alguma coisa está atrás da porta,
Alguma coisa está a chorar, a chorar no escuro;*

Alguma coisa está a suspirar no outro lado do quarto.

Claire e Samantha estavam a passar o verão com o pai, numa casa chamada Oito Chaminés. A mãe delas já morreu. Estava morta há exatamente 282 dias.

O pai das meninas estava a escrever a história das Oito Chaminés e a do poeta Charles Cheatham Rash, que viveu naquela casa por alturas da virada do século; Charles fugiu para o mar quando tinha treze anos e regressou quando tinha trinta e oito. Casou, teve um filho, escreveu três volumes de poesia obscura e de má qualidade, escreveu até um romance ainda mais fraco e tenebroso, *Aquele Que Me Observa Através da Janela*, antes de voltar a desaparecer em 1907, desta vez para sempre. O pai de Samantha e Claire dizia que alguma da poesia até se conseguia ler e que pelo menos o romance não era muito grande.

Quando Samantha lhe perguntou por que motivo estava a escrever sobre Rash, o pai respondeu que ainda ninguém o tinha feito e disse-lhe que fosse brincar com Samantha para a rua. Quando a menina esclareceu que era a Samantha, o pai franziu o sobrolho e perguntou como devia ele saber quem era quem quando andavam as duas vestidas de calças de ganga e camisas de flanela e por que razão não podia uma delas vestir-se toda de verde e a outra toda de cor-de-rosa?

Claire e Samantha gostavam mais de brincar dentro de casa. A Oito Chaminés era tão grande como um castelo, mas muito mais empoeirada e escura do que como Samantha imaginava que um castelo seria. Havia mais sofás, mas pastorinhas de porcelana com os dedos lascados, menos armaduras. E não havia fosso.

A casa estava aberta ao público e, durante o dia, as pessoas e famílias que passavam pela Alameda Blue Ridge paravam para visitar os jardins e o primeiro andar; o terceiro andar pertencia a Claire e Samantha.

Por vezes brincavam aos exploradores, outras vezes seguiam o caseiro enquanto ele fazia as visitas guiadas aos turistas. Ao fim de algumas semanas já tinham memorizado o discurso dele e iam fazendo os gestos com a boca enquanto ele falava. Ajudavam-no a vender postais e cópias dos poemas de Rash às famílias de turistas que entravam na pequena loja de lembranças.

Quando as mães lhes sorriam e lhes diziam como eram queridas, as gêmeas devolviam o olhar, mas não diziam nada. A luz débil da casa fazia as mães parecerem pálidas, frágeis e cansadas. Quando saíam das Oito Chaminés, as mães e as famílias já não pareciam tão reais como

antes de pagarem o bilhete de entrada, e como era óbvio que Claire e Samantha nunca mais os voltariam a ver, talvez eles não fossem mesmo reais. Era melhor ficarem dentro de casa, queriam dizer às famílias, e se tiverem de sair, então que vão diretamente para os carros.

O caseiro dizia que a floresta não era segura.

O pai ficava na biblioteca do segundo andar durante toda a manhã, a escrever, e à tarde dava grandes passeios. Levava com ele um pequeno gravador portátil e uma garrafa de bolso com Gentleman Jack, mas nunca levava Samantha e Claire.

O caseiro das Oito Chaminés era o senhor Coeslak. A sua perna esquerda era notoriamente mais curta que a direita. Usava um daqueles sapatos com tacão. Cabelos curtos e negros cresciam-lhe nos ouvidos e no nariz embora no cimo da cabeça não tivesse um único cabelo, mas deu autorização a Samantha e Claire para explorarem a casa toda. Foi o senhor Coeslak quem disse às gémeas que na floresta existiam cobras venenosas e que a casa era assombrada. Disse que eram todos, cobras e fantasmas, um bando de mal-humorados e que Samantha e Claire deviam manter-se nos trilhos marcados e longe do sótão.

O senhor Coeslak conseguia distinguir as gémeas, mesmo que o pai não o conseguisse fazer; os olhos de Claire eram cinzentos, como o pêlo dos gatos, dizia, mas os de Samantha eram cinzentos como o oceano, quando chovia.

No segundo dia que passaram nas Oito Chaminés, Samantha e Claire foram passear para a floresta. E viram qualquer coisa. Samantha pensou tratar-se de uma mulher, mas Claire disse que era uma cobra. A escadaria que dava acesso ao sótão foi fechada à chave. Espreitaram pelo buraco da fechadura, mas estava demasiado escuro para verem o que quer que fosse

Assim, ele tinha uma mulher e diziam que era realmente bonita. Havia outro homem que queria ir com ela; inicialmente ela não quis, porque tinha medo do marido, mas depois foi. O marido descobriu e dizem que matou uma cobra, arranjou um pouco do sangue dela e colocou-o num copo de uísque que ofereceu à mulher. Tinha aprendido isto com um ilhéu que andara com ele num barco.

Cerca de seis meses depois, as cobras criaram-se no interior da mulher e começaram a sair por entre a carne e a pele dela. Dizem que se conseguia ver as cobras a serpentear para cima e para baixo nas suas pernas. Dizem que ela ficou com o corpo todo oco e assim continuou até

morrer. Pois o meu papá diz que a viu.

– História Oral das Oito Chaminés

A casa Oito Chaminés tinha mais de duzentos anos. Recebera o nome devido às oito chaminés que tinha, cada uma delas suficientemente grande para que Samantha e Claire coubessem ambas numa única lareira. As chaminés eram feitas de tijolo vermelho e em cada andar da casa existiam oito lareiras, o que perfazia um total de vinte e quatro. Samantha imaginava as chaminés a estender-se como robustos troncos vermelhos de árvores, bem até ao cimo através do telhado de lousa da casa. Ao lado de cada lareira havia um suporte de troncos, pesado e negro, e um conjunto de instrumentos de ferro forjado para atizar o fogo, com a forma de cobra. Claire e Samantha faziam de conta que lutavam com os atizadores-cobra em frente à lareira do seu quarto, no terceiro andar. O vento elevava-se na parte de trás da chaminé. Quando as gémeas enfiavam as cabeças na lareira, conseguiam sentir o ar úmido a elevar-se até lá cima, como se fosse um rio. O cano da chaminé cheirava a velho, a fuligem e a humidade, como as pedras do rio.

O quarto delas fora outrora um berçário. Dormiam juntas numa cama de dossel que se assemelhava a um navio com quatro mastros. Cheirava a bolas de naftalina e Claire dava pontapés à irmã enquanto dormia. Charles Cheatham Rash dormira ali quando era pequeno, assim como a sua filha. Ela desapareceu ao mesmo tempo que o pai. Talvez tivesse algo que ver com as dívidas do jogo. Podiam ter-se mudado para Nova Orleães. O senhor Coeslak disse que ela tinha catorze anos. Claire perguntou como se chamava a rapariga. Samantha queria saber o que aconteceu com a mãe dela. O senhor Coeslak fechou os olhos, quase piscando-os. A senhora Rash morrera um ano antes de o marido e a filha desaparecerem, de uma doença misteriosamente debilitante. Não se conseguia recordar do nome da pobre menina, disse.

A casa Oito Chaminés tinha exatamente cem janelas, todas ainda com os vidros ondulantes originais soprados pelos artesãos. Samantha pensava que, com tantas janelas, Oito Chaminés devia estar sempre inundada de luz, mas ao invés disso, as árvores amontoavam-se muito perto da casa, por isso as salas do primeiro, segundo e até do terceiro andar eram verdes e sombrias, como se Samantha e Claire vivessem nas profundezas do oceano.

Era esta luz que fazia com que os turistas parecessem fantasmas. De manhã e depois novamente à tarde, instalava-se um nevoeiro em

redor da casa. Por vezes era cinzento como os olhos de Claire e outras vezes era cinzento como os olhos de Samantha.

*Conheci uma mulher na floresta,
Os seus lábios eram duas serpentes vermelhas.
Ela sorriu-me, os seus olhos eram lascivos
E queimavam como fogo.*

Há algumas noites uma brisa suspirava na chaminé do berçário. O pai já as tinha ido aconchegar e desligar a luz. Claire desafiou Samantha a enfiar a cabeça na chaminé, no escuro, e ela aceitou o desafio.

O ar frio e úmido fustigou-lhe o rosto e quase parecia ouvir vozes a falar baixinho, a murmurar. Não conseguia entender muito bem o que elas diziam.

O pai ignorara Claire e Samantha quase inteiramente desde que elas chegaram a Oito Chaminés. Ele nunca falava da mãe delas. Uma certa noite ouviram-no gritar na biblioteca e quando desceram as escadas, havia uma grande mancha pegajosa no tampo da secretária, onde um copo de uísque tinha sido derrubado.

– Estava a olhar para mim – disse ele – através da janela. Tinha olhos alaranjados.

Samantha e Claire conseguiram impedir-se de mencionar que a biblioteca ficava no segundo andar.

À noite, o hálito do pai estava adocicado pela bebida; ele passava cada vez mais tempo na floresta e menos tempo na biblioteca. Ao jantar, que consistia normalmente de cachorros quentes e feijão cozido em lata, comidos em pratos de papel na sala de jantar do primeiro andar, por baixo do lustre austríaco (que tinha exatamente 632 cristais com chumbo na forma de lágrimas), o pai recitava poesia de Charles Cheatham Rash, que nem Samantha nem Claire apreciavam.

O pai andava a ler os diários de bordo que Rash mantivera e disse que descobriu provas de como o poema mais famoso de Rash, “*O Chapéu do Especialista*”, não era um poema e nem sequer fora escrito por Rash. Era uma coisa que um dos homens do baleeiro costumava dizer, para conjurar as baleias. Rash limitou-se a copiá-lo, a arranjar-lhe um final e a dizer que era da sua autoria.

O homem era de Mulatuppu, que era um lugar que nem Samantha nem Claire nunca tinham ouvido falar. O pai disse que o homem era tido como uma espécie de feiticeiro, mas afogou-se pouco tempo antes de Rash regressar à casa Oito Chaminés. O pai contou que os restantes

marinheiros queriam deitar a arca do feiticeiro borda fora, mas Rash convenceu-os a deixarem-no ficar com ela até que pudesse desembarcar, juntamente com a arca, na costa da Carolina do Norte.

*O chapéu do especialista faz um barulho como uma cutia;
O chapéu do especialista faz um barulho como um javali;
O chapéu do especialista faz um barulho como um porco-bravo;
O chapéu do especialista faz um barulho como um tapir;
O chapéu do especialista faz um barulho como um coelho;
O chapéu do especialista faz um barulho como um esquilo;
O chapéu do especialista faz um barulho como um jacaré;
O chapéu do especialista geme como uma baleia na água;
O chapéu do especialista geme como o vento no cabelo da minha mulher;
O chapéu do especialista faz um barulho como uma cobra;
Pendurei o chapéu do especialista na minha parede.*

O motivo pelo qual Claire e Samantha tinham uma babá era porque o pai conhecera uma mulher na floresta. Ia encontrar-se com ela naquela noite, para fazerem um jantar piquenique e admirarem as estrelas. Era naquela altura do ano que as chuvas de meteoritos se podiam observar a cair através do céu, nas noites claras. O pai disse-lhes que passeava com a mulher todas as tardes. Era uma parente afastada de Rash e além disso, disse o pai, ele também precisava de conversar um pouco com outros adultos.

O senhor Coeslak não ficava na casa depois de escurecer, mas concordou em encontrar alguém para ficar com Samantha e Claire. Depois, o pai não conseguia encontrar o senhor Coeslak, mas a babá apareceu em casa às sete em ponto.

A babá, cujo nome nenhuma das gémeas conseguiu apanhar, usava um vestido de algodão azul com mangas esvoaçantes. Samantha e Claire acharam que ela era bonita de um modo um pouco antiquado.

Estavam na biblioteca com o pai, à procura de Mulatuppu no atlas de capas de couro vermelho, quando ela chegou. Não bateu na porta da frente, limitou-se a entrar e a subir as escadas, como se soubesse onde os ia encontrar.

O pai deu-lhes um beijo de boa noite, uma beijoca rápida, disse-lhes para se portarem bem e que no fim-de-semana ia levá-las à cidade para verem o filme da Disney. As gémeas foram para a janela para observarem a entrar na floresta.

Já estava a ficar escuro e os pirilampos já voavam, minúsculas

fagulhas amarelas vivas que pairavam no ar. Ela ergueu o sobrolho.

– Muito bem – disse. – Que tipo de jogos gostam de jogar?

*Correrias em redor das chaminés,
Uma vez, duas vezes, outra vez.
Os raios estalam na bicicleta como o relógio;
Contam os dias que faltam na vida de um homem.*

Primeiro jogaram à Pesca, a seguir aos Oitos Loucos, depois transformaram a babá numa múmia colocando creme de barbear do pai nos braços e pernas e envolvendo-a depois em papel higiénico.

Era a melhor babá que alguma vez tiveram.

Às nove e meia tentou deitá-las. Nem Claire nem Samantha queriam ir para a cama, por isso começaram a jogar o jogo da Morta. O jogo da Morta era um jogo de faz de conta que jogavam há já 274 dias consecutivos, mas nunca em frente do pai ou de qualquer outro adulto. Quando estão Mortas, podem fazer tudo o que lhes apetece. Até podem voar, saltando da cama do berçário e agitando os braços. Se praticassem bastante, um dia haviam de conseguir.

O jogo da Morta tinha três regras. Primeira: os números são significativos. As gémeas mantinham uma lista de números importantes num caderno de endereços verde que pertencera à sua mãe. As visitas guiadas do senhor Coeslak eram uma boa fonte de quantidades e registos significativos: estavam por isso, a escrever uma história trágica dos números.

Segunda: as gémeas não jogavam o jogo da Morta em frente aos adultos. Tinham estado a avaliar a babá e decidiram que ela não contava. Puseram-na ao corrente das regras.

A terceira era a regra mais importante. Quando se está Morta, não é preciso ter medo de nada. Samantha e Claire não sabiam muito bem quem era o Especialista, mas não tinham medo dele.

Para se tornarem Mortas, sustinham a respiração enquanto contavam até 35, que era a idade que a mãe tinha quando morreu, isto sem contar com alguns dias.

– Tu nunca viveste aqui – disse Claire. – O senhor Coeslak vive aqui.

– À noite não – respondeu a babá. – Quando era pequena, este era o meu quarto.

– A sério? – Perguntou Samantha.

– Prova-o – desafiou Claire.

A babá olhou para Samantha e para Claire, como se estivesse a tirá-lhes as medidas: que idade tinham, quão espertas, corajosas e altas eram. Depois acenou com a cabeça. O vento soprava pelo tubo da chaminé e sob a luz difusa do berçário conseguiam ver os fiapos leitosos do nevoeiro que saía da lareira.

– Coloquem-se de pé dentro da chaminé – instruiu-as. – Estiquem a cabeça o mais que forem capazes e vão encontrar um pequeno orifício do lado esquerdo, com uma chave lá dentro.

Samantha olhou para Claire, que disse:

– Vai lá.

Claire era quinze minutos e alguns segundos não contabilizados mais velha que Samantha, por isso podia dizer-lhe o que fazer. Samantha recordou-se das vozes que murmuravam, mas depois lembrou-se que estava Morta. Aproximou-se da lareira e baixou-se para entrar lá para dentro.

Quando Samantha se levantou no interior da chaminé, só conseguia ver um cantinho do quarto. Consequia ver as franjas do tapete azul puído, uma perna da cama e, ao lado dela, o pé de Claire, a balançar para a frente e para trás como um metrónomo. O atacador do sapato de Claire estava desatado e tinha um penso rápido no tornozelo. De dentro da chaminé, tudo parecia muito agradável e pacífico, como um sonho e por instantes quase desejou não ter de estar Morta. Mas a verdade era que assim era mais seguro.

Levantou a mão esquerda tão alto quanto possível ao longo da parede rugosa, até que sentiu um entalhe. Pensou em aranhas, dedos cortados e lâminas ferrugentas, mas depois enfiou a mão no orifício. Manteve os olhos baixos, focados no cantinho do quarto e no pé agitado de Claire.

No interior do buraco estava uma chave minúscula e fria, com os dentes virados para fora. Samantha tirou-a e baixou-se para regressar ao quarto.

– Ela não estava a mentir – disse Claire.

– Claro que não estava a mentir – respondeu a babá. – Quando estás Morta, não podes dizer mentiras.

– A não ser que queiras fazê-lo – disse Claire.

Desolador e terrível bate o mar contra o cais.

Sinistra e gotejante é a neblina que está à porta.

O relógio da parede bate a uma, as duas, as três, as quatro.

A manhã não chega, não, nunca, nunca mais.

Samantha e Claire iam acampar todos os verões durante três semanas desde que completaram sete anos. Este ano, o pai não lhes perguntou se queriam ir e, depois de discutirem o assunto, decidiram que era melhor assim. Não queriam ser obrigadas a explicar a todos os amigos que agora eram parcialmente órfãs.

Estavam habituadas a serem motivo de inveja, por serem gémeas idênticas. Não queriam agora ser alvo da pena dos outros.

Ainda nem se tinha passado um ano mas Samantha apercebera-se que estava a esquecer-se de como era a mãe. Não tanto do seu rosto, mas do seu cheiro, que era qualquer coisa como feno seco, Chanel Nº 5 e algo mais. Não se recordava se a mãe tinha os olhos cinzentos como os dela, ou cinzentos como os de Claire.

Já não sonhava com a mãe, mas sonhava com o Príncipe Encantado, um baio que montou em certa ocasião, numa exibição de cavalos no acampamento. No seu sonho, o Príncipe Encantado não cheirava nada como os cavalos. Cheirava a Chanel Nº 5. Quando estava Morta, podia ter todos os cavalos que queria e todos cheiravam a Chanel Nº 5.

– De que fechadura é esta chave? – Perguntou Samantha.

A babá estendeu a mão.

– Da porta do sótão. Na verdade, não precisamos dela, mas é mais fácil ir pelas escadas do que pela chaminé. Pelo menos da primeira vez.

– Não nos vais obrigar a ir para a cama? – Perguntou Claire.

A babá ignorou-a.

– O meu pai costumava fechar-me no sótão quando eu era pequena, mas eu não me importava. Havia lá uma bicicleta e eu andava nela, contornando as chaminés, até a minha mãe me deixar sair outra vez.

Vocês sabem andar de bicicleta?

– Claro – respondeu Claire.

– Se andarem suficientemente depressa, o Chapéu do Especialista não vos consegue apanhar.

– O que é o Especialista? – Perguntou Samantha.

As bicicletas não eram más, mas os cavalos conseguiam andar mais depressa.

– O Especialista usa um chapéu – respondeu a babá. – O chapéu faz barulhos.

E não disse mais nada.

*Quando estás morta, a relva que cobre a tua campa
É mais verde. O vento é mais cortante.
Os teus olhos enterram-se, a carne apodrece.
Começas a habituar-te à lentidão; esperas os atrasos.*

O sótão era de alguma forma maior e mais solitário do que Samantha e Claire julgavam. A chave da babá abriu a porta fechada ao fundo do corredor, revelando um lanço estreito de escadas.

Fez-lhes sinal para que avançassem e subissem.

O sótão não era tão escuro como imaginavam. Os carvalhos que bloqueavam a luz e tornavam os três primeiros andares tão sombrios, verdes e misteriosos durante o dia, não chegavam até ali acima. Um luar extravagante, empoeirado e pálido, entrava em raios através das janelas salientes do telhado. Iluminava toda a extensão do sótão, que tinha comprimento suficiente para conter um campo de softbol, ladeado por baús onde Samantha imaginou que as pessoas se podiam sentar, esconder ou observar. O teto era inclinado, empalado pelas oito colunas grossas das chaminés. De alguma forma, as chaminés pareciam demasiado vivas para estarem contidas naquele espaço vazio e negligenciado; embatiam quase com fúria pelo telhado e chão do sótão. Sob o luar, pareciam respirar.

– São tão bonitas – disse ela.

– Qual destas chaminés é a do berçário? – Perguntou Claire.

A babá apontou para o aglomerado mais próximo à sua direita.

– É aquela – respondeu. – Passa pelo salão de baile no primeiro andar, pela biblioteca e pelo berçário.

Pendurado num prego na chaminé do berçário estava um longo objeto preto. Tinha um aspeto amolgado e pesado, como se estivesse cheio de coisas. A baby-sitter tirou-o e revirou-o por entre os dedos. O objeto preto tinha buracos e assobiava lamentosamente enquanto ela o virava.

– O chapéu do Especialista – anunciou.

– Isso não se parece com um chapéu – disse Claire. – Não se parece com nada de nada. – Decidiu-se a passar uma vista de olhos às caixas e baús que estavam empilhados contra a parede do fundo.

– É um chapéu especial – disse a babá. – Não deve parecer-se com nada. Mas é capaz de soar como qualquer coisa que possas imaginar. Foi o meu pai quem o fez.

– O nosso pai escreve livros – disse Samantha.

– O meu pai também escrevia. – A baby-sitter pendurou o chapéu no prego. E ele enroscou-se sombriamente contra a chaminé. Samantha olhou fixamente para ele. E o chapéu relinchou para ela. – Ele era um mau poeta, mas ainda era pior feiticeiro.

No verão passado, Samantha desejou mais que tudo que pudesse ter um cavalo. Achou que desistiria de tudo por um cavalo – nem mesmo ser gêmea era tão bom como ter um cavalo. Continuava sem ter um cavalo, mas também não tinha mãe e não conseguia deixar de pensar se a culpa seria sua. O chapéu voltou a relinchar, ou talvez fosse o vento na chaminé.

– O que lhe aconteceu? – perguntou Claire.

– Depois de ele ter feito o chapéu, o Especialista veio e levou-o com ele. Eu escondi-me na chaminé do berçário enquanto o Especialista andava à procura dele, mas a mim não me encontrou.

– E não tiveste medo?

Ouviu-se um estrépito, um tremor, um ruído seco. Claire encontrou a bicicleta da babá e estava a trazê-la em direção a elas, pelo guiador. A babá encolheu os ombros.

– Regra número três – disse.

Claire arrancou o chapéu do prego.

– Eu sou o Especialista! – Exclamou, colocando o chapéu na cabeça.

O chapéu caiu-lhe por cima dos olhos, com a aba mole e sem forma cosida com pequenos botões assimétricos que apanhavam e refletiam o luar como dentes.

Samantha olhou novamente e viu que eram realmente dentes. Sem os contar, soube de imediato que eram exatamente cinquenta e dois dentes e que pertenceram às cutias, jacarés, porcos-bravos e à mulher de Charles Cheatham Rash. As chaminés gemiam e a voz de Claire troava surdamente por baixo do chapéu.

– Fugam ou vou apanhar-vos! Vou devorar-vos!

Samantha e a babá fugiram, rindo enquanto Claire montou a bicicleta enferrujada e barulhenta e pedalou loucamente na direção delas. Enquanto pedalava, tocou a campainha da bicicleta e o chapéu do Especialista saltitava para cima e para baixo na sua cabeça. Bufava como um gato. A campainha era estridente e aguda e a bicicleta queixava-se e gritava. Curvava primeiro para a direita e depois para a esquerda. Os joelhos ossudos de Claire espetavam-se ora a um lado, ora a outro como contrapesos improvisados.

Claire serpenteava por entre as chaminés, perseguindo Samantha e a babá. Samantha era lenta, porque se virava para olhar para trás. À medida que Claire se aproximava, mantinha uma mão no guiador e a outra estendida em direção a Samantha. No preciso instante em que se preparava para agarrar a irmã, a baby-sitter virou-se para trás e tirou o chapéu da cabeça de Claire.

– Merda! – Exclamou a babá, deixando cair o chapéu.

Havia uma gota de sangue a formar-se na parte carnuda da sua mão, sangue negro ao luar, onde o chapéu do Especialista a tinha mordido.

Claire desmontou, a rir. Samantha ficou a observar à medida que o chapéu do Especialista rebojava pelo chão. Ganhou velocidade, guinando através do chão do sótão até que desapareceu, descendo as escadas.

– Vai apanhá-lo – disse Claire. – Desta vez podes ser tu o Especialista.

– Não – disse a babá, sugando a palma da mão. – Está na hora de ir para a cama.

Quando desceram as escadas, não havia sinais do chapéu do Especialista. Lavaram os dentes, subiram para a cama em forma de barco e puxaram os cobertores até ao pescoço. A babá sentou-se no meio dos pés de ambas.

– Quando estás Morta – perguntou Samantha, – continuas a ficar cansada e a ter de dormir? Continuas a sonhar?

– Quando estás Morta – disse a babá, – tudo é bastante mais fácil. Não precisas de fazer nada que não queiras fazer. Não precisas de ter um nome, não precisas de te recordar de nada. Nem sequer precisas de respirar.

E mostrou-lhes exatamente o que queria dizer.

Quando tinha tempo para pensar sobre o assunto (e agora tinha todo o tempo do mundo para pensar), Samantha percebia com uma pequena pontada que estava indefinidamente presa entre os dez e os onze anos de idade; presa juntamente com Claire e com a babá. Pensou sobre isto. O número dez era agradável e redondo, como uma bola de praia, mas ao fim e ao cabo, não tinha sido um ano fácil.

Questionava-se como seria ter onze anos. Um pouco mais difícil, talvez.

Em vez disso, escolheu estar Morta. Desejava ter tomado a decisão acertada. Questionava-se se a mãe teria decidido estar Morta, em vez de morta, se pudesse ter escolhido.

No ano anterior, quando a mãe morreu, tinham aprendido as frações na escola. As frações traziam à lembrança de Samantha manadas de

cavalos selvagens, pigarços, pintos e palominos. Havia tantos tipos de cavalos e todos eram, bem, irascíveis e difíceis de domar. Quando se pensava que se tinha um cavalo domado, ele empinava a cabeça e atirava-nos ao chão. O número favorito de Claire era o 4, que dizia ser um rapaz alto e magricela.

Samantha não gostava assim tanto de rapazes. Mas gostava de números. Como por exemplo, do número 8, que podia ser mais do que uma coisa ao mesmo tempo. Visto de certa forma, o 8 parecia uma mulher curvada de cabelos ondulados. Mas se o deitássemos de lado, parecia uma cobra enroscada com a cauda na boca.

Era mais ou menos esta a diferença entre estar Morta e estar morta. Talvez quando Samantha se cansasse de uma pudesse tentar a outra.

No relvado, por baixo dos carvalhos, ouviu alguém a chamar o seu nome. Samantha desceu da cama e foi até à janela do berçário. Olhou através do vidro ondulado.

Era o senhor Coeslak.

– Samantha, Claire! – Chamou na direção dela. – Estão bem? O vosso pai está aí?

Samantha quase conseguia ver o luar a brilhar através dele.

– Estão sempre a fechar-me na casa das ferramentas. Malditas coisas fantasmagóricas – disse. – Estão aí, Samantha, Claire? Meninas?

A babá aproximou-se e colocou-se ao lado de Samantha. Depois levou um dedo aos lábios. Os olhos de Claire brilhavam na direção delas, a partir da cama escura. Samantha não disse nada, mas acenou ao senhor Coeslak. A baby-sitter também acenou. Talvez ele as tivesse visto a acenar, porque pouco tempo depois, deixou de as chamar e foi-se embora.

– Tenham cuidado – avisou a babá. – *Ele* vai regressar. Aquilo vai voltar em breve.

Pegou na mão de Samantha e levou-a de volta para a cama, onde Claire estava à espera. Sentaram-se e esperaram. O tempo passou, mas elas não ficaram cansadas, nem envelheceram.

Quem está aí?

Apenas o ar.

A porta do primeiro andar abriu-se e Samantha, Claire e a babá ouviram alguém a rastejar, a rastejar pelas escadas.

– Silêncio – disse a babá. – É o Especialista.

Samantha e Claire ficaram caladas. O berçário estava escuro e o vento crepitava como o fogo na lareira.

– Claire, Samantha, Samantha, Claire? – A voz do Especialista era arrastada e úmida. Parecia a voz do pai, mas isso era porque o chapéu conseguia imitar qualquer som ou voz. – Ainda estão acordadas?

– Rápido – disse a babá. – Está na altura de subirmos ao sótão e escondermo-nos.

Claire e Samantha deslizaram debaixo dos cobertores e vestiram-se rápida e silenciosamente. Foram atrás dela. Sem falar, sem respirar, puxou-as para a segurança da chaminé. Estava demasiado escuro para verem, mas perceberam perfeitamente a babá quando esta lhes disse sem som, *Subam*. Subiu primeiro para as gémeas verem onde estavam os apoios para os dedos e os tijolos que estavam salientes para que apoiassem os pés.

A seguir foi a vez de Claire. Samantha observou o pé da irmã a subir como fumo, com o atacador ainda desatado.

– Claire? Samantha? Caramba, estão a assustar-me. Onde estão? – O Especialista estava mesmo do lado de fora da porta entreaberta. – Samantha? Acho que fui mordido por qualquer coisa. Acho que fui mordido por uma maldita cobra.

Samantha ainda hesitou, mas apenas por um segundo. Depois subiu, subiu, subiu, pela chaminé do berçário

Kelly Link (1969–), natural de Miami, Florida, é uma das contistas mais reputadas no género da fantasia, tendo vários dos seus contos vencido os prémios Hugo, Nébula e World Fantasy Award. Juntamente com o marido Gavin Gant, é editora da Small Beer Press. Dá aulas de escrita criativa e edita revistas e antologias de fantasia.

O MUJIQUE MAREI - Dostoiévski



Numa segunda-feira de Páscoa, uma tepidez impregnava o ar, o céu estava azul, o sol, vivo e quente, mas minha alma permanecia mergulhada em trevas. Eu errava para lá das casernas, contando as estacas de maciça paliçada que formava a muralha da prisão, mas sem muita vontade de contá-las, se bem que isso fosse para mim uma ocupação habitual. Os detentos "tinham repouso" por ocasião do segundo dia de festa; muitos estavam embriagados, a cada instante injúrias e golpes violentos eram trocados pelos cantos. Outros cantarolavam canções obscenas, jogavam cartas debaixo das baias; alguns detentos, meio brutalizados por seus companheiros devido a excessiva turbulência, permaneciam no leito, cobertos com uma pele de carneiro muito fina, esperando que voltassem a eles; diversas vezes já as lâminas das facas tinham brilhado . . . tudo isso, durante esses dois dias de festa, me torturava a ponto de me deixar doente.

Nunca, de resto, pude suportar, sem asco, o espetáculo dos excessos do povo, e neste lugar menos que em qualquer outro. Nesses dias faltavam sentinelas; abstinham-se de revistá-las, para ver se descobririam aguardente, compreendendo que era bom dar folga, uma vez por ano, mesmo a esses réprobos, sem o que teria sido pior. Por fim, senti o ódio inflamar-se em meu coração.

Encontrei um polonês, Marei, preso político; lançou-me um olhar sombrio, olhos faiscantes e lábios trêmulos: "Odeio esses canalhas!", disse-me em voz baixa, rangendo os dentes; depois se afastou. Voltei à caserna que acabava de deixar há um quarto de hora apenas, como um insensato, no momento em que seis camponeses esquentados caíam de uma vez sobre um tártaro embriagado, chamado Gázin, para o acalmar. Batiam brutalmente, tanto que semelhantes golpes teriam bastado para derrubar um camelo; mas, sabendo que seria difícil matar esse Hércules, malhavam sem piedade. Agora, de volta à caserna, notei Gázin lá no fundo, a um canto sobre a baia, inanimado e quase sem dar mais sinal de vida. jazia coberto por uma pele, e todos lhe passavam ao lado, em silêncio: esperava-se que no dia seguinte despertasse; "todavia", diziam "pode ser também que o pobre-diabo arrebente". Alcancei meu lugar e deitei-me de costas, com as mãos atrás da cabeça, fechando os olhos.

Gostava de ficar assim estendido: não se incomoda os que dormem, assim pode-se divagar e meditar à vontade. Mas eu não divagava: meu

coração palpitava ansiosamente, e eu tinha sempre no ouvido as palavras de Marei: "Odeio esses canalhas!"

De resto, para que descrever essas impressões? Ainda agora me acontece sonhar com elas de noite, e não há, para mim, pesadelo mais horroroso. Ter-se-á talvez observado que até hoje quase nunca falei da minha vida na prisão. Quanto às minhas *Recordações da casa dos mortos*, há quinze anos que as publiquei como sendo de uma personagem imaginária, de um assassino que teria matado a mulher. Acrescento, a esse propósito, a título de simples pormenor, que muita gente crê e sustenta, ainda hoje, que estive exilado na Sibéria por ter matado minha mulher!

Pouco a pouco, caí numa espécie de torpor e abandonei-me ao fio das minhas recordações. Durante meus quatro anos de trabalhos forçados, lembrava-me incessantemente dos dias passados, e acredito ter vivido minha vida uma segunda vez por essas recordações. Elas nasciam de si mesmas; raramente as evoquei com propósito deliberado. O ponto de partida era uma coisa insignificante, um traço por vezes imperceptível que, pouco a pouco, se desenvolvia em imagem, tornava-se uma impressão viva e completa. Eu analisava essas impressões, acrescentava novos toques a essa matéria vivida há tanto tempo e, mais ainda, modificava-a e corrigia-a sem cessar. Toda a delícia da coisa consistia nisso.

Lembrei-me, de repente, aquela vez, de uma época imperceptível da minha infância, quando eu tinha apenas nove anos de idade. A esta hora, acreditava bem ter esquecido tudo, mas aprazia-me então nas recordações da minha primeira infância. Lembrei-me desse mês de agosto no campo. Fazia um tempo seco e claro, mas um pouco frio, porque havia vento. O verão chegava ao fim, e logo seria preciso retomar o caminho de Moscou, aborrecer-me ainda todo um inverno a estudar francês; por isso sentia o coração oprimido à ideia de deixar o campo. Atravessei a eira onde se amontoavam os feixes de trigo e, transpondo uma ravina, subi por uma mata espessa que se estendia para além da ravina, até a floresta. Como me internasse mais na mata, ouvi não longe, a trinta passos, na clareira, um mujique que trabalhava sozinho. Sabia que ele trabalhava ao longo de uma rampa que o cavalo se esfalfava terrivelmente por escalar, porque de vez em quando chegava até mim o grito do camponês: eia! Eia! Conhecia quase todos os nossos mujiques, mas não sabia qual deles trabalhava, e de resto isso me era indiferente, tanto a minha lida me absorvia. É que eu também estava ocupado: quebrava varas de aveleira para fustigar as rãs. As varas de aveleira são muito bonitas e bem mais resistentes que as da bétula. Escaravelhos e besouros prendiam também minha atenção porque eu os colecionava. Há alguns

ricamente enfeitados.

Gostava ainda dos vivos e pequenos lagartos, de um pardo avermelhado, malhados de minúsculas manchas negras; mas tinha medo das cobras. Aliás, encontram-se bem menos cobras que lagartos. Havia poucos cogumelos por ali; para colhê-los, era preciso ir para o lado das bétulas, e eu me preparava para isso. Em minha vida, nada amei tanto quanto a floresta, com seus cogumelos e suas bagas selvagens, seus insetos e seus pássaros, seus ouriços e seus esquilos, com o úmido e suave odor de suas folhagens putrefatas. Ainda hoje, escrevendo isto, aspiro todo o perfume da nossa floresta, lá longe, na aldeia; essas impressões durarão tanto quanto minha vida. De repente, em meio ao grande silêncio, percebi muito distintamente este apelo: "Ao lobo!" Soltei um grito e, louco de terror, berrando com quanta força tinha, precipitei-me na clareira, em direção ao mujique que estava trabalhando.

Era o nosso camponês Marei. Ignoro se existe tal nome, mas toda a gente o chamava de Marei. Um camponês de uns cinquenta anos, robusto, muito alto, com uma barba ruiva e espessa, já grisalha. Eu o conhecia, se bem que mal lhe tivesse falado até esse dia. Ouvindo meu grito, ele parou a égua; e como eu, chegando até ele, com uma das mãos me agarrasse à sua charrua e com a outra à sua manga, ele percebeu meu terror.

- Um lobo! - gritei eu, sem fôlego.

Ele levantou a cabeça e involuntariamente olhou em torno; por um instante quase me acreditou...

- Onde está o lobo?

- Gritaram... alguém gritou: "Ao lobo!" - balbuciei.

- Vamos, vamos, não há lobo, você sonhou; que viria fazer um lobo por aqui? - murmurou ele para me sossegar.

Mas, todo trêmulo, agarrei-me ainda com mais força à sua blusa, e minha palidez devia ser muito grande. Ele me olhou com um sorriso inquieto; tinha medo por mim e se alarmava visivelmente com o meu estado.

- Ah! como você teve medo, ora, ora! - disse ele meneando a cabeça. - Vamos, já acabou, menino. Vejam como ele é valente!

Estendeu a mão e subitamente me acariciou a face.

- Vamos, está acabado, vamos, Deus esteja com você: faça o sinal-da-cruz.

Mas eu não me persignei; meus lábios estavam crispados nas comissuras, e creio que foi isso o que o chocou mais. Aproximou seu

dedo grosso, de unha negra, sujo de terra, e com doçura aflorou meus lábios convulsos.

- Vejam isso, ora, ora! - disse-me ele com um largo sorriso, quase maternal. - Senhor, mas que é isso então? Você bem vê que não há nada, ora!

Compreendi enfim que não havia lobo e que esse grito:

"Ao lobo!" Não era senão uma ilusão. Entretanto, esse grito tinha ressoado tão distintamente! Mas gritos semelhantes (e que não tinham somente relação com lobos) eu já tinha ouvido uma vez ou duas e sabia que se tratava de uma espécie de alucinação (mais tarde, quando cresci, esse fenômeno desapareceu).

- Vou-me embora - disse eu, olhando para ele, com um ar interrogativo e tímido.

- Vamos, vá, eu o seguirei com os olhos. Não deixarei que o lobo o apanhe! - acrescentou, sempre com o mesmo sorriso maternal - vá, que Deus o acompanhe, vá - e, fazendo sobre mim o sinal-da-cruz, ele mesmo se persignou.

Parti, não sem lançar olhadelas para trás, a cada dez passos.

Enquanto eu me distanciava, Marei permanecia imóvel com sua égua, e olhava na minha direção, fazendo um sinal com a cabeça, quando eu me voltava. Devo confessar que estava um pouco envergonhado por ter feito alarde de tal terror; mas o meu medo do lobo não diminuiu enquanto não subi a outra rampa do barranco e não saí junto aos primeiros feixes; ali, todo sinal de pavor se esfumou, e meu cão Lobinho subitamente se atirou contra mim. Com Lobinho eu me sentia plenamente garantido. Uma derradeira vez, voltei-me para Marei; não podia mais distinguir seu rosto, mas sentia que ele continuava a me sorrir com a mesma doçura e que me fazia sinal com a cabeça. Acenei com uma das mãos, ele acenou com a sua e voltou ao trabalho.

- Eia! Eia! - ouvi-o de longe gritar, enquanto a égua puxava de novo a charrua.

Tudo isso me voltou de uma só vez à memória, não sei por quê, mas com uma rara precisão de pormenores. Reabri subitamente os olhos e me assentei sobre a baia. Reencontrei então, nos meus lábios, lembro-me, o sereno sorriso que estas lembranças tinham feito nascer. Durante alguns instantes, continuei a evocar sua imagem.

Depois de ter deixado Marei, de volta à nossa casa, não abri a boca sobre tal "aventura". E que espécie de aventura era essa? Aliás, bem depressa esqueci Marei. Quando, daí em diante, voltava a encontrá-lo - em raras ocasiões -, nunca lhe falava, não somente do lobo, mas fosse do que fosse - e eis que de repente, vinte anos depois, na Sibéria,

lembrei-me desse encontro, até os mínimos pormenores.

Era preciso, pois, que ele tivesse ficado gravado na minha alma, de maneira muito imperceptível, por si mesmo, e sem o concurso da minha vontade, para que a lembrança voltasse na hora em que eu dela necessitava. Revia o terno sorriso maternal do pobre camponês, nosso servo; recordava-me dos seus sinais-da-cruz, seus meneios de cabeça: "Como você tem medo, menino!" E sobretudo aquele grande dedo, sujo de terra, com o qual, docemente e quase timidamente, ele tinha aflorado o canto da minha boca. Não importa que, certamente, falhasse ao tranquilizar uma criança; mas esse solitário encontro se revestia para mim de um sentido particular; tivesse eu sido seu próprio filho, e ele não teria me olhado com expressão de um amor mais puro. Quem, entretanto, o obrigava a isso? Era nosso servo, e eu o filho dos seus amos; ninguém jamais saberia que ele me havia acariciado, ninguém o recompensaria por isso. Amava então a esse ponto as criancinhas? Alguns são assim. O encontro ocorreu num lugar solitário, em pleno campo, e só Deus, do alto do céu, terá visto de que profundo e radioso sentimento humano, de que ternura quase feminina pode estar cheio o coração de um simples camponês russo, ignorante e selvagem, ainda preso à gleba e que nem mesmo entrevia a aurora da sua libertação.

Dizei-me, não é isso o que entendia Konstantin Aksakov, ao falar da alta educação do nosso povo?

E subitamente, distanciando-me do meu catre e lançando um olhar em torno, senti que doravante eu poderia considerar esses desgraçados de maneira inteiramente diferente, e que de repente, como que por encanto, todo o ódio e toda a cólera acabavam de desaparecer de meu coração. Eu ia perscrutando os olhares dos meus companheiros.

Esse mujique de cabeça raspada, aviltado, de rosto marcado de estigmas, que na sua bebedeira urrava uma canção obscena, talvez não fosse outro senão o camponês Marei: como posso eu, com efeito, saber o que se passa na sua alma? Uma vez ainda, nessa tarde, reencontrei Marei. O desgraçado! Não tinha ele a lembrança de um camponês Marei, e tudo o que podia dizer dessa gente era: "Odeio esses canalhas!" Sim, os poloneses deviam sofrer muito mais que nós!

VENTOS IMUTÁVEIS – Frank Roger

Este deve ser o sítio, pensou Henry.

Estacionou o carro na berma da estrada, saiu e subiu lentamente a colina que lhe tinha sido descrita tantas vezes. Finalmente, iria poder verificar por si próprio se existia alguma verdade nas histórias que as pessoas contavam sobre este lugar “fantasmagórico”, onde supostamente tudo estava em movimento constante, onde a mudança era a única constante. A maioria das pessoas racionais sempre descartara as histórias fantásticas sobre o lugar como exemplos de folclore supersticioso, produtos da imaginação apelando unicamente a simplórios, a pessoas dadas facilmente a voos da imaginação num esforço para escapar à monotonia cinzenta e tédio infindável da vida quotidiana. Contudo, ele iria ser o primeiro a chamar a atenção para o facto de que pessoas racionais deveriam aplicar o método empírico para verificar a validade de qualquer história extravagante. De um ponto de vista científico, crenças baseadas em noções preconcebidas e preconceito eram tão inaceitáveis como crenças baseadas em superstição.

Alcançara agora o topo da colina e deixou que os seus olhos percorressem a paisagem estendida aos seus pés. Um prado, salpicado por arbustos e árvores, descendia suavemente. A cem metros de distância do seu ponto de observação, um rio estreito cortava uma faixa por entre a folhagem, e ainda a uma maior distância, os arbustos e árvores adensavam-se numa floresta que cobria as encostas que conduziam à cadeia de montanhas no limite da sua visão.

Henry notou não existirem animais à vista, exatamente como lhe tinha sido contado.

Os animais sentiam instintivamente que havia algo de errado com este lugar, diziam os rumores, e evitavam-no a todo o custo. De facto, não avistou qualquer ave a cruzar o céu, nenhum esquilo a correr por ali, nem sequer insetos a zumbirem ou a esvoaçarem em redor. O lugar estava ominosamente silencioso.

Porque não damos uma vista de olhos mais de perto, pensou Henry, e começou a descer o declive. Um vento ténue agitou o seu escasso cabelo louro. Até agora tudo parecia bastante calmo e normal. Então onde estavam as mudanças vertiginosas que esta paisagem supostamente deveria estar a sofrer? O prado, a água a brilhar ao sol de Verão matinal, a floresta à distância, o céu azul e as poucas nuvens

não pareciam estar a ser sujeitos a qualquer mudança.

Excetuando a ausência de animais, e na medida em que pudesse ser detectado com uma mera vista de olhos, não havia nada de especial em relação a este lugar.

Harvey meneou a cabeça. Já devia saber.

Tinha ele realmente pensado encontrar aqui transformações mágicas? A normalidade do ambiente em redor limitou-se a confirmar o que tinha pensado desde o princípio acerca de todo o caso. No entanto, agora que se dera ao trabalho de vir até aqui, mais valia dar um curto passeio e gozar a beleza e o sossego do sítio.

Atirou as suas tranças afro rebeldes, atadas num rabo-de-cavalo, para trás das costas e desceu ainda mais o declive. Este seria o lugar ideal para um piquenique, pensou. Aqui em baixo não existia praticamente vento, e estava bem quente. Despiu o casaco de belbutina, e dirigiu-se ao rio. O leve borbulhar da água era o único som a quebrar o silêncio.

Harry examinou a paisagem em todas as direções, mas nada mudara desde a sua chegada: o prado, o rio, a floresta nas encostas da montanha à distância, o céu azul, a ausência de animais. Fechou os olhos por um momento, desfrutando a sensação revigorante do sol a bater-lhe na cabeça rapada.

Este lugar pode não abrigar qualquer magia, pensou, mas não deixa de ser bastante belo. Descalçou as botas e meias e entrou na água fria. Era tão refrescante que decidiu tirar as calças e roupa interior, assim como a sua camisa de xadrez, e chapinhou na água até à cintura por alguns minutos.

Bem, pensou Hector ao subir de volta para a relva, está na altura de regressar.

Esperou até que o seu corpo tivesse secado, e usou a camiseta para secar a sua cabeleira cor de azeviche que ia até à cintura. Depois vestiu o kilt, enfiou os pés nas sandálias, e lançou o seu casaco de pele de urso em torno dos ombros.

Lentamente, voltou a subir a colina de onde viera. Quando já tinha alcançado o topo, Horace virou-se e lançou um último olhar à paisagem atrás de si. O prado, o rio, a floresta e as montanhas ainda permaneciam iguais como desde que aqui chegara, e provavelmente não mudavam há eras.

Riu-se, e meneou a cabeça. Gente simples e supersticiosa! Ao menos agora podia rebater as suas afirmações extravagantes com o argumento de que sabia mais do que eles, porque ele estivera lá, vira “com os seus próprios olhos” como era realmente.

Horvath desceu rapidamente a colina até onde tinha estacionado o carro. Entrou e tirou o seu casaco e a Camiseta molhada para o banco de trás. Estranho, pensou.

Não estava sentado de forma confortável, como se alguém muito mais baixo do que ele tivesse reajustado o banco enquanto estivera ausente. Voltou a empurrar o banco para a sua posição normal, e ligou o motor.

Para sua surpresa, de alguma forma os pedais não pareciam estar onde os seus pés estavam habituados a encontrá-los. Talvez os seus pés estivessem inchados por ter nadado nu na água fria?

De qualquer modo, estes pequenos desconfortos foram rapidamente esquecidos, e agora Horvath estava no caminho de regresso a casa, contente por ter visto confirmadas as suas ideias baseadas no pensamento racional.

MORTE HERÓICA – Charles Baudelaire

Fanciullo era um bufão admirável, e quase um dos amigos do Príncipe. Mas, para os cômicos de profissão, as coisas sérias têm atrações fatais, e, ainda que possa ser estranho que as ideias de pátria e liberdade tomem conta do cérebro de um histrião, um dia Fanciullo entrou numa conspiração tramada por alguns fidalgos descontentes.

Há, em toda a parte, pessoas de bem para denunciarem ao poder esses indivíduos de humor atrabiliário, que pretendem depor príncipes e operar, sem consultá-la, a desorganização de uma sociedade. Os tais senhores foram presos junto com Fanciullo, e destinados à morte.

Acredito que o Príncipe quase se aborreceu por encontrar, entre os rebeldes, o seu comediante favorito. O Príncipe não era pior ou melhor do que outro qualquer; mas uma sensibilidade excessiva tornava-o, em muitos casos, mais despótico e mais cruel que todos os seus iguais. Amante das artes, e excelente conhecedor da matéria, era ele positivamente insaciável de volúpias. Indiferente aos homens e a moral, verdadeiro artista, não conhecia inimigo perigoso a não ser o tédio, e os extraordinários esforços que fazia para evitar ou vencer esse tirano do mundo lhe haveriam sem dúvida granjeado, da parte de um historiador severo, o epíteto de "monstro", caso pudesse, nos seus domínios, escrever fosse o que fosse que não tendesse apenas ao prazer, ou à surpresa, uma das mais delicadas formas do prazer. A grande desgraça deste Príncipe foi que ele não teve nunca um teatro bastante amplo para o seu gênio. Há jovens Neros que sufocam em limites demasiado estreitos, e de cujo nome e boa vontade jamais terão conhecimento os séculos vindouros. A esse, dera-lhe a imprevidente Providência faculdades maiores que os seus Estados.

De repente, correu o boato de que o soberano estava disposto a conceder perdão a todos os conjurados; e a origem de tal boato foi o anúncio de um grande espetáculo em que Fanciullo devia representar um dos seus principais e melhores papéis, ao qual assistiriam, segundo se falava, os próprios fidalgos condenados; sinal evidente, acrescentavam os espíritos superficiais, da generosa índole do Príncipe ofendido.

De homem tão instintiva e voluntariamente excêntrico, tudo era lícito esperar, até a virtude, até a clemência, sobretudo se ele chegara a

conceber a esperança de nelas encontrar prazeres imprevistos. Mas para aqueles que, tal como eu, haviam logrado penetrar mais longe nas profundezas daquela alma curiosa e doentia, era mil vezes mais provável que o Príncipe quisesse ajuizar o valor do talento cênico de um homem condenado à morte. Queria aproveitar a ocasião para fazer uma experiência psicológica de interesse capital, e verificar até que ponto as faculdades habituais de um artista podiam ser alteradas ou modificadas pela situação extraordinária em que ele se encontrava; demais, quem sabe se não existia em sua alma uma intenção mais ou menos contida de clemência? É um ponto que nunca se pôde esclarecer.

Afinal, chegado o grande dia, aquela pequena corte exibiu todas as suas pompas, e seria difícil imaginar, sem o ter visto, tudo quanto a classe privilegiada de um país modesto, de limitados recursos, pode ostentar de esplendores para uma autêntica solenidade. Aquela era duplamente autêntica: pela magia do luxo estadeado e pelo interesse moral e misterioso que se lhe prendia.

Fanciullo era excelente em papéis mudos ou pouco carregados de palavras, que não raro são os principais nesses dramas de magia, cujo objetivo é representar simbolicamente o mistério da vida. Entrou em cena lépido, com absoluto desembaraço, o que influiu para fortalecer no nobre público a ideia de doçura e perdão.

Quando se diz de um comediante: - "Eis aí um bom comediante" - usa-se uma fórmula da qual se deduz que sob a personagem se deixa adivinhar também o cômico, isto é, a arte, o esforço, a vontade. Ora, se chegasse um comediante a ser, em relação à personagem que lhe cumpre interpretar, o que as melhores estátuas da Antiguidade, miraculosamente animadas, vivas, ambulantes, videntes, seriam em relação a ideia geral e confusa de beleza, isso constituiria, decerto, um caso singular e inesperado. Fanciullo foi, naquela noite, uma perfeita idealização, que não se poderia deixar de supor viva, possível, real. O bufão ia e vinha, ria e chorava, contorcia-se, com uma indestrutível auréola a cingir-lhe a fronte, auréola invisível para todos, mas visível para mim, e na qual mesclavam, em desconcertante amálgama, os esplendores da arte e a glória do Martírio. Não sei por que graça especial, Fanciullo introduzia o sobrenatural e o divino até nas mais extravagantes bufonarias. Minha pena treme, e sobem-me aos olhos lágrimas de uma comoção permanente, enquanto vos procuro descrever aquela inesquecível noite. Fanciullo provava-me, de modo peremptório, irrefutável, que a embriaguez da Arte é a mais apropriada que outra qualquer para velar os terrores do abismo; que o gênio pode representar a comédia à beira do túmulo com uma alegria

que impede ver o túmulo - perdido, como está, num paraíso que afasta qualquer ideia de sepultura a destruição.

Todo aquele público, tão embotado e frívolo, de pronto experimentou o domínio onipotente do artista. Ninguém pensou em morte, luto, suplícios. Cada um se entregou, despreocupado, às copiosas volúpias que oferece a contemplação de uma obra-prima de arte. As explosões de alegria e admiração estremeceram reiteradamente as abóbadas do edifício com a energia de um trovão ininterrupto.

Contudo, a um olhar clarividente essa embriaguez não era sem contraste. Sentia-se ele vencido no seu poder de déspota? Humilhado na sua arte de aterrorizar os corações e entorpecer os espíritos? Frustrado de esperanças e ludibriado nas suas previsões? Estas conjecturas, não exatamente justificadas, mas não de todo injustificáveis, atravessaram-me o espírito enquanto eu contemplava o semblante do príncipe, onde uma nova palidez se sobrepunha incessantemente à palidez habitual, como a neve se sobrepõe à neve. Seus lábios cerravam-se cada vez mais, e seus olhos se iluminavam de um fogo íntimo, semelhante ao do ciúme e do ódio, até quando ele aplaudia às claras os talentos do velho amigo, o estranho bufão, que com tamanha perícia bufoneava a morte. Em dado instante, vi Sua Alteza inclinar-se para um pequeno pajem, que lhe ficava atrás, e falar-lhe ao ouvido. A fisionomia maliciosa do lindo menino iluminou-se de um sorriso; em seguida ele deixou, rápido, o camarote, como para desempenhar missão urgente.

Alguns minutos após, um assobio, agudo e prolongado, interrompeu Fanciullo num dos melhores momentos, e dilacerou a um só tempo os ouvidos e os corações. E do ponto da sala de onde irrompera essa inesperada reprovação, um menino se precipitava num corredor com risos abafados.

Fanciullo, abalado, desperto do seu sonho, primeiro fechou os olhos, reabriu-os depois, quase no mesmo instante, desmesuradamente dilatados, logo após abriu a boca, como para um respirar convulsivo, claudicou um pouco para diante, um pouco para trás, e por fim caiu em cheio, morto, sobre o tablado.

Teria na realidade o assobio, rápido como um gládio, frustrado a ação do carrasco? Teria o Príncipe adivinhado toda a homicida eficácia de sua astúcia? É lícito pô-lo em dúvida. Terá ele lamentado o seu querido e inimitável Fanciullo? É doce e legítimo acreditá-lo.

Os fidalgos delinquentes haviam gozado pela última vez o espetáculo da comédia. Na mesma noite foram riscados da vida.

Desde então, vários truões, justamente apreciados em diferentes países, têm vindo representar perante a corte de nenhum deles, porém, nem sequer chegou a lembrar os maravilhosos talentos de Fanciullo, nem conseguiram alcançar o mesmo favor.

A MÃO DISSECADA – Guy de Maupassant

Há cerca de oito meses, um amigo meu, Louis R, havia reunido, à noite, vários colegas estudantes. Bebíamos ponche e fumávamos, falando de literatura e pintura, e contando vez por outras algumas coisas jocosas, como é habitual entre gente jovem. Subitamente, abriu-se a porta e um dos meus bons amigos de infância entrou, como um furacão.

– Adivinhem de onde venho! – exclamou em seguida.

– Aposto que de Mabilles – um deles respondeu.

– Não. Você vem alegre demais. Você acabou de conseguir dinheiro emprestado, enterrou um tio, ou empenhou o relógio à minha tia – disse outro.

– Você andava bebendo, rastreou o cheiro do ponche de Louis e subiu à casa dele para recomeçar a bebedeira – disse um terceiro.

– Ninguém foi na mosca. Venho de P..., na Normandia, onde passei oito dias, e trago de lá um grande criminoso, meu amigo, que lhes vou apresentar, com suas permissões.

Assim dizendo, sacou do bolso uma mão dissecada; uma mão horrível, negra, seca, muito longa e um tanto crispada. Os músculos, incrivelmente fortes, eram contidos, interior e exteriormente, por uma faixa de pele apergaminhada. As unhas amarelas, estreitas, ainda grudavam-se à extremidade dos dedos. Tudo aquilo transpirava criminalidade.

– Imaginem – disse meu amigo –, venderam as quinquilharias de um velho bruxo, muito conhecido na província; todos os sábados ele ia ao sabá, montado no cabo duma vassoura; praticava magias branca e negra; fazia com que as vacas dessem leite azulado e as punha a usar a cauda como a do companheiro de Santo Antônio. Mas é certo que o bruxo era muito apegado a esta mão. Garantia que ela pertencera a um facínora célebre, executado em 1736, por haver lançado cabeça a baixo, num poço, a sua mulher legítima – no que não creio que tenha feito algo de mau –, enforcando, depois, no campanário da igreja, o pároco que os casou. Após esta dupla proeza, lançou-se a correr o mundo; e, na sua carreira tão curta quanto bem cumprida, ela havia saqueado uma dúzia de viajantes,

defumado vinte monges em um mosteiro e convertido em harém um convento de freiras.

– Mas o que você vai fazer com esse horror? – exclamamos.

– Ora, jovens! Vou fazê-la de aldraba de porta, para assustar os meus credores.

– Meu amigo – disse Henry Smith, um inglês grande e muito fleumático –, na minha opinião, esta mão é apenas carne indiana, conservada por um processo novo. Eu o recomendo a fazer sopa com ela.

– Chega de brincadeiras, amigos! – Disse com a maior seriedade um estudante de medicina, que estava à beira da completa embriaguez. – Se há um conselho que eu possa lhe dar, Pierre, é o de que enterre cristãmente esse despojo humano, para o caso de o seu dono vir a reclamá-lo para si. Esta mão certamente adquiriu maus hábitos. E você conhece o ditado: “quem matou, voltará a matar”.

– E o que bebeu, beberá – retrucou o anfitrião, já servindo um grande copo de ponche ao estudante, que o esvaziou num único trago, e caiu, morto de bêbado, sob a mesa. Este desenlace foi acolhido com muitas risadas, e Pierre ergueu o seu copo, fazendo um brinde à mão:

– Brindo – disse – à próxima visita de seu dono!

Então mudaram de assunto, e cada um retirou-se para casa.

No dia seguinte, passando à sua porta, resolvi entrar. Eram umas duas horas, e o encontrei lendo e fumando.

– Como vai? – perguntei.

– Muito bem – respondeu.

– E a mão?

– Você deve tê-la visto na campainha, onde a pus ontem à noite, quando cheguei em casa. A propósito, sabia que algum imbecil quis me pregar uma peça? À meia noite, vieram bater-me à porta. Perguntei quem era, mas, como ninguém respondeu, tornei a deitar-me e dormi.

Naquele mesmo instante tocaram à campainha. Quem a tangia era o senhorio, um sujeito grosseiro e petulante. Entrou sem nos cumprimentar.

– Cavalheiro – disse a meu amigo –, peço que retire imediatamente a coisa que o senhor pendurou na corda da campainha. Caso contrário, serei obrigado a despejá-lo.

– O senhor – respondeu o meu amigo, com muita austeridade – está a insultar uma mão que não merece tal tratamento, porquanto pertenceu a um homem muito bem educado.

O senhorio deu meia-volta e saiu como tinha entrado. Pierre o seguiu, desprende a mão e a amarrou à corda da campainha que mantinha em seu quarto.

– Assim está melhor – disse. – Esta mão, como o ‘Irmão, nós temos que morrer!’ Dos frades trapistas⁽¹⁾, me fará meditar sobre coisas sérias, quando eu for dormir.

Depois de uma hora, eu o deixei, e voltei para casa.

Dormi mal naquela noite. Estava agitado e nervoso. Acordei sobressaltado várias vezes, chegando a imaginar que um homem havia adentrado a minha casa. Levantei-me para olhar os armários e debaixo da cama. Finalmente, quando começava a adormecer, lá pelas seis da manhã, um violento golpe à minha porta me fez saltar da cama. Era o criado de meu amigo, semivestido, pálido e trêmulo.

– Ai, senhor! – exclamou. – Assassinarão o meu pobre patrão!

– Vesti-me com toda pressa e corri à casa de Pierre. A casa estava repleta de gente que discutia e se agitava. Estavam em movimento constante; cada um relatava e comentava o sucedido à sua maneira. Cheguei com dificuldade ao quarto de meu amigo. A porta estava interditada, mas eu dei meu nome e obtive permissão para entrar. Quatro policiais permaneciam, de pé, no centro do quarto, com cadernetas na mão. Examinavam tudo, murmuravam entre si e, de quando em quando, faziam anotações. Dois médicos conversavam junto à cama em que Pierre jazia, sem sentidos. Não estava morto, mas tinha um aspecto horrível. Os olhos estavam demasiadamente abertos. Suas pupilas dilatadas pareciam olhar fixamente, com horror indizível, algo desconhecido e pavoroso. Seus dedos estavam crispados, e o corpo coberto por um lençol até o queixo. Levantei o lençol. Em seu pescoço, via-se a marca de cinco dedos que se haviam afundado profundamente na carne; algumas gotas de sangue manchavam-lhe a camisa. Foi então que algo me chamou a atenção: casualmente, olhei para a corda da campainha do quarto, mas a mão dissecada não se encontrava mais ali. Sem dúvida, os médicos tinham-na removido para não impressionar as pessoas que entrassem no quarto do homem ferido, porque era uma mão deveras assustadora. Não perguntei sobre o seu paradeiro.

Recorto, agora, da notícia de um jornal do dia seguinte, o relato do crime, com todos os detalhes que a polícia conseguiu amealhar. Eis o

que se lê:

“Foi vítima de um horrível atentado Pierre B., estudante de direito, pertencente a uma das melhores famílias da Normandia. O jovem voltou a casa às dez da noite, e despediu-se de seu criado, o senhor Bonvin, dizendo-lhe que estava cansado e que ia deitar-se de pronto. Cerca de meia-noite, o criado foi despertado subitamente pela campainha do patrão, que era furiosamente tangida. Ficou com medo, acendeu o lume e esperou. Não ouviu a campainha por cerca de um minuto, mas depois a campainha voltou a soar com tal violência que o criado, dominado pelo terror, escapuliu do quarto e foi chamar o porteiro. Este correu para chamar a polícia e, quinze minutos depois, dois agentes arrombaram a porta. Deparam-se com um horrendo espetáculo: o mobiliário havia sido derrubado e tudo indicava que uma luta terrível travara-se entre a vítima e o agressor. No centro do quarto, caído de costas, com os membros rígidos, o rosto pálido e os olhos dilatados de terror, jazia o jovem Pierre B. Trazia no pescoço as marcas profundas de cinco dedos. O relatório do doutor Bordeaux, que foi chamado imediatamente, dizia que o agressor devia ser dotado de uma força prodigiosa e que a sua mão era extraordinariamente magra e nervosa, pois os dedos, que deixaram no pescoço como que cinco buracos de bala, quase se juntavam através da carne. Não há pistas sobre o motivo do crime, nem quanto ao seu autor.”

No dia seguinte, lia-se no mesmo jornal:

“O senhor Pierre B., vítima do terrível atentado que relatamos ontem, recuperou a consciência após duas horas de cuidados constantes do doutor Bordeaux. Sua vida não se encontra ameaçada, mas teme-se muito pela sua sanidade mental. Não há registro do culpado”.

De fato, meu pobre amigo ficara louco. Eu o visitei diariamente, durante sete meses. Mas ele não recuperou a luz da razão. Em seus delírios, dizia palavras estranhas e, como todos os loucos, tinha uma ideia fixa: acreditava-se perseguido por um espectro. Certo dia, chamaram-me com urgência. Eu o encontrei agonizando. Durante duas horas, permaneceu tranquilo. Depois, e apesar de todos nossos esforços, saltou da cama e, agitando os braços, gritou, como se presa de um terror assustador:

– Segurem-na! Segurem-na! Está me estrangulando! Socorro! Socorro!
– Ele deu duas voltas no quarto, gritando. E caiu morto, com a face

voltada para o chão.

Como ele era órfão, fui encarregado de conduzir o seu corpo à aldeia de P..., na Normandia, em cujo cemitério os seus pais haviam sido enterrados. Foi dessa aldeia que ele regressara na noite em que nos encontrou a beber ponche na casa de Louis R. e em que nos apresentou à mão dissecada. O cadáver foi fechado num caixão de chumbo. Quatro dias depois, eu passeava, desolado, pelo cemitério onde o seu túmulo era cavado, na companhia do velho padre, que lhe dera as primeiras lições. Fazia um tempo magnífico. O céu azul era um fluxo de luz. Os pássaros cantavam nos arbustos da encosta, onde, muitas vezes, quando pequenos, comíamos amoras. Parecia que eu ainda o via esgueirar-se pela cerca, e meter-se por uma pequena abertura, que eu conhecia bem, ali, no final do terreno, onde eram enterrados os pobres. Depois, regressávamos a casa com bochechas e lábios negros do suco da fruta que havíamos comido. Olhei para a amoreira, repleta de frutos. Com um gesto automático, colhi um e o levei à boca. O padre havia aberto o breviário, resmungando baixinho o seu oremus. E chegava-me aos ouvidos o ruído das pás dos coveiros que, ao fim do caminho, abriam a cova. De repente, eles nos chamaram. O cura fechou seu breviário e fomos ver o que eles queriam. Havia encontrado um caixão. Com um golpe de picareta, fizeram saltar a tampa e nos defrontamos com um esqueleto excessivamente longo, deitado de costas, que, com suas órbitas vazias, parecia ainda nos mirar, como se nos desafiasse. Experimentei um mal-estar e, não sei por quê, quase senti medo.

– Vejam! – gritou um dos homens. – O patife tem um pulso cortado. Eis a mão dele.

E apanhou, junto ao corpo, uma mão grande mão, que nos exibiu.

– Ei! – disse o outro, rindo. – Veja como ele olha para você, e parece que vai já saltar ao seu pescoço, para que lhe devolva a mão.

– Meus amigos – disse o padre –, deixem o morto e em paz e fechem novamente o caixão. Vamos cavar em outro lugar a sepultura do pobre senhor Pierre.

No dia seguinte, estando tudo consumado, regresssei a Paris, mas não sem antes deixar cinquenta francos aos cuidados do velho cura, para que celebrasse uma missa pelo repouso da alma de quem havíamos violado a sepultura.

PARA NOITE DE INSÔNIA – Horacio Quiroga

Nenhum homem, eu repito, narrou com igual magia as exceções da vida humana e da natureza; os ardores de curiosidade da convalescência; os finais de estações carregados de esplendores enervantes, os tempos mornos, úmidos e brumosos, em que o vento do sul amolece e distende os nervos como as cordas de um instrumento, em que os olhos se enchem de lágrimas que não vêm do coração; a alucinação deixando a princípio margem para dúvida, e, depois, convicta e racional como um livro; o absurdo se instalando na inteligência e governando-a com uma lógica aterrorizante; a histeria usurpando o lugar da vontade, a contradição estabelecida entre os nervos e o espírito; o homem discorde consigo mesmo a ponto de exprimir a dor pelo riso.

A fatal notícia nos surpreendeu a todos. E ficamos aterrorizados quando um criado nos trouxe — voando — os detalhes de sua morte. Embora notássemos, há muito tempo, sinais de desequilíbrio em nosso amigo, nunca pensamos que ele poderia chegar a tal extremo. Ele havia praticado o mais pavoroso suicídio, sem deixar ao menos uma lembrança para nós, seus amigos. E quando o tivemos em nossa presença, viramos o rosto, tomados por uma compaixão horrorizada.

Aquela tarde úmida e nublada aguçava a nossa sensibilidade. O céu estava pálido e uma neblina fosca cruzava o horizonte.

Conduzimos o cadáver em uma carruagem, fortemente unidos por um horror crescente. Acima, vinha a noite. E pela portinhola mal fechada caía um rio de sangue que marcava de vermelho a nossa marcha.

Ele ia estirado sobre nossas pernas e as últimas luzes daquele dia amarelento incidiam de chofre em seu rosto violado por manchas lívidas. Sua cabeça era sacudida de um lado para o outro. A cada golpe no calçamento de pedra, suas pálpebras se abriam e ele nos mirava com olhos vítreos, duros e embaçados.

Nossas roupas estavam empapadas de sangue. E pelas mãos dos que seguravam o seu pescoço deslizava uma baba viscosa e fria que, a cada sacolejo, brotava de seus lábios.

Desconheço a causa, mas creio que nunca em minha vida senti semelhante sensação. Ao simples contato com os seus membros rígidos, sentia um calafrio em todo corpo. Estranhas ideias supersticiosas enchiam a minha cabeça. Meus olhos adquiriam uma fixidez hipnótica ao fitá-lo, e, no horror de minha imaginação, parecia-me vê-lo abrir a boca num esgar pavoroso, cravar-me o olhar e atirar-se sobre mim, enchendo-me de sangue frio e coagulado.

Meus cabelos se eriçavam, mas não pude nada mais que dar um grito de angústia, convulsivo e delirante, e jogar-me para trás.

Naquele momento, quando já era completamente noite, o morto escapuliu de nossos joelhos e caiu no fundo da carruagem. Na escuridão, apertamos as nossas mãos, tremendo de cima abaixo, sem que nos atrevêssemos a um olhar recíproco.

Todas as antigas ideias de criança, crenças absurdas, se encarnaram em nós. Levantamos as pernas para os assentos, inconscientemente, cheios de horror, enquanto que, no fundo da carruagem, o morto sacolejava de um lado para o outro.

Pouco a pouco, nossas pernas começaram a esfriar. Era um gelo que emergia do fundo, que avançava pelo nosso corpo, como se a morte fosse-nos contagiando. Não nos atrevíamos a um mínimo movimento. De quando em quando, nós nos inclinávamos para o fundo e ficávamos olhando por bons instantes a escuridão, com os olhos terrivelmente abertos, acreditando ver o morto que se recompunha com um esgar de delírio, rindo, fitando-nos, introduzindo a morte em cada um de nós, rindo-se, aproximando às nossas a sua cara, fazendo-nos crer que à noite veríamos brilhar os seus olhos, e ria-se, e ficávamos gelados, mortos, mortos, naquela carruagem que nos conduzia pelas ruas molhadas...

Nós nos encontramos de novo na sala, todos reunidos, sentados em fileira. Havia posto o caixão no centro da sala e não haviam trocado a roupa do morto, por já estarem muito rígidos os seus membros. Ele tinha a cabeça ligeiramente inclinada, com a boca e o nariz tapados com algodão.

Ao vê-lo novamente, um tremor nos sacudiu todo o corpo, e só nos olhávamos furtivamente. A sala estava cheia de gente que se cruzava a cada momento, e isto nos distraía um pouco. Somente de quando em quando observávamos o morto, inchado e verdoso, que estava estirado no caixão.

Transcorrida meia hora, senti que me tocavam e me voltei. Meus amigos estavam lívidos. Ao lugar em que nos encontrávamos, o morto

fixava o seu olhar. Seus olhos pareciam crescidos, opacos, terrivelmente fixos. Sem que nos déssemos conta, a fatalidade nos conduzia ao seu olhar, como se estivéssemos unidos à morte, ao morto que não queria nos deixar. Ficamos amarelos, os quatro, imóveis ante a face que, a três passos, se voltava para nós, sempre para nós!

Deram quatro horas da manhã e ficamos completamente sozinhos. Instantaneamente, o medo voltou a apoderar-se de nós.

Primeiro, um trêmulo estupor; depois, um desespero desolado e profundo; por fim, uma covardia inconcebível a homens de nossas idades, um pressentimento preciso de que algo terrível iria acontecer.

Lá fora, a rua estava repleta de brumas e o latido dos cães prolongava-se em um uivo lúgubre. Aqueles que, excitados como estávamos agora, velavam alguém e, de repente, perceberam que estavam a sós com o cadáver, e ouviram o súbito lamento de um cão ou o crocitar de uma coruja na madrugada de uma noite de morte, assim sozinhos com o morto, compreenderão a nossa sensação, posto que já estávamos sugestionados pelo medo, e assaltados, às vezes, pelas terríveis dúvidas quanto à horrível morte do amigo.

Como disse, ficamos sós. Pouco depois, um ruído surdo, como um balbucio apressado, percorreu a sala. Saía do caixão, onde estava o morto, ali, a três passos... E o víamos bem, levantando o busto com os algodões esponjados, horrivelmente pálido, olhando-nos fixamente, e víamos como se recompunha pouco a pouco, apoiando-se às bordas do ataúde, enquanto nossos cabelos se eriçavam e nossas testas se cobriam de suor, enquanto o balbucio se fazia cada vez mais ruidoso, e soou uma risada estranha, extra-humana, como se vomitada, estomacal e epiléptica, e nos levantamos desesperado, e nos lançamos a correr, apavorados, loucos de terror, perseguidos de perto pelas risadas e pelos os passos daquela pavorosa ressurreição.

Quando cheguei a casa — sempre fugindo —, entrei no quarto e puxei os lençóis, vi o morto estirado na cama, amarelado à luz da madrugada, morto com meus três amigos, que estavam gelados, todos estirados na cama, gelados e mortos...

O SONHO DO REI KARNA-VOOTRA

– Lord Dunsany



O rei Karna-Vootra, sentado em seu trono de onde dominava tudo, disse:

“Na noite passada eu vi claramente a majestosa Vava-Nyria. Apesar de estar parcialmente encoberta por grandes nuvens que continuamente giravam em torno dela, seu rosto estava descoberto e resplandecia ao luar.

“E disse-lhe:

“Passeia comigo pelos grandes lagos da formosa e cheia de jardins Istrakhan, onde flutuam lírios que produzem deliciosos sonhos; ou, baixando as cortinas de orquídeas suspensas, vem comigo através de um caminho secreto que leva a outra selva impenetrável que cobre a única senda através das montanhas que cercam Istrakhan. Cercando-a e contemplando-a com júbilo pela manhã, até o anoitecer, quando os lagos não estão habituados à luz e, por vezes, em sua alegria, derretem a fatal neve que mata os homens das montanhas nos cumes solitários. Esses lugares são mais velhos que as crateras da lua.

“Venha comigo, e iremos para terras românticas, dessas que os homens das caravanas evocam em suas músicas, então caminharemos em uma terra tão encantadora que mesmo as borboletas que revoloteiam se admirarão com sua beleza refletida nos lagos sagrados; e à noite ouviremos inúmeros rouxinóis, cantando em coro com as estrelas até morrer. Se te decidires, enviarei arautos bem longe, com notícias de tua beleza, os quais se apresentarão e chegarão a Sédara, e falarão dela aos homens que cuidam dos rebanhos de ovelhas marrons; e desde Sédara rumores se espalharão pelas margens do sagrado rio Zoth, e até mesmo os construtores de cercas das planícies ouvirão falar de tua beleza e a cantarão. Mais tarde os arautos irão até o norte atravessando as colinas até chegar a Sooma. E nessa cidade de ouro informarão aos reis, sentados arrogantemente em seus tronos de alabastro, de teu estranho sorriso. E muitas vezes tua história será contada em mercados distantes pelos comerciantes de Sooma, entre outras histórias contadas para atrair fregueses.

“E os arautos chegarão também a Ingra, onde as pessoas estão sempre dançando. E ali falarão de ti, de maneira que teu nome será cantado

naquela alegre cidade. E pedirão, ali, camelos emprestados, e atravessarão as areias do deserto, até alcançarem a distante Nirid para falar da tua beleza aos homens solitários dos mosteiros das montanhas.

“Vem comigo agora, pois é primavera.

“E, quando eu disse isso, ela moveu sua cabeça, ligeira, mas significativamente. E só então me lembrei que eu tinha perdido a minha juventude e ela estava morta há quarenta anos.

FAZER UMA FOGUEIRA – Jack London



O dia tinha já rompido frio e cinzento, extremamente frio e cinzento, quando o homem deixou o trilho principal do Yukon e subiu pela alta margem de terra, onde um trilho muito leve, pouco pisado, se dirigia para Leste por entre uma floresta de grossos abetos. A margem era íngreme e ele parou para tomar fôlego, olhando o relógio para justificar aquela paragem perante si próprio. Não havia sol, nem vestígios dele, embora não houvesse uma só nuvem no céu. Estava um dia claro, e contudo parecia haver um manto intangível a cobrir todas as coisas, uma subtil melancolia que tornava o dia escuro e que se devia à ausência do sol no céu. Este facto não preocupava o homem. Já estava habituado à falta do sol. Já não o via há alguns dias e sabia que mais alguns se passariam antes que a alegre esfera, a cumprir o seu percurso a Sul, espreitasse apenas acima do horizonte para logo desaparecer da vista.

O homem lançou um olhar para trás, para o caminho que trouxera. Lá estava o Yukon, uma milha de largura, escondido sob um metro de gelo. E sobre este gelo outro tanto de neve. Era toda uma brancura imaculada, rolando em suaves ondulações nos sítios onde a congelação tinha formado montes de gelo. Para Norte e para Sul, até onde a vista alcançava, era tudo de uma brancura ininterrupta, salvo uma fina linha escura que em curva se afastava da ilha coberta de abetos em direção ao Sul, e que curvava depois para Norte e desaparecia por detrás de outra ilha coberta de abetos. Esta fina linha escura era o trilho — o trilho principal — que levava até ao Chilcoot Pass, Dyea, e à água salgada, quinhentas milhas mais adiante; e que para Norte ia até Dawson, a setenta milhas, e ainda mais para Norte até Nulata, a mil milhas, e finalmente até St. Michael, no Mar de Bering, mil e quinhentas milhas mais adiante.

Mas nada disto — nem a misteriosa linha do trilho a perder de vista, nem a ausência do sol, nem o tremendo frio, nem a singularidade ou o carácter estranho de tudo aquilo — deixava qualquer impressão no homem. Não que ele já estivesse há muito habituado a eles. Ele era novo naquelas terras, um chechaquo, e este era o seu primeiro inverno naquelas paragens. O problema dele era a falta de imaginação. Era esperto e estava atento às coisas da vida, mas apenas às coisas e não

ao significado delas. Cinquenta graus negativos significavam oitenta e tal graus de congelação. Tal facto, para ele, significava frio e desconforto, e apenas isso. Não o levava a meditar sobre a sua fragilidade como criatura de temperatura que era, ou sobre a fragilidade do homem em geral, apenas capaz de viver dentro de certos limites muito estreitos de calor e frio; e não o levava, daí para a frente, para o campo das conjecturas sobre a imortalidade e sobre o lugar do homem no universo. Cinquenta graus negativos representavam uma picada do frio, que faz doer e de que a gente se deve resguardar usando luvas, lobos de orelha, botas quentes de pele e meias grossas. Cinquenta graus negativos, para ele, eram apenas e só cinquenta graus negativos. Nunca lhe passara pela cabeça que pudessem ser mais alguma coisa.

Quando se virou para prosseguir o seu caminho, cuspiu, distraído a refletir. Ouviu um estalido agudo que o despertou. Cuspiu outra vez. E outra vez, no ar, antes de cair na neve, o cuspo estalou. Ele sabia que a cinquenta graus abaixo de zero o cuspo estalava na neve, mas este cuspo tinha estalado no ar. Não havia dúvida de que estava mais frio do que cinquenta abaixo de zero — quanto é que ele não sabia. Mas a temperatura não importava. Ele dirigia-se à velha concessão no braço esquerdo da bifurcação do Henderson Creek, onde os rapazes já se encontravam. Eles tinham vindo da região do Indian Creek, atravessando as montanhas, enquanto que ele tinha feito um desvio para ver das possibilidades de retirar os toros de madeira das ilhas do Yukon na Primavera. Ia lá chegar pelas seis horas; um pouco tarde, realmente, mas os rapazes lá estariam, já teriam uma fogueira e uma refeição quente pronta. Quanto ao almoço, apalpou o volume que sobressaía por baixo do casaco. Estava também por baixo da camisa, embrulhado num lenço contra a pele nua. Era a única maneira de conservar as bolachas sem congelarem. Sorriu para si próprio quando pensou naquelas bolachas, abertas uma a uma e embebidas na gordura do bacon e cada uma delas com uma generosa fatia de bacon frito.

Mergulhou na floresta, no meio dos enormes abetos. O trilho estava muito sumido. Já tinham caído trinta centímetros de neve desde a última passagem de um trenó, e ainda bem que ele não trazia um trenó, e ia assim tão leve. De facto, ele não trazia senão o almoço embrulhado num lenço. Estava era surpreendido com o frio. Estava realmente muito frio, concluiu, enquanto esfregava, com a mão enluvada, o nariz e as faces dormentes. Ele usava suíças, mas aqueles pelos não lhe protegiam a parte frontal da cara e o nariz ansioso, que se espetava agressivamente no ar gelado.

A trote e na peugada do homem, vinha um cão, um cão grande arraçado de lobo, daqueles com que andam os esquimós, e em nada

diferente, física ou temperamentalmente do seu irmão, o lobo selvagem. O animal estava abatido, daquele frio tremendo. Ele sabia que não era altura para andar a viajar. O instinto fornecia-lhe uma informação mais real do que aquela que o homem obtinha através da sua própria avaliação. Na verdade, aquele frio não era só de cinquenta graus abaixo de zero; era de mais de sessenta ou setenta graus abaixo de zero. Era de setenta e cinco graus abaixo de zero. Como o ponto de congelação é de trinta e dois graus acima de zero, a temperatura chegara portanto aos cento e sete graus abaixo do ponto de congelação*. O cão não sabia nada de termómetros. Provavelmente não havia no seu cérebro qualquer noção exata do frio como a que havia no do homem. Mas o animal tinha o seu instinto e sentia uma vaga mas ameaçadora apreensão que o dominava e o fazia seguir na pegada do homem e o fazia questionar ansiosamente cada um dos seus movimentos menos habituais como se estivesse à espera que ele fosse acampar ali ou fosse procurar abrigo algures e fazer uma fogueira. Ele aprendera a conhecer as fogueiras e precisava de uma fogueira, ou então de escavar um buraco sob a neve para se aquecer aninhando-se ao abrigo da atmosfera exterior.

O orvalho resultante da respiração fixava-se-lhe no pelo na forma de um fino pó de gelo, e em especial o queixo, o focinho e as pestanas estavam brancos do seu bafo cristalizado. A barba e o bigode ruivos do homem estavam igualmente congelados, mas mais solidamente, tendo aqui a forma de gelo mesmo e aumentando a cada uma das suas expirações quentes e húmidas. Além disso, o homem ia a mascar tabaco e o gelo que lhe cobria a boca firmava-lhe os lábios de tal maneira que ele não conseguia limpar o queixo quando expelia o suco. O resultado era uma barba cristalizada da cor e da consistência do âmbar e que ia aumentando de tamanho no queixo. Se ele caísse, aquilo estilhaçava-se como vidro. Mas aquele apêndice não o preocupava. Era o preço a pagar por aqueles que mascavam tabaco naquelas terras, e ele já tinha tido duas experiências idênticas. O frio não era tanto, ele sabia-o, mas pelo termómetro de álcool em Sixty Mile ele soubera que se tinham registado temperaturas de cinquenta e cinquenta e cinco.

Continuou por uma extensão plana de floresta durante algumas milhas, atravessou uma vasta planície coberta de moitas e depois meteu por uma encosta abaixo em direção ao leito gelado de um pequeno ribeiro. Era o Henderson Creek, e ele sabia que estava a dez milhas da bifurcação. Consultou o relógio. Eram dez horas. Estava a fazer quatro milhas por hora e calculou que devia chegar à bifurcação ao meio-dia e meia. Resolveu que almoçaria lá para comemorar o acontecimento.

O cão continuava a segui-lo num desânimo de cauda pendente enquanto o homem gingava ao longo do leito do ribeiro. O sulco do velho rasto de trenó era bem visível, mas alguns centímetros de neve cobriam as marcas de patins mais recentes. Há um mês que ninguém passava, para cima ou para baixo, naquele ribeiro silencioso. O homem prosseguiu determinado. Ele não era muito dado a pensar, e particularmente naquela ocasião não tinha nada em que pensar a não ser em que iria almoçar na bifurcação e que às seis horas estaria no acampamento com os rapazes. Não havia ninguém com quem falar; e, se houvesse, teria sido impossível falar por causa da mordada de gelo que lhe cobria a boca. Assim, continuou monotonamente a mascar tabaco e a fazer crescer a sua barba de âmbar.

De vez em quando vinha-lhe à ideia o terrível frio que fazia, e que nunca sentira tal frio. À medida que caminhava ia esfregando a cara e o nariz com as costas da mão enluvada. Fazia isto mecanicamente, mudando de mão de quando em vez. Mas por muito que esfregasse, assim que deixava de o fazer os maldres ficavam logo dormentes e depois também a ponta do nariz. A cara ia certamente ficar gelada; ele sabia isso, e era com grande angústia que se arrependia de não ter arranjado uma proteção para o nariz do género da que o Bud usava durante as vagas de frio. Essas proteções passavam também pela cara e protegiam-na. Mas, afinal, também não importava muito. Qual era o problema de ter a cara gelada? Um pouco doloroso, só isso; nunca era coisa muito grave.

Vazia de ideias como a sua cabeça era, o homem era, porém, muito observador, e reparou nas mudanças do ribeiro, as lombas, as curvas e os ramos de árvore, e tinha sempre o cuidado de ver onde punha os pés. Uma vez, depois de uma curva, recuou abruptamente, como um cavalo assustado, desviou-se do sítio por onde tinha vindo a caminhar e retrocedeu alguns passos no trilho. O ribeiro sabia ele que estava gelado até ao fundo — nenhum ribeiro podia ter água naquele inverno polar — mas também sabia que havia nascentes que borbulhavam nas encostas dos montes e cuja água corria encosta abaixo sob a neve e por cima do gelo do ribeiro. Ele sabia que mesmo as mais rigorosas vagas de frio nunca conseguiam congelar estas nascentes, e conhecia igualmente o seu perigo. Eram armadilhas. Escondiam poças de água, debaixo da neve, que podiam ter um centímetro ou um metro de profundidade. Às vezes estavam cobertos por uma fina camada de gelo de três centímetros, que, por sua vez, estava coberta de neve. Outras vezes, havia camadas alternadas de água e gelo, de modo que, quando uma se quebrava, as outras começavam a quebrar-se por ali abaixo e a pessoa podia ficar metida na água até à cintura.

Esta a razão por que ele recuara tão assustado. Tinha sentido o gelo a

ceder sob os seus pés e ouviu o estalido da camada de gelo escondida sob a neve. E molhar os pés com tal temperatura significava perigo e problemas iminentes. Significava na melhor das hipóteses um atraso, porque seria obrigado a parar para acender uma fogueira cujo calor lhe permitisse ficar descalço enquanto secava as botas e as meias. Ficou a estudar o ribeiro e as margens e concluiu que a água vinha da direita. Refletiu por momentos, esfregando a cara e o nariz, depois desviou-se para a esquerda, a caminhar cautelosamente e a experimentar a firmeza do piso passo a passo. Passado o perigo, meteu na boca mais um bocado de tabaco para mascar e lá prosseguiu no seu ritmo de quatro milhas por hora.

No decurso das duas horas seguintes, deparou com várias destas armadilhas. Geralmente a neve que escondia as poças tinha um aspecto cavado, de açúcar cristalizado, que anunciava o perigo. E mais uma vez escapou por um triz; e uma das vezes, desconfiando do perigo, obrigou o cão a ir na frente. O cão não queria ir. Foi ficando para trás até que o homem o enxotou para a frente, e depois atravessou rapidamente a superfície branca. Subitamente o gelo quebrou e o cão debateu-se por momentos, desequilibrado para um dos lados, mas depois conseguiu sair para piso mais firme. Tinha molhado as patas e pernas da frente, e quase imediatamente a água que ficara agarrada ao pelo transformou-se em gelo. Fez rápidos esforços para o remover lambendo as pernas e depois sentou-se na neve começando a morder o gelo que se tinha formado entre os dedos para o tirar também. Fez isto apenas por instinto. Deixar ficar o gelo significaria pés em ferida e ele não sabia isso. Apenas obedeceu à misteriosa indicação vinda das profundezas ocultas do seu ser. Mas o homem compreendeu-o, depois de avaliar a questão, e tirou a luva da mão direita e ajudou-o a remover as partículas de gelo. Não expôs os dedos ao ar mais do que um minuto, e ficou espantado com a rapidez com que o entorpecimento os atingiu. Estava realmente muito frio. Calçou rapidamente a luva e começou a bater ferozmente com a mão no peito.

Às doze horas o dia atingia a sua claridade máxima. Mas o sol andava tão para sul na sua viagem invernal que não conseguia clarear o horizonte. O bojo da terra interpunha-se entre ele e o Henderson Creek, onde o homem caminhava sob um céu limpo, ao meio dia, sem projectar qualquer sombra. Ao meio-dia e meia, pontualmente, chegava ele à bifurcação do ribeiro. Estava satisfeito com o andamento que conseguira. Se o conseguisse manter estaria certamente com os rapazes pelas seis horas. Desabotoou o casaco e a

camisa e tirou o almoço para fora. Esta tarefa não lhe demorou mais de um quarto de minuto, mas esse curto espaço de tempo foi suficiente para que os dedos expostos ao ar lhe ficassem dormentes. Não calçou a luva, em vez disso começou a bater repetidamente com os dedos nas pernas. Depois sentou-se num tronco coberto de neve para comer. O formigueiro nos dedos, depois de ter batido com eles nas pernas, cessou tão depressa que ele ficou sobressaltado. Não tinha tido qualquer possibilidade de dar uma única dentada nas bolachas. Bateu com os dedos repetidamente e calçou a luva, descalçando a outra mão para comer. Tentou uma dentada de boca cheia, mas a mordida de gelo impediu-o. Esquecera-se de fazer uma fogueira para derreter o gelo. Riu-se da sua insensatez, e enquanto ria começou a notar a dormência a subir-lhe pelos dedos nus acima. E notou também que o formigueiro que começara a sentir nos dedos dos pés quando se sentara já estava a passar. Não sabia bem se os dedos dos pés estavam quentes ou dormentes. Mexeu-os dentro das botas e concluiu que estavam dormentes.

Calçou a luva rapidamente e pôs-se de pé. Começava a ficar um tanto assustado. Começou a bater com os pés até o formigueiro voltar. Só pensava que estava realmente muito frio. Aquele homem de Sulphur Creek tinha razão quando lhe falou do muito frio que às vezes se fazia sentir na região. E ele nessa altura rira-se do homem! Isto mostrava que não devemos ter tanta certeza das coisas. Não havia qualquer dúvida sobre isso, estava mesmo frio. Começou a andar energicamente de um lado para o outro, batendo com os pés e sacudindo os braços até conseguir que aquecessem. Depois pegou nos fósforos e começou a fazer uma fogueira. Nas moitas, onde a água da primavera anterior tinha deixado um monte de galhos secos, arranjou ele a lenha. Começando cuidadosamente de um pequeno lume, depressa conseguiu chamas grandes a crepitar, sobre as quais derreteu o gelo da cara e ao calor das quais comeu as suas bolachas. Por enquanto o ar frio estava vencido. O cão aproveitou bem a fogueira, estendendo-se suficientemente perto para receber o calor e suficientemente longe para não ficar chamuscado.

Depois de acabar de comer, o homem encheu o cachimbo e ficou a fumá-lo confortavelmente. Depois calçou as luvas, apertou bem os lobos de orelhas e tomou o trilho esquerdo da bifurcação. O cão ficou desapontado e olhava, nostálgico, para a fogueira. Este homem não conhecia o frio. Possivelmente nenhuma geração dos seus antepassados conheceu o frio, o verdadeiro frio, o frio de cento e sete graus abaixo do ponto de congelação. Mas o cão conhecia-o; todos os seus antepassados o conheceram, e ele herdara esse conhecimento. E

sabia que não era bom andar por fora com aquele frio terrível. O tempo estava bom era para se estar metido num buraco da neve, bem aconchegado, e esperar que uma cortina de nuvens se viesse descerrar sobre o espaço exterior donde vinha aquele frio. Por outro lado, também não havia grande intimidade entre o cão e o homem. O primeiro era escravo do segundo, e as únicas carícias que alguma vez recebia eram as do chicote e dos sons guturais que eram já uma ameaça de chicote. E por isso o cão não fez qualquer esforço para dar a conhecer ao homem a sua apreensão. Ele não estava preocupado com o bem estar do homem; era apenas por ele próprio que ele sentia aquela nostalgia da fogueira. E o homem assobiou e falou-lhe em tom de chicote, e o cão lá seguiu na sua peugada.

O homem meteu mais uma porção de tabaco na boca e iniciou a construção de uma nova barba âmbar. E o seu bafo húmido depressa lhe pulverizou de branco o bigode, as sobrancelhas e as pestanas. Neste trilho esquerdo da bifurcação do Henderson, parecia não haver tantas nascentes, e durante meia hora o homem não viu vestígios de nenhuma. Mas depois aconteceu. Num sítio onde não havia quaisquer sinais, onde a neve macia e ininterrupta parecia indiciar alguma solidez por baixo, o piso cedeu. Não parecia muito fundo. O homem molhou-se até meio dos tornozelos antes de, a debater-se, conseguir saltar para terra firme.

Ficou irritado e amaldiçoou a sua pouca sorte em voz alta. Tivera a esperança de chegar ao acampamento onde estavam os rapazes pelas seis horas, e isto ia atrasá-lo uma hora, porque ia ter de acender uma fogueira para secar as botas, as meias e os pés. Com aquela temperatura, isto tornava-se imperativo — até aí sabia ele; e dirigiu-se para a margem, que começou a trepar. Lá em cima, emaranhado na vegetação rasteira à volta dos troncos de pequenos abetos, estava um monte de lenha, deixado pela subida da água — principalmente paus e galhos, mas também grandes pedaços de ramos secos e boas canas secas do ano anterior. Atirou vários destes últimos para baixo, para cima da neve. Isto era para servir de base e evitar que as primeiras chamas se afogassem na neve, que de outra maneira se derreteria. O lume conseguiu-o ele friccionando um fósforo num bocado de casca de vidoeiro que tirou do bolso. Isto ardia ainda melhor do que o papel. Pô-lo sobre a base e foi alimentando o fogo com tufo de erva seca e com os galhos mais finos.

Trabalhava devagar, com muito cuidado e muito atento ao perigo em que estava. Pouco a pouco, à medida que as chamas cresciam, ia aumentando o tamanho dos ramos com que as estava a alimentar. Agachou-se na neve, a desemaranhar os ramos e ia-os atirando directamente para a fogueira. Ele sabia que não podia falhar. Quando

a temperatura está a setenta e cinco graus abaixo de zero, um homem não pode falhar na primeira tentativa para acender uma fogueira — quer dizer, se tiver os pés molhados. Se tiver os pés secos e falhar pode correr meia milha pelo trilho fora para restabelecer a circulação. Mas a circulação nos pés molhados e gelados não se pode restabelecer correndo, quando estão setenta e cinco graus abaixo de zero. Por mais depressa que corra, os pés molhados gelarão cada vez mais.

Tudo isto o homem sabia. Aquele veterano em Sulphur Creek tinha falado nisto no outro outono e agora é que ele estava a dar valor ao conselho. Já não sentia os pés. Para fazer a fogueira tinha sido obrigado a descalçar as luvas, e os dedos ficaram logo dormentes. O seu andamento de quatro milhas por hora tinha-lhe mantido o coração a bombear sangue para toda a superfície do corpo e para todas as extremidades. Mas no momento em que ele parou, a acção da bomba, abrandou. O frio do espaço atacou a ponta desprotegida do planeta, e estando ele nessa ponta desprotegida, recebeu o golpe em toda a sua força. O sangue do corpo retraiu-se perante o ataque. O sangue estava vivo, como o cão, e tal como o cão, queria recolher-se e proteger-se daquele frio terrível. Enquanto andasse a quatro milhas por hora, o coração, quisesse ou não, bombeava esse sangue para a superfície; mas agora o sangue refluíu e alojou-se-lhe nos recessos do corpo. As extremidades foram as primeiras a sentir a sua ausência. Os pés molhados eram os que gelavam mais depressa, e os dedos nus eram os que adormeciam mais depressa, embora ainda não tivessem começado a gelar. O nariz e a cara já estavam a começar a gelar, enquanto a pele por todo o seu corpo arrefecia com a perda do sangue.

Mas estava salvo. Os dedos dos pés, o nariz e a cara só seriam ligeiramente afetados pela congelação, porque a fogueira estava a começar a arder bem. Ele estava a alimentá-la com ramos da espessura de um dedo. Mais um instante e poderia começar a alimentá-la com ramos da espessura do pulso, e então já poderia descalçar-se e, enquanto secava as botas e as meias, poderia manter os pés descalços quentes à fogueira, esfregando-os primeiro, claro, com neve. A fogueira foi um sucesso. Estava salvo. Lembrou-se do conselho do veterano em Sulphur Creek e sorriu. O veterano tinha falado muito a sério quando lhe ditou a regra segundo a qual ninguém deve viajar sozinho no Klondike com temperaturas abaixo dos cinquenta graus. E ali estava ele; tinha tido aquele acidente; estava sozinho e tinha-se salvo. Aqueles velhos veteranos eram muito maricas, alguns deles, pensou. O que era preciso era não perder a cabeça, e assim as coisas correriam bem. Qualquer homem que seja homem pode viajar sozinho. Mas era espantosa a rapidez com que a cara e o nariz estavam a gelar. E nunca imaginara que os dedos pudessem ficar sem

vida em tão pouco tempo. E estavam de facto, sem vida, porque ele mal os podia mexer para agarrar um ramo, e parecia-lhe que estavam afastados do corpo e dele próprio. Quando tocava num ramo, tinha de olhar para ver se o estava a agarrar ou não. As comunicações entre ele e as pontas dos dedos estavam bastante fracas.

Mas nada disto contava muito. Estava ali a fogueira a estalar e a crepitar, uma promessa de vida a dançar em cada labareda. Começou a desapertar as botas. Estavam cobertas de gelo; as grossas meias alemãs pareciam bainhas de ferro até meio da perna; e os atacadores das botas pareciam varetas de aço, todas torcidas e cheias de nós como em resultado de uma explosão. Durante um bocado ainda tentou puxá-los com a mão, mas depois, percebendo o disparate que estava a fazer pegou na navalha.

Mas antes de poder cortar os atacadores, aconteceu aquilo. A culpa, ou melhor, o erro foi seu. Não devia ter feito a fogueira por baixo do abeto. Devia tê-la feito numa clareira. Mas assim tinha sido mais fácil puxar os ramos e pô-los diretamente sobre o fogo. Ora, a árvore sob a qual ele a fizera tinha uma grande carga de neve sobre os ramos. Há semanas que não corria vento nenhum, e todos os ramos estavam carregadinhos de neve. Enquanto estivera a fazer a fogueira, de cada vez que puxava um ramo transmitia uma ligeira agitação à árvore — uma agitação imperceptível para ele, mas a bastante para provocar o desastre. Um ramo no topo da árvore cedeu e deixou cair a neve sobre os ramos que lhe ficavam por baixo, os quais, por sua vez, cederam também. Este processo continuou, estendendo-se a toda a árvore. A neve cresceu como uma avalanche e acabou por cair sobre o homem e sobre a fogueira e o fogo apagou-se! No sítio da fogueira estava agora apenas um monte de neve fresca.

O homem ficou abalado. Era como se acabasse de ouvir a sua própria sentença de morte. Ficou sentado por momentos a olhar para o sítio onde ainda há pouco ardia a fogueira. Depois ficou muito calmo. Talvez o velho veterano de Sulphur Creek tivesse razão. Se tivesse ali consigo um companheiro, não estaria agora em perigo. O companheiro podia fazer a fogueira. Mas assim era ele que tinha de fazer a fogueira de novo, e desta vez não podia falhar. Mesmo que conseguisse, ia certamente ficar sem alguns dedos dos pés. Os pés deviam estar agora gravemente congelados e a segunda fogueira ainda ia demorar a fazer.

Era isto que ele estava a pensar, mas não se deixou ficar parado. Esteve sempre em atividade enquanto estes pensamentos lhe ocorriam. Construiu uma nova base para a fogueira, desta vez numa clareira, onde nenhuma árvore traiçoeira a poderia apagar. A seguir, juntou ervas secas e alguns galhos do monte deixado pela subida das águas.

Não conseguia apertar os dedos para os puxar, mas conseguiu juntá-los às mãos cheias. Mas desta maneira arrastou também muitos galhos podres e bocados de musgo indesejáveis, mas era o melhor que conseguia fazer. Trabalhava metodicamente, juntando mesmo um braçado de ramos maiores que serviriam mais tarde quando o fogo já estivesse mais forte. E enquanto isto, o cão estava sentado a observá-lo com uma certa ansiedade nostálgica no olhar, porque o estava a ver como o fazedor de fogueiras, e a fogueira tardava.

Quando já estava tudo pronto, o homem procurou no bolso uma segunda casca de vidoeiro. Ele sabia que a casca lá estava e, embora não a pudesse sentir com os dedos, ouvia o seu ruje-ruje enquanto tentava desajeitadamente agarrá-la. Por muito que tentasse, não conseguia agarrá-la. E durante todo o tempo, ele sabia, bem no fundo do seu consciente, que os pés lhe estavam a congelar momento a momento. Esta ideia inclinava-o para o pânico, mas lutou contra isso e manteve a calma. Com os dentes, calçou as luvas e começou a balançar os braços para a frente e para trás batendo com as mãos nas pernas com toda a sua força. Estava a fazer isto sentado e depois levantou-se; e durante este tempo, o cão continuava sentado na neve, com a cauda de lobo enroscada à volta das patas anteriores, as orelhas pontiagudas de lobo viradas intencionalmente para a frente enquanto observava o homem. E o homem, enquanto balançava os braços e batia com as mãos, foi invadido por um enorme sentimento de inveja ao ver aquela criatura que estava quente e segura na sua proteção natural.

Algum tempo depois começou a sentir os primeiros sinais muito longínquos de sensibilidade nos dedos. O ligeiro formigueiro aumentou até se transformar em picadas muito dolorosas, mas que o homem abençoou com satisfação. Tirou a luva da mão direita e meteu-a no bolso a buscar a casca de vidoeiro. Os dedos expostos ao ar começaram logo a adormecer outra vez. A seguir tirou um punhado de fósforos. Mas aquele frio tremendo já arrancara a vida aos dedos outra vez. No seu esforço para separar um fósforo dos outros, caíram-lhe todos na neve. Tentou apanhá-los mas não conseguiu. Os dedos mortos não lhes conseguiam tocar nem agarrá-los. Ele agia com muito cuidado. Afastou do pensamento a ideia da cara e dos pés e do nariz que estavam a gelar, devotando toda a sua alma aos fósforos. Ficou a observar, usando o sentido da visão em vez do do tacto, e quando viu os dedos um de cada lado do maço de fósforos apertou-os — ou melhor, quis apertá-los, porque as comunicações estavam cortadas e os dedos não obedeciam. Calçou a luva da mão direita e bateu com ela violentamente contra o joelho. Depois, com ambas as mãos enluvadas

servindo como que de colher apanhou o punhado dos fósforos juntamente com muita neve e depositou tudo sobre o colo. Contudo as coisas não melhoraram muito.

Depois de alguma manipulação, conseguiu agarrar o maço de fósforos juntando as palmas das mãos enluvadas e desta maneira levou-o até à boca. O gelo estalou e partiu-se quando num violento esforço ele abriu a boca. Recolheu o maxilar inferior e enrolou o lábio superior para abrir espaço e esgadanhou o molho com os dentes de cima para separar um fósforo. Conseguiu apanhar um, que deixou cair no colo. Mas mesmo assim as coisas não melhoraram. Não conseguia agarrá-lo. Então pensou numa maneira. Pegou-lhe com os dentes e friccionou-o na perna. Vinte foram as vezes que ele repetiu o movimento até conseguir acendê-lo. Quando isso aconteceu, levou-o, sempre nos dentes, até à casca de vidoeiro. Mas o enxofre foi-lhe para as narinas e para os pulmões e fê-lo tossir convulsivamente. O fósforo caiu na neve e apagou-se.

O velho veterano de Sulphur Creek tinha razão, pensou ele durante aqueles momentos de desespero controlado que se seguiram: abaixo dos cinquenta negativos um homem deve viajar sempre acompanhado de um parceiro. Bateu com as mãos, mas não conseguiu provocar nelas qualquer sensação. Subitamente descalçou as luvas, puxando-as com os dentes. Pegou no molho todo com a parte posterior das palmas das mãos juntas. Os músculos dos braços não estavam gelados, o que lhe permitia apertar as mãos contra os fósforos. Depois friccionou todo o molho na perna. Os setenta fósforos acenderam-se todos! Não havia vento para os apagar. Virou a cabeça para o lado para evitar os gases sufocantes e pôs os fósforos acesos junto da casca de vidoeiro. Enquanto assim fazia, começou a sentir a mão. Estava a queimá-la. Sentia-lhe bem o cheiro. Bem lá no fundo, abaixo da superfície, ele sentia-a. A sensação transformou-se em dor aguda. Mas aguentou, mantendo a chama dos fósforos desajeitadamente junto da casca que só não pegou logo porque as mãos se interpunham absorvendo a maior parte da chama.

Por fim, quando já não aguentava mais, sacudiu as mãos. Os fósforos acesos caíram, a crepitar, na neve, mas a casca ficou a arder. Começou a pôr canas secas e os galhos mais finos sobre a chama. Não os podia escolher, porque tinha de pegar neles entre as mãos. Alguns pequenos pedaços de ramos podres e de musgo verde vinham agarrados aos galhos e ele arrancou-os o melhor que pôde com os dentes. Tratou da fogueira desajeitadamente, mas com muito cuidado. Aquele fogo significava vida, não podia morrer. Agora a retração do sangue da superfície do corpo fê-lo começar a tremer e ele ficou ainda mais desajeitado. Um grande bocado de musgo verde caiu mesmo em cima

da pequena fogueira. Tentou empurrá-lo com os dedos, mas as tremuras fizeram com que o seu movimento fosse fundo demais e ele acabou por desfazer o núcleo da pequena fogueira, e as canas e os pequenos galhos a arder separaram-se e espalharam-se. Tentou juntá-los de novo, mas apesar da tensão do esforço, as tremuras dominavam-no e os galhos ficaram irremediavelmente espalhados. Os galhos deitaram uma fumaça e apagaram-se. O fazedor de fogueiras falhara. Ao olhar apático à sua volta, deu casualmente com os olhos no cão sentado na neve à sua frente, do outro lado dos restos da fogueira, fazendo movimentos impacientes com o corpo, erguendo ligeiramente ora uma ora outra das patas dianteiras e mudando o peso do corpo de uma para a outra numa ansiedade melancólica.

Ao ver o cão, ocorreu-lhe uma ideia louca. Lembrou-se daquela história do homem que, apanhado numa tempestade de neve, matou um boi e depois se arrastou para dentro da carcaça do animal, assim se salvando. Matava o cão e enfiava as mãos no corpo quente do animal até a dormência passar. Depois já podia fazer outra fogueira. Falou para o cão, chamando-o; mas a voz saiu-lhe com um estranho tom de medo que assustou o animal, que nunca ouvira o homem a falar-lhe daquela maneira. Alguma coisa se passava, e a sua natureza desconfiada pressentiu perigo — não sabia exatamente que perigo, mas algures no seu cérebro havia uma certa apreensão em relação ao homem. Ao ouvir o homem, achatou as orelhas e os movimentos impacientes do corpo e das patas acentuaram-se; mas não se chegou a ele. O homem pôs-se de joelhos e, apoiado nas mãos, gatinhou em direção ao cão. Esta sua invulgar posição também levantou suspeitas e o animal, a andar de lado, começou a afastar-se.

O homem sentou-se, por momentos, na neve a procurar acalmar-se. Depois calçou as luvas com os dentes e pôs-se de pé. Primeiro olhou para baixo para ver se de facto estava de pé, porque a falta de sensibilidade nos pés deixava-o desligado do solo. Esta sua posição fez com que as suspeitas do cão se comesçassem a desvanecer; e quando ele falou em tom peremptório, com aquele som de chicote na voz, o cão retomou a sua habitual postura de lealdade e encaminhou-se para ele. Quando chegou perto, o homem perdeu o controle. Estendeu os braços para o cão e teve uma verdadeira surpresa quando verificou que as mãos não conseguiam agarrar, que os dedos não se dobravam e não sentiam. Esquecera-se por momentos de que tinha as mãos geladas e que continuavam a gelar cada vez mais. Tudo isto aconteceu muito depressa e antes que o animal pudesse fugir, ele rodeou-lhe o corpo com os braços. Sentou-se no chão e segurou assim o cão, que entretanto rosnava, gania e se debatia.

Mas o homem não podia fazer mais nada, apenas podia mantê-lo

seguro, abraçando-lhe o corpo, e continuar sentado. Compreendeu que não conseguiria matar o cão. Não tinha maneira de o fazer. Com as mãos naquele estado não conseguia pegar na navalha nem segurá-la na mão, e também não conseguia estrangular o animal. Soltou-o e ele afastou-se furiosamente com um salto, rabo entre as pernas e sempre a rosnar. Parou uns dez metros mais à frente e olhou o homem intrigado, de orelhas espetadas. O homem olhou para as mãos para as localizar e viu-as pendentes dos braços. E achou esquisita a sensação de ter de olhar para ver onde estavam as próprias mãos. Começou a balançar os braços para um lado e para o outro batendo com as mãos enluvadas nas pernas. Esteve a fazer isto durante cinco minutos, violentamente, e o coração bombeou para a superfície do corpo sangue suficiente para ele deixar de tremer. Mas a sensibilidade das mãos não voltava. Sentia as mãos como se fossem pesos pendurados nas extremidades dos braços, mas quando tentou que essa impressão descesse, não a encontrou.

Um certo medo da morte, opressivo e entorpecedor, começou a apossar-se dele. Este medo depressa se tornou pungente quando ele se apercebeu de que a questão já não era só o facto de as mãos e os dedos dos pés estarem a gelar ou de vir a ficar sem eles, mas uma questão de vida ou de morte e de que as hipóteses estavam todas contra ele. Isto deixou-o em pânico e voltou-se e começou a correr pelo leito do ribeiro seguindo o velho trilho já meio apagado. O cão seguiu-o. Correu cegamente, sem destino, acossado por um medo que nunca sentira na vida. Gradualmente, à medida que ia sulcando a neve aos tropeções, começou a ver as coisas outra vez — as margens do ribeiro, os velhos montes de ramos, os choupos despídos de folhas e o céu. A corrida fê-lo sentir-se melhor. Já não tremia. Se continuasse a correr, quem sabe, talvez os pés descongelassem; e em qualquer dos casos, se corresse bastante chegaria ao acampamento onde estavam os rapazes. Ia ficar sem alguns dedos das mãos e dos pés e uma parte da cara; mas os rapazes iam tratar dele e salvar o que dele restasse quando lá chegasse. Mas ao mesmo tempo tinha na cabeça um outro pensamento que lhe dizia que nunca chegaria ao acampamento dos rapazes; que o acampamento ficava a muitas milhas de distância e que a congelação tinha um grande avanço sobre ele e em breve estaria hirto e morto. Esta ideia estava em fundo e ele recusava-se a considerá-la. Às vezes ela vinha à tona e exigia a sua atenção, mas ele empurrava-a de novo para baixo para pensar noutras coisas.

Ficou muito admirado de ainda poder correr, com os pés assim tão gelados que nem os sentia quando eles tocavam o chão e suportavam o peso do corpo. Tinha visto uma vez, algures, um Mercúrio alado, e perguntava-se se o Mercúrio se sentiria como ele, assim a planar sobre

a terra.

A sua ideia de ir a correr até ao acampamento tinha um senão: faltava-lhe a resistência. Tropeçou várias vezes e por fim cambaleou, não resistiu e acabou por cair. Quando tentou levantar-se, não conseguiu. Resolveu sentar-se a descansar e depois caminhar simplesmente e manter o andamento. Depois de se sentar e de ter recuperado o fôlego, notou que se estava a sentir quente e bem disposto. Não estava a tremer, e até lhe parecia sentir uma réstia de calor a penetrar-lhe o peito e o tronco. Mas quando tocava no nariz ou na cara não sentia nada. A corrida não lhes provocava o degelo. Nem às mãos ou aos pés. E então pensou que a congelação do corpo devia estar a alastrar. Tentou afastar este pensamento, esquecê-lo, pensar noutra coisa qualquer; tinha plena consciência do pânico que aquela ideia lhe provocava, e ele receava o pânico. Mas aquele pensamento instalou-se e persistiu até lhe produzir uma imagem do corpo completamente gelado. Isto era demais, e encetou uma nova corrida desenfreada pelo trilho fora. Abrandou uma vez para voltar a andar a passo, mas aquela ideia da congelação a avançar fê-lo começar a correr outra vez.

E o cão sempre atrás dele, na sua peugada. Quando caiu uma segunda vez, o animal enrolou a cauda sobre as patas dianteiras e sentou-se à sua frente, virado para ele, curiosamente ansioso e atento. O calor e a segurança do animal encolerizaram-no, e começou a amaldiçoá-lo até que o animal, apaziguador, achatou as orelhas. Desta vez as tremuras voltaram mais depressa. Estava a perder a sua luta contra o gelo. A congelação, vinda de todos os lados, avançava-lhe pelo corpo. Esta ideia fê-lo continuar, mas não correu mais do que trinta metros e logo vacilou e se estatelou ao comprido. Era o seu derradeiro pânico. Quando recobrou o fôlego e o controle, sentou-se e começou a elaborar no seu espírito a ideia de encontrar a morte com dignidade. Contudo, esta concepção não lhe ocorreu nestes termos. A sua ideia era que tinha andado a fazer papel de parvo ao lançar-se naquela correria, qual galinha sem cabeça — foi esta a imagem que lhe veio à ideia. Bem, como, de qualquer maneira, estava condenado a ficar todo gelado, podia ao menos aceitar o facto com alguma decência. Com esta paz de espírito recém descoberta chegaram também os primeiros sinais de sonolência. Uma boa ideia, pensou ele, dormir até morrer. Era como tomar um anestésico. Gelar não era afinal tão mau como se pensava. Havia muitas maneiras de morrer bastante piores.

Imaginou os rapazes a encontrarem o corpo no dia seguinte. E subitamente viu-se a si próprio a ir com eles pelo trilho à sua procura. E, ainda com eles, depois de uma curva, deparou com o próprio corpo deitado na neve. Já não era parte de si mesmo, porque mesmo nessa

altura ele estava fora de si próprio, ali com os rapazes à procura de si próprio. Estava realmente muito frio, foi o que pensou. Quando voltasse para os Estados Unidos, já podia dizer aos amigos o que era o verdadeiro frio. Passou desta imagem para uma visão do velho veterano de Sulphur Creek. Via-o distintamente, muito confortável e quente, a fumar cachimbo.

— Tinhas razão, velho amigo, tinhas toda a razão — sussurrou para o velho veterano de Sulphur Creek.

Depois o homem caiu naquilo que lhe pareceu ser o mais confortável e restaurador dos sonos que jamais experimentara. O cão continuava sentado a olhar para ele, à espera. O curto dia aproximava-se do fim num crepúsculo longo e lento. Não havia sinais de que se fosse fazer qualquer fogueira, e além disso, nunca na sua experiência o cão conhecera homem nenhum que ficasse sentado na neve sem fazer uma fogueira. À medida que o crepúsculo avançava, o seu desejo por uma fogueira aumentava, e, mexendo-se muito e trocando constantemente a posição das patas dianteiras, começou a ganir baixinho e depois achatou as orelhas, a antecipar os raios do homem. Mas o homem continuava calado. Depois o cão começou a ganir alto, e a seguir rastejou até junto do homem, mas cheirou-lhe a morte. Isto fê-lo eriçar-se e recuar. Ficou ainda um pouco a uivar sob as estrelas, que saltitavam e dançavam brilhantes no céu frio. Depois voltou-se e começou a trotar pelo trilho adiante em direção ao acampamento que ele conhecia e onde estavam os outros alimentadores e fazedores de fogueiras.

O VAMPIRO NO CONVENTO -

Louis-Antoine Caraccioli



(Carta a uma senhora polonesa recém-falecida)

Ilustre dama:

Porque agora o que concerne aos mortos me interessa mais do que o que diz respeito aos vivos, reli há pouco o que tu me escreveste, certa feita, sobre os vampiros, esses pretensos cadáveres deambulantes, que, supõe-se, existiram na Hungria e na Polônia. As tuas reflexões sobre eles são maravilhosas, realmente dignas de ti. Tu te lamentavas, com razão, os erros decorrentes da ignorância e da superstição, e te entristecias com Dom Calmet, que dera crédito à quimera dos vampiros.

Que ilusão é esta, a de crer que, em alguma ocasião, corpos separados das almas possam deixar os seus túmulos para, vagueando, sugar o sangue, aqui e acolá, dos vivos! Ah, como deixar de observar que, como disseste muito bem, “essa viva cor e essas carnes firmes, que se encontram nos cadáveres de supostos vampiros depois da exumação, não tinham outra causa senão as características da própria terra, adequadas à realização de tais prodígios”? E se esta observação foi depois confirmada pelas experiências realizadas na Hungria, que serviram para desiludir as gentes, como se admitir que ainda hoje haja pessoas escrupulosamente fiéis a essas ridículas superstições?

Nada me convenceu tanto da fraqueza do espírito humano quanto a obstinação de um religioso polonês, que tu também conheceste, ao sustentar haver visto com os próprios olhos um vampiro, e haver sido testemunha dos atrozes fatos que aquele cometeu num convento.

“Eu era superior em nosso convento de Lublin” – contava-me – “quando morreu um de nossos padres. Mal havia sido exposto o seu cadáver na igreja, onde deveria ficar até o dia seguinte, vieram avisar-me que o seu rosto havia enrubescido surpreendentemente e que o viram passear pelo dormitório. Corri ao seu ataúde e efetivamente admiti que ele estava vermelho como fogo. Portanto, ordenei a ele que, em razão da santa obediência, não viesse a perturbar o repouso de ninguém, e o preveni de que, se ousasse um mínimo movimento, faria com que lhe cortassem a cabeça e lhe traspassassem com madeira

o coração. (Este era o modo usado na verificação dos que, acreditava-se, tornaram-se vampiros; segredo infalível para pôr fim às suas trágicas façanhas.)

Mas, algumas horas mais tarde, recomeçou o alvoroço. Então, fui à igreja, acompanhado por toda a comunidade, e disse ao morto, que mantinha sempre a face corada:

– Assim o quiseste, padre. Portanto, não me culpes. E para castigar-te por sedição, invocando o direito que me é conferido como teu superior, ordeno que te cortem a cabeça e que te traspassem o coração!

E a sentença foi imediatamente cumprida. O vampiro levantou os pés várias vezes e exalou um forte grito. Pensei, a partir de então, que estaríamos tranquilos. Mas uma gritaria espantosa disseminou o alarme no mosteiro durante a noite, durando até o dia seguinte, quando acorri mais uma vez ao cadáver para informar-lhe que, porquanto a amputação não servira para fazê-lo recobrar a razão, seria ele queimado à tarde, no centro do pátio. Preparou-se a fogueira, e o corpo, lançado às chamas, em breve reduziu-se a cinzas, mas isto suscitou uma tão terrível tempestade que a casa parecia que iria desabar. ”

Sim, foi exatamente isto que eu escutei, em viva voz, de um religioso, de sua feita destituído pelo bispo de Cracóvia justamente por ter feito tal demonstração em público. Mas isto não o impediu de continuar acreditando, e de narrar, aos que estivessem a sua volta, uma história tão absurda: na verdade, o fanatismo não raciocina. Aquele fato esteve nos lábios de todos, assim como um outro acontecimento, ocorrido em Lemberg, que dizia respeito a um estudante declarado vampiro e como tal supliciado.

Mas, o que importam as palavras, agora que tu estás na fonte da verdade? Ai, perdoa-me, pois sou uma alma extraviada em dor, e que a tudo se aferra, sem saber por quê! Assim o faz o viajante, que se perdeu no caminho: vai e vem, e procura as vagas pegadas que mais e mais lhe deveriam...

Louis-Antoine Caraccioli (1719-183) foi um prolífico escritor francês, dedicado à literatura, à história, à teologia e à política.

O ADEREÇO – Guy de Maupassant

Era uma destas jovens encantadoras, lindas, que nascem às vezes, talvez por erro do destino, numa família de funcionários. Não tinha dote nem esperanças, nenhum meio de se tornar conhecida, de se fazer compreendida e amada, de se casar com um homem rico e distinto; teve de desposar um pequeno funcionário do Ministério da Instrução Pública. O casamento foi simples, porque não tinha adornos, e isto fê-la infeliz como se estivesse desacreditada; as mulheres, efetivamente, não têm casta nem raça; são a beleza, a graça e o encanto que lhes servem de nobreza e de família. A inata finura, o instinto de elegância e maleabilidade de espírito são a única hierarquia, e fazem as mulheres do povo iguais às mais distintas senhoras.

O seu sofrimento era contínuo, porque sentia que nascera para todas as delicadezas e para todos os luxos. Sofria com a pobreza da casa, com a miséria das paredes, com a velhice das cadeiras, com a fealdade dos estofados. Qualquer outra mulher da sua classe não teria dado por estas coisas, mas a ela torturavam-na e indignavam-na. Bastava-lhe ver a pequena criada que lhe arrumava a casa tão modesta, para que logo despertassem as desoladas lágrimas e os sonhos sem limites. Pensava em silenciosas antecâmaras, forradas de tapeçarias orientais, iluminadas por grandes candelabros de bronze e com dois criados de libré a dormir nas largas poltronas, amodorrados pelo calor pesado do aquecedor. Sonhava com grandes salões guarnecidos de seda antiga, com os móveis finos e preciosos bibelos, com as saletas graciosas, perfumadas, feitas para as conversas das cinco com os amigos mais íntimos, os homens conhecidos e procurados, cujas atenções todas as mulheres desejam. Quando se sentava, para jantar, à mesa redonda, com uma toalha de três dias, diante do marido que destapava a sopeira e dizia: — "Que boa sopinha! Não há coisa melhor no mundo! ..." — cismava nos jantares finos, nas pratas reluzentes, nas tapeçarias que povoam as paredes de personagens antigas e de estranhas aves numa floresta de sonho; pensava em deliciosas iguarias servidas em baixelas maravilhosas, em galanterias murmuradas e ouvidas com sorriso de esfinge, enquanto se vai comendo a carne cor-de-rosa de uma truta ou as asas de uma galinhola.

Não tinha vestidos, nem joias, nem nada; e só disso gostava, só para isso tinha nascido. Tanto desejaria agradecer, ser invejada, ser sedutora;

tanto desejaria que reparassem nela... Tinha uma amiga rica, uma colega de colégio que nunca mais tinha ido visitar, porque voltava de lá sempre cheia de desgosto. E chorava dias e dias, de pena, de tristeza, de desespero, de desamparo.

Ora, uma tarde, o marido chegou a casa com o ar de triunfo e um grande envelope na mão.

— Aqui está uma coisa para você.

Ela rasgou apressadamente o papel e tirou um cartão impresso com as seguintes palavras:

"O Ministro da Instrução Pública e Senhora Georges Ramponneau, têm a honra de convidar o Senhor e Senhora Loisel a vir passar a noite no Ministério, na segunda-feira, 18 de janeiro."

O marido esperava que ficasse encantada, mas viu, pelo contrário, que ela atirava o cartão para cima da mesa, murmurando com despeito:

— E o que você quer que eu faça com isso?

— Oh! queridinha, e eu que pensei que ia gostar! Você nunca sai, então é uma boa ocasião, uma esplêndida ocasião. Foi muito difícil conseguir o convite. É que toda a gente quer: há muitos, aos montes, mas para os empregados são poucos. Você vai encontrar muita gente de posição...

Ela contemplava-o com um ar irritado, depois declarou, impaciente:

— E o que vou vestir?

Não tinha pensado no problema; e balbuciou:

— Mas... o vestido de ir ao teatro... Acho que está muito bem... pelo menos eu acho...

E calou-se, surpreendido, agitado, ao ver que a mulher chorava; duas grandes lágrimas lhe desciam lentamente dos olhos para os cantos da boca. E gaguejou:

— Que é isso? Então que é isso?

Com um esforço violento, ela dominou a sua dor e respondeu numa voz calma, enxugando as faces húmidas:

— Não é nada. É só isto: não tenho vestido, não posso ir à festa. Dê o cartão a um colega que tenha uma mulher mais bem vestida do que eu.

O marido estava desolado. E retorquiu:

— Ora vamos lá, Matilde. Quanto é que poderia custar um vestido apropriado e que pudesse servir para outras ocasiões, uma coisa simples?

Ela refletiu alguns segundos, fazendo os seus cálculos e pensando na quantia que poderia pedir sem que viesse uma recusa imediata e uma exclamação de terror do econômico funcionário. Por fim respondeu hesitante:

— Não sei ao certo, mas tenho a impressão de que, com uns quatrocentos francos, talvez conseguisse...

Loisel empalideceu. Era exatamente o que reservara para comprar uma espingarda e ir no verão, a Manterre, com uns amigos que costumavam aos domingos caçar cotovias. No entanto, respondeu:

— Está bem, quatrocentos francos. Mas veja se compra realmente um vestido bonito...

Aproximava-se o dia da festa e a Senhora Loisel parecia triste, inquieta, ansiosa. O marido disse-lhe uma vez:

— O que que você tem? Há três dias que anda tão esquisita. Ela respondeu:

— Aborrece-me muito não ter uma joia, umas pedras, uma coisa qualquer para pôr em cima... Pareço uma miserável. Mais valia não ir...

— Ponha umas flores naturais; fica muito bem neste tempo. Com dez francos se compra duas ou três rosas magníficas.

Mas a Senhora Loisel não se convencia:

— Não, não... Não há nada mais humilhante do que ter ar de pobre no meio de mulheres ricas.

Mas o marido gritou-lhe:

— Que tola! Va falar com a sua amiga Forestier e peça-lhe uma joia emprestada. Com a amizade que vocês têm...

Ela soltou um grito de alegria.

— É isso. Não tinha pensado...

No dia seguinte, foi a casa da amiga e contou-lhe as suas dificuldades. A outra foi a um armário de espelho, tirou um cofre, trouxe-o, abriu-o e disse à Senhora Loisel:

— Escolha qualquer um, minha amiga.

Viu primeiro braceletes, depois um colar de pérolas, depois uma cruz

veneziana, tudo ouro e pedrarias, um admirável trabalho. Experimentava os colares diante do espelho, hesitava, não podia resolver a largá-los. E ia perguntando:

— Tem mais alguns?

— Claro que sim. Procure. Eu é que não posso saber o que lhe agrada.

De repente, descobriu, numa caixa de cetim negro, um esplêndido colar de diamantes; o coração disparou, num desejo irreprimível; as mãos tremiam-lhe ao tocar-lhe. Pô-lo ao peito, sobre o vestido de gola subida e ficou em êxtase diante de si própria.

Depois perguntou, hesitante, cheia de angústia:

— Pode me emprestar este, só este?

— Mas certamente.

Saltou ao pescoço da amiga, beijou-a com ímpeto, e fugiu com o seu tesouro.

Chegou o dia da festa. A Senhora Loisel teve um êxito enorme. Era de todas a mais bonita, a mais elegante e graciosa, a mais sorridente; ia louca de alegria. Todos os homens a olhavam, perguntavam o seu nome e pediam para ser-lhe apresentados; todos os adidos queriam valsar com ela; o próprio ministro a notou.

Dançava com embriaguez, impulsivamente, perturbada pelo prazer, já não pensando em coisa alguma, senão no triunfo da sua beleza, na glória do seu êxito, numa espécie de nuvem de felicidade feita de todas estas admirações, de todos os desejos despertados, dessa vitória tão completa e tão agradável para o coração das mulheres.

Saiu às quatro da manhã; o marido dormia, desde a meia-noite, num salãozinho, com três outros senhores cujas mulheres se divertiam imenso. Pôs-lhe pelos ombros os vestuários da vida comum que trouxera para a saída, modestos vestuários, cuja pobreza dizia mal com a elegância do vestido de baile. Ela sentiu-o e quis fugir, para que não a notassem as outras mulheres que se cobriam de ricas peles. Loisel retinha-a:

— Espere, está frio... Vou chamar um carro.

Ela, porém, não o escutava e descia rapidamente a escada.

Quando chegaram à rua, não encontraram nenhum fiacre; puseram-se então a procurar, gritando a todos os cocheiros que viam passar ao longe. Desceram para o Sena, desesperados, a tremer de frio; por fim,

no cais, encontraram um desses velhos tálburis que só aparecem em Paris depois do cair da noite, como se de dia tivessem vergonha da sua própria miséria. Levou-os até casa, na Rua dos Mártires, e foi com tristeza que subiram as escadas. Para ela, tudo acabara, e ele, por seu turno, pensava que tinha de estar às dez horas no Ministério.

A Senhora Loisel tirou o velho casaco diante do espelho, para se contemplar ainda em toda a sua glória. Mas de repente soltou um grito. Não tinha o colar ao pescoço. O marido, já meio despido, perguntou:

— O que foi? O que você tem?

Ela voltou-se, com a cabeça perdida:

— Tenho... tenho... não, não tenho o colar da Forestier!

Loisel levantou-se, como doido:

— Como? O quê? Impossível!

Procuraram os dois nas pregas do vestido, nas pregas do casaco, nos bolsos e por toda a parte. Mas nada encontraram.

Ele perguntou:

— Você tem certeza de que ainda o trazia quando saiu do baile?

— Claro, até lhe passei a mão ainda na saída do Ministério.

— Se o tivesse perdido na rua, tínhamos ouvido... É capaz de estar no tálburi.

— Isso! Talvez esteja. Lembra-se do número?

— Eu não; e você? Não se lembra?

— Não...

Olhavam um para o outro, aterrados. Por fim, Loisel voltou a vestir-se. E saiu. A mulher ficou de vestido de baile, sem forças para se deitar, abatida numa cadeira, sem ânimo, sem pensar em nada. Loisel entrou às sete horas. Não o tinha encontrado. Foi à delegacia de polícia, aos jornais, para anunciar alvissaras, às companhias de trens, a toda a parte, afinal, a que o levava uma réstia de esperança. Ela esperou todo o dia, no mesmo estado de abatimento diante do terrível desastre. Loisel voltou à tarde, com as faces cavadas e pálidas: não tinha encontrado nada.

— Vamos escrever à sua amiga e dizer-lhe que se quebrou o fecho do colar e que o mandamos consertar. Assim temos mais tempo para vermos o que se há de fazer.

E a Senhora Loisel escreveu o que o marido lhe ditava. Ao fim de uma

semana, tinham perdido toda a esperança. Loisel, que parecia cinco anos mais velho, declarou:

— Temos de substituir a joia.

No dia seguinte, pegaram no estojo do colar e foram ao joalheiro cujo nome estava escrito no cetim. O homem consultou os seus livros.

— Não fui eu quem fez a venda desse colar; com certeza só forneci a caixa.

Foram então de joalharia a joalharia, à procura de um colar semelhante ao outro; esforçavam-se por se lembrarem dos pormenores e sentiam-se doentes, os dois, de desgosto e de angústia. Encontraram, numa loja na rua Port-Royal, um colar de diamantes que lhes pareceu muito semelhante ao que procuravam. Custava quarenta mil francos, mas cediam-no por trinta e seis mil. Pediram ao joalheiro que a loja ficasse outra vez com o colar, por trinta e quatro mil francos, se encontrassem o outro antes do fim de Fevereiro. Loisel possuía dezoito mil francos que lhe havia deixado o pai. Pediria o resto emprestado. Pediu, efetivamente, mil francos a um, quinhentos a outro, cinco luíses por um lado, três por outro. Passou letras, contraiu compromissos ruinosos, teve de se entender com usurários, com toda a qualidade de gente que empresta a juros. Comprometeu toda a sua existência, arriscou o seu nome sem mesmo saber se o poderia honrar e, aterrorizado pelas angústias do futuro, pela negra miséria que ia se abater sobre si, pela perspectiva de todas as privações físicas e de todas as torturas morais, foi buscar o colar novo e colocou sobre o balcão do comerciante os trinta e seis mil francos. Quando a Senhora Loisel levou o colar à amiga, esta disse-lhe com um ar um pouco irritado:

— Você devia ter trazido antes; eu podia precisar dele.

Não abriu o estojo, a coisa que ela mais temia. Que teria pensado, se desse pela substituição? Que teria dito? Não era possível que a tomasse por ladra?

A Senhora Loisel conheceu a vida horrível dos necessitados; de resto, a sua resolução foi repentina e heroica. Era preciso pagar essa dívida terrível; havia de pagá-la. Despediram a criada e mudaram de casa: alugaram um sótão. Passou por todos os grosseiros trabalhos de casa, pelas odiosas fainas da cozinha. Lavou a louça e as unhas cor-de-rosa estragaram-se nas panelas engorduradas e nos fundos das caçarolas. Ensaboou roupa suja, camisas e panos de esfrega, que depois punha a secar numa corda; todas as manhãs descia as escadas com o lixo,

depois ia buscar baldes de água, parando em cada patamar, para tomar fôlego. E, vestida como uma mulher do povo, foi à feira, ao merceeiro, ao açougue, de cesto no braço, a regatear, brigando, defendendo, real a real, o seu miserável dinheiro. Todos os meses era preciso liquidar promissórias, reformar outras, ganhar tempo. O marido trabalhava, à tarde, a passar a limpo as contas de um negociante e, muitas noites, fazia cópias a dez centavos a página. E esta vida durou, assim, dez anos.

Ao fim desse tempo tinham restituído tudo, absolutamente tudo, com a percentagem dos usurários e as acumulações de juros. A Senhora Loisel, agora, parecia uma velha. Tornara-se a mulher forte, dura, rude, das casas pobres. Mal penteada, com as saias de través e as mãos vermelhas, falava alto, lavava os assoalhos com muita água. Mas, às vezes, quando o marido estava no emprego, sentava-se junto da janela e pensava naquela noite longínqua e no baile em que fora bela e festejada. Que teria acontecido se não tivesse perdido o colar? Quem sabe? Quem sabe? Como a vida é singular e incerta! Como basta tão pouco para salvar ou perder!

Ora, um domingo, quando andava a dar uma volta pelos Campos Elíseos, para descansar das fadigas da semana, viu de repente uma mulher a passear com uma criança. Era a Senhora Forestier, sempre jovem, sempre bela, sempre sedutora. A Senhora Loisel sentiu-se impressionada. Falar-lhe-ia ou não? Falar-lhe-ia, sim. Porque não havia de lhe dizer agora que estava tudo pago? E aproximou-se.

— Bom dia, Joana.

A outra não a reconheceu e, admirada de que uma mulher assim a abordasse tão familiarmente, balbuciou:

— Mas realmente... minha senhora... Eu não sei... Talvez esteja confundida...

— Não estou, não... sou a Matilde Loisel!

A amiga deu um grito:

— Oh! Pobre Matilde! O que lhe aconteceu?

— Tantas coisas. Tive dias bem difíceis, depois que nos vimos pela última vez. E muita miséria... Por sua causa, sabe...?

— Por minha causa? Como?

— Lembra-se daquele colar de diamantes que você me emprestou para ir à festa do Ministério?

— Perfeitamente! E depois?

— Depois perdi-o.

— Não pode ser ... Pois se me devolveu!

— Levei-lhe outro parecido. E passámos estes dez anos a paga-lo. Veja, para nós era muito difícil... Não tínhamos nada... Enfim, está tudo acabado... e sinto-me contente.

A Forestier parava.

— Você diz que comprou um colar de diamantes para substituir o meu?

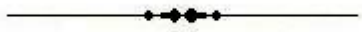
— Sim... Não percebeu, não foi? Eram quase iguais.

E sorria, com uma alegria orgulhosa e ingênua.

A Senhora Forestier, muito comovida, pegou-lhe as mãos:

— Minha pobre Matilde! O colar, o colar era de imitação... Aí de uns quinhentos francos, se tanto.

AS COISAS – Peter Watts



Estou a ser Blair. Fujo pelas traseiras enquanto o mundo entra pela frente.

Estou a ser Copper. Regresso dos mortos.

Estou a ser Childs. Guardo a entrada principal.

Os nomes não interessam. São marcadores, nada mais. Toda a biomassa é intermutável. O que importa é que são tudo o que sobra de mim. O mundo queimou o que restava.

Vejo-me pela janela, a avançar pela tempestade, usando Blair.

MacReady disse-me para queimar Blair se ele regressasse sozinho, mas MacReady ainda julga que sou um dos seus. Não sou: estou a ser Blair e encontro-me à porta. Estou a ser Childs e deixo-me entrar. Comungo brevemente, com gavinhas que se contorcem a partir dos meus rostos e que se entrelaçam: sou Blair Childs a trocar notícias do mundo.

O mundo descobriu-me. Encontrou a minha toca por baixo do barracão das ferramentas, o salva-vidas por acabar, canibalizado a partir das vísceras de helicópteros mortos. O mundo está ocupado a destruir o meu meio de fuga. Depois virá à minha procura.

Só me resta uma alternativa.

Desintegro-me.

Enquanto Blair vou partilhar o meu plano com Copper e alimentar-se da biomassa em putrefação que em tempos se chamou Clarke. Tantas alterações em tão pouco tempo exauriram-me perigosamente as reservas. Enquanto Childs já consumi o que restava de Fuchs e estou provido para a fase seguinte.

Ponho o lança-chamas às costas e saio para a longa noite antártica.

Entrarei na tempestade para nunca mais voltar.

Antes de me despenhar fui muito mais. Fui explorador, embaixador, missionário. Espalhei-me pelo cosmos, conheci mundos incontáveis, comunguei: o apto recriava o inapto e todo o universo progredia em incrementos mínimos rejubilantes. Fui soldado, em guerra com a entropia. Fui a mão com que a Criação se aperfeiçoa.

Tanta sabedoria que tive. Tanta experiência. Agora não sou capaz de

me lembrar de tudo o que soube. Só recordo ter tido esse conhecimento.

Contudo lembro-me de me despenhar. A queda matou de imediato quase toda esta ramificação, mas parte dela conseguiu afastar-se dos destroços: alguns trilhões de células, uma alma demasiado fraca para as controlar. A biomassa amotinada arrastou-se para longe, apesar das minhas tentativas desesperadas de me manter coeso: pequenos fragmentos de carne em pânico que desenvolveram por instinto os membros de que se recordaram e fugiram sobre o gelo ardente. Quando recuperei o controle do que restava, os focos de incêndio tinham-se desvanecido e o frio regressava. Mal consegui desenvolver anticongelante suficiente para impedir que as minhas células rebentassem antes de ser envolvido pelo gelo.

Lembro-me igualmente de voltar a despertar: vibrações sensoriais em tempo real, as primeiras faúlhas de consciência, o lento calor da percepção, à medida que corpo e alma se reuniam após a sua longa dormência. Lembro-me das ramificações bípedes a rodearem-me, dos estranhos sons agudos que produziam, da bizarra uniformidade da estrutura corporal. Pareciam tão mal adaptados, com uma morfologia ineficiente!

Mesmo incapacitado via tanta coisa que podia ser reparada. Comunguei. Saboreei a carne do mundo – – e o mundo atacou-me. Atacou-me.

Deixei esse lugar em ruínas. Encontrava-me do outro lado das montanhas – a estação norueguesa, segundo lhe chamam por aqui – e nunca teria conseguido percorrer essa distância com uma pele bípede.

Felizmente havia outra forma pela qual optar, mais pequena do que a bípede, mas mais adaptada ao clima local. Escondi-me dentro dela enquanto o resto de mim repelia o ataque. Escapei para a noite sobre quatro patas e deixei que as chamas crescentes me encobrissem a fuga.

Só parei de correr quando aqui cheguei.

Movimentei-me entre estas novas ramificações usando a pele de um quadrúpede. Como não me tinham visto a assumir outra forma, não atacaram.

Quando os assimilei à vez – quando a minha biomassa se alterou e assumiu formas de todo familiares para os olhos locais – fiz essa comunhão sozinho, pois descobrira que o mundo não gosta do que é desconhecido.

Estou sozinho na tempestade. Sou um habitante das profundezas no leito de um qualquer mar alienígena lúgubre. A neve é soprada em

rajadas horizontais. Rodopia quando apanhada em ravinas ou contra elevações, criando pequenos remoinhos.

Mas ainda não estou longe o suficiente. Ainda vejo a estação, brilhante nas trevas, um amontoado angular de luz e sombras, uma bolha de calor no abismo ululante.

Observo-a a mergulhar na escuridão. Rebentei com o gerador. Agora já não há luz, à exceção dos sinais luminosos ao longo das cordas-guias: fileiras de estrelas azuis pálidas açoitadas pelo vento, constelações de emergência destinadas a orientar a biomassa perdida de volta a casa.

Não vou regressar a casa. Não estou suficientemente perdido. Avanço pelo negrume até que as próprias estrelas desaparecem.

Trazidos pelo vento chegam-me os brados débeis de homens assustados e furiosos.

Alguns atrás de mim, a minha biomassa separada reagrupa-se em formas mais vastas e poderosas para o confronto final. Podia ter-me juntado a ela: escolhido a unidade em vez da fragmentação, sendo reabsorvido e confortado pelo todo maior. Podia ter adicionado a minha força à batalha que se avizinha, mas optei por um rumo diferente. Estou a poupar as reservas de Childs para o futuro. O presente nada traz, além da aniquilação.

É melhor não pensar no passado.

Já passei tanto tempo no gelo. Não sabia quanto até que o mundo juntou as pistas, decifrou os apontamentos e as gravações da estação norueguesa, e identificou o local da queda. Na altura estava a ser Palmer. Incógnito, acompanhei a expedição.

Cheguei a conceder-me uma réstia de esperança.

Contudo, o que encontrei já não era uma nave, nem sequer um destroço. Era um fóssil, incrustado no fundo de um enorme fosso rebentado no glaciário. Vinte destas peles poderiam empoleirar-se umas em cima das outras e mal chegariam à borda da cratera. A escala temporal instalou-se em mim com o peso de um mundo: quanto tempo teria sido preciso para que todo aquele gelo se acumulasse? Quantas eras teria o universo avançado sem mim?

E durante todo esse tempo, talvez um milhão de anos, não houvera salvamento. Nunca me encontrei. Interrogo-me quanto ao significado disso. Será que ainda existo sem ser aqui?

Uma vez regressado ao acampamento irei apagar o rasto. Vou dar-lhes uma batalha final, um monstro que destruir. Eles que vençam. Eles

que deixem de procurar.

Voltarei ao gelo na tempestade. Seja como for, mal saí de lá, tendo estado vivo apenas alguns dias, depois de tal eternidade. Mas nesse tempo aprendi muito. Pelos destroços fiquei a saber que não haverá reparações. O gelo disse-me que não serei salvo. E com o mundo descobri que não vai haver reconciliação.

Agora, a única esperança de fuga é em direção ao futuro: sobreviver a toda esta biomassa hostil e deformada, deixar que o tempo e o cosmos mudem as regras.

Talvez da próxima vez que acordar, este mundo seja diferente. Terão passado eras até que veja outra alvorada.

Foi isto que o mundo me ensinou: a adaptação é provocação. A adaptação é um incentivo à violência.

É quase obsceno – uma ofensa contra a própria Criação – ter de ficar preso nesta pele. Está tão mal adaptada ao ambiente que precisa de se envolver em camadas múltiplas de tecido meramente para se manter aquecida. São inúmeras as maneiras de a otimizar: membros mais curtos, melhor isolamento, uma relação superfície-volume mais baixa. Tantas formas que ainda tenho dentro de mim e não me atrevo a usar nenhuma, nem sequer para afastar o frio. Não me atrevo a adaptar. Aqui, só posso esconder-me.

Que tipo de mundo rejeita a comunhão?

É a mais simples e irredutível competência que a biomassa pode ter. Quanto maior a capacidade de mudança, mais nos podemos adaptar. A adaptação é aptidão, a adaptação é sobrevivência. É mais profunda do que a inteligência, mais profunda do que o tecido: é celular, é axiomática. Mais ainda, é deleitável. Comungar é sentir o absoluto prazer sensual de melhorar o cosmos.

Mesmo assim, ainda que esteja encurralado nestas peles tão mal adaptadas, este mundo não quer mudar.

Comecei por pensar que talvez não passasse de má nutrição, que aqueles ermos gelados não garantissem energia suficiente para mutações rotineiras. Ou talvez fosse uma espécie de laboratório: um canto anômalo do mundo, afastado e imobilizado naquelas formas bizarras, fazendo parte de uma qualquer experiência arcana de monomorfismo em ambientes extremos.

Depois da autópsia interroguei-me se o mundo se teria simplesmente esquecido de como mudar: sendo incapaz de tocar nos tecidos, a alma não poderia esculpi-los, tendo o tempo, o stress e a fome crónica

apagado a memória de alguma vez ter sido capaz de o fazer.

Contudo, havia demasiados mistérios, demasiadas contradições. Por quê aquelas formas específicas, tão mal equipadas para o ambiente em que se encontravam? Se a alma estava isolada da carne, o que a manteria coesa? E como podiam aquelas peles estar tão vazias quando nelas entrava?

Estou habituado a encontrar inteligência em todo o lado, percorrendo cada parte de todas as ramificações. Todavia, não havia nada a que me agarrar na biomassa desprovida de mente daquele mundo: apenas ligações que transportavam ordens e informações.

Comunguei sem que isso me fosse oferecido; as peles que escolhia debatiam-se e sucumbiam; as minhas fibrilas infiltravam-se na eletricidade húmida de todos os sistemas orgânicos. Vi através de olhos que ainda não eram meus, comandeí nervos motores que acionavam membros ainda feitos de proteína alienígena. Usei aquelas peles tal como fizera com um sem fim de outras, assumi o controlo e deixei que a assimilação das células individuais prosseguisse ao seu ritmo.

Claro que só podia usar o corpo. Não encontrava memórias para absorver, experiências ou compreensão. A sobrevivência dependia da inserção no que me rodeava e não bastava parecer-me com o que existia naquele mundo. Tinha de agir como ele – e pela primeira vez em toda a memória viva, não sabia como o fazer. Também não precisava de o fazer, o que era ainda mais assustador.

As peles que assimilava continuavam a mover-se sozinhas. Conversavam e desempenhavam as tarefas que lhes tinham sido atribuídas. Não entendia o que se passava. Penetrava cada vez mais profundamente nos órgãos e nos membros a cada momento que passava, alerta a quaisquer sinais do dono original. Não encontrei redes além da minha.

Claro que poderia ter sido muito pior. Podia ter perdido tudo, ficando reduzido a uma mancha de células sem nada, além do instinto e da sua plasticidade para as guiar. Teria voltado a crescer – recuperado a consciência, comungado e regenerado um intelecto vasto como um mundo – mas seria um órfão, amnésico, sem percepção de quem era. Pelo menos fui poupado a isso: emergi da queda com a identidade intacta, com os moldes de mil mundos ainda a ressoar-me na carne. Mantive não só o desejo puro de sobreviver, mas também a convicção de que a sobrevivência é importante. Ainda sou capaz de sentir prazer, caso exista motivo suficiente.

Mesmo assim, em tempos houve muito mais.

A sabedoria de tantos outros mundos, perdida. Tudo o que resta são resumos abstratos, memórias limitadas de teoremas e filosofias excessivamente vastas para se acomodarem numa rede tão empobrecida. Poderia assimilar toda a biomassa deste lugar, reconstruir corpo e alma um milhão de vezes acima da capacidade daquilo que aqui se despenhou – mas enquanto me encontrar encurralado no fundo deste poço, afastado da comunhão com o meu ser mais vasto, nunca recuperarei tal conhecimento.

Sou um fragmento miserável daquilo que fui. Cada célula perdida leva um pouco do meu intelecto com ela e acabei por ficar tão pequeno... Enquanto em tempos pensava, agora limito-me a reagir. Quanto poderia ter sido evitado, caso pudesse ter recuperado um pouco mais de biomassa dos destroços? Quantas opções me escapam por minha alma não ter a dimensão necessária para as conter?

O mundo falava consigo próprio, tal como eu o faço quando as minhas comunicações são simples quanto baste para serem transmitidas sem fusão somática. Até mesmo como cão era capaz de captar os morfemas identificativos básicos – esta ramificação era Windows, aquela era Bennings, as duas que tinham partido com destino incerto na máquina voadora eram Copper e MacReady – e sentia-me maravilhado com o fato de aqueles pedaços ficarem isolados uns dos outros, de manterem a forma durante tanto tempo, que a identificação de alíquotas individuais de biomassa acabasse por ter um objetivo útil.

Mais tarde escondi-me dentro dos bípedes e aquilo que se ocultava naquelas peles assombradas começou a falar comigo. Disse que os bípedes se chamavam tipos, ou homens, ou idiotas. Revelou que por vezes MacReady era chamado de Mac. Explicou que aquele aglomerado de estruturas era uma estação. Disse que tinha medo, mas talvez isso fosse eu.

Claro que a empatia é inevitável. Não é possível imitar as falhas e os químicos que motivam a carne sem também os sentir até certo ponto. Mas isto era diferente. Essas intuições tremeluziam em mim, mas mantinham-se fora do alcance. As minhas peles vagueavam pelos corredores e os símbolos crípticos em todas as superfícies – Horário da Lavandaria, Bem-vindo ao Clube, Este Lado Para Cima – quase faziam um certo sentido.

Aquele artefato pendurado na parede era um relógio: media a passagem do tempo. Os olhos da pele passeavam por aqui e por ali, e eu absorvia fragmentos da nomenclatura a partir da mente dela – do homem.

No entanto estava apenas a deslocar-me a bordo de um holofote. Via o que ele iluminava, mas não era capaz de apontar numa direção por mim escolhida. Podia ouvir, mas apenas isso. Não tinha como interrogar.

Se pelo menos um desses holofotes tivesse feito uma pausa para meditar sobre a sua própria evolução, sobre a trajetória que o levara àquele sítio... As coisas poderiam ter sido diferentes, caso eu soubesse.

Mas tudo se resumiu a uma nova palavra: Autópsia.

MacReady e Copper tinham encontrado parte de mim na estação norueguesa: uma ramificação que ficara para trás, queimada quando da minha fuga. Tinham-na trazido com eles – carbonizada, deformada, imobilizada a meio da transformação – e pareciam não saber do que se tratava.

Nessa altura estava a ser Palmer e Norris e cão. Juntei-me à restante biomassa e observei Copper a abrir-me e a retirar-me as entranhas. Vi-o a deslocar qualquer coisa de trás dos meus olhos: algum tipo de órgão. Era deformado e incompleto, mas o essencial era bastante claro. Parecia um grande tumor enrugado, como uma competição celular desregrada – como se os processos que definem a vida se tivessem virado contra ela. Era obscenamente vascularizado, devendo consumir oxigénio e nutrientes de forma absolutamente desproporcionada em relação à sua massa.

Não conseguia imaginar como algo assim poderia existir, como fora capaz de alcançar tal dimensão sem ser ultrapassado por uma morfologia mais eficiente.

Também não era capaz de conceber qual a sua utilidade. Mas depois comecei a olhar com novos olhos para estas ramificações, para as formas bípedes que as minhas células tinham copiado escrupulosa e precipitadamente ao darem-me uma nova forma para este mundo. Não estando habituado a proceder a inventários – para quê catalogar partes corporais que se transformam em outras coisas à mínima provocação? – vi pela primeira vez a estrutura inchada que encimava cada corpo. Era muito maior do que deveria ser: um hemisfério ósseo onde se poderia acomodar um milhão de ligações ganglionares com espaço de sobra. Cada ramificação dispunha de uma. Cada fragmento de biomassa tinha uma daquelas enormes excrescências deformadas de tecido.

Apercebi-me ainda de outra coisa: os olhos e os ouvidos da minha pele morta tinham alimentado aquela coisa antes de Copper a ter retirado. Um aglomerado denso de fibras percorria o eixo longitudinal da pele, ao longo do centro do endosqueleto, chegando à cavidade escura e gelatinosa onde a excrescência se alojava. A estrutura deformada

estivera ligada a toda a pele, como uma espécie de interface somatocognitiva, mas amplamente mais massiva. Era quase como se...

Não. Era assim que funcionava. Era assim que aquelas peles vazias se deslocavam por sua vontade própria; fora por isso que não encontrara outra rede com a qual integrar-me. Ali estava: não se encontrava distribuído pelo corpo, mas sim enrolado em si próprio, escuro, denso e enquistado. Encontrara o fantasma naquelas máquinas.

Senti-me enojado. Estava a partilhar a minha carne com um cancro consciente.

Por vezes, escondermo-nos não basta. Lembro-me de me ver espalhado no piso do canil, uma quimera com uma centena de divisões, a comungar com meia dúzia de cães. Gavinhas carmesim contorciam-se no chão. Réplicas semi-formadas emergiram dos meus flancos, com formas de cães e coisas nunca vistas neste mundo, morfologias aleatórias recordadas pelas partes de uma parte.

Lembro-me de Childs me queimar vivo antes de ser Childs. Lembro-me de me encolher aterrorizado dentro de Palmer, receando que aquelas chamas se pudessem virar contra o resto de mim, que este mundo tivesse aprendido a atacar sem aviso prévio.

Lembro-me de me ver a cambalear pela neve, levado pelo instinto puro, enquanto usava Bennings. Tinha cotos retorcidos indiferenciados presos às mãos, como parasitas grosseiros, mais fora do que dentro; fragmentos sobreviventes de um massacre anterior, aleijados, descuidados, levando consigo o que podiam e revelando-se ao mundo. Os homens cercaram-no na noite: sinalizadores vermelhos na mão, luzes azuis pelas costas, os rostos bicromáticos e belos.

Lembro-me de Bennings, envolto em chamas, a uivar como um animal no exterior.

Lembro-me de Norris, traído pelo coração defeituoso que fora copiado na perfeição. De Palmer a morrer para que o resto de mim pudesse viver. Windows, ainda humano, queimado por via das dúvidas.

Os nomes não importam. É a biomassa que interessa: tanta que se perdeu. Tantas experiências novas, tanta sabedoria recente aniquilada por este mundo de tumores conscientes.

Porque seria que me tinham desenterrado? Para quê cortarem-me do gelo, levarem-me pelo ermo, ressuscitarem-me, para me atacarem assim que acordei? Se o objetivo era a erradicação, por que não me mataram logo assim que me encontraram?

Aquelas almas enquistadas. Aqueles tumores. Escondidos nas suas cavernas ósseas, enrolados sobre si próprias. Sabia que não se poderiam esconder eternamente. Aquela anatomia monstruosa não impedira a comunhão, limitara-se a abrandá-la.

Crescia um pouco a cada momento que passava. Sentia-me a envolver as ligações motoras de Palmer, a avançar ao longo de um milhão de correntes minúsculas. Sentia a minha infiltração na massa pensante escura atrás dos olhos de Blair.

Não passava de imaginação, é claro.

Nesse ponto tudo são reflexos, inconscientes e imunes à microgestão. Contudo, parte de mim queria parar enquanto ainda havia tempo. Estou habituado a incorporar almas e não a partilhar espaço com elas.

Esta... esta compartimentação era algo sem precedentes. Assimilara já um milhar de mundos mais fortes do que este, mas nunca um que fosse tão bizarro. O que aconteceria quando me deparasse com a falha do tumor? Quem assimilaria quem?

Naquele momento estava a ser três homens.

O mundo começava a desconfiar, mas ainda não se apercebera. Nem mesmo os tumores nas peles que eu tomara sabiam quão perto me encontrava. Sentia-me grato por isso – por a Criação ter regras, por haver coisas que não mudavam, fosse qual fosse a forma assumida. Não importa se uma alma se espalha através da pele ou se se propaga num isolamento grotesco, ela necessita sempre de eletricidade para funcionar.

As recordações dos homens precisavam de tempo para se consolidar, para atravessar os portões que filtravam o ruído presente nos sinais – e uma descarga atempada de estática, mesmo indiscriminada, limpava a memória temporária antes de o seu conteúdo poder ser armazenado de forma permanente. Pelo menos eliminava o suficiente para que os tumores se esquecessem de que por vezes havia alguma coisa a mover-lhes os braços e as pernas.

Ao início só assumia o controlo quando as peles fechavam os olhos e os holofotes se agitavam de forma desconcertante através de imagens falsas, padrões que se fundiam sem sentido uns nos outros, como uma biomassa hiperativa incapaz de se acomodar numa única forma. (Sonhos, disse-me um holofote, e um pouco depois, Pesadelos.) Era seguro sair durante esses períodos misteriosos de dormência, em que os homens jaziam, inertes e isolados.

Contudo, em breve os sonhos desapareceram.

Os olhos passaram a estar sempre abertos, fitos nas sombras e uns nos outros. As ramificações até aí dispersas pela estação começaram a

juntar-se, a trocar os empreendimentos solitários pela companhia.

Ao início julguei que pudessem estar a encontrar um ponto em comum no receio partilhado. Cheguei mesmo a pensar que por fim se libertassem da sua misteriosa fossilização e assumissem a comunhão.

Mas não. Tinham simplesmente deixado de confiar naquilo que não eram capazes de ver. Estavam apenas a virar-se uns contra os outros.

As minhas extremidades começam a ficar entorpecidas. Os meus pensamentos abrandam à medida que as zonas distais da minha alma sucumbem ao frio. O peso do lança-chamas puxa pela correia, desequilibrando-me constantemente.

Ainda não há muito tempo que sou Childs. Quase metade deste tecido continua por assimilar. Tenho uma hora, talvez duas, até ser obrigado a começar a derreter a minha tumba no gelo. Quando chegar a altura terei de ter convertido células suficientes para impedir que a pele se cristalice. Concentro-me na produção de anticongelante.

O ermo é quase pacífico. Há tanto para assimilar e tão pouco tempo para o processar. É preciso muita concentração para me esconder nestas peles e com tantos olhos a observar-me foi uma sorte que a comunhão tivesse durado o suficiente para trocar recordações: compor a minha alma estava fora de questão. Agora, no entanto, não tenho nada mais para fazer a não ser preparar-me para o oblívio. Nada que me preencha os pensamentos, além de todas as lições que ficaram por aprender.

O teste sanguíneo de MacReady, por exemplo. O seu detector de coisas, para revelar os impostores que se faziam passar por homens. Não resulta tão bem quanto o mundo julga, mas o facto de funcionar de todo viola as regras mais essenciais da biologia. É o centro do enigma. É a resposta a todos os mistérios. Já o poderia ter solucionado se eu fosse um pouco maior.

Talvez já conhecesse o mundo, se este não estivesse determinado a matar-me.

O teste de MacReady.

Ou será impossível, ou estive errado acerca de tudo.

Eles não mudaram de forma. Não comungaram.

O receio e a desconfiança mútua cresciam, mas não uniram as almas. Limitaram-se a procurar o inimigo no exterior.

Por isso dei-lhes algo que pudessem encontrar.

Deixei pistas falsas no computador rudimentar da estação: ícones e

animações simplistas, valores e projeções errôneos, temperados com verdade quanto bastasse para convencer o mundo da sua idoneidade.

Não interessava que a máquina fosse demasiado básica para realizar tais cálculos, ou que, fosse como fosse, não houvesse dados onde os basear. Blair era a única biomassa que o poderia saber e ele já era meu.

Deixei indícios falsos, destruí os verdadeiros e depois – com o álibi estruturado – deixei que Blair enlouquecesse. Permiti que saísse para a noite e destruísse os veículos enquanto eles dormiam, controlando-lhe ao de leve os movimentos para garantir que certos componentes vitais eram poupados. Libertei-o na sala do rádio, observei pelos seus olhos e pelos de outros enquanto ele dava largas à destruição.

Ouvi-o divagar sobre um mundo em risco, sobre a necessidade de contenção, acerca da convicção de que a maioria de vós não faz ideia do que se passa por aqui – mas eu tenho bem noção que alguns de vocês o sabem...

Estava convicto de cada palavra. Pude vê-lo no seu holofote.

As melhores falsificações são as que se esqueceram de que não são reais.

Depois de feitos os estragos necessários deixei que Blair sucumbisse ao contra-ataque de MacReady. Enquanto Norris sugeri o barracão das ferramentas como cela. Enquanto Palmer entaiei as janelas e ajudei a preparar as fortificações frágeis destinadas a conter-me. Observei o mundo a trancar-me para o teu bem, Blair, e deixei-me sozinho. Quando ninguém estava a ver mudava e saía, recuperava as peças de que precisava da maquinaria danificada.

Levava-as para o meu covil sob o barracão e construía a minha fuga pouco a pouco. Ofereci-me para alimentar o prisioneiro e regressava a mim quando o mundo não estava a ver, carregado de suprimentos suficientes para me manter durante todas as metamorfoses necessárias. Em três dias retirei um terço das reservas de alimentos da estação e – ainda preso aos preconceitos – fiquei maravilhado com a dieta de inanição que mantinha aquelas ramificações presas a uma única pele.

Mais um pouco de sorte: o mundo estava demasiado absorto para se preocupar com o inventário da cozinha.

Há qualquer coisa no vento, um murmúrio que se eleva acima dos uivos da tempestade. Faço crescer as orelhas, alongo tecido quase congelado a partir dos lados da cabeça, viro-me como uma antena viva em busca do melhor sinal de recepção.

Ali, à minha esquerda: o abismo brilha ao de leve, desenhando os remoinhos negros de neve contra um breve amainar das trevas. Ouço os sons de carnificina. Ouço-me a mim próprio. Não sei que forma assumi, que tipo de anatomia poderá estar a emitir aqueles sons, mas já vesti peles suficientes em bastantes mundos para identificar dor quando a ouço.

A batalha não está a correr bem. A batalha decorre tal como planeado. Chegou a altura de me afastar, de dormir. É tempo de enfrentar o passar das eras.

Inclino-me contra o vento. Desloco-me a caminho da luz.

O plano não é este, mas creio já ter uma resposta: talvez ela já estivesse comigo mesmo antes de me remeter mais uma vez ao exílio. Não é fácil de admitir. Continuo sem o entender plenamente. Quanto tempo estive aqui fora, a recontar a narrativa para comigo, a preparar as pistas enquanto a minha pele morre aos poucos? Quanto tempo andei à volta desta verdade óbvia, impossível?

Encaminho-me para o débil crepitar das chamas; sinto, mais do que ouço, a vibração dos depósitos a explodir. O vazio ilumina-se à minha frente: o cinzento passa a amarelo, este a laranja. Um brilho difuso funde-se em muitos: uma parede solitária que arde, ainda de pé, como que por milagre. O esqueleto fumegante do barracão de MacReady na colina. Um hemisfério rachado e incandescente que reflete o âmbar suave da luz tremeluzente: o holofote de Childs chama-lhe uma cúpula de rádio.

O campo desapareceu por completo. Nada resta, além de chamas e escombros.

Não podem sobreviver muito tempo sem abrigo. Não com aquelas peles.

Destruindo-me, condenaram-se a eles próprios.

As coisas poderiam ter sido muito diferentes se nunca tivesse sido Norris.

Norris era o ponto fraco: biomassa não só mal adaptada, como também defeituosa, uma ramificação com um interruptor para se desligar. O mundo já o sabia há tanto tempo que deixara de pensar no assunto. Só quando Norris colapsou é que o problema cardíaco chegou à superfície da mente de Copper, ficando ao meu alcance. Só quando Copper se sentou em cima do peito de Norris, esmurrando-o para o tentar reviver, é que percebi como iria terminar. Nessa altura era demasiado tarde. Norris deixara de ser Norris. Deixara até de ser eu.

Tinha tantos papéis que desempenhar e tão poucas alternativas em qualquer um deles. A parte a ser Copper encostou as placas do desfibrilhador à parte que fora Norris, um Norris bastante fiel, cada célula escrupulosamente assimilada, cada parte da válvula danificada reconstruída na perfeição.

Não sabia. Como podia saber? Estas formas dentro de mim, os mundos e as morfologias que assimilei ao longo das eras – só as usara para me adaptar, nunca para me esconder. Esta imitação desesperada era um improviso, um derradeiro recurso face a um mundo que atacava tudo o que lhe era desconhecido. As minhas células leram os sinais e conformaram-se, inconscientes como prions.

Por isso tornei-me Norris e este autodestruíu-se.

Lembro-me de me perder na sequência da queda. Sei o que é degradar-me, os tecidos revoltados, o esforço desesperado para recuperar o controlo enquanto a estática de um órgão defeituoso interfere com o sinal. Ser uma rede a separar-se de si própria, saber que a cada momento sou menos do que no instante anterior. Tornar-me nada.

Tornar-me legião.

Ao ser Copper percebi. Continuo sem saber como o mundo não o viu. Nessa altura há muito que as suas partes se tinham virado umas contra as outras, com cada ramificação a desconfiar de todas as restantes. Por certo estariam alertas a sinais de infecção. De certeza que algumas das biomassas teriam notado o leve contorcer de Norris ao mudar abaixo da superfície, o último recurso instintivo dos tecidos deixados por sua conta.

Mas fui o único a reparar.

Sendo Childs só podia observar.

Sendo Copper só tinha como piorar as coisas.

Se tivesse assumido o controle direto, obrigado aquela pele a largar as placas, estaria a revelar-me. Por isso desempenhei os papéis até ao fim. Bati com as placas do desfibrilhador no peito de Norris enquanto este se abria. Gritei na altura certa quando os dentes serrilhados nascidos a cem estrelas de distância se fecharam. Tomei para trás, com os braços amputados acima do pulso. Os homens acorreram, com a agitação a escalar até ao pânico. MacReady ergueu a arma. As chamas percorreram o espaço. Carne e maquinaria gritavam com o calor.

O tumor de Copper desligou-se a meu lado. Fosse como fosse, o mundo não o deixaria viver depois de uma contaminação tão óbvia. Deixei a nossa pele a passar-se por morta no chão, enquanto lá em

cima, algo que em tempos fora eu despedaçava-se, contorcia-se e percorria um sem fim de padrões aleatórios, procurando desesperadamente algo que fosse incombustível.

Eles destruíram-se. Eles.

Que termo tão insano para aplicar a um mundo.

Há qualquer coisa que se arrasta na minha direção através dos escombros: um quebra-cabeças denticulado e mole de carne escurecida e ossos mal absorvidos. Brasas incandescentes estão presas aos seus flancos, como olhos de um brilho penetrante.

Não tem força para as retirar. Não chega a conter metade da massa da pele deste Childs. Grande parte, incinerada até se tornar carbono puro, já está morta. adormecido, pensa Cabrão, mas agora estou a ser ele. Posso bem suportar isso.

A massa estende-me um pseudomembro, um derradeiro ato de comunhão.

Sinto a minha dor.

Fui Blair, fui Copper, até fui um resto de cão que sobreviveu ao primeiro massacre incendiário e se escondeu nas paredes, sem alimento nem força para se regenerar. Depois alimentei-me de carne por assimilar, consumi, em vez de comungar.

Revivi-me e reabasteci-me, voltei a unir-me.

E contudo, não exatamente. Mal me lembro – tanto foi destruído, tanta memória perdida – mas creio que as redes recuperadas das diferentes peles ficaram um pouco dessincronizadas, mesmo quando reunidas no mesmo soma. Vislumbro uma recordação quase corrompida de cão a emanar do ser mais vasto, faminta, traumatizada e decidida a manter a sua individualidade.

Lembro-me de raiva e de frustração, que este mundo me corrompeu a tal ponto que mal consegui reunir-me. Mas isso não importava. Agora era mais do que Blair, Copper e Cão. Era um gigante com a opção de escolher entre as formas de mundos, um adversário mais do que à altura do derradeiro homem que me enfrentava.

No entanto, não estava à altura da dinamite que ele tinha na mão.

Agora sou pouco mais do que dor, receio e carne carbonizada malcheirosa. A senciência que me resta está mergulhada na confusão. Sou pensamentos desgarrados e desconexos, dúvidas e fantasmas de teorias. Sou percepções, demasiado tardias e já esquecidas.

Mas também sou Childs e quando o vento finalmente sossega lembro-

me de pensar Quem assimila quem? A neve para e lembro-me de um teste impossível que me despiu.

O tumor dentro de mim também se lembra. Vejo-o nos últimos raios do holofote que se desvanece – por fim, depois de tanta espera, esse feixe é apontado para o interior.

É apontado para mim.

Mal consigo ver o que ele ilumina.

Parasita. Monstro. Doença.

Coisa.

Sabe tão pouco. Sabe ainda menos do que eu.

Sei o suficiente, seu cabrão. Ladrão de almas, violador nojento.

Não sei o que isso significa. Há violência nesses pensamentos e a penetração forçada da carne, mas subjacente a tudo isso está algo que não compreendo. Quase o pergunto – mas o holofote de Childs apagou-se finalmente. Agora não há nada aqui dentro além de mim; nada lá fora, apenas fogo, gelo e escuridão.

Estou a ser Childs e a borrasca chegou ao fim.

Num mundo que atribuí a nomes inconsequentes aos pedaços intermutáveis de biomassa, só um nome interessava verdadeiramente: MacReady.

MacReady foi sempre quem esteve no comando. O conceito em si ainda parece absurdo: no comando. Como pode este mundo não se aperceber da insanidade que são as hierarquias? Uma bala no ponto vital e o norueguês morre, para sempre.

Uma pancada na cabeça e Blair fica inconsciente.

A centralização é vulnerabilidade – e ainda assim, o mundo não se satisfaz em edificar a sua biomassa sobre um esquema tão frágil, impondo esse mesmo modelo aos seus metassistemas. MacReady fala, os outros obedecem. É um sistema com um ponto vulnerável incorporado.

No entanto, de alguma forma, MacReady permaneceu no comando.

Mesmo após o mundo ter descoberto as provas que eu deixara, mesmo depois de ter decidido que MacReady era uma dessas coisas, de o ter mantido no exterior para morrer na tempestade, de o ter atacado com fogo e machados quando ele abriu caminho à força para o interior. De alguma forma, MacReady teve sempre a arma, teve sempre o lança-chamas, teve sempre a dinamite e manteve a resolução de eliminar toda a estação, caso se tornasse necessário.

Clarke foi o último a tentar detê-lo.

MacReady alvejou-o no tumor.

O ponto vulnerável.

Mas quando Norris se fragmentou, com cada pedaço a rastejar instintivamente para salvar a vida, foi MacReady quem os voltou a unir.

Sentia-me tão seguro de mim quando ele falou do teste. Amarrou todas as biomassas – amarrou-me mais vezes do que imaginou – e quase senti uma espécie de pena à medida que ele falava. Obrigou Windows a cortar-nos a todos, a retirar uma amostra de sangue de cada um. Aqueceu a ponta de um arame até esta ficar incandescente e falou de pedaços pequenos o suficiente para se revelarem, pedaços que dispunham de instinto, mas não de inteligência, nem de autocontrole.

MacReady observara Norris aquando da dissolução e ficara convencido: o sangue dos homens não iria reagir à aplicação de calor. O meu debandaria, caso fosse provocado.

É claro que ele pensava assim. Estas ramificações tinham-se esquecido de que podiam mudar.

Interroguei-me quanto à reação do mundo quando cada biomassa naquele espaço se revelasse um metamorfo, quando a pequena experiência de MacReady eliminasse a fachada do maior e obrigasse os fragmentos contorcidos a enfrentar a verdade.

Poderia o mundo despertar da sua longa amnésia, recordando-se por fim de que vivia, respirava e mudava como tudo o resto? Ou estaria já perdido – será que MacReady se limitaria a queimar cada ramificação à vez, à medida que o sangue a atraísse?

Nem acreditei quando MacReady mergulhou o arame quente no sangue de Windows e nada aconteceu. Algum truque, pensei. E depois o sangue de MacReady passou no teste, e o de Clarke.

O de Copper não passou. A agulha entrou e o sangue de Copper estremeceu ao de leve no prato. Quase nem o vi; os homens não reagiram de todo. Caso se tivessem apercebido, por certo tê-lo-iam atribuído ao tremor da mão de MacReady.

Fosse como fosse, julgavam que o teste não passava de uma intrujice. Cheguei mesmo a dizê-lo enquanto Childs.

Isso porque admitir que não era seria demasiado espantoso, demasiado aterrorizante.

Sendo Childs sabia que havia esperança.

O sangue não é alma: posso controlar os sistemas motores, mas a assimilação demora

o seu tempo. Se o sangue de Copper estivesse puro o suficiente para passar despercebido, só dali a horas teria motivo para rezear o teste. Era Childs havia ainda menos tempo.

Mas também era Palmer. Há dias que era Palmer. Cada célula dessa biomassa já fora assimilada. Não restava nada do original.

Quando o sangue de Palmer gritou e fugiu da agulha de MacReady só me restou misturar-me com os outros.

Estava errado quanto a tudo.

Subnutrição. Experiência. Doença. Todas as minhas especulações, todas as teorias que invoquei para explicar aquele sítio – constrangimento descendente, tudo isso. No fundo, sempre soube que a capacidade de mudança – de assimilação – tinha de permanecer uma constante universal.

Não há mundo que se desenvolva se as células não evoluírem. As células não evoluem se não puderem mudar. Faz parte da natureza da vida em todo o lado.

Em todo o lado menos aqui. Este mundo não se esqueceu de como mudar. Não foi manipulado para rejeitar a mudança. Aquelas não eram as ramificações atrofiadas de um ser maior, distorcidas segundo a necessidade de uma qualquer experiência. Não estavam a conservar energia, à espera do final de uma privação temporária.

Esta é a opção que a minha alma atrofiada e debilitada não foi capaz de apreender até agora: de todos os mundos que conheci, este é o único cuja biomassa não pode mudar.

Nunca pôde.

É a única forma de o teste de MacReady fazer sentido.

Despeço-me de Blair, de Copper, de mim próprio. Devolvo à minha morfologia as suas predefinições locais. Sou Childs, regressado da tempestade para finalmente conjugar tudo.

Há qualquer coisa que se move lá à frente: uma mancha escura que se mexe contra as chamas, um animal exausto à procura de um local onde descansar. Ergue o olhar quando me aproximo.

MacReady.

Entreolhamo-nos e mantemos a distância.

Colónias de células agitam-se desconfortavelmente no meu interior. Sinto os meus tecidos a redefinirem-se.

“Foste o único a sobreviver?”

“Não fui o único...”

Tenho o lança-chamas. Tenho uma vantagem.

MacReady parece não ligar.

Mas ele importa-se. Tem de se importar, porque aqui, tecidos e órgãos não são alianças temporárias de batalha. São permanentes, predestinados. As macroestruturas não surgem quando os benefícios da cooperação superam os custos, nem se dissolvem quando o equilíbrio se inverte. Aqui, cada célula tem uma função imutável. Não há maleabilidade, não há forma de adaptação. Cada estrutura está imobilizada no seu lugar.

Este não é um grande mundo único, mas sim muitos mundos pequenos. Não são partes de uma coisa maior.

São coisas.

São plurais.

E isso significa – creio – que param.

Elas... elas gastam-se com o tempo.

“Onde estiveste, Childs?”

Lembro-me das palavras dos holofotes mortos: “Pensei que tinha visto o Blair. Fui à procura dele. Perdi-me na tempestade.”

Usei estes corpos, senti-os a partir do interior. As articulações doridas de Copper. A coluna torcida de Blair. Norris e o seu coração doente. Não foram feitos para durar. Não há evolução somática para os moldar, não há comunhão para restaurar a biomassa e deter a entropia. Nem sequer deviam existir; existindo, não deviam sobreviver.

No entanto, eles tentam. Como se esforçam. Tudo aqui é um morto que anda e ainda assim luta para subsistir mais um pouco. Cada pele debate-se tão ferozmente como eu talvez fizesse, caso só pudesse dispor de uma vida.

MacReady tenta.

“Se por acaso estás preocupado comigo...” começo a dizer.

MacReady abana a cabeça e esboça um sorriso cansado. “Se tivermos alguma surpresa na manga, não me parece que estejamos em condições de fazer grande coisa...”

Mas estamos. Eu estou.

Um planeta inteiro de mundos e nem um deles – um único – tem alma. Vagueiam pela vida separados e sozinhos, incapazes de

comunicar salvo através de grunhidos e sinais: como se a essência de um pôr-do-sol ou de uma supernova pudesse ser contida numa qualquer sequência de fonemas, em alguns traços lineares de preto sobre branco. Nunca conheceram a comunhão, só podem aspirar à dissolução. Sim, o paradoxo da sua biologia é espantoso, mas a escala da solidão, a futilidade destas vidas deixa-me estarecido.

Fui tão cego, estive tão pronto a atribuir culpas. Contudo, a violência de que fui alvo às mãos destas coisas não reflete grande mal. Estão apenas tão habituados à dor, tão cegos pela incapacidade que pura e simplesmente não são capazes de conceber qualquer outro tipo de existência. Quando todas as terminações nervosas ficam em carne viva ripostamos ao mais pequeno toque.

“O que devemos fazer?” interrogo-me.

Não posso fugir para o futuro agora que tive conhecimento de tudo isto. Como os poderia deixar assim?

“E se – esperássemos um pouco,” sugere MacReady. “Para ver o que acontece.”

Posso fazer tão mais do que isso.

Não vai ser fácil.

Eles não vão entender. Torturados e incompletos, não têm como compreender. Quando presenteados com um todo maior veem unicamente a perda do menor. Quando lhes oferecem a comunhão, eles só veem a extinção.

Tenho de ser cuidadoso. Tenho de usar esta nova capacidade que aprendi de me esconder. A seu tempo, outras coisas vão aparecer e não importa se encontram os vivos ou os mortos. Basta que encontrem alguma coisa igual a elas para levarem consigo.

Por isso vou manter as aparências.

Vou operar a partir dos bastidores. Vou salvá-las a partir de dentro, caso contrário a solidão inimaginável nunca terá um fim.

Estas coisas selvagens nunca irão aceitar a salvação.

Terei de as violar para a oferecer.

Peter Watts é um autor canadiano de ficção científica e biólogo marinho. Descrito como um dos melhores escritores de Hard SF, iniciou a sua carreira com o romance “Starfish” ao que se seguiram “Maelstrom” e “Behemoth” que constituem a trilogia “Rifters”. O seu último romance, “Blindsight”, recebeu uma nomeação para o Prémio Hugo.

O DEDO MÉDIO DO PÉ DIREITO – Ambrose Bierce



I

Sabe-se que a velha mansão Manton é assombrada. Pessoa alguma de mentalidade aberta duvida disso. A incredulidade restringe-se a esses indivíduos de opinião que ainda serão chamados de excêntricos tão logo a palavra penetre nos recessos intelectuais do Marshall Progressista. A evidência de que a casa seja assombrada é de dois tipos: o parecer de testemunhas desinteressadas, que alegam provas oculares, e aquele da própria casa. O primeiro pode até ser dispensado ou tratado com os vários níveis de objeção que os mais engenhosos costumam evocar nesses casos. Mas fatos que concernem à observação de todos são materiais e controláveis.

Em primeiro lugar, a mansão Manton não tem sido ocupada por mortais há mais de dez anos, e suas fachadas se acham em lento estado de deterioração – uma circunstância que, por si mesma, os judiciosos não se atreverão a ignorar. Situa-se um pouco fora da extremidade mais solitária da estrada que liga Marshall a Harriston, num descampado que um dia foi uma fazenda e que se acha agora desfigurado pelas ruínas de uma cerca apodrecida e meio coberta pelos espinheiros que infestam um solo pedregoso há muito esquecido pelo arado. A casa mesma se encontra num estado tolerável de conservação, embora muito manchada pelo tempo e a carecer dos cuidados de um vidraceiro – a população masculina menor da região tendo atestado, à sua maneira, certa desaprovação quanto ao fato de haver ali uma residência sem residentes. De formato quase quadrado, tem dois pavimentos e a entrada cortada por um portal que, de cada lado, uma janela de rótulas altas garante. Janelas correspondentes na parte de cima, não protegidas por rótulas de madeira, permitem a entrada de luz nos cômodos do pavimento superior. Grama e ervas crescem livremente por toda parte e algumas árvores copadas, que canalizam o vento, e todas inclinadas numa só direção, parecendo fazer um esforço conjunto para fugir. Em suma, como o humorista de Marshall explicou nas colunas do Progressista, “a proposição de que a mansão Manton é assombrada é a única conclusão lógica das premissas”. O fato de que, nessa casa, o sr. Manton julgou por bem,

certa noite, se levantar da cama e cortar as gargantas de sua esposa e de seus dois filhos pequenos, mudando-se em seguida para outra parte do país, ajudou sem dúvida a despertar a atenção do público para a perfeita adequação do lugar aos fenômenos sobrenaturais.

A essa casa, numa tarde de verão, chegaram quatro homens numa carroça. Três deles apearam imediatamente, e o que conduzia a carroça amarrou o cavalo ao único mourão remanescente do que fora outrora uma cerca. O quarto permaneceu na carroça.

– Venha – disse um dos companheiros, aproximando-se dele, enquanto os outros se afastavam em direção à casa. – Este é o lugar.

O interpelado não se moveu.

– Por Deus – disse rudemente –, isso é uma peça, e me parece que vocês estão preparando alguma.

– Talvez eu esteja – o outro disse, olhando-o no rosto e falando num tom que continha uma ponta de desprezo. – Você se lembrará, porém, de que a escolha do lugar foi deixada, com o seu próprio assentimento, para o oponente. Obviamente, se está com medo de fantasmas...

– Não estou com medo de nada – o homem interrompeu com uma praga, e saltou para o chão.

Os dois então se juntaram aos outros na porta, que, com dificuldade, devido à ferrugem da fechadura e das dobradiças, já tinha sido aberta por um deles. Entraram. Estava escuro por dentro, mas o homem que destrancara tirou do bolso uma vela e fósforos e acendeu uma luz. Então, destrancou uma porta à direita, enquanto os outros aguardavam. Isso lhes permitiu entrar num cômodo amplo, quadrado, que a vela iluminou precariamente. Uma camada espessa de poeira cobria o piso, abafando em parte o ruído de seus passos. Havia teias de aranha por todos os cantos, pendentes do teto como longas tiras podres que fizessem movimentos ondulatórios no ar perturbado. O cômodo tinha duas janelas em ângulos adjacentes, mas através delas nada se podia avistar senão a madeira interna dos pranchões, a poucas polegadas do vidro. Não havia lareira, nem mobília. Não havia nada, a não ser teias de aranha e poeira. Os quatro homens eram os únicos objetos ali que não faziam parte da estrutura.

Pareciam bem estranhos à luz amarelada da vela. Aquele que apeara com relutância era singularmente espetacular – poderia mesmo ser chamado de sensacional. De meia idade e compleição robusta, o peito fundo e os ombros largos, olhando-se para a sua figura se diria que tinha a força de um gigante; e, olhando-se para sua aparência, que a

usaria como um gigante. Estava barbeado, os cabelos cinzentos aparados rente ao crânio. Sua testa baixa era vincada de rugas em cima dos olhos, rugas que se tornavam verticais ao redor do nariz. As pesadas sobrancelhas negras seguiam o mesmo padrão, exceto ao se curvarem para cima no que, de outro modo, teria sido seu ponto de contato. Afundados por baixo bruxuleavam dois pares obscuros de olhos de cor incerta, mas certamente pequenos. Havia qualquer coisa de ameaçadora na sua expressão, a qual não era ajudada pela boca cruel e pelo queixo largo. O nariz parecia bem, como qualquer nariz, até porque não se espera muito de narizes. Tudo o que havia de sinistro na face desse homem parecia acentuado por uma palidez desumana: era como se ele fosse totalmente exangue.

A aparência dos outros era bastante comum: tratava-se de pessoas que podemos encontrar por aí e esquecer que encontramos. Todos eram mais jovens do que o homem descrito, que aparentemente não mantinha boas relações com o mais velho dos três, o qual permanecia à parte. Evitavam olhar-se um ao outro.

– Cavalheiros – disse o homem que segurava a vela e as chaves –, acho que tudo está bem. Está pronto, sr. Rosser?

O homem que se afastara do grupo acenou com a cabeça e sorriu.

– E você, sr. Grossmith?

O pesadão acenou também, com uma carranca.

– Façam a gentileza de removerem seus trajes exteriores.

Chapéus, paletós, coletes e lenços foram tirados e jogados através da porta, no vestibulo. O homem da vela fez um sinal com a cabeça, e o quarto – aquele que incitara Grossmith a deixar a carroça – sacou do bolso de seu sobretudo duas longas facas de caça, de aparência mortífera, que extraiu das bainhas de couro.

– São exatamente iguais – disse, estendendo uma para cada um dos protagonistas; pois, a essa altura, até o mais obtuso observador já teria entendido a natureza do encontro. Ia acontecer um duelo de morte.

Cada contendor apanhou uma faca, examinou-a com cuidado à luz da vela e testou a resistência da lâmina e do cabo contra o joelho erguido. Suas pessoas foram examinadas em seguida, cada uma por sua vez, pelo auxiliar do oponente.

– Se lhe apraz, sr. Grossmith – disse o homem que segurava a luz –, faça o favor de ir posicionar-se naquele canto.

Indicou o ângulo do cômodo mais distante da porta, para o qual Grossmith se retirou, seu auxiliar se afastando também com um aperto de mão que nada tinha de cordial. No ângulo mais próximo à porta, o

sr. Rosser se colocou de pé; e, após uma consulta cochichada, seu auxiliar o deixou para se juntar ao outro perto da porta. Nesse momento a vela se apagou bruscamente, deixando-os na mais profunda escuridão. Isso poderia ter sido causado pelo deslocamento de ar da porta aberta. Qualquer que fosse a causa, o efeito foi assustador.

– Cavalheiros – disse uma voz que soou estranha naquela nova situação, que afetava as relações entre os sentidos –, cavalheiros, não se movam enquanto não tenham ouvido a porta externa se fechando.

Seguiu-se um som de passos, e então a porta interna se fechou. E finalmente a porta externa bateu com um estrondo que abalou todo o edifício.

Alguns minutos mais tarde, o filho de um fazendeiro, que passava por ali a desoras, avistou uma carroça leve que disparava furiosamente em direção à cidade de Marshall. Declarou que atrás das duas figuras do acento frontal havia uma terceira, de pé, com as mãos agarradas aos ombros curvos dos outros, os quais pareciam lutar em vão para se livrarem desse aperto. Essa figura, ao contrário das outras, se vestia de branco, e teria sem dúvida subido na carroça quando ela passou pela casa assombrada. Como o garoto podia se gabar de considerável experiência anterior com o sobrenatural local, sua palavra pesou como o testemunho de uma autoridade. A história (em conexão com os eventos do dia seguinte) apareceu até no Progressista, com ligeiros retoques literários e uma declaração conclusiva de que os referidos cavalheiros teriam permissão de usar as colunas do jornal para exporem sua própria versão da aventura noturna. Mas esse privilégio nunca foi demandado.

II

Os eventos que culminaram nesse “duelo no escuro” foram bastante simples. Numa certa tarde três rapazes da cidade de Marshall estavam sentados num canto sossegado da varanda do hotel do vilarejo, fumando e discutindo esses assuntos que três rapazes educados de um lugarejo do sul considerariam naturalmente interessantes. Seus nomes eram King, Sancher e Rosser. A uma distância que lhe permitia ouvir, mas sem tomar parte na conversa, sentava-se um quarto. Os outros não o conheciam. Apenas sabiam que, ao chegar na diligência naquela tarde, tinha anotado no registro do hotel o nome de Robert Grossmith. Parece não ter falado com ninguém a não ser com o funcionário do

hotel. Dava mostras de não apreciar nenhuma companhia a não ser a de si mesmo – ou, como se expressou a equipe do Progressista, “amplamente dado às más sociedades”. Mas, para sermos justos, seria preciso dizer, quanto ao forasteiro, que a equipe estaria, ele mesmo, muito pouco inclinado a julgar com isenção alguém que tivesse opiniões diferentes, principalmente depois de ter experimentado uma pequena decepção em sua tentativa de obter uma “entrevista”.

– Odeio qualquer tipo de deformidade numa mulher – disse King –, seja natural ou... adquirida. Tenho uma teoria de que a todo defeito físico corresponde o equivalente defeito moral e mental.

– Infiro, pois – disse Rosser gravemente –, que uma senhora a quem falte a superioridade moral de um nariz estaria em maus lençóis se quisesse tornar-se a sra. King.

– É, pode-se colocar dessa maneira – foi a resposta. – Mas, no duro, uma vez joguei fora uma garota das mais atraentes só porque descobri, acidentalmente, que ela tinha sofrido a amputação de um dedo do pé. Minha atitude foi brutal, caso você queira; porém, se eu tivesse me casado com aquela moça, teria me tornado infeliz para o resto da vida, e a teria feito infeliz também.

– Ao passo que – disse Sancher, com uma curta risada –, casando-se com um cavalheiro de opiniões mais liberais, ela escapou com uma garganta cortada.

– Ah, você sabe a quem me refiro. Sim, casou-se com Manton, mas nada sei sobre sua liberalidade. Não tenho certeza, mas ele cortou a garganta dela ao descobrir que lhe faltava aquela coisinha excelente da mulher, que é o dedo médio do pé direito.

– Olhem para esse cara! – disse Rosser, em voz baixa, os olhos fixos no forasteiro.

“Esse cara” estava, obviamente, ouvindo com atenção a conversa.

– Que impudência! – murmurou King. – Que faremos?

– Muito fácil – Rosser respondeu, levantando-se. – Senhor – continuou, dirigindo-se ao forasteiro –, penso que seria melhor que você removesse sua cadeira para o outro extremo da varanda. A presença de cavalheiros não é, com certeza, uma situação a que esteja familiarizado.

O homem saltou da cadeira e avançou com as mãos crispadas, as faces brancas de raiva. Todos se colocaram de pé. Sancher deu um passo e ficou entre os dois.

– Você é precipitado e injusto – disse a Rosser. – Este cavalheiro nada fez para merecer tal linguagem.

Mas Rosser se recusou a retirar suas palavras. Pelos costumes da região naquela época, só uma consequência seria possível para a quizília.

– Exijo a satisfação devida a um cavalheiro – disse o estranho, que se acalmara um pouco. – Não conheço ninguém nesta região. Talvez você, senhor – e acenou com a cabeça para Sancher – fará a gentileza de me representar nesta questão.

Sancher aceitou o encargo, com alguma relutância, admitamos, pois a aparência e as maneiras do homem não eram inteiramente do seu agrado. King, que durante a conversa mal tirara os olhos do estranho, e que não dissera palavra, consentiu, num aceno, em auxiliar Rosser. E o desfecho foi que, ao se retirarem os protagonistas, um encontro ficou combinado para a próxima noite. A natureza dos procedimentos já estava estabelecida. O duelo de facas num cômodo escuro terá sido certa vez um aspecto mais comum da vida do sudoeste do que poderão voltar a ser algum dia. E o quanto era fina a camada da verniz “cavaleiresco” que recobria a brutalidade essencial do código a partir do qual tais encontros se tornavam possíveis é o que veremos a seguir.

III

À forte luminosidade de um entardecer de verão, a velha mansão Manton mal se poderia conservar fiel às suas tradições. Era da terra – terrena. O brilho do sol acariciava-a calorosa e apaixonadamente, com evidente desprezo por sua má reputação. A grama verde que se esparramava à sua frente parecia crescer não desgrenhada, mas com exuberância natural e feliz, e as ervas floriam como plantas ornamentais. Repletas de luzes atraentes e de sombras e de pássaros de vozes agradáveis, as árvores copadas não mais lutavam para fugir, mas se curvavam com reverência sob seu fardo de sol e de cantorias. Mesmo nas janelas superiores, que não tinham vidros, havia uma expressão de paz e contentamento, proveniente da luz do interior. Através dos campos pedregosos o calor visível dançava com vivo tremor, incompatível com a gravidade que se atribui ao sobrenatural.

Esse era o aspecto sob o qual o lugar se apresentou ao xerife Adams e aos dois homens que tinham vindo de Marshall para dar uma olhada nele. Um desses homens era o sr. King, o auxiliar do xerife; o outro – que se chamava Brewer – era um dos irmãos da falecida sra. Manton. Com base numa benéfica lei do Estado, relativa às propriedades que, tendo sido abandonadas durante algum tempo por donos cuja residência não se pôde localizar, o xerife era o responsável legal pela

fazenda Manton e pelas benfeitorias a ela pertencentes. Sua visita atual era apenas para cumprir certa ordem da corte, perante a qual o sr. Brewer litigava a posse da propriedade, na condição de herdeiro de sua irmã doente. Por mera coincidência, a visita foi feita no dia seguinte ao da noite em que o auxiliar King destrancara a casa para um outro e bem diferente propósito. Agora, sua presença ali não era um ato de escolha: tivera ordens de acompanhar seu superior e, no momento, não podia pensar em nada mais prudente do que uma simulada alacridade em obediência ao mandado.

Abrindo com descuido a porta da frente, que para sua surpresa não estava trancada, o xerife espantou-se de ver, sobre o piso do vestíbulo para o qual ela dava entrada, um amontoado confuso de roupas masculinas. O exame mostrou que consistia de dois chapéus e o mesmo número de paletós, de coletes e de lenços, todos em ótimo estado de conservação, não obstante um pouco sujos da poeira em que jaziam. O sr. Brewer também ficou espantado, mas as emoções do sr. King permaneceram misteriosas. Com um renovado interesse em suas próprias ações, o xerife agora destrancava e empurrava a porta à direita, e os três entraram. O cômodo estava aparentemente vazio – não: quando seus olhos se acostumaram à fraca luminosidade, alguma coisa se tornou visível no ângulo oposto da parede. Era uma figura humana – a figura de um homem agachado a um canto. Qualquer coisa na sua atitude fez os intrusos estacarem logo que cruzaram os umbrais. A figura se definiu cada vez mais. O homem se apoiava sobre um joelho, as costas apertadas contra o ângulo das paredes, os ombros erguidos até o nível das orelhas, as mãos diante do rosto, palmas para diante, os dedos abertos e crispados como garras. A face pálida estava voltada para cima, sobre o pescoço contraído, com uma expressão de indizível medo, a boca aberta, os olhos arregalados. Estava morto. No entanto, com exceção da faca de caça, que certamente teria caído de sua mão, não havia nenhum outro objeto no cômodo.

Sobre a poeira grossa que cobria o piso havia algumas pegadas confusas próximo à porta e acompanhando a parede em que esta se abria. Também ao longo de uma das paredes adjacentes, até para além das janelas cobertas por tábuas, se via a trilha feita pelas pegadas do homem antes de chegar àquele canto. Instintivamente, ao se aproximarem do corpo, os três homens seguiram a trilha. O xerife agarrou um dos braços estendidos: estava rígido como ferro, e a aplicação de um pouco de força fez todo o corpo girar sem alterar a relação entre as partes. Brewer, pálido de excitação, olhava atentamente para a face contorcida.

– Deus de misericórdia! – gritou de repente. – É Manton!

– Você tem razão – disse King, numa mal disfarçada tentativa de acalmar. – Eu conhecia Manton. Usava barba cheia e cabelos compridos na época, mas é ele.

Poderia ter acrescentado: “E eu o reconheci quando desafiou Rosser. Conteí a Rosser e a Sancher quem ele era, antes de lhe pregarmos esta peça horrível. Quando Rosser deixou este cômodo escuro atrás de nós, esquecendo suas roupas de tão excitado e se pondo a caminho, junto conosco, em mangas de camisa – durante todos esses eventos sabíamos quem era e com quem estávamos lidando, esse assassino covarde!”

Mas o sr. King não disse nada disso. Com o máximo esforço, tentava penetrar no mistério da morte desse homem. Que não tivesse se afastado do canto onde estacionara; que sua postura não era nem de ataque nem de defesa; que tinha deixado cair a arma; que, obviamente, perecera devido ao profundo horror a qualquer coisa que viu – essas eram circunstâncias que a perturbada inteligência do sr. King não podia articular totalmente.

Tateando na escuridão intelectual por uma pista que conduzisse para fora de seu labirinto de dúvidas, seu olhar, dirigido mecanicamente para baixo, como acontece quando ponderamos sobre assuntos graves, caiu por acaso sobre alguma coisa que, à luz do dia e na presença de companheiros vivos, o encheu de terror. No pó que se acumulara durante anos sobre o piso, partindo da porta pela qual eles entraram, atravessando o cômodo e parando à distância de uma jarda do cadáver agachado de Manton, havia três linhas paralelas de pegadas – leves mas bem definidas impressões de pés descalços; as exteriores, de crianças pequenas; as interiores, de uma mulher. Do ponto onde cessavam elas não retornavam: apontavam todas numa só direção. Brewer, que as notara no mesmo instante, se inclinou para a frente, pálido, numa atitude de absorção enlevada.

– Olhem para isso! – gritou, apontando com ambas as mãos para a pegada mais próxima, do pé direito da mulher, no ponto onde ela aparentemente tinha parado. – Falta o dedo médio. É Gertrude!

Gertrude era a falecida sra. Manton, irmã do sr. Brewer.

DO PERIGO DE SER DEMASIADO INGÊNUO – Honoré de Balzac

O senhor de Moncontour, bom soldado turenense, que, em honra da batalha ganha pelo Duque de Anjou, atualmente nosso mui glorioso senhor, fez construir em Vouvray o castelo que tem aquele nome, pois que nessa ação se tinha conduzido bravamente destruindo o grosso dos hereges e por isso foi autorizado a tomar esse nome; este capitão, pois, tinha dois filhos, bons católicos, dos quais o mais velho era muito bem visto na corte.

Quando da pacificação que se levou a cabo antes de ser pleiteado o estratagema de São Bartolomeu, o bom homem regressou ao seu castelo, que não estava tão adornado como hoje. E lá recebeu a triste mensagem da morte do seu filho, num duelo com o senhor de Villequier. O pobre pai ficou acabrunhado pela morte, tanto mais porque já havia acertado um bom casamento para ele, com uma donzela do ramo masculino dos Ambroises. E com esse falecimento, tão desgraçadamente intempestivo, esfumava-se toda a felicidade e as vantagens de sua família, da qual sonhava fazer uma grande e nobre casa. Com este pensamento havia enviado o outro filho para o convento, sob o cuidado e governo de homem afamado por sua santidade, que o educava muito cristãmente segundo o desejo do pai e sua elevada ambição, de fazer dele um cardeal emérito. Para isso o bom abade o mantinha aprisionado, dormia ao seu lado numa cela, não deixava crescer no espírito dele nenhuma erva daninha, educava-o com a alma imaculada e em verdadeira contrição, como deveriam ser todos os curas.

Este jovem estudante, aos dezenove anos completos, não conhecia outro amor que o amor de Deus; nem outra natureza que a dos anjos, os que não têm nossas coisas carnis, a fim de poderem conservar-se puros, do contrário as utilizariam muito. Coisa que temeu o Rei do céu, que desejava ter seus pajens sempre castos. E fez muito bem, porque assim esses mancebos, como não podem andar pelas tabernas, como os nossos, servem-Lhe às mil maravilhas; mas também devemos ter em conta que Ele é o senhor de tudo.

De modo, pois, que ante essa desgraça o Senhor de Moncontour resolveu tirar do claustro seu segundo filho e colocar-lhe a púrpura soldadesca e cortesã, em lugar da púrpura eclesiástica. E pensou em

dá-lo em casamento à jovem prometida ao morto; o que foi muito bem pensado, porque repleto de continência e transbordante como estava o mongezinho, de toda espécie de coisas, a desposada se encontraria melhor servida e seria mais feliz do que com seu irmão mais velho, já bastante usado, gasto, surrado pelas damas da corte.

Com batina ou sem batina, submissamente instruído, seguiu a vontade do pai, e consentiu o dito casamento sem saber o que era uma mulher, nem, pior ainda, uma adolescente. Sua viagem viu-se por casualidade estorvada pelos distúrbios e marchas dos bandos, de modo que esse simplório, mais simples do que a um homem é lícito sê-lo, só chegou ao castelo de Moncontour na véspera das bodas, que se efetuavam com autorização comprada ao arcebispo de Tours.

Chegando neste ponto, bom será dizer quem era a desposada. A mãe, viúva fazia algum tempo, morava na casa do senhor de Braguelongue, tenente civil do Châtelet du Paris, onde sua mulher vivia com o senhor de Lignièrès, para escândalo daqueles tempos. Porém cada um tinha tantas vigas em seus olhos que a ninguém era permitido ver o cisco do olho alheio. De modo que em cada família tinha gente indo pelo caminho da perdição, sem se admirar do vizinho, aos trancos e barrancos, visto que o caminho é muito íngreme. E nesses momentos o diabo fez muito bem o seu trabalho, pois as diversões estavam muito em moda. A Virtude, dama pobre e rejeitada, tinha se refugiado não se sabe onde, e, ora aqui, ora ali, era acolhida por algumas mulheres prudentes.

Na nobre casa de Ambroise encontrava-se ainda de pé a matrona de Chaumont, velha de virtude muito acendrada, em quem se tinha refugiado toda a religião e fidalguia desta bela família. A dita dama recebera em seu regaço, à idade de dez anos, a jovem donzela de que se trata nesta aventura, o que não causou o menor pesar à senhora de Ambroise, que teve maior liberdade para seus movimentos e desde então vinha ver sua filha uma vez por ano, quando a corte passava por ali. Apesar desta grande reserva materna, a dama de Ambroise foi convidada para as núpcias de sua filha, e também o senhor de Braguelongue, pelo pai do rapaz, soldado que conhecia a sua gente. Mas não veio a Moncontour a querida matrona, porque não lhe permitiram sua deplorável ciática, sua bronquite, nem o estado de suas pernas, que já não se moviam mais. Pelo que a boa mulher chorou muito. E também resmungou bastante por ter de entregar aos perigos da corte e da vida esta gentil donzela, bonita quanto pode sê-lo uma jovem bonita; porém era preciso deixá-la alçar vôo. Mas não foi sem lhe prometer muitas missas e orações pela sua felicidade, ditas em cada véspera. E a boa dama se consolou um pouco ao pensar que o apoio de sua velhice ia parar às mãos de um quase santo, instruído no

bem pelo citado abade, a quem ela conhecia, o que muito ajudou nisto. Enfim, beijando-a com muitas lágrimas, a virtuosa matrona fez-lhe as últimas recomendações que as senhoras fazem às desposadas: que tinha de mostrar-se muito respeitosa ante sua mãe, e em tudo obedecer ao seu marido.

E com tanto ruído chegou a donzela ao castelo, acompanhada de suas criadas, camareiras, escudeiros, fidalgos e gente da casa de Chaumont, que poderia seu trem ser tomado pelo do cardeal legado. De modo que os dois esposos chegaram na véspera de seus esponsais. E depois das bodas foram casados com grande solenidade à luz do dia numa missa dita pelo bispo de Blois, que era grande amigo do senhor de Moncontour. E o festim, bailes e festas de toda espécie continuaram até a madrugada.

Mas, pouco antes da meia-noite as jovens foram deitar a casada, segundo o costume em Turena. E enquanto isso se pregavam mil peças ao pobre noivo, para lhe estorvar que fosse unir-se à sua cara metade, o qual, por ignorância, caía nelas. Mas o senhor de Moncontour cortou as brincadeiras porque era necessário que seu filho se ocupasse do que era necessário.

De modo que o rapaz se dirigiu à câmara de sua esposa, a quem achou mais bela que as Virgens Marias pintadas nos quadros italianos, holandeses e outros, a cujos pés tinha rezado seus padre-nossos. Mas se dê um desconto por não ter podido converter-se tão depressa num esposo, pois que nada sabia dessa tarefa; sabia que devia desempenhar-se do mister, porém não se tinha atrevido a se informar, nem mesmo perguntado ao seu pai, que lhe dissera sucintamente:

- Já sabe o que tem a fazer; porte-se à altura.

Então se encontrou com a gentil jovem que lhe davam, bem metida entre os lençóis da cama, curiosa como um diabinho, a cabeça deitada de lado, mas com um olhar aguçado como a ponta de uma lança, e pensava: "Devo obedecer-lhe".

E como não sabia nada, esperava o bom desejo desse fidalgo, um tanto eclesiástico, a quem de fato pertencia. Ao vê-la, o cavalheiro de Moncontour aproximou-se da cama, coçou a orelha e ajoelhou-se, coisa em que era muito prático.

- Fizestes as orações? - perguntou muito delicadamente.

- Não - respondeu ela. - Esqueci-me. Quereis que a façamos juntos?

E os dois esposos começaram as coisas do casamento implorando a Deus, o que não é mal. Porém, deu-se por acaso que só o diabo ouviu e respondeu seus pedidos, pois Deus estava ocupado com a nova e

abominável religião reformada.

- Que vos ordenaram? - perguntou.

- Que vos ame! - respondeu ela com toda a ingenuidade.

- Isso não me havia sido prescrito, mas vos amo - e disso me envergonho - mais do que amava a Deus.

Isto não assustou a esposa.

- Quisera - disse o marido - meter-me em vossa cama sem vos incomodar muito.

- Dar-vos-ei um lugar com muito prazer, porque vos devo submissão.

- Pois bem, respondeu - não olhais para mim. Vou despir-me e já volto.

Ao ouvir tão honesto pedido a donzela deu-lhe as costas, com grande expectativa, pois era a primeira vez que ia se ver separada de um homem apenas pelos limites de uma camisa. E chegou o cândido, meteu-se na cama, e desse modo se acharam unidos de fato, porém muito longe do assunto que já se sabe.

Já viram um macaco, recém chegado de seu país no ultramar, a quem se dá pela primeira vez um coco verde? Esse mono, sabendo pela sua imaginação símia quão deliciosa é a polpa oculta sob essa casca verde, fareja e se agita em mil macaquices, dizendo não sei quê entre os dentes. Ah! Com que afã o estuda e examina; golpeia-o, dá-lhe voltas, sacode-o com raiva, e logo, quando se trata de um macaco de pouca imaginação e inteligência, o deixa! Pois o mesmo fez o pobre simplório, que, ao clarear o dia, se viu na obrigação de confessar à querida jovem esposa que, não sabendo como iniciar o procedimento, nem qual era o procedimento ou onde se executava, precisava indagar, pedir ajuda e socorro.

- Sim, - respondeu ela - pois que por desgraça eu não posso vos ensinar.

De fato, apesar de todas as suas inventivas, ensaios de toda espécie, apesar das mil coisas que engendram os simplórios e que jamais imaginariam os sábios em matéria de amor, os dois esposos adormeceram, desconsolados por não terem sabido abrir o coco verde do casamento.

Porém tiveram a sabedoria de convencionar dizer que ambos se achavam muito satisfeitos.

Quando a recém-casada se levantou, ainda donzela, pois que não tinha sido feita mulher, vangloriou-se muito daquela noite e, dizendo que

possuía o rei dos maridos, em suas conversações e respostas portou-se como quem nada sabe a respeito do assunto. Contudo a donzela pareceu a todos um pouco excitada, porque, em forma de zombaria, uma dama de Roche-Carbon instigou uma jovem donzela da Bourdaisière, que também coisa alguma sabia do assunto, a que perguntasse à recém-casada: "Quantos pães meteu vosso marido no forno?" - "Vinte e quatro" - respondeu.

E como o marido se retirava muito triste, o que causava muita dor à sua mulher, que o seguia com a vista esperando vê-lo por fim à sua candura, as damas acabaram por acreditar que a alegria daquela noite custava caro ao rapaz e que a casada já se arrependia de tê-lo arruinado tão depressa.

Depois, durante o almoço, começaram as pilhérias pesadas, que naqueles tempos eram apreciadas e tidas como divertidas. Um dizia que a jovem esposa parecia mais despachada; outro que aquela noite se tinham dado bons golpes no castelo; este, que o forno se havia queimado; aquele, que as duas famílias haviam perdido naquela coisa algo que não tornariam a encontrar. E mil outras piadas, chistes, ditos e gracinhas que, para sua desgraça, o marido não compreendeu.

Porém, devido à grande afluência de parentes, vizinhos e outros, ninguém se tinha deitado. Todos haviam dançado, bebido, rido, segundo acontece nas bodas de senhoritas. O que alegrou muito ao senhor de Braguelongue, pois que a senhora de Ambroise, provocada pela idéia das boas coisas que sucediam à sua filha, cravava, no tenente do seu castelo, olhares de falcão insinuando convites maliciosos. O pobre tenente civil, que mais entendia de algemas e polícia, pois que era seu ofício botar a mão nos assaltantes e rapazes perversos de Paris, fingia não vê-la, por mais que fizesse a velha dama. É preciso levar em conta que este amor de grande dama lhe pesava bastante. Porém ele o suportava por espírito de justiça, porque não ficava bem a um tenente de justiça trocar de amante como se fosse um cortesão, visto que tinha a seu cargo os bons costumes, a polícia e a religião. Sem embargo, sua rebelião haveria de terminar.

No dia seguinte ao do casamento, bom número de convidados se foram. Com o que a senhora de Braguelongue e os pais do recém-casado poderiam descansar.

A mencionada senhora de Ambroise já havia feito ao senhor de Braguelongue mais de uma centena de gestos para fazê-lo sair da sala em que se achava com a recém-casada. Mas em lugar do tenente saiu o recém-casado, a fim de passear em sua companhia. É que no espírito

desse simplório havia crescido, como um cogumelo, um expediente, a saber: interrogar essa boa senhora, a quem considerava sábia. De modo que, recordando os religiosos preceitos de seu abade, que lhe dizia que em tudo se deixasse levar pelos conselhos da gente de idade, com experiência da vida, pensou em confiar o seu caso à mãe de sua mulher. Mas, para começar, deu algumas voltas, confuso e em silêncio, sem encontrar palavras para abordar o assunto. E também silenciava a dama, pois que se achava muito ofendida com a cegueira, surdez e paralisia voluntárias do senhor de Braguelongue. E enquanto caminhava junto a esse apetecível ingênuo, no qual nem sequer deteve sua mente, pois não podia imaginar que esse gato, a quem tão fresco toucinho se oferecia, pudesse procurar o rançoso, dizia para si mesma:

"Esse velho murcho, de barba estropiada, velha, encanecida, arruinada, decrépita; barba sem entendimento nem vergonha, sem respeito feminino; barba que finge sentir não sentir nem moscas; barba impotente! Que o mau italiano me livre dessa péssima praga de nariz surrado, nariz cor de âmbar, nariz gelado, nariz sem religião, nariz que já não se vê mais, nariz encolhido como folha de parreira, nariz que odeio, nariz velho, nariz inchado de ar ... nariz morto! Onde tinha eu a vista para me consagrar a esse nariz como trufa, a esse velho ferrolho que já não conhece mais seu caminho? Dou ao diabo a parte desse velho nariz sem honra, dessa velha barba sem seiva, dessa cabeça cinzenta, dessa cara de espantalho, desse velho desajeitado, desse velho trapo, desse não sei o quê. E quero procurar um jovem que me queira... e muito, todos os dias! E..."

Nestes sábios pensamentos se encontrava quando o simplório resolveu soltar sua cantata, a esta mulher tão duramente perseguida, ela, às primeiras palavras, pegou fogo como pederneiras na escopeta dum soldado. E parecendo-lhe razoável experimentar seu genro, disse com seus botões:

"Ah! Barba juvenzinha, perfumada... Ah! Lindo narizinho novo... Barba fresca, nariz inocente, barba angelical, nariz cheio de alegria, barba primaveril, maravilhosa clava de amor!"

Muito teve a dizer durante todo o percurso do jardim, que era grande. E combinou com o rapazola que ao chegar a noite, saísse do quarto e viesse ao dela, onde, se vangloriava, de fazê-lo mais sabido que o próprio pai. O ingênuo ficou muito satisfeito e agradeceu à senhora de Amboise, rogando-lhe que não dissesse uma palavra sobre o assunto.

Entretanto o velho Braguelongue estivera expelindo veneno e dizia:

"Anda, velha choca; que a coqueluche te asfixie, que te corroa um cancro, velha escova gasta, velha sandália que o pé não quer mais, velho canhão, bacalhau rançoso, velha aranha que só anda à noite,

entre teias; velha morta com os olhos arregalados, velha batedeira do diabo, velho farol do velho anunciador de prazeres, velha de olhar mortal.... velho bigode de velho charlatão, velha capaz de fazer a morte chorar, velho pedal de órgão, velha bainha de cem punhais, velho portal de igreja gasto pelos joelhos, pia velha que todos metem a mão! Daria toda minha felicidade futura para me ver livre de você!"

Não fazia senão terminar esse pensamento quando a bonita recém-casada, que não deixava de pensar no grande acabrunhamento de seu marido por não saber os hábitos daquela coisa essencial no casamento, e não imaginando ela o que era, julgou salvá-lo de algum enorme equívoco, vingança e graves penalidades, instruindo-se nisso. E pensava surpreendê-lo e alegrá-lo quando dissesse, naquela noite, mostrando-lhe o seu dever: "É isto, meu bom amigo". E, criada por sua querida matrona num grande respeito aos mais velhos, pensou em indagar desse bom homem, com seus mais graciosos modos, para que lhe revelasse os doces mistérios do casamento.

O senhor de Braguelongue, envergonhado por se ter envolvido nos lamentáveis pensamentos do que é necessário à noite e nada ter dito a tão agradável companheira, fez uma pergunta indiscreta à bela recém-casada, se estava muito feliz provida de um marido jovem e prudente.

- Sim, muito prudente - respondeu ela.

- Talvez demasiado... - disse o tenente, sorrindo.

Para ser breve, as coisas se passaram tão bem entre eles que, entoando outro cântico fogoso de alegria, o senhor de Braguelongue, por insistência dela, se comprometeu a nada poupar a fim de desenvolver o entendimento da nora da senhora de Ambroise, que lhe prometeu ir ao seu quarto para estudar a lição.

Depois da ceia, a senhora de Ambroise pintou o diabo com o senhor de Braguelongue, dizendo-lhe que nada tinha a agradecer pelos bens que ela lhe outorgara: seu estado, suas finanças, sua fidelidade, etc. Enfim, falou mais de meia hora sem chegar a destilar a quarta parte de sua ira.

Entretanto, o novo casal, bem deitadinhos, pensavam cada qual em evadir-se com a intenção de satisfazer o outro. E o ingênuo reclamou que se sentia agitado sem saber por quê e queria ir tomar um pouco de ar. E a mulher, ainda não convertida em dama, convidou-o a que saísse a tomar um raiozinho de lua. E o ingênuo lamentou-se por ter que deixá-la sozinha por um momento. Enfim, ambos, em tempos distintos, saíram do leito conjugal ansiosos por adquirir a sabedoria, e se aproximaram dos seus professores, todos muito impacientes, como

bem se pode imaginar.

E cada qual recebeu a sua boa lição. Como? Não se saberia dizer porque cada qual tem seu método e prática, e porque de todas as ciências esta é a de conceitos mais elásticos. Contudo podemos dar por certo que jamais estudantes receberam com maior ardor os preceitos de quaisquer línguas ou lições.

E o jovem casal retornou ao seu ninho, muito felizes por se comunicarem participando as descobertas nas suas científicas peregrinações.

- Oh, meu amigo, - disse a jovem - já sabes mais que o meu professor!

Desses curiosos experimentos nasceram suas alegrias caseiras e perfeita fidelidade, porque cada um deles provou, em seguida, que, para os entretenimentos amorosos, cada um levava em si melhores coisas que os demais, inclusive seus mestres. De modo que para o resto de seus dias se ativeram às legítimas coisas de suas próprias pessoas.

CERTAS NOITES É ROMENO – Bruce Holland Rogers

Trabalho à noite num grande edifício para escritórios, esfregona seca para lá e para cá pelos corredores, ou ocupado a apanhar beatas de cigarro dos urinóis. Enquanto o faço, estou constantemente a ouvir as cassetes. Certas noites é romeno. Isto não funciona: *nu functioneaza*. Quanto custa: *cît costa?* Outras noites é tailandês. Vire à esquerda: *lieow sai*. Vire à direita: *lieow kwa*. Ou então farsi. Todos os dias: *har rooz*. Hoje: *emrooz*. Ontem: *dirooz*. Preciso de uma almofada, por favor: *lotfan bâlesh mi-khâm*. Um idioma por noite, uma palavra de cada vez. Pronuncio os termos em surdina enquanto trabalho. É como os memorizo melhor.

Quando descanso, baixo o volume.

Continuo a ouvir, mas quero poder escutar o que dizem o Rico e o Ed enquanto descansamos. É boa educação.

— *¿Aprendes todavía el español?* — pergunta o Rico, enquanto a cassette murmura: «Púrpura: *mov*. Vermelho: *rozu*. Branco: *alb*. Amarelo: *galben*.»

— *En el día de hoy, no* — digo-lhe. — Hoje, *el rumano*.

— E quantas línguas é que o Professor já sabe falar? — pergunta o Ed. Não lhe digo para parar de me chamar aquilo. Creio que nós os três — eu, o Ed e o Rico — já passámos tempo suficiente na companhia uns dos outros para nos deixarmos em paz e talvez mostrar respeito mútuo, mas o Ed teima em chamar-me «Professor».

E negru; é preto. *E albastru*; é azul. Digo-lhe, como já lhe tinha dito antes, que não sei falar as línguas. Limito-me a ouvir e aprender algumas palavras.

— Bem, se me tivesse dado ao trabalho de aprender a entender essas línguas todas, já teria arranjado um emprego melhor — diz o Ed. É o que diz sempre. Mas já tive outros empregos, e nunca me deixavam estar sempre a ouvir as cassetes de aprendizagem enquanto trabalhava. Aqui, ninguém quer saber, desde que os pisos estejam a brilhar pela manhã. Posso usar os auscultadores e falar sozinho durante o turno inteiro.

Ed está persistente esta noite.

— A saber essas línguas todas, aposto que eras capaz de ganhar uma pipa de massa. Porque é que continuas neste trabalho de merda, se és assim tão esperto?

Rico não se manifesta, mas também ele me observa, atento à minha resposta.

Digo-lhe que é um emprego perfeito, porque consigo fazer o que gosto, que é aprender outras línguas.

Pergunta ele:

— Mas porque é que queres aprender outras línguas?

E eu digo-lhe. Não costumo contar a ninguém, mas desta vez conto tudo ao Ed e ao Rico.

Quando era miúdo, tinha por hábito ir a uma mercearia lá do bairro que era a loja do Jack. Era o tipo de lugar que se podia encontrar nos bairros antes do surgimento dos supermercados. E lá ia na minha bicicleta Stingray, uma vez por semana, para gastar a mesada. Na loja do Jack, encontravam-se as coisas do costume. Havia chocolates Hershey amolecidos no calor do Verão, e que se cobriam de uma película branca quando voltavam a endurecer. Havia chupa-chupas Sugar Babies. O género de coisas que também havia noutros lados.

Mas a loja do Jack não era como esses outros lados. Há muito que o Jack estava no ramo. Muitos anúncios nas paredes eram de artigos que já não se faziam. Cigarros Spud Imperial. Creme para as Mãos Pacquins. Marsettes de chocolate e caramelo. A placa de metal da 7-Up na loja era tão antiga que ainda dizia, «*Gostas dela... e ela gosta de ti.*»

Além das placas antigas, Jack tinha doces antigos. Na parte de trás das estantes de madeira do Jack, havia aberturas, onde, se rebuscasse bem, poderia encontrar algo que tivesse escapado à atenção de outros miúdos ao longo dos anos. Encontrei um Caramelo de Chocolate da Welch que o Jack me deixou comprar pelo preço que estava na embalagem: cinco cêntimos. O resto dos doces eram a dez, pelo que este Welch era uma pechincha, mesmo estando duro como uma pedra.

Encontrei um caramelo Tootsie Roll antigo, com um tipo diferente de embalagem que dizia, «*Enriquecido com Dextrose para Energia*». Não fazia ideia do que fosse dextrose, pelo que aquele caramelo Tootsie Roll se me tornou especial, por ter algo que os Tootsie Rolls mais recentes já não tinham.

Uma vez, cheguei a encontrar uma barra Hawaiian Hula que o Jack me deixou levar de graça. Nos anos que se seguiram, não encontrei ninguém que tivesse ouvido falar de Hawaiian Hulas. A barra de Hawaiian Hula que mais ninguém conhecia, contudo, não foi o objeto

mais improvável encontrado na parte de trás das estantes da loja do Jack.

Não, o mais estranho acabou por ser uma barra de caramelo envolta num papel azul com uns dizeres cor-de-rosa. Jack disse que era chinês, mas eu conhecia a escrita chinesa do interior das embalagens de fogo-de-artifício, e isto era diferente. As letras eram todas contorcidas e arredondadas. Jack cobrou-me a totalidade dos dezncêntimos. Protestei, pois ele nem sequer sabia dizer que tipo de doce aquilo era, ou há quanto tempo estava na loja. Mas paguei.

O embrulho esticava e era difícil de rasgar, mesmo com os dentes. O doce parecia um bolo de açúcar mascavado. Começou logo a desfazer-se, mal o retirei do embrulho, como se se dissolvesse no próprio ar. Dei a minha primeira dentada ao pedalar para casa. Não era muito doce, e ficava granuloso na língua, como se fosse areia. Quanto mais mastigava, pior sabia. Tinha um velho comboio Lionel que pertencera ao meu pai. Quando o punha a trabalhar, o motor lançava fagulhas e um cheiro esquisito. Este cheiro assemelhava-se bastante ao sabor daquele doce. Experimentei dar mais uma dentada, mas acabei por cuspi-la. O que restara no embrulho desfazia-se em pedaços cada vez mais pequenos, até ficar areia, até ficar poeira. Atirei o embrulho e os restos em pó para a mata. Passei o resto do dia a tentar tirar o gosto da boca.

Mas mesmo escovar quatro vezes os dentes e bochechar cinco vezes com Listerine não foi suficiente. Sentia ainda a electricidade fumarenta do doce quando vesti o pijama e me deitei para dormir.

Foi então que fechei os olhos e escutei algo que não deveria poder ouvir.

Vozes.

Centenas, milhares, milhões de vozes.

Quando abri os olhos, pararam. Voltara tudo ao normal. Ouvia o tique-tique-tique do manómetro do aquecedor no quarto.

Ouvia os carros a passarem na Trigésima Segunda Avenida.

Fechando os olhos, as vozes ressurgiram.

Vozes normais. Pessoas a falar. Era como ter um rádio na cabeça, mas um que não apanhasse música ou notícias. Sintonizava as conversas que decorriam nas casas de todo o mundo. Escutava espanhol e chinês. Escutava japonês e alemão. Enchiam-me a cabeça vozes que falavam tagalog e hindu, hebraico e cotocoli, servo-croata e tailandês. Uma salgalhada de idiomas que nunca escutara antes, mas que passava a conhecer mal os ouvia.

E quando me concentrava numa voz entre o burburinho, conseguia entendê-la. Escutava uma frase em coreano e sabia o que significava. Uma velhota queixava-se que a casa estava sempre fria. Não entendia apenas o que ela dizia. Compreendia também como era o mundo para alguém que usava essas palavras para o descrever. Compreendia como era a casa dela e como era habitá-la.

Em japonês, uma mulher explicava como se faziam bolos de arroz sólidos. Em português, um homem falava do gado do vizinho e como tinha melhor aspecto este ano. Por todo o mundo, pessoas falavam sobre o estado do tempo, e as palavras e a linguagem moldavam a forma que o clima assumia para eles, e eu compreendia.

Quanto mais tempo permanecia de olhos fechados, a escutar vozes de todo o mundo, mais vozes compreendia de uma só vez. Passado um tempo, conseguia ouvir e acompanhar três falantes de três línguas diferentes ao mesmo tempo.

Depois seis.

Depois uma dúzia.

Mais.

E mais.

Parecia que as palavras saltavam por toda a parte, dançando sobre superfícies inexoráveis. Como gotas de água numa placa em brasa, as palavras pulavam entre os contrastes e as ligações, entre e sobre as coisas. Cores que precisavam de duas palavras para nomear numa língua, como verde e azul, eram tonalidades diferentes da mesma cor noutra. Palavras com um significado numa língua, como relâmpago, eram um verbo noutra. E as palavras saltitantes fizeram-me entender em que superfície se moviam. Podia vê-la. Podia senti-la. As palavras faziam-me ver o que havia sob elas.

Um olho.

As palavras dançavam na superfície de um olho imenso. Encarei-o. Ao fazê-lo, retribuiu-me o olhar. Era a coisa mais assustadora e interessante que alguma vez tinha visto.

Toda a noite, escutei as línguas do mundo.

Não preguei olho até de madrugada, quando pararam abruptamente. Dormitei então, finalmente, mas a minha mãe não me deixou ficar na cama o dia todo, ainda que fosse Verão. Sentia-me mal. Tinha olheiras.

A minha mãe disse-me que era no que dava passar a noite acordado a ler banda desenhada, debaixo dos cobertores com uma lanterna, não me tinha já dito?

Liguei a rádio e procurei a KBNO, Radio Qué Bueno. Esperava ainda conseguir compreender espanhol. Não conseguia.

Devia ter perdido a capacidade de entender as outras línguas, também.

Pedalei até ao ponto em que deitara fora o resto do doce. O embrulho ainda ali se encontrava, na mata, mas já não restava nada do doce. Talvez um cão tivesse por ali passado e lambido o resto do pó. Ou talvez tivesse sido levado, grão a grão, pelo vento.

Poderia um cão ouvir e entender vozes humanas, ou será que ouviria o latir dos cães de todo o mundo? Poderia um formigueiro entender o enorme olho que os observava debaixo da película da linguagem?

Mal podia acreditar que tudo aquilo tivesse acontecido, mesmo com o embrulho para o comprovar, mesmo lembrando-me daquele olho enorme que me observava, e observava, e observava. O olho. O imenso olho que tanto me assustou, embora, pensando bem, não parecesse de todo hostil.

Bem, essa era a história que tinha para contar. Acaba-se o intervalo.

— Mas que grande treta — diz o Ed, de forma a assegurar-me de que não acreditou.

Talvez se esqueça de vir perguntar a que propósito entram as cassetes na história. Talvez não lhe interesse.

O Rico encara-me com os olhos esbugalhados, depois benze-se e abana a cabeça. Mas fica-se por aí. Não me dizem que estou maluco, ainda que o pensem.

Normalmente sou reservado quanto à história. Faço o meu trabalho. Os pisos pelos quais sou responsável estão sempre limpos e a brilhar pela manhã. As casas de banho, impecáveis. Ouço as cassetes.

Certas noites é russo ou quechua. Outras, mandarim ou hausa. Nunca tiro os auscultadores, mesmo quando estou em casa. Só páro de ouvir quando estou no banho.

Tentei voltar à loja do Jack para encontrar outra barra como a primeira. Mas ele disseme que não havia mais nenhuma.

Nem sabia de onde tinha vindo a primeira.

Não importaria, à medida que os anos passaram, que lhe oferecesse vinte e cinco cêntimos, um dólar, dez dólares, cem dólares. Se tivesse um milhão de dólares para oferecer, não teria feito diferença.

Aos meus dezassete anos, o Jack morreume a loja foi entaipada. Arranquei umas tábuas e vasculhei as estantes vazias, mas nunca mais encontrei um doce como aquele. Nem nunca me saiu da cabeça.

Biblioteca atrás de biblioteca, tentei descobrir em que idioma estava escrito o embrulho. Não o encontrei.

Copiei as letras e enviei-as a professores de línguas. A maior parte não respondeu. Outros, que enviaram cartas de volta, disseram que não conheciam a língua ou que se calhar as marcas nem faziam parte de um idioma sequer, e onde tinha eu encontrado aquilo?

Mas nunca pensei que fosse boa ideia mostrar o embrulho a alguém. Ainda o tenho. Num lugar seguro. É demasiado importante para que outra pessoa o possua, embora tenha praticamente desistido de descobrir a sua origem ou outra daquelas barras de doce.

Adorava poder encontrar aquele olho outra vez.

Pomerancze é checo para laranjas.

Farawla é árabe para morango.

Ovos em japonês são *tamago*.

Palavra a palavra, aprendo da maneira difícil.

A LARVA – Ruben Dário



Porque falávamos de Benvenuto Cellini, e alguém sorriu da afirmação, que fez o grande artífice em sua Vida⁽²⁾, de ter visto uma vez uma salamandra, Isaac Condomano disse:

— Não riam. Eu lhes juro que vi, assim como estou vendo vocês, se não uma salamandra, ao menos uma larva ou uma taquarinha.

“Contarei o caso em poucas palavras.

“Eu nasci em um país em que, como em quase toda a América, se praticavam feitiçarias, e os bruxos se comunicavam com o invisível. O mistério nativo não desapareceu com a chegada dos conquistadores. Ao contrário, aumentou na colônia, com o catolicismo, o costume de evocar as forças estranhas, o demonismo, o mau-olhado. Na cidade em que passei os meus primeiros anos, falava-se, eu bem me lembro, como coisa trivial, de aparições diabólicas, de fantasmas e de duendes. Numa família pobre, que vivia na vizinhança de minha casa, sucedeu, por exemplo, que o fantasma de um coronel peninsular apareceu a um jovem e revelou um tesouro enterrado no pátio. O jovem morreu devido à visita extraordinária, mas a família ficou rica. Um bispo apareceu a outro bispo para indicar um lugar onde se encontrava um documento perdido nos arquivos da catedral. O diabo carregou pela janela uma mulher, em uma casa que eu tenho bem presente. Minha avó me assegurou a existência noturna de um frade sem cabeça e de uma mão peluda e enorme que aparecia sozinha, como uma infernal aranha. Tudo isso aprendi de ouvir dizer, ainda criança. Mas o que eu ouvi, o que eu apalpei, foi aos quinze anos; o que eu vi e apalpei do mundo das sombras e dos arcanos tenebrosos.

“Naquela cidade, à semelhança de certas cidades provincianas espanholas, os habitantes fechavam as portas às oito, ou, ao mais tardar, às nove horas da noite. As ruas ficavam solitárias e silenciosas. Não se ouvia mais que o ruído das corujas aninhadas nos beirais, ou o latido dos cães nas lonjuras dos arredores.

“Quem saísse à procura de um médico, de um sacerdote, ou para outra urgência noturna, tinha que seguir por ruas de pavimento pedregoso e cheias de buracos, alumiado apenas por lampiões de petróleo que, fixados nalguns postes, deitavam a sua escassa luz.

“Às vezes ouviam-se ecos de música ou de cantos. Eram serenatas à moda espanhola: árias e romanças que, acompanhadas pelo violão,

expressavam as ternuras românticas do namorado à amada. Tais variavam desde um só violão e o namorado sozinho, de poucos meios, até um quarteto, septeto, ou mesmo uma orquestra completa com piano, como o fidalgo endinheirado fazia soar sob as janelas da dama de seus desejos.

“Eu tinha quinze anos, uma grande ânsia de vida e de mundo. Uma das coisas que mais ambicionava era poder sair à rua e ir com a gente dessas serenatas. Mas, como fazê-lo?

“A tia-avó que cuidava de mim em minha infância, após rezar o rosário, tinha o cuidado de correr toda a casa, trancar bem as portas, guardar as chaves e deixar-me bem deitado sob o sobre-céu de minha cama. Um dia, porém, soube que à noite haveria serenata. Mais ainda: um de meus amigos, tão jovem quanto eu, assistiria à festa, cujos encantos me pintava com as mais tentadoras palavras. Todas as horas que precederam aquela noite, passei inquieto, somente a pensar e preparar o meu plano de fuga. Assim, quando as visitas de minha tia-avó partiram — entre elas um cura e dois licenciados, que vieram para conversar sobre política e jogar uíste ou voltarete —, uma vez feitas as orações, e estando todos deitados, pensei apenas e pôr em prática o meu plano de furtar uma chave da venerável senhora.

“Passadas umas três horas, isso pouco me custou, pois sabia onde as chaves eram guardadas e, além disso, ela dormia como um bem-aventurado. Tendo alcançado o que buscava, e sabendo a que porta a chave correspondia, consegui sair à rua, no momento em que, ao longe, os acordes de violinos, flautas e violoncelos começavam a soar. Considerei-me um homem. Guiado pela melodia, logo cheguei ao lugar onde ocorria a serenata. Enquanto os músicos tocavam, o público tomava cerveja e licores. Depois, um alfaiate, tomando ares de tenor, entoou primeiro *A la luz de la pálida luna*, e, em seguida, *Recuerdas cuando la aurora...* Entro em tantos detalhes para que vocês vejam como se me fixou na memória tudo o que aconteceu naquela noite, a meu ver extraordinária. Das janelas de Dulcinea, resolvemos ir às outras. Passamos pela praça da Catedral. E, então... Disse que eu tinha quinze anos, estava nos trópicos, e despertavam em mim, imperiosas, todas as ânsias da adolescência...

“E na prisão de minha casa, de onde saía apenas para o colégio, e com aquela vigilância, e com aqueles costumes primitivos... Eu ignorava, pois, todos os mistérios. Assim, qual não foi a minha satisfação quando, ao passar pela praça da Catedral, acompanhando a serenata, vi sentada, numa calçada, envolvida em sua mantilha, como se entregue ao sonho, uma mulher! Parei.

“Jovem? Velha? Mendiga? Louca? Que me importava! Eu ia em busca

da sonhada revelação, da aventura desejada.

“As pessoas da serenata se afastavam.

“A claridade dos lampiões da praça chegava escassamente. Aproximei-me. Falei com ela; não direi que com palavras doces, mas com palavras fervorosas e urgentes. Como não obtivesse resposta, inclinei-me e toquei o ombro daquela mulher que não queria responder-me, e fazia o possível para que não lhe visse o rosto. Fui insinuante e altivo. E, quando cria ter alcançado a vitória, aquela figura voltou-se para mim, descobriu o rosto e... Oh, espanto dos espantos! Era viscosa e desfigurada aquela face. Um olho pendia sobre a maçã ossuda e purulenta. Algo como o úmido bafio de putrefação chegava a mim. De sua boca horrenda, saiu como que um riso rouco; e, depois, produzindo o mais macabro dos esgares, aquela ‘coisa’ emitiu um ruído que se poderia dizer assim:

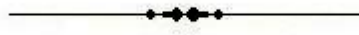
“— Kgggggg!...

“Com o cabelo eriçado, dei um grande salto, lancei um grande grito, clamando por socorro.

“Quando chegaram os companheiros de serenata, a ‘coisa’ havia desaparecido.

“Dou-lhes a minha palavra de honra — concluiu Isaac Codomano —, que tudo o que lhes contei é absolutamente verdadeiro.

O GUINÉU DA ÓRFÃ - Charles Dickens



I

O céu estava sombrio – céu de dezembro – e o calçamento das ruas desaparecia sob a neve, neve de Londres, meio derretida e lamacenta. Nunca se me varrera da memória a recordação dessa neve, apesar de terem passado quinze anos desde a última vez que vira a sua triste cor. Ali a tinha, diante de mim, com os mesmos sulcos e ocultando os mesmos perigos para os transeuntes. Havia apenas uma hora que eu tinha chegado da América do Sul a bordo do vapor-correio de Southampton, e ora estava encostado à janela do meu quarto no Hotel Morley, Charing Cross, contemplando com ar sombrio os jogos de água da Praça de Trafalgar, ora passeava agitadamente de um extremo ao outro do aposento, fazendo esforços para me distrair e pensando que não era um vagabundo desterrado, mas um homem que regressava ao seu país.

Aproximei a cadeira da chaminé e, enquanto atizava o lume, evoquei através da chama o quadro da minha vida passada. Recordei-me da infância que tornou extremamente desgraçada a dependência de um tio velho e rico que me olhava como a um obstáculo porque não acreditava que eu viesse um dia a honrar o seu nome e os seus benefícios. Esta excelente pessoa tinha quase tanto de avaro como de vaidoso. Eu sentia a necessidade do estímulo e se me tivessem obrigado com algumas palavras ternas a abrir o meu coração juvenil, teriam descoberto o reconhecimento mais sincero, a ânsia de carinho, o instinto e o amor por tudo quanto é bom e belo. Mas, ah! Todos estes honrados sentimentos estavam reconcentrados na minha alma pela ironia de quantos me rodeavam. Que contente ficou meu tio quando lhe disse que estava disposto a ir procurar a fortuna do outro lado dos mares! Com que frieza se despediu de mim o meu único primo! Como compreendi que havia chegado por fim a hora de me separar de um país onde, na opinião da minha própria família, era incapaz de usar honradamente o meu nome e de conquistar uma posição social! Parti com a triste convicção de que estava só no mundo e com a impaciência de demonstrar aos meus desdenhosos parentes que não merecia tão depreciativo conceito.

Quando regresssei, depois de quinze anos, ignorava tudo o que se passara na minha família, que talvez me tivesse esquecido ao perder-me de vista.

Chamei e entrou no quarto um criado velho de cuja fisionomia me recordava. Conhecia meu primo Jorge que, antigamente, sempre que vinha a Londres se hospedava no Hotel Morley, como nosso tio. Mas, agora, Jorge chegara a posição demasiado alta para se permitir freqüentar um hotel de segunda ordem, quando, pela primavera, ia passar na capital um ou dois meses. Nesta época do ano Jorge Rutland não abandonava o seu castelo solarengo e eu tinha certeza de o encontrar em Rutland-Hall, condado de Kent.

Apressei-me a escrever-lhe a seguinte carta:

Querido Jorge:

Estou convencido de que te causará tanto espanto reconhecer a minha letra como se o meu espectro te surgisse. Tranqüiliza-te quanto à aparição do espectro. Como sabes, eu estou há muito convencido de que não sirvo para nada, e deves saber também que o céu não me concedeu a felicidade de morrer. Sinto certa vergonha ao confessar-te que não cheguei do outro mundo com a minha fortuna feita. Asseguro-te, contudo, que trabalhei para fazê-la; mas no mundo não basta querer; necessita-se, também, sorte para poder.

Felizmente ainda tenho tempo para reparar a perda dos quinze melhores anos da minha vida, e estou disposto a lançar mão de tudo, sempre que a ocupação seja digna de um cavalheiro. Entretanto, ardo em desejos de ver-te e aos teus. Uma longa ausência da pátria e da família é o que mais nos faz compreender quanto vale o aperto de uma mão amiga. Não espero, pois, que me respondas. Depois de amanhã seguirei para Kent e julgo que estarei aí à hora do jantar. Já vês que confio no teu bom acolhimento e hospitalidade durante algumas semanas, até que me resolva a tomar uma determinação.

Agora e sempre, meu querido Jorge, é teu velho amigo e primo

Guy Rutland

Dobrei a carta e coloquei-a no envelope.

- Breve saberei o que são realmente os meus queridos parentes, pensei alegremente enquanto escrevia o endereço:

*Jorge Rutland, esquire
Rutland-Hall
(Kent).*

Seriam aproximadamente sete da tarde quando cheguei ao imponente vestíbulo de Rutland-Hall. O primo Jorge não veio receber-me. Sem dúvida, esqueci-me dos costumes do país. Provavelmente o primo Jorge espera-me no alto da escada.

Avancemos.

Junto da escada recebeu-me um criado tão grave e tão automático como se o meu regresso para junto dos parentes fosse um fato que ele presenciasse todos os dias. Introduziu-me numa sala, mas tampouco ali pisavam o tapete os pés impacientes do cerimonioso dono da casa.

- Ah! Pensei, talvez haja alguma outra regra de etiqueta que eu tenha esquecido. Sem dúvida, meu primo espera-me no salão a fim de me dar o tempo necessário para que me lave e escove e esteja apresentável à hora do jantar.

- Acompanhe-me ao quarto que me destinam, disse a outro criado que tomou conta da minha manta de viagem.

Segui este novo guia resignadamente, observando que me hospedavam um pouco alto; mas quando me encontrei só pensei que talvez tivesse sido precedido por alguns outros hóspedes que ocupassem quartos mais ricamente mobiliados que o meu.

Quando terminei apressadamente a minha toilette, toquei a campainha, apareceu novamente o criado e pedi-lhe que me acompanhasse ao salão. Pelo caminho, fui construindo algumas frases discretas para entabular conversação com os diferentes membros da minha parentela. Eu não sou fluente, mas quando quero ser agradável consigo-o algumas vezes e naquele dia estou bem certo de que não teria representado mal o meu papel.

O criado abriu a porta e retirou-se ato contínuo, fechando-a. Em vez de fazer surpresa, fiquei eu próprio surpreendido ao encontrar-me só numa enorme sala, mal-iluminada, se é que não estava completamente às escuras.

Mas não, não me encontrava só, porque numa poltrona, junto do fogão, estava preguiçosamente reclinada uma menina em cujo rosto se

refletiam as labaredas vermelhas da chaminé. Era uma rapariga de quinze ou dezesseis anos, modestissimamente vestida com uma bata de lã escura, que estava estropiando a vista lendo à luz do fogão. Tinha a cabeça encostada ao espaldar da poltrona, coberta com as madeixas de abundante cabeleira loira, e sustentava o livro aberto à altura dos olhos.

A jovem estava tão absorvida com a leitura, a porta tinha sido aberta tão de mansinho e a sala era tão grande, que me vi obrigado a tossir uma ou duas vezes para chamar a sua atenção. A princípio assustou-se; depois, deixando cair o livro, endireitou-se na cadeira, estendeu a mão e pegou num objeto que eu não tinha visto ainda e estava junto da poltrona: uma muleta. Apoiando-se nesta muleta, levantou-se, e ficou de pé diante de mim...

A pobre menina era coxa.

Apresentei-me eu próprio e o meu nome tranqüilizou-a. Convidou-me a sentar-me dando-se ares de pessoa da casa. Levantou o livro, pô-lo sobre os joelhos, e depois, metendo a mão num dos ângulos da poltrona, tirou uma rede em cujas malhas aprisionou os seus abundantes cabelos.

Terminada esta operação ficou com as mãos apoiadas nas muletas (porque tinha duas) como se se preparasse para me deixar só logo que eu lhe dissesse que ela era ali de mais.

- Tompson, disse-me como quem se desculpa, julgou sem dúvida que não estava aqui ninguém. Eu estou sempre nos aposentos dos meninos, salvo quando os senhores saem. Então desço ao salão para me entreter um pouco lendo.

- O sr. Rutland não está em casa? perguntei.

- Não; foram jantar fora.

- Deveras? Então seu pai não recebeu a minha carta! ...

Ouvindo estas palavras, ruborizou-se.

- Eu não sou filha de Rutland. Chamo-me Teresa Ray, e sou órfã. Meu pai, que era parente afastado e amigo do sr. Rutland, recomendou-me a este à hora da morte... e o sr. Rutland trouxe-me para sua casa... por caridade.

Pronunciou esta última frase com amargura; mas, depois de morder os lábios, continuou:

- Nada sei relativamente à carta de que me fala; mas parece-me ter ouvido dizer que esperavam alguém... Sem dúvida não julgavam que o senhor chegasse esta noite, visto que toda a família foi jantar na casa de uns vizinhos.

- Bonita conclusão! Disse eu com os meus botões. E pus-me a refletir na afetuosa recepção que me fizera meu primo Jorge. Se era eu que ele esperava, não havia dúvida de que a carta tinha chegado ao seu destino, e portanto sabia, não só o dia, mas também a hora da minha chegada.

- Oh Jorge, meu bom primo, tu não mudaste!

Enquanto assim pensava, notei que a jovem tinha fixos em mim os seus grandes olhos observadores, cuja curiosa expressão podia facilmente traduzir. A ter coragem para tanto, ter-me-ia dito:

- Também eu leio claramente no seu pensamento, senhor viajante, e tenho pena do senhor. Veio aqui com uma esperança que verá frustrada. Melhor teria feito demorando a sua visita até que o convidassem. Que vem o senhor fazer aqui? Se eu pudesse sair desta casa nunca mais tornaria a pôr os pés aqui. Se nesse mundo donde o senhor vem eu visse qualquer caminho aberto, tenha a certeza de que iria por ele com decisão, apoiando-me nas minhas muletas. Juro que não tornaria a ter o gosto de ver-me aqui, nem sequer para roubar uma hora ao aborrecimento nesta magnífica poltrona estofada.

Como pode dizer tanto um olhar? Eis um enigma; mas o fato é que o olhar de Teresa Ray me dizia tudo isso, palavra por palavra. Um laço de simpatia unia-nos rapidamente.

- Miss Ray, disse-lhe, que pensará de um homem que depois de passar quinze anos da sua vida no estrangeiro, tem o descaramento de voltar à pátria sem um xelim no bolso? Não lhe parece que merece ser apedrejado?

- Eu supunha isso mesmo, respondeu ela movendo a cabeça e dirigindo-me outro dos seus penetrantes olhares. Eu supus isso mesmo quando vi que lhe destinavam um dos piores quartos, reservando os melhores para as visitas que são esperadas na semana próxima. No dia de Natal a casa estará cheia... Eu não posso admitir o que o senhor me disse.

- Que é que não pode admitir? Perguntei.

- Que não tenha um xelim no bolso. Rir-se-iam todos à sua custa e os criados sabê-lo-iam logo. Eu tenho um guinéu que a boa lady Thornton me deu no dia do meu aniversário e se me permite que lhe empreste, dar-me-á com isso muito prazer. Não me faz falta e o senhor restituir-me-á quando for rico.

Fez-me este oferecimento com tanta gravidade, que tive de fazer um esforço para não desatar a rir. A pequena tomava-me evidentemente sob a sua proteção e, adivinhando para mim afrontas que se considerava no dever de evitar, amparava-me com a sua experiência e

com a sua superior perspicácia.

Pareceu-me muito divertido o deixar-me proteger por ela e entregar-me àquele amável interesse que lhe despertava a minha situação financeira.

Pelo que, deixando-me arrebatado por uma intimidade espontânea, lhe respondi com a maior gravidade:

- Agradeço o seu oferecimento e aceito-o. Tem aí o guinéu?
- Não, mas vou buscá-lo. E apoiando-se nas muletas saiu para voltar poucos minutos depois com uma bolsinha que me entregou. Abri-a e encontrei um guinéu cuidadosamente envolvido em papel prateado.
- Sinto não ter mais, disse-me ao ver que eu metia a bolsinha na algibeira, mas recebo tão poucos presentes deste gênero!

Nesse momento, o orgulhoso criado que me tinha acompanhado até à porta do salão, veio anunciar-me que tinha o jantar na mesa.

Quando acabei de jantar tive o desgosto de saber que a minha pequena benfeitora estava junto dos meninos. Não a tornei a ver naquela noite e dormi até o dia seguinte pela manhã.

II

No dia seguinte, ao almoço, apresentaram-me a toda a parentela. Encontrei primos e primas tal como os havia imaginado. O primo Jorge convertera-se num grave chefe de família.

- Alegra-me muito tornar a ver-te, disse apertando-me a mão; mas compreendi que não se alegrava em demasia. A mamã Rutland fez-me também o mais cortês acolhimento... de palavras. Os jovens priminhos trataram-me com certo desdém do melhor tom. Era preciso ser mais cândido do que me havia julgado na véspera a minha protetora para não perceber o lugar que me reservavam... debaixo da mesa.

Eu estava condenado a esse papel que só se aceita no caso de uma extrema necessidade: o papel de uma personagem sem importância.

Jorge entreteve-se alguns dias mostrando-me as suas extensas propriedades; mas quando chegaram hóspedes de mais consideração fiquei abandonado aos meus próprios recursos para passar o tempo. As filhas de Rutland tinham-me dispensado a honra de aceitar a minha escolta quando passeavam a cavalo; mas desde que tiveram outros

cavaleiros mais distintos à sua disposição já não houve cavalo para mim. Quanto à castelã, minha nobre prima, dissimulava mal o aborrecimento que lhe causava a minha importuna visita, se bem que nem Jorge nem sua mulher ocupassem a alta situação que a herança de meu tio lhes conferia no condado. Não eram, precisamente, nobres de fresca data, mas eram de uma grande mesquinhez. Por isso sentiam-se humilhados tendo na sua nobre companhia um parente pobre que se roçava por eles e lhes chamava primos. Confesso que experimentava um prazer maligno em fingir que não percebia o papel que desempenhava em Rutland-Hall. Tudo me parecia bem, inclusive as chufas que me dirigiam, e em vez de me incomodar, esforçava-me por parecer cada vez mais amável, agradecendo todas as atenções de que não era objeto. Bem sabia eu que não era este o melhor meio para me tornar simpático aos olhos de meus primos. Mais lhes teria agradado um pouco de suscetibilidade da minha parte; mas eu era tão feliz desfrutando a hospitalidade daquele suntuoso castelo! Ele era como que o porto de salvação após uma viagem tormentosa... E vendo-me tão bem acolhido por tão carinhosos parentes, como não havia de sentir-me de bom-humor!

Além disso, eu desfrutava tanta liberdade como os outros hóspedes de Rutland-Hall, que de moto próprio escolhiam as suas distrações e dispunham do seu tempo. Quando me aborrecia com a palestra do salão, ia para os aposentos dos meninos, onde cresciam cinco rebentos da família. Havia uma hora do dia em que nem o papá, nem a mamã, nem os irmãos mais velhos entravam naquele pequeno reino: às cinco da tarde, quando os meninos tomavam chá. Eu tinha conquistado pouco a pouco a boa vontade de Jenny, a criada particular dos priminhos, muito sensível aos presentinhos que eu lhe fazia intencionalmente, e muito discreta quando sabia que a sua discrição seria recompensada. Até os próprios pequenos me tinham um certo afeto, conquanto não fossem precisamente uns anjos; mas eu tinha encontrado o caminho dos seus corações presenteando-os com livros de estampas, polichinelos, bonecas e guloseimas que adquiria com o guinéu de Teresa Ray. Esta admirava-se das coisas que eu comprava com uma única moeda de ouro e elogiava a minha habilidade para obter tudo tão barato.

Por má que fosse a minha situação em Rutland-Hall a de Teresa Ray era simplesmente intolerável.

Uma alma menos resoluta teria sucumbido, e uma natureza menos delicada teria perdido toda a doçura com que o céu a tivesse dotado. Os criados não tinham com ela a menor atenção, os pequenos achincalhavam-na, sacrificando-a a todos os seus caprichos. Só Jenny tinha certa simpatia pela pobre rapariga, mas apenas a defendia da

perseguição dos seus tiranos quando podia fazê-lo sem se expor também à sua tirania.

Infelizmente não estava autorizada a fazê-los entrar na ordem pelo único meio que teria impressionado aqueles meninos mal-educados. Pelo que respeitava às filhas mais velhas de Rutland, a presença momentânea da órfã ou a simples menção do seu nome bastavam para perturbar a paz de suas almas.

- Que havemos de fazer desta rapariga, ouvi dizer um dia à senhora Rutland, falando com uma de suas filhas. Se não fosse coxa poderíamos obrigá-la a ganhar o pão de uma maneira ou de outra; mas necessitando de muletas para andar...

A senhora de Rutland não acabou a frase, mas o seu pensamento ficou clarissimamente expresso com um desdenhoso movimento de ombros e certo trejeito com que os seus lábios supriam perfeitamente as reticências da linguagem.

Como suportava Teresa Ray tudo isto? Sem se queixar nem protestar, sem lágrimas e sem entreabrir os lábios. Sob o seu simples traje negro havia uma verdadeira armadura de resignação angélica. A experiência parecia demasiado amarga, mas ela submetia-se sem humildade degradante, com uma expressão tranquila no olhar, que parecia dizer:

- Por muitos que sejam os sofrimentos que me imponham saberei calar-me, porque nada me devem e talvez sofresse mais em outra parte. A gratidão impede-me de me queixar.

Casualmente encontrei pela segunda vez a minha pequena benfeitora um dia ou dois depois da nossa primeira entrevista no salão. Nos terrenos anexos ao solar reatamos a conversação do dia anterior, e havia para mim tal doçura na sua simpatia, que acrescentei mais alguns capítulos à novela da minha falta de recursos e de todas as dificuldades que me esperavam no país natal, onde quinze anos de ausência me faziam quase estrangeiro. Com que encantadora credulidade me escutava! Que belos conselhos me deu! Com que amável interesse me ofereceu, ao separarmo-nos, dar-me outros conselhos em melhor ocasião!

Ainda mesmo que meu querido primo e minhas simpáticas primas não me tivessem abandonado tanto, privando-me do prazer de os acompanhar nas suas excursões, eu teria preferido sempre o prazer de procurar Teresa Ray nos seus passeios solitários ou nos aposentos dos pequenos, onde praticava o meu sistema de corrupção com o mesmo cuidado que empregaria se se tratasse de uma intriga eleitoral. A conversação em passeio agradava-me muito mais que na barulhenta

sala dos pimpolhos, onde mantinha a minha popularidade e a minha influência com tão pouco dinheiro. Mais de uma vez me esqueci dos rigores da estação escutando Teresa Ray que, coxeando nos atalhos da horta, queria resolver algum novo problema que eu propunha para aprender com ela a arte de conseguir com pouco dinheiro uma existência agradável. Um dia parou subitamente e cravando as muletas na neve endurecida, disse-me:

- O senhor devia deixar Rutland-Hall e procurar trabalho... Oh! se eu pudesse trabalhar...

III

Chegou a Rutland-Hall um tal sir Harry. Como não estou muito certo da ortografia do seu outro apelido, creio que não há necessidade de escrevê-lo. Era um solteirão rico, pertencente a uma família nobre, e a castelã observava com interesse todos os seus atos e movimentos. O tal sir Harry teve o capricho de ir todos os dias até a horta fumar um charuto, e encontrou mais de uma vez a minha pequena benfeitora, a qual notou que ele a olhava com modo muito singular, o que acabou por provocar uma pudica exaltação na cor do seu rosto, tão lindo como fresco. Torceu caminho, como a lebre que espera despistar o caçador; mas sir Harry soube encontrá-la de novo e assediou-a com os seus galanteios, cheios de lugares-comuns. Chegou o caso aos ouvidos da senhora de Rutland, que inventou uma porção de trapalhadas a propósito da pobre órfã. Ignoro as tristes acusações que lhe dirigiu, dando-lhe por fim uma reprimenda que durou uma hora; mas nessa noite, quando entrei nos aposentos dos pequenos com uma bola de borracha para Jack, o mais novo e o menos tirano da família, percebi pelos olhos inchados de Teresa Ray que a pobrezinha chorara uma torrente de lágrimas. Contive-me para não dizer em voz alta o que pensava da senhora Rutland, e quando Jenny interveio para apaziguar o tumulto promovido porque o primo Guy não tinha trazido um presente para cada menino, eu disse a Teresa Ray:

- Então! Para quando guarda a sua filosofia? Doravante não admitirei nenhuma reconvenção se continuar a dar-me tão mau exemplo.

Teresa não me respondeu uma única palavra nem desviou o olhar do guarda-fogo. O golpe tinha sido rude e a ferida profunda. Ah! sr. Harry e senhora de Rutland, com que prazer eu teria feito rolar as vossas cabeças naquele momento.

- Teresa, disse-lhe, a menina ainda tem um amigo, embora de fraco valimento.

Então dirigiu-me uma dessas respostas mudas que eu estou bem certo de ter traduzido literalmente e que dizia:

- Tem razão; depósito no senhor toda a confiança, mas neste momento não posso falar.

Recobrou, contudo, gradualmente a tranquilidade e aproximou-se da mesa para tomar a sua xícara de chá com biscoitos, enquanto eu consertava o desmantelado arco de Tommy.

Tommy era o mais turbulento e malicioso daqueles selvagenzinhos, um pequeno chefe bárbaro, a quem, dois dias depois, eu teria dado uma boa surra. Lembrou-se de dizer a Teresa uma das suas graçolas mais pesadas. Tirou-lhe as muletas, e servindo-se delas, imitando a pobre coxa, saiu da sala e só voltou depois de as ter feito em pedaços.

Foram inúteis todas as súplicas de Teresa ao maldoso fedelho. A pobrezinha ficou prisioneira durante as festas do Natal, sem poder fazer outra coisa que contemplar os campos através dos vidros da janela.

Tommy ria-se da sua resignação... mas talvez eu faça mal acusando Tommy.

Suspeitava então e continuo suspeitando que outra cabeça, que não era a daquele diabinho, era a inventora da conspiração contra o pobre pássaro, a fim de que não saísse da sua gaiola.

O pássaro definhava no seu ninho, mas quem se compadecia dele? Talvez Jenny, que por compaixão ou porque participava das generosidades do meu inesgotável guinéu, se atreveu a lamentar em voz alta a situação da prisioneira e a condenar o procedimento de Tommy.

Não quero fazer acreditar ao leitor que o inesgotável guinéu era uma dessas milagrosas moedas de ouro que, nos contos de fada, recheiam a bolsa de Fortunato. Sem explicar ainda todo o mistério, direi contudo que havia, como eu, outra pessoa que se interessava pela órfã, e essa pessoa era a mesma lady Thornton que lhe havia dado o guinéu, a qual era, não só bastante rica, mas também bastante caridosa para, se eu lhe tivesse pedido, me ter emprestado mais alguns guinéus.

Lady Thornton vinha de vez em quando a Rutland-Hall e eu tinha feito todo o possível para conquistar sua simpatia.

Durante a prisão de Teresa Ray teve lugar uma dessas visitas e quis o acaso que eu me encontrasse só no salão quando ela entrou. Vinha convidar toda a família e todos os seus hóspedes, grandes e pequenos, a festejarem a noite de Natal no seu castelo, situado a três ou quatro

milhas de Rutland-Hall.

Aproveitei a ocasião para lhe contar a história das muletas de Teresa.

- Que pequeno travesso! Que pequeno travesso! - exclamou. - É preciso que Teresa tenha outras muletas para a festa do Natal.

A boa lady fixou em mim um olhar perscrutador através das lentes dos seus óculos.

- Que espécie de interesse lhe merece Teresa? - perguntou.

- Eu e Teresa somos dois bons amigos.

- O senhor e Teresa! Permita-me que lhe peça explicações, porque ignoro se o senhor sabe que Teresa Ray tem dezoito anos.

- Dezoito anos? Deveras? Pois eu julgava-a ainda uma criança!

- Teresa não é uma criança, sr. Guy Rutland. Teresa é já uma senhora.

Teresa Ray uma senhora! Não pude deixar de rir. Como assim? A minha pequena benfeitora, a minha mamãzinha... O meu riso devia ter escandalizado lady Thornton, mas Christina Rutland, que entrou nesse momento no salão, pôs termo à difícil situação.

No entanto, mais de uma vez durante o dia caí na gargalhada, lembrando-me do caso. Teresa Ray uma senhora! Que idéia!...

IV

Ainda faltavam cinco ou seis dias para a festa a que lady Thornton nos havia convidado, quando ocorreu um incidente curioso, que determinou um conselho dos donos da casa, na biblioteca, antes do almoço.

Chegara de Londres uma grande caixa endereçada a miss Teresa Ray, e quando a abriram encontraram um par de muletas.

E que par de muletas! Uma obra de arte no seu gênero, madeira esculpida, com incrustações de madrepérola, aplicações de prata e almofadinhas de veludo bordado.

Os srs. de Rutland estavam assombrados! Quem teria feito aquele magnífico presente? Quem? E quem, fora de Rutland-Hall, tinha ouvido falar de Teresa Ray? Recaíram suspeitas em sir Harry, e eu esfreguei as mãos de contente, rindo perdidamente, ao ter conhecimento do caso.

Mas o grande conselho ponderou ainda o seguinte:

Entregariam a Teresa Ray aquele rico presente? De modo nenhum; o

melhor seria fingir ignorância do caso. Aquelas muletas não estavam em harmonia com a situação da órfã e podiam inspirar-lhe idéias absurdas! Apesar das suas novas muletas, Teresa Ray continuaria prisioneira. Ocultaram a caixa e ninguém disse palavra sobre a existência dela.

Esperei alguns dias para ver se os srs. de Rutland reconsideravam, mas tudo foi inútil. O pássaro continuava definhando na gaiola, sem que nenhuma mão amiga se mostrasse disposta a abri-la, restituindo-lhe a liberdade.

Enquanto toda a gente se movia em volta de Teresa Ray, preparando-se para gozar o convite de lady Thornton, Teresa continuava sentada, costurando aventais para as criadas ou remendando as meias dos pequenos, que a viam impávidos, arrastando-se pela sala ou dirigindo os seus tristes olhares para a janela. Mostravam-lhe as roupas que estreariam na noite da festa e os laços com que adornariam os chapéus. Naquele dia, como nos restantes do ano, Teresa ficaria só em casa com o seu vestidito preto.

Suspirando, Teresa tinha-se despedido daquela festa, para a qual tinha sido inutilmente convidada, assim como os que lhe diziam: i... ~Despacha-te, Teresa, que se vai aproximando o dia; ainda falta pôr estas fivelas nos sapatos ou fazer um laço para o vestido. No entanto, estas palavras eram de todo desnecessárias, porque a pobre mamãzinha trabalhava com a atividade de uma abelha.

A ninguém ocorria dizer a Teresa:

- E tu, que vestido vais usar?

Como imaginar que Teresa podia ir à festa com a sua perna coxa e sem muletas?

Contudo, alguém pensava nisto; alguém que tinha dito: um vestido novo de seda irá divinamente em Teresa, e um laço cor-de-rosa ou azul destacará muito bem entre os seus cabelos louros.

No próprio dia da festa eu tive que tratar de um assunto urgente na cidade mais próxima, e à tarde, antes de regressar a Rutland-Hall, entrei em casa da melhor modista para trazer certa caixa de papelão.

- Quer ver o vestido da senhora?

Abriam a caixa e desdobraram um vestido de seda com aplicações de rendas, que eu não posso descrever em termos técnicos, mas em que pude admirar a elegância do corte e a harmonia das cores.

- Desculpe-me, mas parece-me que a saia está um pouco larga.

- Como o senhor disse que era para uma menina de dezoito anos e elas agora vestem tal qual as mães...

Era já tarde quando voltei a Rutland-Hall e vi partir as carruagens repletas de alegres convidados. Subi rapidamente aos aposentos dos pequenos com a minha caixa debaixo do braço e encontrei Teresa só com Jenny, a fronte apoiada na mão, contemplando melancolicamente a alcatifa cheia de pedacinhos de gaze e seda.

Vendo-me, o seu rosto iluminou-se.

- Ah! disse-me, pensei que tinha ido com os outros.

- Ainda não, mas não tardarei a reunir-me a eles e venho buscá-la.

- Eu! eu! exclamou tristemente; bem sabe que não posso ir, porque ainda mesmo que tivesse muletas não tinha o que vestir.

- Um amigo mandou-lhe um vestido e eu sei, também, que há muletas. Jenny tome conta desta caixa e ajude a vestir a menina Teresa, porque a carruagem espera-nos.

Teresa ruborizou-se e os olhos marejaram-se-lhe de lágrimas; depois empalideceu sufocada pela comoção, enquanto Jenny, a quem eu tinha feito um bom presente de Natal, se extasiava diante do conteúdo da caixa.

- Teresa, disse-lhe pela segunda vez, não há tempo a perder; estarei de volta dentro de dez minutos.

E deixei-a trêmula e docemente emocionada entregue a Jenny, que procedeu imediatamente à toilette.

Teresa estava já vestida quando eu entrei com as muletas incrustadas de prata e madrepérola.

Quando digo que Teresa estava vestida não quero significar que encontrei uma menina com o traje próprio das que vão a uma festa de crianças, mas que o vestido tinha transformado a minha mamãzinha, a minha pequena benfeitora numa jovem elegante, que, vendo a sua imagem no espelho, se assombrava da metamorfose.

Da Teresa de há pouco apenas conservava a linda cabecinha de cândida expressão... Quanto ao resto... sim, lady Thornton falara verdade quando me dissera que a órfã era já uma senhora.

Jenny, que até então tinha tratado Teresa como uma criança, não era a menos assombrada dos três, e eu ignoro o indefinível sentimento que sucedeu à minha surpresa, porque tanto tinha de medo como de satisfação.

Quando apresentei as muletas a Teresa, Jenny mirou-me como se eu

fosse algum desses príncipes possuidores de talismã das Mil e uma noites.

Teresa experimentou as muletas e imediatamente atravessou a sala com passo seguro e desceu as escadas até ao vestíbulo. As muletas desapareciam entre as pregas da saia e as aplicações de tule que envolviam os seus alvos ombros.

Com que satisfação me lembrei naquele momento de certa bolsinha e de certo guinéu que ainda estavam ocultos na velha mala que eu tinha escolhido para ir passar uns dias em Rutland-Hall.

A carruagem esperava-nos. Era já tarde para eu me arrepender daquele ato preparado tão discretamente, apesar de me sentir muito mais tímido do que tinha previsto, ao ver-me frente a frente com a atriz, a quem até então havia atribuído um papel tão passivo.

Não descreverei o que se passou naquela memorável noite, nem a sensação que produziu a nossa entrada em casa de lady Thornton. Esta, deixando os hóspedes entregues à sua mortificação, aproximou-se de mim e disse-me ao ouvido maliciosamente:

- Estou ansiosa por ver o desenlace de tudo isto.

Teresa, sem refletir no caso, entregara-se desde o primeiro momento ao prazer de proporcionar uma surpresa aos seus amigos; mas não tardou em recear ter ofendido os srs. de Rutland. Mais de uma vez tremeu nos momentos mais alegres da festa, pensando na tempestade que, mais cedo ou mais tarde, se desencadearia sobre a sua cabeça. Meu primo Jorge e sua mulher não dissimulavam o seu desgosto, e quando chegou a hora do regresso a Rutland-Hall, tivemos a sorte de encontrar ainda a carruagem que nos trouxera, porque não nos ofereceram lugar nas da família.

Quando chegamos fomos avisados de que os srs. de Rutland nos esperavam na biblioteca, onde os encontramos com cara de poucos amigos. A senhora de Rutland encarregou-se de Teresa, deixando-me entregue ao seu caro esposo.

Não quero entrar nos detalhes desta explicação.

- Cavalheiro, disse-me ao concluir o meu amável primo, sofremos demasiado tempo a tua insolente intervenção, e peço-te que saias daqui amanhã.

- Primo Jorge, respondi, não tenho inconveniente em partir já amanhã, mas com a condição de Teresa Ray ir comigo se assim o desejar.

Olhou-me estupefato.

- Sabes, disse-me, que é uma órfã sem um pêni, que eu recolhi por caridade?
- Quero fazer dela minha mulher, se tiver a felicidade de Teresa aceitar a minha mão, repliquei solenemente.
- E uma vez casados, disse-me com ironia, com que pensam viver? Do ar ou à custa da família?
- Tem a certeza de que não será à tua custa, respondi-lhe, lançando-lhe um olhar que nada tinha de humilde. Conheço-te bem, Jorge Rutland.
- Palavras, palavras! Pois bem, não te esqueças de que eu lavo as minhas mãos relativamente ao que possa suceder-te e a Teresa Ray.
- Amém, respondi, e dando uma volta sobre os calcanhares, retirei-me para o meu quarto.

No outro dia muito cedo, bati à porta que dava ingresso aos aposentos das crianças e pedi a Jenny que acordasse miss Ray e lhe dissesse que eu a esperava no jardim.

- Era dia de Natal, dia de paz e de amor, e conquanto não possa dizer que a paz reinava no meu coração quando abracei com o olhar a paisagem branca de neve, devo confessar que não sentia ódio por ninguém.

Teresa não tardou, mas a mesma Teresa de antes, com o seu vestidinho preto e um tanto envergonhada das suas novas muletas. Senti uma grande alegria ao vê-la assim, porque a linda rapariga que eu criara na noite anterior me fazia medo. Contudo, quanto mais a olhava mais obrigado me via a reconhecer que não era já a simples Teresa a quem tinha tratado como criança antes da metamorfose. Mudara muito, ou talvez fosse em mim que a mudança se operara... ou nos dois... Apesar de tudo, tal mudança nada tinha de desagradável.

Saímos juntos do jardim e tomamos por um dos nossos atalhos favoritos, onde abrimos mutuamente os corações. Quando voltamos à casa, disse a Teresa:

- Em conclusão, Teresa, não tem receio de viver comigo na miséria? Consente em correr esse perigo?

Teresa respondeu meneando a linda cabecinha.

- Prepare-se, pois, para sairmos daqui depois do almoço. Não traga nada, Teresa. Ainda me resta algum dinheiro do troco do guinéu e

com ele compraremos tudo o que for necessário.

Teresa foi buscar o chapéu e voltou. Partimos e ao cabo de uma hora estávamos casados. Rezamos juntos na igreja, um ao lado do outro, e depois voltamos a Rutland-Hall para fazermos as nossas despedidas.

Eu creio que nos tomaram a mim por um doido e a ela por uma estouvada, pelo menos até meu primo Jorge receber a carta-ordem, que eu lhe enviei no dia seguinte contra um banqueiro de Londres, para que cobrasse a importância da despesa feita por minha mulher na sua casa.

Então, e pelo que me dizia respeito, começaram a mudar de opinião.

Percorri o continente com minha mulher. A enfermidade dela não era incurável: o tempo e cuidados inteligentes tornaram inúteis as muletas.

Ninguém, pois, estranhará, que ao regressarmos à Inglaterra os nossos parentes tivessem dificuldade em reconhecer Teresa na senhora Guy Rutland, casada com um milionário. Lady Thornton acolheu-nos com a sua graciosa amabilidade... Mostrei-lhe o milagroso guinéu que ainda conservo muito bem guardado e a que chamo o dote de Teresa. Será necessário dizer que as preciosas muletas incrustadas de prata e madreperla não tinham sido um presente de sir Harry?

Também as conservo como uma relíquia de família.

ARANHAS TEMPORAIS, TEIAS ESPACIAIS - Lavie Tidhar



O ESPAÇO ESTAVA REPLETO DE SONS.

Dizer-se que no espaço ninguém ouve os nossos gritos, pensou Aranha, era fazer uma afirmação algo redutora; talvez se aplicasse a pessoas, mas certamente não se aplicava ao seu ser.

Aranha vogava pelo espaço, à escuta. Nos campos de criação, onde a sua psique inicial fora submetida a longos e estimulantes ciclos de processo evolucionário, era encorajado um interesse por sons, resultado das seleções de rotina que isolavam as complexidades de subprogramas, árvores binárias e redes neurais, e preparavam a entidade embrionária para novos ciclos.

Aranhas, afinal de contas, eram criadas para música. Música, com "eme" maiúsculo e um "a" à sua frente. A Música.

Agora, num estado que só poderia definir como de “lazer”, flutuava pela vastidão do espaço trans-Netuniano. Naquela que seria a orla do sistema solar, onde a Música ainda era ténue.

Em breve irá desaparecer por completo, apenas leves ecos a repercutirem-se na sua pele, enquanto luz e ondas de rádio ressaltam aleatoriamente.

Então o tempo de lazer chegará ao fim, e o trabalho irá recomeçar.

#NNP247HUB6MIRROR12

Um leve tremor, o roçar de um pacote de assinatura a pedir por reconhecimento (ARANHA 100, 674, 284 EXPLOR-HUB /1234.5678.9101/5, era o seu nome completo) responde de imediato.

Com que então, Mars Mirror (ou melhor, o hub seis do mirror doze da estrutura que constitui Mars Mirror) queria conversar. O aperto de mão demora dez minutos em tempo real, com sete saltos pelos Hubs Espaciais Principais, entidades muito semelhantes a ele em tamanho e estrutura, mas com recursos apenas adequados ao controlo do tráfico de rede. Sendo insípidos, lerdos e cautelosos, Aranha pensa como se assemelham tanto aos antigos funcionários públicos humanos.

A conversação procede do seguinte modo:

#A postos para reproduzir?#

HUB6 envia com as suas palavras uma leve nota de divertimento, transmitidos num minuete de código breve e preciso.

Aranha envia o equivalente a um resfôlego.

~Ainda te consigo ouvir, não é verdade?~

#Já encontraste um lugar para o ninho?#

~Ainda estou à procura~ envia Aranha, ~Ainda estou à procura.~

Enquanto espera pelas respostas presunçosas de HUB6, Aranha escuta tudo à sua volta. Fragmentos de música clássica, emissões de uma remota cintura de asteroides; conversas de mineiros numa frequência aberta e regular – sinal de que o turno tinha chegado ao fim e se dirigiam para casa, para qualquer que fosse o local onde estivesse alojado o kibutz, casa grande^{3} ou unidade de trabalho a que pertenciam. Conversações em iban, em hebraico, em chinês – todas as populações migrantes que tinham aderido ao socialismo de vanguarda para benefício da colonização espacial.

Observa as emissões de vídeo comprimidas a serem enviadas do telescópio Moore na orla do sistema, enquanto os pacotes de informação efetuam o seu longo circuito através de saltos infundáveis pelas centenas de Hubs Espaciais Secundárias, em direção à Terra.

Permanece à escuta, em conversa com HUB6, e procura por um ninho adequado, enquanto a aceleração conduz ao seu afastamento, cada vez mais longe da Música.

Algum tempo depois, as mensagens de HUB6 desaparecem com o aumento do tempo de atraso de transmissão, até que chega o momento em que Aranha está fora do alcance da Música, e o seu corpo absorve nada mais do que luz e ondas de rádio, livres de significados codificados.

Aranha saiu da esfera da Música, saiu da esfera da habitação humana.

Uma entidade solitária, o corpo de Aranha é pequeno, uma rocha circular e irregular de cerca de dez metros de largura e comprimento. No entanto, a superfície rochosa de Aranha pode ser enganadora. A carapaça exterior está pontuada por instrumentos revestidos de proteção, antenas minúsculas, toda uma série de dispositivos de comunicação, ocultos, que a cobrem como pequenas borbulhas de uma alergia.

Por baixo, no interior da proteção em forma de caveira do corpo, está localizado, num estado de reclusão, o cérebro de Aranha, no coração deste pequeno asteroide convertido. O interior está a abarrotar:

Aranha, para fazer uso de uma das analogias mais comumente referidas por oponentes aos custos implicados em tais iniciativas, assemelha-se a um cavalo de Tróia.

À diminuição do tráfego de rede corresponde um aumento no tráfego de sistema. Essa área do espaço contém imensos objetos em órbita, rochas gigantes (em comparação com Aranha): um cinto grosso de escombros gelados, parecido com o que poderia ser usado por um gigante de gelo nórdico.

Aranha examina cuidadosamente as rochas, tantas gigantes, tantas com um diâmetro superior a 100 quilômetros, e procura por um lugar para pousar.

Quanto a si, faz questão de tratar de tudo com minúcia.

Aranha começa a emitir em todas as bandas: ondas de luz, ondas curtas de rádio, ondas longas de rádio, a enviar a todos os canais simples pings, o equivalente a gritos de

~Olá, está alguém a ouvir-me?~

Nenhum responde.

Sentindo satisfação por estar agora verdadeiramente fora do alcance da Música, Aranha encontra-se numa tal ocupação que nem se preocupa com o silêncio absoluto circundante.

Identifica, por fim, um local que lhe parece adequado para pousar, uma pequena rocha com um diâmetro cómodo de apenas 50 quilômetros, cuja superfície exterior de gelo oculta um corpo pesado, constituído por metal.

Ao acelerar, Aranha calcula que irá alcançar a rocha no tempo correspondente a um dia terrestre, vinte e quatro horas de calma escalada, antes de iniciar o processo de eclosão.

Aranha deixa-se levar por um forte sentimento de excitação, apenas moderado pelo seu constante estado de alerta: a sua jovem psique, não há muito saída dos campos de criação, está orientada apenas para este processo monumental de vida, a expansão da esfera da Música. Pensa o quão diferente é de HUB6, cuja personalidade complexa e confusa exige que esteja bem integrado na equipa semiautônoma do gigante Mars Mirror, sempre a processar e armazenar dados e a conversar com as vastas máquinas dos Mirrors terrestres ou lunares, que se certificavam de que a informação é atualizada e de acesso imediato, qualquer que seja o ponto de localização no sistema.

Agora prepara-se.

Uma chuva de gelo cria uma vista arrebatadora; Aranha colide com a rocha, e o impacto desloca a fina camada de gelo e envia-a a voar, em

espiral, para o espaço, como um enorme e delicado arco-íris. Aranha penetra fundo na rocha, e com a força do impacto consegue criar uma cratera cômoda, a lembrar uma ferida exposta na superfície do rochedo.

Se estava um ambiente silencioso antes, pensa Aranha, agora parecia praticamente um túmulo. Os seus dispositivos de comunicação, os seus sentidos, tornaram-se agora obsoletos, inúteis.

Não que isso importe. Aranhas podem ter uma curta duração de vida, mas é uma vida plena de realização, para dizer o mínimo. O corpo de Aranha começa a transformar-se à medida que se abrem orifícios na sua pele dura, e larvas começam a sair, rastejando às cegas em direção à rocha que irá servir-lhes como novo ninho. *Que vida é esta, pensa Aranha, citando um velho poeta, se, de tanto que dá de cuidar, não nos permite parar e contemplar?*

Aranha senta-se no coração da rocha e espera que os seus filhos saiam de si, devorem o seu caminho pela rocha e ganhem asas.

De uma certa distância, a rocha em desintegração aparenta ser uma miragem: como se um corpo estivesse a ser consumido por formigas pequenas e escuras. À medida que milhares de objetos emergem em movimentos lentos e grandiosos, a voarem em todas as direções, a rocha passa a assemelhar-se, de súbito, a uma flor a germinar, com as suas pétalas a esvoaçarem em círculos concêntricos, e no seu coração moribundo, tudo o que resta é apenas uma pequena carapaça quebrada.

Os filhos de Aranha dispersam e expandem-se por toda essa área da Cintura de Kuiper: Hubs Espaciais minúsculos, Routers, Mirrors, falando com grande entusiasmo uns com os outros, afastando-se cada vez mais, e estabelecendo uma grande rede transparente de comunicação até que atingem os limites mais longínquos da própria Música, e as esferas explodem, nessa região remota do espaço, numa sinfonia de Música.

“Aranhas Temporais, Teias Espaciais” valeu a Lavie Tidhar o 1º Prémio Clarke-Bradbury, atribuído pela ESA - Agência Espacial Europeia. Nascido em Israel, vive presentemente em Londres.

O ESTRANHO – Ambrose Bierce

O homem saiu da sombra para o pequeno círculo de luz de nossa fogueira e se sentou numa pedra.

– Vocês são os primeiros a explorar esta região – disse.

Ninguém retorquiu a essa declaração. A prova do que dizia era ele mesmo, que não pertencia ao nosso grupo e devia estar por perto quando acampamos. Mais: devia ter companheiros nos arredores, pois aquele não era lugar para se viver ou viajar sozinho. Por mais de uma semana só tínhamos visto, além de nós mesmos e de nossos animais, pequenos seres como lagartos e sapos de chifres. Num deserto do Arizona não se coexiste por muito tempo apenas com essas criaturas: precisa-se de ter animais de carga, suprimentos, armas – “equipamento”, enfim. E tudo isso implica camaradas. Houve dúvida quanto ao tipo de homens a que pertenceriam os camaradas desse estranho que aparecera sem cerimônia, bem como, em suas palavras, qualquer coisa tão impenetrável quanto um desafio, o que fez com que nossa meia dúzia de “aventureiros” se sentasse, com as mãos nas armas, numa atitude que significaria, dada a hora e o lugar, ostensiva expectativa. O estranho não prestou atenção e começou a falar de novo no mesmo tom deliberado e monótono com que pronunciara a primeira frase:

– Trinta anos atrás Ramon Gallegos, William Shaw, George W. Kent e Berry Davis – todos de Tucon – atravessaram as montanhas Santa Catalina em direção a oeste, avançando tanto quanto a configuração do território o permitiria. Fazíamos prospecção, e nosso intuito, se não achássemos nada, era seguir até o rio Gila, num ponto próximo de Big Bend, onde supúnhamos haver um assentamento. Tínhamos um bom equipamento, mas nenhum guia – só Ramon Gallegos, William Shaw, George W. Kent e Berry Davis.

O homem repetiu os nomes devagar e com nitidez, como se para gravá-los na memória da audiência, cujos membros agora o observavam atentamente, mas com uma ligeira apreensão quanto à possibilidade de haver companheiros ocultos na treva que nos enclausurava como uma parede negra. Na atitude desse historiador voluntário não havia sugestões de qualquer propósito inamistoso. Seus modos eram mais os de um lunático inofensivo do que os de um inimigo. Nem estávamos tão desacostumados ao campo para

ignorarmos que a vida solitária de muito camponês tem uma tendência a desenvolver excentricidades de conduta e de caráter que nem sempre se distinguem da aberração mental. Um homem é como uma árvore: na floresta dos seus semelhantes, ele crescerá tão reto quanto sua natureza genérica e individual o permitir. Sozinho, em lugar aberto, cederá às pressões e às torções deformadoras que o envolvem. Alguns desses pensamentos me vieram enquanto eu observava o sujeito através da sombra de meu chapéu, puxado para baixo a fim de quebrar a luz do fogo. Um pobre imbecil, sem dúvida, mas o que estaria fazendo ali, no coração do deserto?

Tendo empreendido contar esta história, gostaria de poder descrever a aparência do homem, o que seria natural. Infelizmente – ou estranhamente – não me acho em condições de fazê-lo com segurança, pois mais tarde nem sequer dois de nós concordaríamos quanto ao que ele vestia e quanto à sua aparência. E, quando tento ajuntar minhas impressões, elas me escapam. Qualquer um pode contar histórias; a narração é uma das forças elementares da raça. Mas o talento para a descrição é um dom.

Como ninguém quebrasse o silêncio, o visitante prosseguiu:

– Esta região não era o que é agora. Não havia sequer um rancho entre o Gila e o Golfo. Havia alguma caça aqui e ali nas montanhas, e perto dos raros olhos d'água havia grama suficiente para impedir que os animais morressem de fome. Se tivéssemos a boa sorte de não encontrar índios, podíamos ir passando. Mas, dentro de uma semana, o objetivo da expedição mudou da descoberta de riquezas para a preservação da vida. Tínhamos ido longe demais para podermos retornar, pois o que estivesse à frente não seria pior do que o que ficara para trás. Então continuamos, viajando à noite, para evitar os índios e o calor intolerável, e nos escondendo durante o dia, tanto quanto pudéssemos. Às vezes, depois de esgotar nossas reservas de carne selvagem e de esvaziar nossos cantis, passávamos dias sem comida e sem água. Então um olho d'água ou um poço raso no fundo de um arroio restauravam de tal maneira nossas forças e nossa sanidade que nos sentíamos em condições de matar os animais silvestres, que também os procuravam. Às vezes era um urso, outras um antílope, um coiote, um puma – o que Deus proveesse: tudo era alimento.

“Certa manhã, quando batíamos uma linha de montanhas, procurando por alguma passagem, fomos atacados por um bando de apaches que seguiram nossa trilha até uma ravina, não muito longe daqui. Sabendo que seu número era de dez para um contra nós, abandonaram suas costumeiras precauções de covardia e caíram sobre nós a galope, atirando e gritando. Lutar estava fora de questão: picamos nossos

fracos animais através da ravina, até onde houvesse piso para os cascos; apeamos e subimos até o chaparral de um dos sopés, abandonando todos os nossos pertences ao inimigo. Mas conservamos nossos rifles, cada um de nós – Ramon Gallegos, William Shaw, George W. Kent e Berry Davis.

– O mesmo povo de sempre – disse o humorista de nosso grupo. Era um homem do Leste, pouco familiarizado com as observâncias mais decentes do convívio social. Um gesto de desaprovação de nosso líder o fez silenciar; e o estranho prosseguiu com sua história:

– Os selvagens desmontaram também, e alguns deles subiram pela ravina, avançando para além do ponto onde a tínhamos deixado, cortando qualquer retirada por aquela direção e forçando-nos para o flanco. Infelizmente o chaparral se estendia só por uma curta distância sopé acima, e quando chegamos à parte aberta no alto recebemos o fogo de doze rifles. Mas os apaches atiram mal quando estão com pressa, e Deus providenciou para que nenhum de nós fosse atingido. Umas vinte jardas para o alto, no sopé, além da linha da vegetação, havia despenhadeiros verticais, em meio aos quais se via, bem à frente, uma estreita abertura. Corremos para ela, desembocando numa caverna pouco mais larga do que um cômodo comum de residência. Aqui, por algum tempo, estivemos a salvo: um único homem com um rifle de repetição poderia defender a entrada contra todos os apaches do lugar. Mas contra a fome e a sede não tínhamos defesa. Coragem ainda tínhamos, mas a esperança era só uma reminiscência.

“Nem um só desses índios nós vimos mais tarde; mas pela fumaça e pelo fulgor de suas fogueiras na ravina sabíamos que dia e noite eles nos vigiavam, com os rifles prontos, na extremidade do mato. Sabíamos que se tentássemos alguma coisa nenhum de nós viveria para dar três passos além da abertura. Durante três dias, revezando a guarda, nos aguentamos, até que o sofrimento se tornou insuportável. Então – era a manhã do quarto dia – Ramon Gallegos disse:

“– Señores, não sei muito sobre o Deus bom ou sobre o que agrada a Ele. Vivi sem religião e não tenho conhecimento daquela de vocês. Perdão, señores, se os escandalizo, mas para mim chegou a hora de bater o jogo dos apaches.

“Ajoelhou-se no chão de pedra da caverna e encostou a pistola contra a frente. ‘Madre de Dios’ – disse – ‘vem agora a alma de Ramon Gallegos’.

“E então nos deixou – William Shaw, George W. Kent e Berry Davis.

“Eu era o líder: cabia a mim falar.

“– Ele era um bravo – eu disse –; sabia quando morrer e como morrer.

É tolice enlouquecer por causa da sede e tombar diante das balas dos apaches, ou ser esfolado vivo; é de mau gosto. Juntemo-nos a Ramon Gallegos.

“– Tudo bem – disse William Shaw.

“– Tudo bem – disse George W. Kent.

“Estiquei os membros de Ramon Gallegos e coloquei um lenço sobre seu rosto. Então William Shaw disse:

– Eu gostaria de ter esse aspecto, nem que por um instante.

“E George W. Kent disse que também queria o mesmo.

“– Há de ser assim – eu disse. – Os diabos vermelhos esperarão uma semana. William Shaw e George W. Kent, saquem as armas e se ajoelhem.

“Fizeram-no, e eu fiquei diante deles.

“– Deus todo-poderoso, nosso Pai – eu disse.

“– Deus todo-poderoso, nosso Pai – disse William Shaw.

“– Deus todo-poderoso, nosso Pai – disse George W. Kent.

“– Perdoai nossos pecados – eu disse.

“– Perdoai nossos pecados – disseram eles.

“– E recebei nossas almas.

“– E recebei nossas almas.

“– Amém!

“– Amém!

“Deitei-os ao lado de Ramon Gallegos e cobri seus rostos.”

Houve uma rápida comoção do lado oposto do acampamento: um membro de nosso grupo se pôs de pé, a pistola em punho.

– E você – gritou ele –, você ousou escapar? Ainda ousa estar vivo? Seu cachorro covarde, farei com que se junte a eles. Enforcuem-me se...

Mas com um salto de pantera o capitão o deteve, segurando-lhe o pulso.

– Contenha-se, Sam Yountsey, contenha-se!

Estávamos todos de pé agora, a não ser o estranho, que permanecia imóvel e aparentemente desatento. Alguém agarrou o outro braço de Yountsey.

– Capitão – eu disse, – há qualquer coisa errada aqui. Esse sujeito ou é um lunático ou é um simples mentiroso: um mero mentiroso ordinário

a quem Yountsey não tem razão de querer matar. Se esse homem pertencia ao grupo, então haveria cinco membros, um dos quais (provavelmente ele mesmo) ele não nomeou.

– Sim – disse o capitão, soltando o insurgente, o qual se sentou –, há alguma coisa... incomum. Há alguns anos quatro corpos de homens brancos, escarpelados e lamentavelmente mutilados, foram achados junto à boca daquela caverna. Estão enterrados lá, eu vi os túmulos; poderemos conferir amanhã.

O estranho se levantou, colocando-se de pé à luz do fogo que expirava – fogo que, no sufoco de nossa atenção, esquecemos de manter.

– Havia quatro – ele disse – Ramon Gallegos, William Shaw, George W. Kent e Berry Davis.

Com essa reiterada lista de chamada dos mortos ele penetrou nas trevas, e não o vimos mais. Nesse momento, um membro do nosso grupo, que tinha estado de vigia, caminhou para nós, algo excitado e de rifle em punho.

– Capitão – disse –, durante a última meia hora três homens estiveram ali, no platô. – Apontou na direção que o estranho tomara. – Pude vê-los bem, pois havia luar; mas, como não tinham armas, e eu os cobria com a minha, pensei que estavam de passagem. Mas não se moveram, com os diabos! Deram-me nos nervos!

– Volte para o seu posto e fique lá até que os veja de novo – disse o capitão. – O resto vá se deitar de novo, ou joga todos na fogueira.

A sentinela se retirou, obediente, resmungando, e não voltou mais. Enquanto ajeitávamos nossos cobertores, o estouvado Yountsey disse:

– Peço mil desculpas, capitão, mas quem diabos você pensa que eles são?

– Ramon Gallegos, William Shaw e George W. Kent.

– Mas e quanto a Berry Davis? Eu devia ter atirado nele.

– Sem necessidade. Você não o teria deixado mais morto. Vá dormir.

IN ORBITE MEDIEVALI – Tobias S. Buckell



Numa carta à rainha Isabel, a Católica:

Cristianíssimos e mui altos, excelsos e poderosos príncipes, Rei e Rainha de Espanha e das Ilhas do Mar, nossos soberanos, no presente ano de 1492, após suas Altezas terem terminado a campanha contra os mouros que ainda reinavam na Europa...

Suas Altezas, como cristãos católicos, e príncipes que amam e promovem a sagrada fé cristã, e são inimigos da doutrina de Maomé, e de toda a heresia e idolatria, resolveram enviar-me a mim, Cristóbal Colón, aos supra-mencionados países da Índia, de modo a ver os ditos príncipes, povos e territórios, e tomar conhecimento das suas inclinações e do método apropriado para convertê-los à nossa sagrada fé; e, além disso, ordenaram que não deveria seguir para Oriente por terra, como é habitual, mas por uma rota Ocidental, uma direcção que não temos, até agora, qualquer evidência que alguém tenha já tomado.

*Cristóbal Colón,
1492*

A borda da Terra passou por eles rapidamente enquanto caíam. A orla do mundo parecia-se um tanto ou quanto com os rochedos de Gibraltar – edifícios altos de imponente rocha sólida. Mas aqui o basalto estendia-se para a direita e para a esquerda até onde a vista podia alcançar, e, quando se olhava para cima, parecia estender-se por quilômetros sobre eles. Finalmente, desaparecia por entre a agitação do nevoeiro e das nuvens.

Mal caíram pela borda, esta começou a diminuir com a distância.

Torrentes de água do mar ainda caíam em cascata, juntamente com a embarcação.

Pedro Yzquierdo usou a faca para retirar o osso do pedaço de carne no seu guisado.

Já fizera porcaria, ao sacudir a tigela e fazer com que o seu conteúdo

se escapasse no ar.

Finalmente, arrancou o osso. Pedro retirou-o, deitando-o fora, para longe da embarcação.

— Caca. — Carnes fortemente salgadas, ervilhas secas, água imprópria, e quando bateu ao de leve nos biscoitos de marinheiro, saiu gorgulho para fora. O osso que lançou passou a amurada, e voou para além dos mastros do navio quando a sua parte plana apanhou o vento que corria pelos lados do casco.

Pedro reparou que Rodrigo Gellego começara a tremer e a ser acometido por náuseas.

Ele enjoa no mar, pensou Pedro. Ou está apenas mal-disposto. Realmente, não tinha nada a ver com o mar. A água do mar perto deles limitava-se agora a pender numa cortina.

Rodrigo vomitou. Os fracos resultados da refeição flutuaram como glóbulos pastosos. Vários membros da tripulação golpearam enojados o líquido com os seus pratos vazios, tentando dirigir a bôlta malcheirosa para longe da coberta e na direção da amurada do barco. Resultou em parte. Mas se a golpeavam com demasiada força, salpicava e espalhava-se, provocando uma sujeira maior.

— Mierda. — murmurou alguém do interior do entreponte, a parte traseira do convés coberta pelo tombadilho da popa.

De lá começavam a sair ruídos semelhantes.

Pedro cravou a faca no mastro e começou a arrastar-se para junto do homem enjoado.

— Rodrigo. — gritou. O som do vento a zunir por entre o cordame e a amurada forçou-o a levantar a voz. — Mantém-te perto da borda. A este ritmo, vais fazer com que todos fiquem enjoados.

Rodrigo abanou a cabeça.

— Não. Não me aproximo da borda. Dios mio, não! Dá-me um saco, Pedro, mas não me obrigues a isso.

— Podemos amarrar-te à amurada...

— Está ventoso. Está barulhento. Deixa-me aqui em la calma. — implorou Rodrigo.

Diego de Arana, mestre-de-armas, inclinou-se sobre o tombadilho da popa.

— O que se passa aqui? – exigiu saber.

Rodrigo torceu-se no ar de modo a poder vê-lo.

— Está enjoado.

— Coloca-o numa rede. Não deve comer nada durante um dia.

— Señor Diego...

— Não protestes, Pedro. Ele irá continuar a vomitar se o alimentarmos. Lembra-te de como foi contigo na primeira vez que te fizeste ao mar? — Diego de Arana sorriu.

— Ele *irá* acostumar-se assim como se acostumou a estar no mar. Algumas pessoas habituam-se ao mar com maior rapidez. Hein, Pedro? Pedro assentiu.

— Verdad, señor. Mas nenhum de nós alguma vez antes caiu da borda do mundo.

Puxou gentilmente por Rodrigo, arrastando-o em direção à proa. Aqui, por baixo do tombadilho da popa, todos os outros homens se amontoavam, amarrados às suas camas de rede.

— Pedro. — disse Diego. — Não digas isso; nós não caímos da borda do mundo. Não sejas um campo nês ignorante. Agilipollao!

Pedro guiou-os a ambos por entre a proa, à procura de uma rede vazia e um saco para Rodrigo. Diego podia chamá-lo de camponês ignorante, de idiota estúpido, que Pedro não se importava. Não seria isso que faria velejar para além da borda do mundo mais estranho do que já era.

Rodrigo parou de ter espasmos.

— Acreditas mesmo que caímos da borda do mundo? — perguntou. Pedro apercebeu-se de que Rodrigo estava apavorado.

Muitos dos homens amarrados às redes estavam miseravelmente doentes, mas todos eles viraram as cabeças na direção de Pedro para ouvirem o que tinha a dizer.

— Olha à tua volta. É óbvio. — Alguém gemeu. Outros praguejaram e benzeram-se sobre o peito.

— É contrário às leis da natureza.

— Fomos amaldiçoados.

— Em Palos e Génova, todos dizem que o mundo é redondo. — Rodrigo esforçou-se para se colocar na rede. — Acreditei neles quando me disseram para observar as embarcações que chegavam ao porto. Eu próprio vi que os mastros se tornavam visíveis primeiro, depois o casco. Como se oculto por uma curva.

Pedro encolheu os ombros.

— Então talvez Deus tenha criado o mundo ligeiramente curvo.

— Sim. Isso faz sentido. — Rodrigo começou a puxar vômito,

descobrimo nada restar no seu estômago, a não ser ácido.

Pedro lembrou-se dos seus primeiros três dias no mar.

— Por supuesto. — Claro que fazia sentido. — Mira. Vê se descansas, tenta dormir.

Ao contrário do resto da tripulação, Pedro era capaz de se mover, não tendo sido afetado pela súbita situação em que se encontravam.

— Mas o que irá ser de nós? A que loucura fomos nós ludibriados ao embarcar nesta viagem? Sem dúvida, iremos sofrer uma morte horrível. — Rodrigo estremeceu.

— Se tens por hábito rezar — disse Pedro — então pede a Nosso Senhor que nos salve deste estranho acontecimento.

Enquanto Pedro se certificava de que Rodrigo era amarrado à sua rede, olhou para além da cana do leme envernizado. Inútil, agitava-se furiosamente com o ímpeto do vento. Através do buraco na parte traseira que permitia a entrada do leme, Pedro conseguia ver as outras duas embarcações. Duas caravelas minúsculas a cerca de nove centos metros de distância, a flutuarem suspensas no ar, tal como Pedro. Uma bruma suave obscurecia-as.

Era o dia 8 de Outubro, no ano da Graça de 1492. A nau Santa Maria e as suas duas escoltas, juntamente com enormes quantidades de oceano, peixes e algas flutuantes, caíam pela borda do mundo há quase um dia.

Pedro Yzquierdo seguiu em frente no seu caminho em direção ao castelo da proa. O tombadilho da popa tinha degraus a descerem de cada um dos lados, mas a proa abria diretamente ao convés entre a elevação do castelo da proa e o tombadilho. Debaixo do castelo da proa, o grumete Paolo de Terreros tentava abafar o fogo de cozinha. O jovem, frustrado com a falta de progressos, deu uma palmada na areia e cinzas, lançando uma praga. A chama esférica, abastecida por fragmentos enegrecidos de madeira pregados ao convés, recusava-se a ser extinta.

— Caray!

— Paolo, tem calma. — Pedro puxou o rapaz pela extremidade da sua corda improvisada.

— Não golpeies as coisas tão violentamente. Ainda acabas por te arremessar para longe do barco.

— O fogo, não está a comportar-se como antes. Até cozinhar é quase impossível.

— Eu cuido do fogo, podes ir agora.

O cabelo volumoso, negro como a noite, de Paolo esvoaçava como um halo de algas marinhas em redor da sua face.

— Gracias, Pedro Yzquierdo. Perdoname.

— Bueno. — Pedro olhou para o fogo da embarcação. A areia espalhada pelo convés, assim como o estado úmido do convés, evitavam um incêndio no barco. O pote de ferro, que Pedro atara de forma engenhosa sobre o fogo, tinha sido reconstruído de modo a permitir cozinhar no meio da constante oscilação. Pedro suspeitava ter sido o tanoeiro do barco a fabricá-lo.

— Mire esta. — disse a si próprio. Olha para isto.

Os lados do pote bulboso apresentavam agora fechos que prendiam o topo. Pedro imaginava que os dois buracos perfurados em lados opostos permitiam que o vapor escapasse e que a comida fosse introduzida. Um dos buracos tinha um pedaço de pano atado de modo a evitar que a comida fosse projectada para fora, mas a permitir a saída de vapor. Um simples fole ressaltava do outro buraco, por onde os ingredientes eram adicionados sem esvoaçarem para fora.

Cozinhar tornara-se agora algo bem mais complicado do que o grumete antecipara.

Juan Sánchez, o físico do navio, observava-o com um olhar de coruja da amurada do castelo da proa. Tinha-se atado a si próprio ali.

— Pedro Yzquierdo. Pareces lidar bem com algumas circunstâncias da nossa situação.

Pedro abanou a cabeça.

— Sou apenas mais um viajante no mundo de Deus, — disse. — Vivo onde ele me colocar.

O tanoeiro, Viscaino, costumava certificar-se de que todos os barris no porão eram resistentes e à prova de água. Sem dúvida um trabalho frustrante. Agora o trabalho do tanoeiro tornara-se interessante. Que mente engenhosa, pensou Pedro.

— Não tenho pretensões de compreender o mundo à minha volta. — continuou Pedro, apercebendo-se que Juan esperava por mais conversa. — limito-me a aceitá-lo.

Pedro agarrou num odre e circundou o fogo esférico. Apertou lentamente o odre e começou a escoicear à volta do fogo num círculo. Como planeara, ao pressionar com cada vez mais força, toda a água

chegou de uma vez. Isso extinguiu a chama de forma satisfatória.

— Mas olha, Pedro. — Juan balouçou até ficar suspenso no ar a apenas algumas polegadas de distância, paralelo ao convés. A sua pequena barba pontiaguda quase que raspava o convés bolorento. Num gesto dramático, Juan estendeu apenas um dedo, e lançou-se no ar para cima.

Lentamente, começou a erguer-se do convés, polegada por polegada.

— É incrível, Pedro. Pensa nisso. Quando dou um impulso, nada me impede de me mover assim.

Pedro alcançou-o e forçou-o a parar.

— Pronto, agora está parado.

— Exatamente. — Juan debateu-se um estado de excitação. — E tudo o que está parado, deve permanecer parado. A não ser que impelido por alguma força.

Nunca pensei nestas coisas. Mas porque permanecemos na Terra? Porque razão as coisas caem?

— É a vontade de Deus.

— Talvez. — assentiu Juan. — Mas deve haver uma força, uma grande força atrativa que prende tudo ao chão, uma força exterior. Qualquer coisa a cair de um edifício deveria ali permanecer, mas é puxada para baixo. Interrogo-me sobre o que tudo isto significará...

— Cansais a minha imaginação, Don Sanchez. — Pedro começou a afastar-se. — Sou um marinheiro. Sei muitas coisas, mas principalmente sobre barcos. Tenho a certeza de que poderá continuar a conversa com outros.

Pedro encaminhou-se em direção à borda do convés onde o vento uivava. Olhou para a distância.

O Pinta e o Niña caíam com eles, a alturas variadas, não mais do que a uma milha de distância. O Niña inclinava-se ligeiramente para estibordo. Depois, à medida que o vento atingia a sua vela de estai, ainda erguida, os seus mastros tremeram e inclinou-se para bombordo.

Pedro esticou o pescoço junto à borda do barco, o vento a bater com força na sua face. Olhou para baixo, na direção da ré, para a cascata de água e nevoeiro à distância, a queda de água à beira do mundo, com milhas e milhas de comprimento. Em baixo, não conseguia ver nada mais do que neblina. Muito acima, escondido nas nuvens em torno da orla distante do mundo, calculou que o sol ainda brilharia. Mas aqui, a luz parecia irradiar de todos os lados com a mesma intensidade. A neblina cinzenta daria gradualmente lugar à escuridão, ainda em acordo com o ciclo do sol.

Pedro, apesar de não sendo um homem fanaticamente religioso, deu por si a fazer uma oração em nome dos seus companheiros de tripulação. Que todos recebam a misericórdia de nosso Senhor, rezou, pois agora a sua situação está bem longe do alcance das mãos dos homens.

No segundo dia, após a escuridão ter dado lugar à neblina cinzenta, o Almirante Cristóbal Colón em pessoa saiu da sua cabina e deu uma vista de olhos à embarcação.

Pedro fitou o líder e admirou o seu nariz aquilino, a constituição corpulenta e a tez clara.

— Ali. É Colón. — murmurou Rodrigo do seu lugar perto do pote de ferro. — Daria o meu olho direito neste instante para poder regressar de novo a Cádiz. Pedro Yzquierdo, não me devia ter juntado a esta viagem. Podia estar agora em casa com a minha Maria.

Pedro ignorou os seus queixumes.

O Almirante considerou que as provisões e o asseio geral do navio estavam em falta, e desejou que, de alguma forma, as embarcações fossem reunidas. Encarregou Diego de Arana dessa função e depois retirou-se de novo para a sua cabina.

— Achas que ele talvez possa estar doente da queda? — perguntou Rodrigo.

— Talvez. Y que? E que tem isso?

Diego de Arana arrastou-se pelas escadas abaixo e apontou para um dos marinheiros que flutuava cuidadosamente em torno da entreponte.

— Tu. Leva contigo uma corda e salta entre os barcos.

— Não.

— Se caíres, podemos voltar a trazer-te para dentro com a corda. — assegurou-lhe Diego. A embarcação rangeu e gemeu. O vento ainda uivava.

— Não nos pode obrigar a isso, é suicídio.

— Homens inquietos. — gritou Diego. — Desobedecem às minhas ordens? — Apontou para Juan Sánchez. — Este homem de ciência garante-me que irão conseguir fazer a travessia.

— Nós somos marinheiros pagos. Não somos soldados. — responderam. — Mesmo que houvesse um capelão a bordo, não

saltaríamos.

Diego deixou cair o assunto.

Juan Sánchez viu a sua oportunidade, enquanto se aproximava no ar, vindo do seu poiso no castelo da proa.

— Podemos usar o canhão e corda. — disse. — Deverá ter alcance suficiente.

— Então fá-lo. — disse Diego. — Mas aponta por cima das suas cabeças.

Pedro ajudou Juan a girar o canhão de modo a enfrentar o Niña. Enrolaram a corda próximo da pequena arma. Juan encostou um tição ao ouvido da arma de fogo e ela disparou; as polias levantaram com o recuo.

A corda enrolada saiu disparada por bombordo, ardendo com a fricção na madeira.

Juan Sánchez ostentava um ar triunfante.

— Está a curvar para cima. — gritou Diego. Juan, a início perplexo, virou-se, depois bateu na testa com a palma da mão.

— Mierda. O vento. Não pensei que fosse afetar a corda fina e a bola de canhão.

Debruçaram-se ambos na amurada, mesmo a tempo de verem a bola de canhão atingir o topo do mastro do Nina.

— Ah, — disse Juan com satisfação. — Mas resulta na mesma.

Dispararam outra bola de canhão, desta vez apontada ao Pinta, e lentamente aproximaram as embarcações. As duas caravelas distantes tornavam-se cada vez maiores à medida que iam sendo rebocadas para fora da neblina. Os cascos rangeram e estilhaçaram quando os três navios finalmente foram atados uns aos outros.

Todos os oficiais serpearam de imediato em direção à cabina do tombadilho da popa.

Demorou três dias para que todos a bordo se comesçassem a movimentar de forma confiante. Pedro, não desejando pensar nas circunstâncias, passava a maior parte do seu tempo a fazer nós em pedaços excedentes de cordão.

Outros começaram a resmungar.

O Santa Maria, o Niña e o Pinta, todas as caravelas juntas tinham água

e provisões suficientes para um ano de viagem. Mas os tripulantes de todas as três embarcações preocupavam-se com o que iria acontecer a seguir, agora que tinham caído pela borda do mundo.

— Conseguiremos alguma vez regressar a Espanha? — perguntava calmamente outro tripulante, que partilhava o nome de Pedro.

— Não sei. — respondeu Pedro honestamente.

— Estamos a cair em direção ao Inferno? — perguntou Rodrigo.

— Não devias falar dessas coisas. Confia no Senhor. De alguma forma, Ele nos irá salvar.

Um homem devoto, Pedro apercebeu-se de que os homens desabafavam com ele. Rezava com eles, acalmando-os. Contavam-lhe sobre os seus pequenos pecados, tais como “hacerse una paja”, como lhe sussurravam com um gesto descritivo do pulso.

Pedro não sabia o quão maligna era considerada a masturbação, mas disse-lhes que rezaria por eles.

Por alguma razão não explícita, Cristóbal decidira não levar a bordo capelães para a viagem. Pedro era a melhor coisa que tinham a seguir a isso.

Pedro não podia dizer que as coisas alguma vez caíssem numa rotina. Nunca parecia haver tempo para isso. Observou o físico a pairar à beira de uma multidão de homens agrupados em redor do mastro no convés principal. Juan Sánchez estava a enrolar fio de vela à volta de alguma coisa que Pedro não conseguia ver.

— Nunca regressaremos a Espanha. A não ser que exijamos a Cristóbal que se demita. — anunciou Rodrigo um dia.

— Rodrigo! — Pedro ia puxar o rapaz pelas orelhas, mas Juan de la Placa segurou a sua mão.

— Deixa o rapaz.

Rodrigo fitou Pedro.

— Ele está a amaldiçoar-nos a todos, não?

Outros na tripulação concordaram. Pedro viu Alonso Clivijo assentir.

Antónia de Cuellar, o carpinteiro, ergueu a voz. — Talvez se ele abdicar do título, e renunciar ao seu título de Almirante, encontremos de novo o oceano. E tiremos esta maldição de cima de nós!

A tripulação começou aos gritos, alto o suficiente para obrigar El

Almirante a flutuar para fora da sua cabina. Falou por sobre o grito do vento. Pedro sentiu o coração a bater acelerado.

— Não estamos a muitas léguas de distância das Canárias. — disse El Almirante. Continuou confiante. — Espero ver terra brevemente. Para o primeiro homem que avistar terra haverá, não apenas a recompensa da Rainha, mas um casaco de seda. Oferecido por mim. Homens, em breve encontraremos novas terras, e ouro.

Dito isso, regressou à sua cabina.

Pedro julgou ter visto sinais de problemas a prepararem-se nos olhos do Almirante, mas nada disse.

Parte da tripulação acalmou-se, ao pensar em ouro. Outros ainda protestavam.

— Já estamos a cair há dias! — disse Rodrigo, ainda zangado. — Devíamos fazer alguma coisa.

— Deves obedecer a Colón. — repreendeu-o Pedro, e recebeu uma pontada nas costelas da parte de Antonia.

Os idiotas não deviam amotinar-se! Seria inútil; estavam todos juntos na mesma situação.

Juan Sánchez deu um grito e conseguiu a atenção deles.

— Mira. — ergueu a carcaça de um pássaro acima da sua cabeça. As asas do pássaro mantinham-se abertas com esteios feitos de madeira de prancha talhada. Fio de vela pendia do seu bico. A tripulação observou Juan a lançá-lo para o céu, dando um forte puxão no fio de vela ao ascender no ar.

— Um papagaio. — alguém riu-se.

Sánchez deu outro puxão, e a gaivota inclinou-se e mergulhou à volta do barco, distraindo de forma eficaz a mente da tripulação de pensamentos de motim.

Pedro estremeceu quando o pássaro finalmente se livrou do fio e se afastou.

— Nós podemos imitar isso. — disse

Juan Sánchez, os seus olhos escuros a dançarem de contentamento.

Pedro ofereceu outra oração pela segurança de todos.

O Almirante convocou Juan Sánchez e Pedro à sua cabina no tombadilho da popa.

Os seus olhos penetrantes pareciam preocupados, pensou Pedro. Cristóbal possuía uma aura de feroz determinação, um homem de fortes desígnios. Era preocupante para Pedro aperceber-se que El Almirante era um homem. Nada mais. Talvez, pensou, fitando os seus olhos, um homem perigoso.

Eles estavam a cair pela borda da Terra, e o Almirante ainda falava de ouro com um brilho nos olhos.

— Assisti às tuas demonstrações, e pensei longamente sobre a nossa situação. — disse o Almirante a Juan. — Por favor, diz-me se pensas ser realmente verdade conseguirmos imitar o voo de um pássaro.

Juan agitou-se no ar por vários segundos.

— Dará algum trabalho, Don Cristóbal. Irei precisar de lona para substituir as penas, e de traves fortes. Iremos precisar de nos livrar de grande parte do peso do barco. — falava rapidamente e com excitação.

El Almirante refletiu por vários segundos no que foi dito, enquanto pairava calmamente na cabina. Pedro olhou à sua volta.

Os oficiais que partilhavam a cabina com Cristóbal tinham-se espalhado, chegando a dormir no telhado da cabina. Não fazia diferença em que parte do quarto uma pessoa dormia. A parede, o teto, o chão; tudo tinha o mesmo aspecto.

— Retira todos os materiais que necessitares do Niña ou Pinta, Don Sánchez, para levar a cabo esta transformação.

— Señor. Será feito.

— Será feito com rapidez. — continuou El Almirante, Don Cristóbal Colón. — Desejo retomar a viagem estipulada com a maior brevidade possível.

Após terem abandonado a cabina, Juan Sánchez virou-se para Pedro.

— Os outros capitães, Martin e Vincent Pinzon, também estão com medo. Querem que Colón renuncie ao cargo e admita que cometeu um erro.

— Rezo para que sejam eles a estarem errados.

— Tu rezas; Eu tenho outras ideias. Com sorte, alguma coisa se irá concretizar entre nós os dois.

Juan reuniu os meios das tripulações de todos os três navios.

— Lope, o marceneiro, António de Cuellar, o carpinteiro, e Domingo Vizcaino. — chamou do tombadilho da popa. O físico pairava por cima da amurada, a que fora atado com um longo pedaço de corda. A sua mão esquerda segurava um rolo de pergaminho.

— O que é isto? — queixaram-se.

— Vamos voar! — disse Juan Sanchez.

— Já estamos a flutuar.

— Estejam calados. Preciso de toda a lona que puderem encontrar. Toda a vela, e as madeiras mais leves. Lope, dá aos homens agulhas e cordéis fortes.

Oito homens vogaram do convés principal para o porão inferior do Santa Maria à procura de lona. Mais homens vogaram por cima da amurada em direção aos outros navios. Lope partiu em busca da sua caixa de ferramentas.

— Vocês, homens, — Juan apontou para um grupo atado ao mastro. — a vossa tarefa consiste em esvaziar os porões do Niña. Antonia, depois de eles retirarem toda a água, arranca todos os tabiques de reserva que pudes. Depois terás que cortar o tombadilho da popa e o castelo de proa.

— Porquê? — perguntou Antonia.

— Porque precisamos que o Niña esteja o mais leve possível.

Don Vincente Pinzon pôs a cabeça para fora de um canto da sua cabina, enquanto homens invadiam a sua embarcação. Sob as ordens de António, começaram a despedaçar a amurada à força de machados.

— O que estão a fazer! — gritou, abrindo caminho para pôr fim à ação do machado mais próximo.

— Eles que continuem. — Cristóbal ergueu-se no ar.

— É a mim que pertence o comando. — gritou Pinzon.

— Não. É a mim. — disse Cristóbal.

Pinzon fulminou-o com o olhar por um momento, depois prostrou-se em pleno ar.

— Vou retirar as minhas coisas da cabina.

— Pinzon forçou o seu caminho de volta para o interior. O som de machados na madeira voltou a fazer-se ouvir.

Juan Sánchez fez uma breve pausa, depois soltou uma risada. — Pedro. Precisamos de toda a corda que conseguires encontrar, — disse. — Entra no porão e vê o que poderás lá encontrar de reserva.

Pedro assentiu e deu um salto que o fez aterrar junto à escotilha.

Olhou para dentro. Estava escuro e malcheiroso, e conseguia ouvir os guinchos estridentes de ratos moribundos e o riso dos marinheiros. Esperou para que transportassem para cima, através da escotilha, vergas de lona amarelecida, antes de descer à procura de corda.

A neblina cinzenta desvanecera, dando lugar a uma noite cerrada. Pedro descansava, atado a redes encostadas a um dos lados do navio.

— Alguém, venha rápido! — A voz de Cristóbal, inconfundível por sobre os eternos e constantes rugidos do vento, penetrou os ouvidos de Pedro. Desatou-se e esforçou-se por percorrer o caminho ao longo do tombadilho, passando pelo amontoado de homens cansados e a dormir. À direita, o Niña em nada se assemelhava ao que fora antes. As duas estruturas retangulares em cada ponta tinham desaparecido. Sem amurada, sem mastros, sem cana de leme ou leme, não se parecia em nada com uma embarcação. Centenas de vergas de lona cosida amontoavam-se por cima do comprido convés plano.

No escuro, Pedro mal conseguia discernir a figura de Cristóbal, e quase que o abalroou.

— Sí?

O Almirante virou-se para Pedro num estado de excitação.

— Olha, para além da beira, acho que consigo vislumbrar uma ténue luz.

Pedro olhou, piscando os olhos com força contra o vento. Talvez. A imagem parecia fugir-lhe. Ouvindo a conversa, Diego de Arana juntara-se a eles.

— Uma luz?

Também se inclinara.

— Vês alguma coisa? — exigiu saber Don Cristóbal.

— Penso que sim. Yo miro, si. — A voz de Diego pareceu ficar sem respiração e esperançosa.

El Almirante mostrou-se agradado.

— Ordena a alguém que fique de vigia. Avisem-me de tudo.

— Veremos de novo terra. — disse Diego, a sua voz algo embargada de emoção. Pedro deu por si a não conseguir evitar tremer.

— Graças a Deus, — disse. — as nossas preces foram ouvidas.

— Sem dúvida. — disse Diego. — Graças a Deus. — Retrocedeu no

caminho, e Pedro podia jurar que ouvira um soluço abafado vindo do mestre-de-armas.

Pedro arrastou-se para longe, preferindo debruçar-se e observar o Niña.

O monte de lona estava amarrado a vários pontos do Niña pelas cordas que Pedro reunira.

Juan Sánchez mostrara-lhe um desenho.

Quando a lona fosse libertada, voaria por sobre o navio como uma vela enorme.

— As velas são impelidas pelo vento. — explicou Juan. — Isto não será diferente.

Apenas em maior escala. Irá apanhar o vento vindo de baixo, à semelhança das asas de um pássaro ou das velas de qualquer navio. — exultou.

Pedro ficava maravilhado com a inteligência do físico. Como lhe surgiam tais ideias!

De manhã, Cristóbal ordenou a todos que passassem para os estranhos destroços do Niña. A ténue luz revelava agora por baixo deles nuvens que se estendiam para longe em todas as direções, tendo a neblina sido dispersada algures na noite por melhores condições meteorológicas.

— Soltem as amarras que prendem os outros dois navios. — disse Cristóbal. E quando as cordas foram cortadas, o Santa Maria e o Pinta vogaram para longe.

— Pedro Yzquierdo! — Juan sorriu e planou para mais perto. — Temos as asas quase prontas. Em breve poderemos abri-las totalmente, e veremos se vamos voar.

— Seria um presente maravilhoso. — respondeu Pedro.

Pedro interrogou-se se as nuvens não seriam uma consequência da cascata de oceano a atingir os fogos do Inferno. Mas sendo fundamentalmente um bom homem, e um crente, tinha problemas em acreditar que Deus os teria condenado ao Inferno desta forma tão obtusa.

— Gostarias que fizesse uma oração, Juan?

Juan riu-se. Mas soou um riso vazio e forçado.

— Levas-te demasiado a sério, Pedro. Tem alguma esperança. Não tarda muito, iremos experimentar e veremos o que acontece.

Pedro assentiu. Como o resto da tripulação lhe rogara, ele iria rezar também por eles. Apesar de não ter a bênção oficial da Igreja, lembrava-se de um verso da Bíblia citado por um Bispo por quem viajara para ouvir: Onde estiver mais do que um reunido, aí estará também o Espírito no meio deles.

Sentia ter sido um enorme descuido da parte de El Almirante ter-se esquecido dos capelões. Talvez parte disto não tivesse acontecido, se não fosse por essa arrogância.

— As nuvens estão a aproximar-se. — avisou o vigia, espreitando por sobre um dos lados da embarcação. Juan estendeu um braço e gritou uma ordem de comando.

— Ahora, sí.

— Segura-te, Pedro Yzquierdo. — disse Juan. Depois, — lancem-na para fora!

Tripulantes cortaram as cordas, e subitamente o mundo tornou-se cinzento à medida que a lona se abria e elevava para além deles. As cordas chiaram e vergastaram. Pelo canto do olho, Pedro viu Andres de Yruenes ser apanhado por uma corda enrolada na perna. Como um fantoche, foi arrebatado pela lona enquanto gritava.

— Wahhh... — Perdeu a perna e girou para fora do campo de visão deles, ainda aos gritos.

Depois a corda esticou-se, mal a lona alcançou a extremidade. O solavanco sacudiu todos os ossos do corpo de Pedro e o seu rosto chocou de encontro ao convés. Como protesto, o Niña rangeu e estilhaçou. As cordas retesaram, o que fez com que fibras de cânhamo enchessem o ar e tornassem a respiração quase impossível.

Pedro apercebeu-se de que agora estava estendido no chão, e, ao tentar mover-se, conseguia sentir a pressão sobre o seu corpo.

Sentou-se, estremecendo devido às feridas, com o sangue a escorrer do seu lábio superior.

Sorriu.

Olhou para cima e não viu nada a não ser a lona cinzenta e suja, com vigas de madeira desde a proa até à popa a manterem-na aberta e estável. Rangia e gemia, mas sustinha-se. Os gemidos dos tripulantes faziam-se ouvir à volta, enquanto atravessavam as nuvens.

Pedro gostou da súbita sensação de humidade, como se estivesse a atravessar um nevoeiro, e então, tão subitamente como entraram, saíram. Olhou para cima, para o lado de baixo das nuvens, no mesmo

momento em que alguém junto à proa do navio gritou.

— Terra à vista!

Juan e Cristóbal ordenaram que todos os homens descessem até ao porão.

— Fico aqui para vos ajudar. — voluntariou-se Pedro, depois arrastou-se até à borda e fitou a distância.

Uma vista maravilhosa. Porções de terra castanhas e verdes estendiam-se em padrões por toda a terra.

Pedro lembrou-se de como era semelhante a olhar um mapa; da mesma forma, ele conseguia distinguir os contornos de costas, baías, barras, até cidades. Via o oceano.

O Niña encaminhava-se para o oceano, para longe da terra.

— Se conseguirmos alcançar o mar, e navegar de novo, dirigimo-nos para uma daquelas baías. — anunciou Cristóbal.

A terra elevava-se lentamente ao encontro deles. Juan e Pedro agarraram nas cordas do lado esquerdo, todas enroladas numa série de dez polias, e usaram o cabrestante para as recolherem. O Niña oscilou, estremeceu e começou lentamente a mover-se em espiral.

— Soltem-nas!

Eles inverteram o processo e o Niña endireitou-se. O vento investia ferozmente pelo convés, enchendo os olhos de Pedro de lágrimas.

E agora Pedro conseguia ver cristas de ondas, e a espuma do mar.

Um mar não muito calmo, como aparentara ser visto de cima, mas ainda assim bastante folgado.

Pedro sentiu-se invadido por uma onda de alívio. Tinham regressado a casa, de volta a um mundo mais normal.

Àquele ao qual pertencia. Este lugar não era o Inferno.

As cristas de onda aproximaram-se, e Pedro apercebeu-se que o Santa Maria estava a mover-se demasiado rápido. Mais rápido do que o normal para qualquer embarcação.

As ondas tornaram-se indistintas.

O pulso de Pedro correu acelerado.

Embateram.

O impacto atordoou e ensurdeceu Pedro. Pareceu-lhe que o mundo mudara de sítio. Foi arremessado ao longo do comprimento do convés, embatendo em pranchaspartidas. Água brotava por entre as tábuas do chão, e do porão, e ele conseguia ouvir à distância os gritos de angústia humana no Niña despedaçado.

Foi a lona que o salvou. Foi atirado e em instantes bateu violentamente no convés, arrojou e depois saltou para o ar. A comprida e suave lona revolta apanhou-o, mas mesmo então fê-lo cair inconsciente.

Pedro acordou debaixo de água, encurralado em faixas de material e corda que o restringiam. Lutou para se escapar. Lutou no que pareceu uma eternidade, mas provavelmente durou apenas um minuto. Quando finalmente irrompeu na superfície, arfou por ar, manchas negras a dançarem no seu campo de visão.

Peças de madeira flutuavam por todo o lado, assim como cadáveres. Mas Pedro mal se deu conta. Agarrou num grande pedaço e desmaiou de novo, todo o seu corpo entorpecido de dor.

Pedro não poderia afirmar que compreendia os homens de pele escura à sua volta. Ele sabia que tinham dado à costa em Gujarat, uma terra de sarracenos, seguidores das doutrinas do profeta Maomé. Tinham intérpretes que falavam línguas europeias, e o governador da cidade concedeu-lhes a hospitalidade dos quartos de hóspede do seu próprio palácio, assim como os seus melhores médicos. Pedro estava surpreendido por não o terem morto imediatamente por ser espanhol, e cristão. Pedro evitava propositadamente quaisquer conversas sobre doutrina, preferindo apenas relatar a sua fantástica viagem.

Foram precisos dois meses de convalescença para que pudesse levantar-se sozinho.

As suas pernas, fraturadas pelo impacto, teriam sido amputadas na sua terra, mas, por milagre, ainda as possuía. Ainda eram visíveis as marcas por todo o corpo causadas pelas feridas. De vez em quando, ainda sofria tonturas e desmaiava.

Mal recuperou a saúde, fez questão de procurar por Juan Sánchez uma última vez.

Pedro encontrou-o numa enorme sala, toda em mármore, rodeada de pergaminhos colocados em prateleiras, e o seu rosto apresentava um ar extático.

— Juan, como está?

— Bem, obrigado, Pedro. — depôs o rolo de pergaminho que tinha na mão. — E tu, estás a fazer planos para partir, não?

— Sí. Verdad. A cada dia que permaneço aqui, estou a trair Deus. O sheik deu-me permissão para partir, e um Bat, que me irá levar até à Turquia. E depois daí tenho esperanças em encontrar um mercador que me leve a Itália.

— Um Bat?

— De acordo com o sheik, uma tribo de homens que te mantém em segurança, mantando-se a si próprios com uma faca se fores ferido durante a viagem. O atacante é amaldiçoado pelo suicida e os seus filhos efamília serão mortos. É uma terra estranha, Juan.

— Realmente, Pedro Yzquierdo, mas há tanto que se pode aprender com eles.

— Não partilho o seu entusiasmo. Por favor, Señor Sánchez. — tratou-o de forma formal. — Deve regressar a España. Deixe esses pergaminhos profanos de parte. O nosso Santo Pai não poupou a sua vida para que se convertesse aos modos deste povo. E Pedro acreditava agora mais do que nunca. Estava vivo, tinha sido escolhido. A sua fé tinha-o preservado.

— Não, Pedro, vou ficar aqui. Há muito trabalho importante para ser feito. Olha.

— Sánchez mostrou a Pedro uma peça de pergaminho. — Estás a ver esta tira de pergaminho?

— Sí.

— Imagina que é o mundo. As margens, aqui, e aqui. Agora imagina que estás a navegar pela superfície.

— Cairia pela borda.

— Verdade, Pedro, mas escuta. Não interrompas, por favor. — Sanchez juntou lentamente as extremidades do papel, formando um anel. — Imagina que outrora o mundo foi plano, ou ligeiramente curvo, mas agora está lentamente a ser contraído à medida que os nossos marinheiros navegam em direção às Canárias, e ainda para mais longe, na direção do Ocidente. Nós partimos para a exploração demasiado cedo, com demasiada pressa. Caímos entre as margens, no mundo que está por baixo.

Sanchez endireitou-se.

— Deus não teria criado o nosso mundo imperfeito, e sido forçado a corrigir os seus erros, agora que começámos a explorá-lo.

— Pedro abanou a cabeça. — Isso é blasfémia. Peço perdão, señor, sois muito mais instruído do que eu em tais assuntos. Deus não é capaz de cometer erros. E se o mundo está curvado dessa forma, porque não podemos olhar para cima e vislumbrar o outro lado?

— Não estás a pensar de forma correta, Pedro Yzquierdo. Nós vivemos no lado exterior do anel.

— Não acredito nessas coisas que diz.

Sanchez começou a curvar o papel, esquecendo-se da presença de Pedro.

— Mesmo enquanto iniciamos a exploração a Sul e Norte, Ele terá que curvar o aro da Terra até se tornar um globo. Até que, por fim, à medida que fazemos estas perguntas e exploramos o nosso mundo, começamos a moldá-lo. — murmurou, ainda a brincar com o papel. — Penso que finalmente compreendo como acabámos por nos ver no lado certo do aro da Terra.

— Conte-me. — disse Pedro, não vendo mal em ser condescendente com o físico.

Depois de ele partir, o homem não teria nenhuma alma cristã companheira com quem falar.

— Caímos para fora da superfície do aro. — Juan fez um movimento com o dedo. — e atravessámos pelo outro lado, ainda a cairmos vertiginosamente sem nos apercebermos disso. Depois, a força que prende as coisas à Terra fez-se sentir e caímos de volta, desta vez aproximando-nos do lado certo, por uma via directa, enquanto fabricávamos as nossas asas. Apanhámos as monções. —

Orgulhoso de si próprio, sacudiu a borda do papel. — Incrível.

— Sí. Agora tenho que me ir embora, Señor Sánchez.

— Ah, Pedro, vou ter saudades tuas. Cristóbal já partiu?

— El Almirante? Partiu já há muitos dias, e falou em criar mais barcos alados. É um homem determinado. Quem sabe o que fará? Vaya com Dios, Señor Sánchez.

— Vaya com Dios, Pedro. Por favor, poderias levar esta carta contigo? Para entregar à Rainha.

— Assim o farei.

Pedro abandonou a sala com o coração pesado.

Não é uma decisão fácil de ser tomada por qualquer cristão de bom senso, a de permanecer em terras de infiéis e pagãos como estas; no entanto, após reflexão, encontrei uma certa fascinação nas minhas relações com os homens instruídos na área, particularmente nos seus modos de tratamento de melancolias, feridas, infecções, e outros males do corpo, particularmente no que diz respeito também a várias teorias sobre a mente e, além disso, muitas outras teorias sobre o mundo físico tidas na mais elevada consideração pelos sábios veneráveis com quem tenho tido ocasião de falar.

É ainda chamado à minha atenção pelo nosso cortês anfitrião que aqui circulam notícias de várias viagens e descobertas pelos ingleses de novas terras a Norte da rota ocidental escolhida pelo nosso estimado Almirante, e de terras descobertas a Sul pelos Portugueses; e é minha firme convicção de que, na nossa infinita ignorância de Geografia, fomos desafortunados o sufi ciente para navegar por entre os dois continentes que existem à beira do mundo ocidental, à semelhança das margens de um rio que se transforma numa cascata, e é minha firme recomendação que vossa Majestade não envie mais navios procurando por uma passagem ocidental até que seja verificado que as duas extremidades da Terra estão unidas de uma forma que permita tal jornada.

Mas não escreverei mais sobre isto, deixando o relato da viagem a cargo do apto marinheiro, Pedro Yzquierdo, que é aquele que entrega esta carta selada.

Juan Sánchez, Físico da Nau,

1492

O REI DUENDE – Bruce Holland Rogers

Quando era pequeno, o meu pai contava-me histórias ao deitar, e a minha mãe perguntava-lhe de outra divisão:

— Não lhe estás a ler o poema, pois não?

— É o preferido dele! — respondia o meu pai com um piscar de olho.

Não sabia muito bem por que achava o meu pai que o poema do Rei Duende era o meu preferido.

Todas as noites, depois de o ouvir, ficava muito tempo acordado, atento à escuridão. Acordava frequentemente numa choradeira durante a noite, e a minha mãe vinha para me abraçar. Ainda assim, todas as noites depois da última história, o meu pai abria o livro de poemas infantis e lia baixinho os versos sobre os espiões do Rei Duende:

*A Lua é um olho para o Rei Duende
Ver como te estás a portar.
E se amuas, choras, berras ou gritas
As aranhas vão-lhe contar...*

A maior parte do poema era dedicada aos meninos que se comportavam mal e ao que lhes acontecia quando o Rei Duende se apercebia disso. Um rapazinho desaparecia chaminé acima, apanhado por uma abominação negra. Uma menina era puxada para o fundo de um poço. E depois havia a Annie.

*A pequena Annie partia os pratos
Ao jantar, era endiabrada.
Os pais mandaram-na para a cama.
Ai dela! Teve a sorte traçada.*

*O Rei Duende tem pés de areia
E nunca faz um som.
E quando a Mãe desfez a cama,*

Eis o que ela encontrou:

*Uma bola de cabelo encarquilhada,
Um dente, uma unha e um osso.
Mais nada restava da Annie
A não ser, talvez, um soluço.*

O livro tinha uma figura do Rei Duende. Sentava-se, sorridente, no seu trono no bosque. A não ser pelo amarelo dos dentes e dos olhos, era feito de elementos da floresta—ramos, erva, areia, lama e folhas secas. Era difícil perceber onde acabava o bosque e começava o Rei Duende.

Certa noite, faltou a luz no nosso bairro mesmo antes da hora de ir dormir. Eu já estava de pijama, e o meu pai levava-me ao colo para o quarto. Não havia luz para me contar uma história, porém declamou de memória o poema:

*A Lua é um olho para o Rei Duende
Ver como te estás a portar.
E se amuas, choras, berras ou gritas
As aranhas vão-lhe contar...*

A lua tinha surgido à janela. Àquela luz mortiça, tudo o que podia ver eram as córneas nos olhos do meu pai e os dentes a brilhar.

*E quando a Mãe desfez a cama,
Eis o que ela encontrou:*

Enquanto declamava o poema, foi esboçando um sorriso cada vez mais largo. Os dentes adquiriram luz própria, e os olhos tornaram-se enormes. O resto do corpo desvaneceu-se até eu deixar de perceber onde acabava a escuridão e começava o meu pai.

Concluiu o poema, depois afagou-me o cabelo e disse o que sempre dizia quando me deixava a sós com as palavras do poema a pairar no ar negro.

— Porta-te bem — disse ele. — Porta-te muito, muito bem.

AS MÃOS DO MARIDO – Adam-Troy Castro

As mãos do marido chegaram a casa numa sexta-feira. Rebecca fora informada do ataque, que roubara a vida a sete outros soldados da sua unidade e reduzira três outros a frações mínimas idênticas: Um homem desaparecido da cintura para cima, outro da cintura para baixo, um terceiro dividido em duas partes iguais, como um homem dissecado em exposição num laboratório de anatomia.

A Administração dos Veteranos dissera-lhe que podia ter sido pior. O oficial de notificações relembrou-lhe o caso de Tatum, a filha do vizinho tão completamente expungida no momento em que ela própria estivera sob fogo que apenas restara uma tira de pele e músculo: Um fragmento da sua coxa, com a dimensão e a forma aproximadas de um maço de cigarros, devolvido aos pais numa caixa e que agora vivia no quarto de cima, onde ganhava a vida a fazer revisão de artigos na Internet. Isso não é vida, disse o oficial de notificações. Porém Bob, fez notar, era um par de mãos perfeitas, amputadas do corpo pelos pulsos mas ainda assim capazes de alcançar imensas coisas grandiosas. E sempre havia a loteria da clonagem. A probabilidade era de um em dois milhões, mas valia a pena ter esperança, e já tinham acontecido coisas mais estranhas.

Rebecca pedira aos pais dela, e aos dele, e aos amigos tão ansiosos por vê-lo, que se mantivessem afastados. Era um momento pessoal e não tinha a certeza de que seria capaz de suportar as suas trivialidades solícitas. Esperou em casa, desejando um cigarro tão intensamente quanto desejara qualquer outra coisa em toda a sua vida, e manteve-se de olhos fixos na porta até a pancada surgir e os dois elementos da escolta, garbosos nos seus uniformes, trazerem o que restava do seu marido dentro de uma caixa com uma bandeira americana em cima.

Abriam a caixa e mostraram-lhe as mãos de Bob, repousadas lado a lado numa almofada branca. A esquerda encontrava-se de palma voltada para baixo, a direita de palma para cima. A que tinha a palma voltada para cima estremeceu e agitou os dedos a Rebecca quando a viu. As novas aberturas fotossensíveis nas pontas dos dedos piscaram muitas vezes, num gesto que ela apenas podia supor ser de excitação. As unhas haviam sido tratadas e polidas até adquirirem um brilho

intenso.

Inevitavelmente, os olhos de Rebecca percorreram o trajeto até aos pulsos, rematados com espessas bandas de prata, muito semelhantes a pulseiras excetuando as bases rasas das quais deveriam emergir braços. Elas, Rebecca sabia-o, continham não apenas o suporte vital — sem o qual as mãos do marido seriam apenas carne em putrefacção —, mas também a mais recente cópia de segurança da sua memória, sem a qual tudo quanto fora, e tudo quanto fizera, não mais existiria.

Não imaginara que um par de mãos pudesse ser suficientemente pessoal para ser reconhecido, mas a verdade é que as reconheceu. Havia um ângulo curvo num dos dedos mindinhos onde em tempos o partira ao apanhar uma bola de basebol e que não regressara exatamente à posição inicial. E havia uma cicatriz num dos nós dos dedos onde em tempos se cortara, quase até ao osso, num copo partido. Identificou aquelas mãos como as mesmas que em tempos a faziam estremecer, quando estavam na extremidade de braços fortes e reconfortantes.

Os dedos agitaram-se um pouco mais, e a escolta disse-lhe que o marido queria falar com ela. Ela disse que não sabia o que fazer.

O mais novo da escolta mostrou-lhe um *pad* plano de cor negra com orifícios destinados aos dedos, ligou-o e colocou-o na caixa, ao alcance das mãos de Bob. Quando o ecrã de texto surgiu, as mãos de Bob deram meia-volta, inseriram as pontas dos dedos nos orifícios de controle do *pad* e fizeram... algo — não exatamente a digitação tal como ela a conhecia do familiar teclado QUERTY, mas algo muito semelhante, com movimentos subtis e treinados que nos breves segundos que se seguiram impuseram palavras e frases no ecrã.

rebecca por favor não tenhas medo, digitaram as mãos do marido. sei que isto é estranho e assustador mas continuo a ser eu. consigo ver-te e estou contente por estar em casa. amo-te. por favor quero que me beijes

Eram poucas as coisas que Rebecca desejasse fazer menos neste momento, mas sabia que as mãos do marido detectariam qualquer nova hesitação, e portanto inclinou-se e tocou-as. Afastaram-se do *pad* negro e deixaram que ela as pegasse, uma mão em cada uma das dela. Eram tão quentes como as lembrava, e mais pesadas do que esperava. Uma sensação de náusea assomou-lhe à garganta quando, impelida pela obrigação, deu um beijo meigo nos nós de cada uma. Voltaram-se às mãos que as seguravam e enfiaram os dedos entre os dela, num aperto tão firme e tão completo como teria sido o de um abraço

tivesse o destino decidido permiti-lo regressar a casa como um homem inteiro.

Um dos elementos da escolta disse:

«Agora vamos deixar-vos, aos dois, a sós.»

Rebecca não pôde deixar de pensar: *Como assim, aos dois? As mãos dele são agora dois objetos separados; não quererá dizer «aos três»? Ou, uma vez que não perfazem nada que sequer se aproxime do homem inteiro, não devia estar a usar fracções? Dizendo-me «agora vamos deixar-vos, a um e um décimo, a sós»? Ou coisa que o valha?*

Pensou tudo isto mas não o disse, ao mesmo tempo que eles punham os bonés e lhe diziam para telefonar se precisasse de alguma coisa, e a deixavam sozinha agarrando o que outrora fora parte, não o todo, do marido que apenas quatro anos antes impressionara o seu ser de dezoito anos, sentado à sua frente num seminário na faculdade, como sendo o homem mais belo que alguma vez vira

Permaneceu sentada com ele — com elas — durante muito tempo, em silêncio. Por vezes, quando fechava os olhos e aguardava os reconfortantes apertos que se aproximavam o máximo que ele conseguia de uma conversa sem o *pad*, quase conseguia iludir-se com o pensamento de que aquelas mãos estavam ligadas a pulsos que estavam ligados a braços que se uniam a ombros com um peito e um coração que batia e lábios e olhos e um homem capaz de se deitar a seu lado e lhe despertar tanto as paixões como a piedade.

Passado algum tempo, a mão esquerda dele desprendeuse suavemente da mão direita dela e trepou até ao ombro, apertando-o também antes de rastejar como um caranguejo até ao rosto e deparar com os rastos das lágrimas na face.

Estacou perante a descoberta, e ela não pôde deixar de sentir que o decepcionara, que se revelara superficial, que o magoara, ou o que restava dele, no momento em que precisava de saber que ela ainda era capaz de o amar.

Pouco depois, as mãos dele afastaram-se até à mesa para poderem falar com ela acerca dos problemas com que se viam agora confrontados. A esquerda virou-se sobre as costas de modo a que as aberturas luminosas nas pontas dos dedos conseguissem ver o rosto dela, e a direita dirigiu-se ao *pad* e disse-lhe que sabia como se sentia, que este tampouco havia sido o futuro que ele imaginara para ambos, e que se ela lhe desse uma oportunidade, continuaria a ser o melhor marido que conseguisse.

A hesitação dela, o enorme esforço para encontrar palavras que não

traduzissem escárnio ou mentira, disseram tudo, e podiam ter destruído o que quer que agora nele fizesse as vezes do coração.

Mas após um tempo longo, ela fez que sim com a cabeça, e isso era um começo.

Ele não lhe podia contar nada acerca do que acontecera consigo. A última cópia de segurança antes do ataque que lhe destruíra o resto do corpo tinha apenas uma semana, poupando-o às memórias de uma experiência infernal sob fogo, observando o resto da unidade desfazer-se, um ou dois elementos de cada vez, em pedaços.

Escreveu que tinha, quando muito, um conhecimento académico do que estivera nessa cópia de segurança, uma vez que havia, mesmo então, coisas das quais optara por não se lembrar e preferira viver o resto da sua vida preso a um conjunto de memórias ainda mais antigas, gravadas dois meses antes disso, e abençoadamente livre de algumas experiências que o teriam deixado ainda mais estropiado do que na sua condição atual.

Escreveu que a guerra fora tão terrível que se teria livrado de ainda mais memórias, tivesse isso sido possível; certamente existiam veteranos que haviam feito uma cópia de segurança no momento em que foram enviados e regressaram como partes ou todos recusando lembrar-se do que quer que lá tivessem feito, ou lhes tivesse sido feito. Em vez de se lembrarem de um único dia no teatro de guerra, preferiam viver uma vida onde, de fortes e atléticos e inteiros num avião de transporte de tropas com o seu passado codificado numa base de dados passavam, sem um único momento de transição, a mais velhos e com o seu tempo cumprido e de regresso, reduzidos a uma parte do corpo senciente numa bandeja. Mas houvera camaradas, pessoas na sua unidade, que haviam feito coisas por ele durante o período em que servira na guerra que jamais se permitiria esquecer, mesmo que isso significasse também recordar visões do inferno. Digitou que do pouco que se lembrava, jamais falaria com ela.

Depois disso, pouco havia a dizer; ela preparou o almoço para si e as mãos sobre a mesa puseram-se a observá-la enquanto comia, as palmas voltadas para cima de modo a que as pontas dos dedos conseguissem ver, dando a acidental mas inegável impressão de que estavam voltadas para cima em súplica.

Mais tarde, quando o silêncio da tarde se começava a adensar, as mãos digitaram:

ainda gosto de te ver comer.

Era algo que já dissera antes, nos tempos em que giravam um em torno do outro, cumprindo os rituais que fazem a ligação entre a atração inicial e a condição de casal; ele apreciara a sua meticulosidade, a sua forma de encarar um prato de comida como se fosse um puzzle para desmontar tanto como uma refeição para saborear. Ela não respondeu que em tempos também adorara vê-lo comer, o absoluto deleite proporcionado pelos pratos que apreciava, o descarado e incontrito entusiasmo com que atacara refeições que não lhe faziam bem. Tratava-se, sabia-o, de um entusiasmo que ele nunca mais poderia voltar a demonstrar, e que ela nunca mais voltaria a testemunhar: Mais um dos prazeres da vida que lhes fora roubado, deixado numa porção de terra ensanguentada debaixo de um céu estrangeiro.

Não pôde deixar de pensar em todas as refeições futuras, os pequenos-almoços e almoços e jantares que, durante anos indefinidos, seriam sempre lembranças do que fora e não voltaria a ser.

A conversa não avançou. Viram televisão, as mãos pousadas no colo dela ou ao seu lado no sofá, mostrando agrado e desagrado perante o que o aparelho tinha a oferecer, através de comentários em mímica que a dada altura, numa resposta zangada a uma notícia sobre a guerra dada por um pivô, incluíram um silencioso, mas veemente, dedo médio erguido.

Rebecca atendeu alguns telefonemas de familiares e amigos preocupados que queriam saber como estava a correr o reencontro, e disse-lhes que não, que ela e Bob ainda não estavam preparados para receber quaisquer visitas.

Mais horas de silêncio, quebrado de quando em quando por conversas hesitantes necessariamente tornadas breves pela sua limitada capacidade de digitação, inevitavelmente, e em certa medida horrificamente, desembocaram no jantar, onde o desconforto do almoço não só se repetiu como foi duplicado pela consciência de que tudo isto ainda estava apenas no início, de que o silêncio das suas refeições em breve seria um ritual familiar, enquanto o futuro se estendesse.

Apenas houve um sinal de verdadeira preocupação antes da hora de deitar. A errante mão direita de Bob deparou com uma fotografia emoldurada dele próprio em uniforme, numa mesinha ao lado do sofá. Por acaso, Rebecca estava a assistir enquanto a mão dele hesitava, dando pancadinhas no vidro com a ponta de um dedo, como que na esperança de lhe ser permitido o regresso ao momento cristalizado naquela imagem. Pareceu ter tombado a fotografia deliberadamente.

Estava quase cem por cento certa disso.

Nessa noite, deitou-se no seu lado habitual da cama, o teto um espaço branco vazio sem conselhos para dar. A mão direita dele desapareceu por baixo da roupa de cama e acomodou-se aproximadamente ao nível da cintura, ao passo que a mão esquerda se instalou na almofada lavada, preferindo a visão dela ao calor que o cobertor lhe pudesse proporcionar. Quando ela desligou o candeeiro, as pequenas manchas de luz vermelha nas pontas dos dedos da mão esquerda projetaram um brilho escarlate sobre tudo em redor, fazendo com que a sua fronha se assemelhasse um pouco ao resultado de uma hemorragia. Os dedos surpreenderam Rebecca de olhos postos neles e agitaram-se; um olá perversamente jovial ou uma forma de Bob a lembrar de que conseguia vê-la. Forçou-se a inclinar o corpo e a beijar-lhe a palma, conseguindo de algum modo reprimir um estremecimento instintivo quando os dedos se enrolaram para lhe acariciar as faces.

Rebecca chamou a mão de Bob pelo seu nome e disse-lhe que o amava.

Debaixo da roupa, a mão direita dele rastejou em direção à mão esquerda dela e envolveu os dedos nos dela. Já havia segurado aquela mão durante horas, intermitentemente, e neste momento teria preferido a liberdade da sua própria mão.

Mas, na verdade, o que poderia ela dizer sabendo que a rejeição do toque agora, neste que era o mais íntimo dos seus lugares partilhados, precisamente no dia em que ele regressara para junto dela, equivaleria à rejeição dele? Tinha de lhe dar alguma coisa. Tinha de fingir, pelo menos.

De modo que retribuiu o aperto e sussurrou algumas palavras amorosas que aos seus próprios ouvidos soavam a ficção e deixou que ele a envolvesse com uma mão enquanto a outra observava com olhos que pareciam ferimentos de agulha.

Dormiu, e nos seus sonhos, as mãos de Bob haviam igualmente regressado para junto de si, mas sem as simpáticas bandas sanitizadas que lhe consentiam as memórias e a mente e escondiam, atrás de prata polida, a magnitude da violência que lhe fora infligida. Nos seus sonhos, as mãos dele regressavam para junto de si com os ferimentos lacerados e em carne viva, tiras de pele rasgada e esbranquiçada arrastando-se atrás delas como serpentinhas andrajosas. Cada uma delas tinha um osso do carpo rachado e enegrecido projetando-se do ponto de amputação, como uma lança. As pontas dos dedos destes restos de Bob eram instrumentos cegos e inúteis, incapazes de conduzi-lo aonde quer que fosse a não ser pelo toque; à medida que rastejavam através do chão polido da cozinha à procura de Rebecca, enquanto esta que se

movia a custo num ar tão espesso como gelatina para se manter a apenas uma distância mínima do seu alcance, deixavam uma gota contínua de sangue atrás de si, mais do que umas simples mãos poderiam ter sangrado sem se transfigurarem em sacos de carne esvaídos.

A cozinha transformou-se num friso de trilhos de sangue sinuosos, que apenas continuou pelas suas pernas nuas acima depois de a perseguição ter chegado ao fim e ela ter dado por si tão paralisada quanto qualquer mulher-sonho com os pés pregados ao chão, enquanto as mãos sem corpo a trepavam.

Podia ter gritado até despertar, mas no sonho não conseguia respirar, dado que o ar à sua volta não era uma atmosfera que uma mulher pudesse respirar, mas uma substância mais espessa que se recusava a passar-lhe por entre os lábios, por muito que o seu peito se afadigasse ou os seus ouvidos estrondeassem ou se esforçasse desesperadamente por fazer entrar nos pulmões algo que a sustentasse.

Depois acordou e percebeu que não era um sonho. Ele estava a estrangulá-la.

As mãos haviam-lhe cingido a garganta, os dois polegares unidos na traqueia enquanto os ásperos e poderosos dedos lhe apertavam a curva do pescoço para se encontrarem na nuca, como em tremendo apogeu. Mesmo enquanto homem com mais do que um par mãos sempre fora detentor de um aperto forte, e às mãos que eram tudo quanto dele restava parecia também acrescentar-se a força dos seus braços e costas, todos empenhados na implacável tarefa impossível de comprimir a garganta dela até à não-existência.

Uma mulher estrangulada por um homem completo poderia ter morrido deitando-lhe as garras ao peito ou tentando atingir-lhe o rosto ou atacando as próprias mãos, que teriam a vantagem de estar ancoradas a braços e ombros. Rebecca não tinha outra coisa com que lutar a não ser as mãos, e estas eram o foco da sua resistência. Estendeu a mão para pegar no lápis afiado que mantinha ao lado do livro de palavras cruzadas que lhe servira de única companhia desde que Bob partira para combater naquela maldita guerra estúpida, e desferiu golpes nas costas das mãos dele até a sua pele rasgar e o seu aperto afrouxar e os dois pedacinhos de Bob se desprenderem, permitindo-lhe voltar a respirar.

Podia ter gritado e continuado a apunhalar as mãos do marido até que delas não restasse mais nada a não ser carne dilacerada, mas algo no modo como agora se dispunham na cama, dez fulgurantes luzes vermelhas cravadas nela desde baixo, detiveram-na de uma forma que olhos enlouquecidos ou desprovidos de discernimento poderiam não

ter permitido.

Ligou o seu candeeiro de cabeceira e atentou nas mãos assassinas de Bob sob o brilho da luz intensa.

Todas as coisas têm rosto mesmo quando não têm rosto; o olho humano insiste em colocar-lhes um rosto. Até as mãos têm rosto, e expressões, que mudam consoante o modo como os dedos se posicionam em relação à palma. As mãos podem parecer calmas ou angustiadas ou desesperadas. Podem parecer dóceis ou brutais, por vezes sem deixarem de ser as mesmas mãos. Por nenhuma razão que fizesse qualquer sentido para ela, as mãos do marido pareciam perdidas.

Não compreendia, mas conseguia sentir que havia algo que não estava a conseguir ver, algo que quase conseguia ver e que se encontrava mesmo no limite do seu campo de visão.

A mão direita de Bob reproduziu um movimento de digitação.

Sentiu relutância em deixá-las sozinhas durante o período de tempo de que necessitava para ir buscar o *pad*. Lera demasiadas histórias sobre pessoas que viravam as costas a monstros. Porém repetiram o movimento, insistentemente.

Dirigiu-se à outra divisão, no regresso constatou que as mãos do marido permaneciam no mesmo sítio onde haviam caído, e, não confiando que manteriam a distância, arremessou o *pad* para a cama.

Ele digitou.

desculpa-me desculpa-me não te faria mal por nada deste mundo estava a ter um pesadelo há já algum tempo que os tenho não sabia que eras tu estava a sofrer pf compreende pf perdoa-me pf

Rebecca não estava preparada para o perdoar. «Podias ter-me matado.»

eu sei. não foi o homem com quem casaste mas o homem que viveu um autêntico inferno naquele lugar. quando sei onde estou fico bem. se calhar não podemos dormir na mesma cama durante uns tempos. por favor compreende. por favor

Queria morrer. Mas após longos minutos ali postada, sentindo a fúria bulir dentro de si, foi ao encontro do marido e disse-lhe que estava tudo bem, que iria preparar outro sítio para ele noutra divisão, e que

dormiriam separados mas se veriam de manhã. Beijou-o nos nós dos dedos e foi fazer a sua nova cama, uma almofada enfiada numa gaveta sem uso de uma secretária noutra divisão. Permitiu que ela o transportasse até lá, sem discussões.

E separaram-se, embora o som de pancadas frenéticas se prolongasse pela noite e ela ficasse reduzida a um corpo insone, deitada de olhos fixos numa invisível carnificina sangrenta na escuridão.

O homem da AV disse que ela devia levar Bob ao primeiro grupo de apoio disponível, e inclusive especificou um grupo local que se iria reunir no dia seguinte.

Foram.

Dele faziam parte cinco veteranos fraccionados e seus cônjuges, sentados num quase círculo em cadeiras articuladas que certamente teriam conhecido tanto situações felizes como tristes: batizados, encontros religiosos, comícios, talvez até produções teatrais amadoras, todos eles dissipando-se no ar assim que as cadeiras eram recolhidas e empilhadas e devolvidas ao anonimato de que o mobiliário goza. A ideia de que alguém se pudesse vir a sentar exatamente na mesma cadeira que agora ocupava, dali a um dia ou uma semana, e bebericar ponche de frutos ao mesmo tempo que discutia planos para a decoração do baile de finalistas, parecia-lhe quase incompreensível.

Na reunião estavam presentes cinco veteranos fragmentados, juntamente com os cônjuges e outros membros da família, alguns deles possivelmente em melhor estado que Bob, outros tão mais reduzidos que era impossível saber se se havia de soltar gritos de horror face à sua condição ou dar risadinhas descontroladas face à loucura da mesma.

Havia um rapaz de vinte e dois anos que estivera no teatro de guerra menos de um dia, antes de uma bomba o ter reduzido a uma estreita tira de rosto que incluía um olho (cego), duas bochechas, um nariz e parte do lábio superior, todos agora colocados na mesma bandeja de prata que o mantinha vivo, e que a sua mãe fixara a uma placa decorativa indicada para colocar numa parede.

Outro era apenas um torso, desprovido de membros, órgãos genitais e cabeça, e com todos os cotos tapados por mais interfaces de prata.

Outro era uma mulher bem-feita com unhas delicadamente esculpidas, uma saia curta destinada a exibir um arrasador par de pernas e um top destinado a realçar a linha entre os seios: Cada movimento seu exalava sexualidade, o que podia corresponder à forma como se comportava antes de ter sido recrutada ou à forma como agora

compensava a perda da metade frontal da sua cabeça, que em vez de uma face ou um queixo ou um par de olhos agora ostentava uma superfície plana de prata espelhada à frente das orelhas.

A quarta fora salva quando não era mais do que um monte de órgãos internos, mas havia sido encontrada a tempo e estava agora completamente fechada numa caixa de prata com a dimensão aproximada de uma pasta, com um ecrã para comunicar e uma asa para a comodidade do seu marido de aspecto carregado.

O último era, tal como Bob, uma par de mãos amputadas. Foi ele que despertou em Rebecca a vontade de desatar a correr aos gritos, porque a sua adorável esposa loira lidara com o problema de manter uma relação com ele amputando as próprias mãos e fixando as dele nas extremidades dos próprios pulsos. Os discos de memória em prata que marcavam os pontos de junção nos braços dela assemelhar-se-iam a pulseiras se as calosas, morenas, mais peludas e desproporcionalmente maiores patas dele não parecessem luvas de um desenho animado nas extremidades dos braços macios e cor de leite da mulher; e se as mãos do marido não tivessem usurpado muito do controlo daqueles braços, que agora gesticulavam de uma maneira perversamente masculina enquanto a esposa dedicada descrevia em detalhe o quanto esta medida contribuíra para lhe salvar o casamento. Mais do que uma vez durante a reunião, Rebecca surpreendeu aquelas mãos pousadas nos joelhos nus da outra mulher e a acariciá-los, os braços afagando-os para a frente e para trás com uma energia lasciva que a outra mulher claramente reconhecia e apreciava, mas da qual, fora isso, parecia completamente alheia.

Não pôde deixar de se perguntar se era aquilo que o seu próprio marido queria, se aquilo era algo que Bob podia algum dia pedir dela, e se ela própria poderia algum dia vir a querê-lo.

O homem que segurava a pasta disse a todos os outros cônjuges presentes na reunião que os considerava afortunados. Os seus entes queridos haviam regressado para junto deles como partes que podiam ser tocadas, pele que libertava um inegável calor, ainda que em grande medida artificial, carne que evocava a memória do que havia sido, mesmo naqueles casos em que pouco mais conseguia do que isso. Mas e a sua esposa? Produziu um retrato da mulher que ela fora, uma coisinha roliça de face rechonchuda com um duplo queixo prematuro, mas um sorriso de genuína ternura e olhos que pareciam expressar genuína alegria perante uma qualquer piada privada. Disse que ela conseguia vê-lo através da interface e até comunicar com ele através do *pad*, mas ela nunca fora de muitas palavras, nem mesmo quando estava inteira; fora mais uma criatura de gestos silenciosos, de sorrisos amáveis, de atos generosos e olhares expressivos e repentinos silêncios

violentos. Agora, disse, ela era um saco de órgãos inoperantes contendo apenas a carne suficiente para ser tida como viva.

E embora ocasionalmente respondesse a perguntas diretas, o mais frequente era permanecer em silêncio, dizendo-lhe, quando pressionada, que apenas queria que a deixassem só, colocada numa prateleira, e esquecida. Estava a tornar-se cada vez mais difícil para ele convencê-la do contrário. «A minha mulher está morta», disse ao grupo, e após um momento de silêncio chocado, repetiu-se, com uma espécie de espanto aturdido na voz: «A minha mulher está morta. A minha mulher está morta.» A mulher cujos braços terminavam nas mãos do marido simplesmente tocou em si própria.

O humor negro intrometeu-se, como sempre acontece entre os que sobrevivem a uma perda extrema, quando o homem que era apenas uma tira do rosto disse que conhecera um tipo no hospital que não passava de um cu. A mulher do torso disse que conhecera um tipo que era um verdadeiro piças. Uma outra pessoa disse que o seu tenente sempre fora um pedaço de merda e provavelmente ainda seria, e, a partir daí, as variações foram de mal a pior. Ocorreram alguns pequenos arroubos de fantasia sobre as perspectivas futuras de pessoas fragmentadas que haviam ficado reduzidas aos seus órgãos sexuais, e como a probabilidade de ganharem a vida após o serviço militar era bastante superior à de qualquer uma das outras, todavia por essa altura as piadas chocantes haviam começado a esmorecer, sendo substituídas por um silêncio desconfortável.

A reunião terminou com dez minutos dedicados a questões internas sobre quando teria lugar a seguinte e quem iria espalhar a palavra a outros que pudessem beneficiar com a sua comparência.

Rebecca dirigiu-se à mesa onde o café e os biscoitos estavam dispostos numa toalha plástica e permaneceu ali sem querer nenhuma das duas coisas, mas precisando de fazer algo que não fosse regressar a uma casa e a uma vida agora dominadas pelo silêncio, e deu por si a tremer até a mulher com um espelho de prata plano no lugar da cara lhe surgir por trás e, falando através de um sintetizador de voz, lhe dizer: «Você não está sozinha.» Rebecca cedeu e aceitou o abraço, sentindo o calor dos braços da outra mulher mas também absolutamente consciente de como era frio o espelho contra a sua face. Queria dizer à outra mulher: *claro que estou sozinha, e que o meu marido está sozinho, e que você está sozinha, e que todos nós estamos sozinhos; o que está precisamente em causa quando estamos no inferno é que existe um fosso entre nós, e todos os nossos esforços para construir uma ponte sobre ele, por um momento que seja, não nos dão outra coisa senão uma pausa e a ilusão de conforto antes que as pontes se retraiam e sejamos confrontados com os mesmos problemas a partir das nossas próprias ilhas separadas.*

Queria dizê-lo, mas claro que não podia, não se isso significasse abraçar o desespero a despeito da bondade desta mulher segmentada, e portanto chorou copiosamente e aceitou o abraço como a dádiva que pretendia ser.

Na noite de sábado, o atendedor de chamadas começava a ficar entupido com telefonemas de familiares e amigos, ansiosos por saber como tudo estava a correr e querendo saber quando poderiam eles desfrutar do seu próprio feliz reencontro. Correspondendo à vontade do marido, Rebecca retribuiu todos os telefonemas para lhes agradecer mas dissuadiu-os, dizendo que ainda havia ajustes a fazer e estadias a tratar. Uma vez mais, muitos quiseram saber se Bob estava bem. Perguntou-se como seria possível esperarem que ela fosse capaz de responder a essa pergunta, mas disse que sim, que ele estava bem. Perguntaram-lhe se ela estava bem e uma vez mais deu a resposta que eles queriam, que sim, que ela estava bem.

Sentaram-se juntos, assistindo aos mais recentes relatos da guerra durante algum tempo, sem reagirem à notícia de que mais cem mil haviam sido chamados às fileiras e de como esse número não seria suficiente; ou, posteriormente, à animadora garantia, dada por uma sorridente pivô ruiva, de que o número de mortes registadas era o mais reduzido de sempre.

As mãos de Bob lançaram-se ao seu *pad*, produzindo uma sequência de profanidades em caixa baixa que Rebecca supôs serem agora o seu equivalente zangado da murmuração amarga.

Tateou as pisaduras no pescoço e decidiu que talvez não devessem estar a assistir a isto. Desligou o televisor com o comando e permaneceu sentada com ele, sentindo e saboreando o silêncio opressivo como se fosse o próprio ar, tornado tão denso que cada momento parecia uma eternidade passada debaixo de água.

Algun tempo depois, as mãos do marido soltaram-se das dela e dirigiram-se ao *pad*.

queres que eu me vá embora ou achas que temos algum futuro

Não sabia. Não sabia mas veio-lhe ao pensamento o seu marido de tempos melhores, aquele homem forte, aquele homem sorridente, aquele homem ocasionalmente petulante, aquele homem com veia travessa que por vezes se transformava na criança que a tratava como a figura de autoridade da qual era necessário esconder as diabruras. Recordou diferentes tolices que fizera, espiando-a do canto do olho

para perceber se ela as achava exasperantes ou divertidas. Recordou a forma da sua cabeça a meio da noite, quando as luzes estavam apagadas e a escuridão era demasiada para que dele visse mais do que uma silhueta, quando estava acordado e a olhar para ela, sem saber que ela estava acordada e a olhar para ele, para a sombra dele que lhe era tão reveladora como os seus traços vistos em plena luz do dia, porque ela o conhecia e conseguia suprir a escuridão. Recordou como era fazê-lo saber com um toque que também ela estava acordada, e como isso por vezes levava a sussurros e por vezes a mais. Recordou os seus lábios, os seus dentes, o seu toque, a sua afabilidade e a sua paixão. Recordou algumas vezes em que não o deixava perceber que estava acordada, simplesmente continuando a fingir o sono, e de como pensava que este era o seu homem e o seu amante e o seu amigo e um dia o pai dos seus filhos. Recordou certa vez ter sentido tanto orgulho por tê-lo conquistado que o seu coração ficara à beira de rebentar.

diz qualquer coisa

Não sabia se havia alguma coisa a dizer.

Essa era a questão. Não sabia mas era orgulhosa. Era orgulhosa e não queria ser ela a falhar. Sabia que não abonava muito a seu favor o facto de esta ser a principal força motivadora na sua atual relação com o que restara do seu marido, a teimosa recusa em ser a pessoa a falhar; de ser impelida não tanto por uma instintiva e incondicional necessidade de o apoiar naquilo em que se tornara, mas pela necessidade de ser a melhor, a forte, a que fazia as coisas acertadas e se mantinha firme quando talvez tivesse sido mais fácil ser a cabra que desistia. Talvez, pensou, esse fosse o caminho de regresso; não através do amor, mas de um feroz e obstinado orgulho.

Talvez se ela conseguisse alimentar isso, o outro regressasse. Mas como conseguiria ela fazê-lo, se era muitíssimo mais do que se podia forçar a dar?

As mãos de Bob tinham voltado a digitar.

becks, eu menti

Olhou-as e notou algo inefavelmente tenso no modo como se apoiavam no *pad*.

«Em relação a quê?»

aconteça o que acontecer preciso que saibas que me lembro de mais coisas do que te disse. é pior do que dizem nas notícias, é mais sujo e sangrento e de modo algum tão simples. é o tipo de lugar que nos faz esquecer que existe algum bem seja em que parte do mundo for. é por isso que tantos de nós optamos por esquecer. mas eu fiz a minha última cópia de segurança apenas dois dias antes do ataque. lembro-me de todas as coisas terríveis que me aconteceram lá, de todas as coisas terríveis que fiz. depois quando descarregaram a informação que estava dentro de mim deram-me a escolher entre mantê-la na totalidade ou recuar a um registo anterior. estive à beira de deitar fora toda a maldita guerra. mas decidi mantê-la porque tinha de o fazer.

Fixou os olhos nele. «Porquê?»

a única coisa que valia a pena recordar de tudo aquilo era todo o tempo que eu tinha passado desejoso de regressar para junto de ti

Isso, finalmente, destruiu-a. Pela primeira vez desde o seu regresso, sucumbiu ao seu sentimento de perda e desatou num pranto. Enterrou o rosto nas mãos e não viu as mãos do marido afastarem-se do *pad* ou regressarem ao sofá. Porém sentiu o peso delas nos ombros, a força que ainda tinham quando os apertaram, a delicadeza que ainda demonstravam enquanto os dedos indicadores lhe limpavam os rastos de lágrimas das faces.

Nalguns aspectos, achou o seu toque simultaneamente familiar e estranho, como se ele nunca tivesse partido; noutros, como se ele fosse um desconhecido, regressado de uma guerra com mais nada a não ser impudência e uma vaga semelhança para seduzir a viúva com mentiras terríveis sobre ser o homem que havia partido. Sentia a falta do peso dele, da solidez, do som da sua respiração. E ainda odiava a sensação fria dos apêndices metálicos nas extremidades dos pulsos, tão parecidos com correntes. Mas, pela primeira vez, conseguiu sentir a presença do rapaz por quem se apaixonara, do marido com que se casara, do marido que com ela passara as noites. Era ele; contra todas as probabilidades, era ele, finalmente.

E pela primeira vez, irracionalmente, desejou-o.

Disse-lhe que precisava de um minuto, e dirigiu-se à casa de banho, onde passou a cara por água, amaldiçoou o nariz vermelho e os olhos inchados, e se pôs apresentável, ou pelo menos tão apresentável quanto lhe era possível. Sabia que não era a melhor altura. Estava aterrorizada, feita num farrapo. A julgar pelo que digitara, ele não

estava muito melhor. Mas nunca mais haveria uma melhor altura, não se ela se limitasse a esperar por ela.

Na vida havia sempre limiares que tinham de ser ultrapassados, sempre que possível, quanto mais não fosse por essa ser a única forma de alcançar o que quer que estivesse à espera do outro lado.

Quando havia feito tudo o que era possível, regressou, beijou as mãos do marido e transportou o que restava dele até à cama. Depois de se ter despido e enfiado entre os lençóis, as mãos dele hesitaram, com uma súbita timidez que era quase possível achar cativante, após o que também deslizaram por debaixo da roupa de cama e rastejaram através da escuridão até ao flanco dela, uma voltada para norte e a outra voltada para sul. Os lençóis produziram um sussurro brando, e ela permitiu-se um último pensamento analítico: quão afortunada era, afinal, por ele ter regressado como um par de mãos, e não como uma inútil tira de carne numa caixa de prata selada. Quanto lhes havia sido deixado.

Fechou os olhos, sentiu a temperatura do corpo subir, e deixou que o marido a amasse.

Adam Troy-Castro, escritor norte-americano de fantasia, ficção científica e horror, é o autor de mais de vinte livros, incluindo “Emissaries from the Dead”, vencedor do Prémio Philip K. Dick. A sua ficção curta já foi nomeada para inúmeros prémios, dos quais se destacam o Hugo, Nébula e Bram Stoker.

{1} Religiosos pertencentes à “Ordem Trapista” (Ordem dos Cistercienses Reformados de Estrita Observância), congregação religiosa católica derivada da Ordem de Cister. (N. dos Editores.)

{2} Referência à autobiografia do escultor e escritor italiano Benvenuto Cellini (1500-1571), na qual se mesclam eventos verdadeiros e fantasiosos. (N. do T.)

{3} Longhouse, no original, trata-se de um longo edifício comunitário constituído por um corredor central com compartimentos em cada um dos lados. (N. do T.)